

Abílio Wolney Aires Neto

O DURO E A INTERVENÇÃO FEDERAL

Relatório ao Ministro da Guerra

Copyright © 2006 by Abílio Wolney Aires Neto

Diagramação: Carlos Augusto Tavares

(Capa, Digitação e revisão pelo autor)
Na capa reproduz-se em montagem, fotografias.

Coordenação Gráfica: Editora Kelps
Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon
CEP 74.560-460 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616 Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Edição do autor na Biblioteca Virtual AW Editor,
no site www.abiliowolney.com e em outras páginas da *Internet*.
homepage: www.kelps.com.br

Edição do autor na Biblioteca Virtual AW Editor, no site
www.abiliowolney.com e em outras páginas da *Internet*.

IP. Brasil. Catalogação na Fonte BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

A255d Aires Neto, Abílio Wolney.
O Duro e a intervenção federal: relatório ao ministro da guerra /
Abílio Wolney Aires Neto -- Goiânia: Kelps, 2006.
p. 308

ISBN: 85-7692-086-7

1. O Duro e a Intervenção Federal (cidade) - história. 2. Dianópolis (TO)-
história. I. Título.

2006 - 011

CDU: 94(811.7)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2006

Diagramação:

Capa: Reprodução em montagem de fotografias da Base de Operações em Monte Santo com Tropas do Governo em Canudos-BA como amostra comparativa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Dr. Wilton Rodrigues de Cerqueira¹ pela espontaneidade altruísta, pela maneira gratuita como me cedeu a fotocópia do *Relatório Álvaro Mariante*, do qual se tinha apenas alguns trechos inseridos no livro *Quinta-Feira Sangrenta*² e na célebre obra *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores*, de Voltaire Wolney Aires, esta adotada em vestibulares da UNITINS.

Graças à remissão constante da fotocópia, localizamos a fonte do *Relatório*. Em seguida, procuramos contato com a estimada prima Iara Araújo Alencar³, a quem também

¹¹ O Dr. **Wilton Rodrigues de Cerqueira** destacou-se na vida pública no Estado de Goiás. Ainda jovem, foi eleito vereador por Natividade, hoje TO (na época, mais votado que o próprio prefeito eleito), em cujo mandato foi Presidente da Câmara. Bacharel em Direito, tornou-se advogado e em seguida foi aprovado no concurso para o cargo de Juiz de Direito, exercendo a magistratura por 06 meses, quando os amigos do MDB - Movimento Democrático Brasileiro (sic) o convidaram a ser candidato a Deputado Estadual. Como o seu anelo era a vida pública, resolveu deixar o Poder Judiciário para assumir a tribuna do Poder Legislativo, tendo por duas vezes exercido o mandato de Deputado Estadual em Goiás. Depois foi Presidente do Tribunal de Contas, Secretário de Obras da Prefeitura de Goiânia, superintendente do IPLAN – Instituto de Planejamento de Goiânia, presidente da PAVICAP – Empresa de Pavimentação de Goiânia, Assessor Jurídico da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, presidente da Goiás Vermiculita – Empresa de Exploração do Minério Vermiculita (Associação da EUCATEX com a METAGO-Metals de Goiás S.A., tendo sido Diretor Administrativo desta última). Foi também Secretário de Minas e Energia do Estado, Chefe de Gabinete da Câmara Municipal de Goiânia, ex-funcionário concursado do Consórcio Rodoviário Intermunicipal S.A. de Goiânia e outras coisas mais. Em entrevista concedida ao autor, disse que uma coisa sempre foi e será – *Advogado*.

² *Quinta-Feira Sangrenta*, 4ª. ed., do prof. e acadêmico Osvaldo Rodrigues Póvoa.

³ A jornalista **Iara Araújo Alencar** é uma pessoa notável da nossa região. Do seu extenso currículo, destacamos apenas a sua atividade jornalística e o seu alto cargo de Chefe de

tributamos nossa gratidão, pois foi a pessoa que nos enviou a cópia dos próprios originais do *Relatório ao Ministro da Guerra*.

Foi assim que pudemos constatar que, salvo Bernardo Élis, pelo menos dois grandes escritores acerca do *Barulho do Duro* “beberam” previamente, direta ou indiretamente, nas fontes do referido *Relatório*, para escreverem seus livros.

Desse modo, surge pela primeira vez o documentário em livro, cujo propósito único é levar a público a íntegra dessa verdadeira matriz de dados – para os dias atuais ainda inédita – haurida de fontes oficiais tão importantes como base de pesquisa para a história de Dianópolis.

Gabinete e Assessora de Imprensa da 2ª Secretaria da Câmara dos Deputados em Brasília-DF. Acabou de publicar o livro *Hagahús Araújo – Uma Lição de Cidadania*, por ocasião da comemoração dos 50 anos do Instituto de Menores de Dianópolis-TO (Brasília : Ideal. 2003, 287 p.) A obra inicia com aspectos históricos de Dianópolis para em seguida biografar a vida pública do protagonista, que além da construir o Instituto de Menores no Município, foi Prefeito em Dianópolis. No parlamento exerceu duas legislaturas de Deputado Estadual eleito e em 1991 assumiu o mandato de Deputado Federal, também pelo voto direto, tendo exercido outros importantes cargos públicos.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....03

Dedicatória.....11

Prefácio.....13

Introdução.....17

I – A Matança do *Tronco* nas Manchetes Nacionais.....25

II – A Intervenção Federal no Estado de Goiás.....37

III – O Perfil do Inimigo.....47

IV – Preparativos da *Campanha* – A geografia e os Incidentes Previstos Para o Trajeto.....71

V – Cogitações de Caserna – O Provável que não Ocorreu.....107

VI – Um Obstáculo à *Campanha* – A Cheia do Rio São Francisco. Surge o Deputado Francisco Rocha.....125

VII – a *Campanha* é Desdobrada: A Comitiva e a Sindicância....141

VIII – Preâmbulo do Relatório.....159

IX – Sucesso de *São José do Duro* – I – A Família Wolney – As Origens Remotas da Questão167

X – A Comissão Celso Calmon – II –181

XI – III – O Juiz Celso Calmon no *Duro* – A Família Wolney e Seus Inimigos – O Processo – Os Primeiros Assassínatos – A fuga do Juiz.....185

XII – IV – Preparativos Para a Luta. O Combate. A Matança dos Prisioneiros. A Atitude de Abílio Wolney.....195

XIII – V – Excursão Pelo Nordeste Goiano. As localidades Visitadas. As Disposições de Abílio. Os Perigos da Intervenção Estadual. A Confiança nas Autoridades Federais. Conclusão.....201

XIV – A Imprensa Continua. A Câmara dos Deputados Requisita o Relatório do

Exército.....	213
XV – (Em 10 Fragmentos) Comentários e Anotações do Relatório ao Ministro da Guerra.....	221
XVI. – Anexo – Cópia dos Originais do Relatório ao Ministro da Guerra, 1919.....	281
Bibliografia	293
Síntese Biográfica do Autor.....	297

*Sinto agora que o vento traz coisas de longe de
Casa libertando a voz. São lugares perdidos, imagens confusas de
tempos que não voltam mais...*

*E pessoas com quem não convivi, mas que vou
tomando conhecimento de suas palavras, seus sonhos, seus atos,
seus modos de ver a vida.*

*Olhe o que o vento traz, antes da chuva che-
gar!...*

*Pela rua deserta e forrada de folhas caídas que
voam ao léu / corre o meu pensamento no rastro das nuvens
pesadas que habitam o céu.*

*Vejo a casa na qual me criei, vejo o Colégio, os
jardins das praças, vejo a cara de cada um dos meus
companheiros e parentes sem sobrenome da grande família de
minha Terra.*

*Olhe o que o vento traz, antes da chuva che-
gar!...⁴*



*A psicologia nos recomenda pesquisar a nossa
origem para celebrá-la. Todos pertencemos a um grupo ou a uma*

⁴ Poema-canção de Guilherme Arantes, 1976, com adaptação do autor (Música que conheci através da sensibilidade poética do meu irmão Zilmar Wolney Aires Filho (Zilô)).

*família que tem sua história, seus valores, sua cultura, que passou por muitas experiências e desafios até chegar a nós. Isso traz um enorme reforço à nossa identidade no meio de um mundo vasto e complexo. Conhecemos nosso círculo familiar mais próximo, ouvimos remotamente falar de nossos ancestrais, mas às vezes não temos idéia precisa do que viveram e representaram. De onde vim e como cheguei a este lugar? É uma pergunta que raramente nos ocorre, apesar de sua resposta ser importante para nossa identidade.*⁵

Demais, a história não pode ser sufocada.

O livro que ora apresentamos consta de uma *Introdução* seguida de um cotejo da fase preparatória da *Campanha de Canudos em 1897*, descrita na obra *os Sertões*, de Euclides da Cunha, com a *Campanha do Exército para São José do Duro em 1919*, dada a similitude, pelo menos em alguns pontos preliminares, das *Expedições* de lá e daqui, acrescidos de situações imaginadas pelo autor à míngua desses dados prefaciais no *Relatório*, objeto maior deste modesto opúsculo.

À crítica que venhamos a sofrer pelas transcrições da obra máxima da literatura brasileira oferecemos o silêncio, ante o óbvio que denuncia a grande distância que nos separa da categoria literária de um Euclides da Cunha – daí nos louvamos nele, em alguns pontos, para que diga por nós o que soubemos sentir, mas não soubemos expressar.

Naturalmente o fato de sermos neto homônimo do protagonista será motivo de preconceito, como já anotei alhures. Por certo seremos acusados de escrever como alguém que defende. Adianto em responder que não. Não por mim mesmo, visto como há quem busca e julga os fatos no *Relatório* ao

⁵ (Do livro *Os 100 Segredos das Pessoas Felizes*, de David Niven, Ph.D.,pág. 28, Sextante).

Ministro da Guerra com um testemunho, como se verá na segunda parte deste trabalho, onde está propriamente o inteiro teor do documentário com atualização ortográfica e algumas divisões de parágrafos, para melhor exposição do texto, cabendo a observação de que os subtítulos do *Relatório* são do próprio original, da lavra do Major Adjunto de Estado-Maior, Álvaro Guilherme Mariante.

No último Capítulo anotamos e comentamos 10 (Dez) Fragmentos do mesmo *Documentário*, para uma compreensão mais acurada dos acontecimentos e ao final, reproduzidos no *Anexo* o seu texto original de 1919, aí sim, com a ortografia da época.

Dedico este modesto trabalho à memória dos meus avós paternos, Manoel Aires Cavalcante Júnior e Joaquina Póvoa Aires⁶, protagonistas de outras páginas da história da nossa família como genitores devotados, que deixaram uma prole segura.

Ao meu pai Zilmar Póvoa Aires, meu amparo e minha proteção, presença física e moral na aurora e no declinar do meio-dia da minha existência. A ele, corretivo nos meus erros da infância e da adolescência; um silêncio eloqüente nos meus deslizes dos primeiros dias da maturidade.

Ao meu pai, que me deu o primeiro emprego no seu Cartório, despertando-me para o mundo do Direito, educando-me e entregando-me às carreiras jurídicas que assumi.

A ele, que sempre foi o meu maior amigo e um homem de poucas palavras, sempre certas e suficientes.

A ele, o eterno comandante do nosso grupo familiar e a quem devotamos profundo respeito e atenção, o meu amor de filho eternamente grato...

⁶ Manoel Aires Cavalcante Júnior e Joaquina Póvoa Aires eram primos de Abílio Wolney.

PREFÁCIO

Em tempos imemoriais, a sudeste do Tocantins, erigia-se o rústico arraial de *São José do Duro*, oriundo das lavras do ouro, cravado nos contrafortes da *Serra Geral*.

Nos interstícios dessas serranias, por entre feras e silvícolas, o *Duro* teve sua origem a partir da década de 1750, quando a região era dominada pelas tribos dos Gueguês, Assus, Acroás, Xacriabás e Xerentes.

Com a chegada dos jesuítas foram fundados os aldeamentos de *Formiga* e *Missões*. Nesses aldeamentos, quando os suprimentos alimentícios da comunidade estavam minguados, partiam periodicamente grandes grupos de aborígenes para caçar e pescar na *Mata Grande* – expressão indígena.

Certa feita, quando um grupo de exploradores partia do aldeamento de *Missões*, uma índia se separou do grupo para atender à premência de necessidades fisiológicas. Numa grota a poucos metros, uma estranha pedra de beleza rara atraiu-lhe a atenção, era uma belíssima pedra incrustada de ouro.

O achado da índia tapuia culminou na descoberta de uma grande mina de ouro. Atraídos pela fabulosa mina, aventureiros e caçadores de fortunas aproximaram-se do aldea-

mento de *Missões*, distante cerca de 10 quilômetros, erguendo casas, abrindo roças e criando animais, local onde mais tarde surgiria o arraial de *São José do Duro*.

Irritados com a penetração do homem branco, deflagrou-se um levante no aldeamento, evadindo-se todos os índios para regiões ignotas⁷. Tempos depois, os jesuítas passaram a receber recados dos ameríndios, que prometiam retornar para levar a imagem de São José⁸ entronizada na capela de *Missões*, imagem que os jesuítas os ensinaram a venerar.

Distante dali, na “Grande Mata”, nas cercanias da mina de ouro dos tapuias, ao longo dos anos, o arraial de *São José do Duro* prosperava sob a administração de seu fundador, o Major João Nepomuceno de Souza.

Com sua morte, o comando da comunidade passou para o Coronel Joaquim Ayres Cavalcante Wolney – riquíssimo fazendeiro, homem empreendedor e de visão progressista.

A 2 de fevereiro de 1881, o arraial foi assaltado por 25 bundões (jagunços) liderados pelo ourives do lugar, Félix Serafim de Belém, que saqueou todas as casas, levando todo o ouro e pratarias, inclusive da Coletoria, como medida de retaliação pelo defloramento de sua irmã, cujo ato dizia ter impingido de desonra a família. Félix fugiu para a fronteira da Bahia, saindo escapo à força da Justiça.

⁷ Há quem diga estarem os descendentes daqueles indígenas em algum ponto às margens do *Rio do Sono* (Nota do autor). Veja o livro *A História da Mineração em Goiás*, do festejado Escritor Ubirajara Galli pela Editora da UCG, Contato Comunicações, conforme nota remissiva na Bibliografia.

⁸ Havia também uma imagem de um certo *São Lalau* adorado pelos índios, cuja escultura em madeira, com quase um metro de altura, teria sido vendida por um padre a um colecionador de outro Estado (Nota do autor).

Segregado nas vastidões ermas do setentrião goiano, o Coronel Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, em 1890, construiu, à frente de muitos ex-escravos e ao talho de foice, 300 Km. de estrada carroçável, ligando o arraial do *Duro* à cidade de Barreiras, no Estado da Bahia. Era a redenção do nortista que via na obra pioneira o incremento do comércio, até então realizado pelos tropeiros, e, agora, ampliado pelos carros-de-bois, cruzando a fronteira baiana. Era o sopro épico das grandes epopéias sertanejas, fazendo a história.

No dia 26 de agosto de 1884 o arraial emancipou-se elevando-se à categoria de Vila e posteriormente de Cidade. Em 1938 passou a se chamar Dianópolis, em homenagem à hegemonia das quatro Custodianas – matriarcas das famílias do lugar, que carinhosamente eram conhecidas como Dianas.

A Chacina dos Nove

Em 1918, o *Duro* despertava assombrado com o troar de fuzis e carabinas estiolando vidas inocentes e maculando com sangue uma página de sua história.

O Vilarejo tingiu-se de púrpura e a cidade vestiu-se de crepe. A então oligarquia Caiado, instalada no Governo de Goiás, decidira fazer da Vila um holocausto à deusa *Política*.

Uma horda de milicianos embriagados dominou as famílias da pequena urbe. No campo, o gado foi saqueado, casas invadidas, torturas hediondas, espancamentos, mortes horríveis perpetradas pela polícia.

Do outro lado da revolta estavam os jagunços contratados por Abílio Wolney para vingar a morte do pai – visto como a desforra era motivo de honra para a época – e salvar os nove reféns no tronco, não o fosse também “*para defender o seu lugar, seus parentes e amigos, ou para o exercício do direito de*

palavra, de protesto na imprensa, de oposição ao Governo”, como ele próprio dizia.

A Vila foi sacudida por três dias e três noites consecutivas de combate, de modo que não havia escapatória: o povo que restou – praticamente todo encarcerado no Casarão – estava entre a cruz e a espada.

A guerrilha culminou no aniquilamento de vidas e famílias tradicionais, já que os homens dos caudilhos Roberto Dorado e Abílio Batata não chegaram a tempo de salvar os reféns.

O fatídico ecoou nas portas do Governo da República. Do Rio de Janeiro, antiga Capital Federal, veio a ordem de intervenção em Goiás. É disso que cuidará este livro, bem denominado *O Duro e a Intervenção Federal – Relatório ao Ministro da Guerra*, onde o nosso Abílio Wolney Aires Neto se incumbiu de trazer à colação a íntegra do documentário que trata do assunto, merecendo aplausos pelo trabalho com suas comparações e anotações remissivas ao final, sendo a obra, no mais, sobremaneira importante para o julgamento da história de *São José do Duro*, naqueles tempos revolucionários de 1919.

Palmas-TO, 20 de maio de 2003.

*Voltaire Wolney Aires*⁹

⁹ **Voltaire Wolney Aires** é escritor e membro da Academia Tocantinense de Letras (ATL). É membro fundador da Academia Palmense de Letras (APL) e membro correspondente da Academia Gurupiense de Letras (AGL). Foi vereador em Dianópolis-TO e atualmente é bacharelando em Direito pela UNITINS. É funcionário do Banco do Brasil S.A. e tem as seguintes obras literárias publicadas: *Mensagens e Poemas do Além* (espírita); *As Origens e os Principais Eventos Que Deram Origem a Dianópolis* (histórico); *Sertão Hostil* (regionalista); *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores* (histórico-romanesco, adotado nos vestibulares da UNITINS) além do livro *Colégio João d'Abreu – Amor História Educação*. Tem alguns livros inéditos.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, o sectarismo das autoridades de Goiás, subservientes ao mais cruel sistema político situacionista, fez descer impiedosamente sobre um povo *o seu cutelo afiado e implacável*. Os golpes dos sabres empolgadas por soldados e agregados, comissionados por um certo magistrado, encomendado para a missão que na época assombrou o Estado e o País, deixaram o sertão estarrecido, tal a selvageria como ceifaram vidas de homens feitos reféns num seqüestro a preço de vida, no madeiro do *tronco*, justamente por quem tinha o mister de aplicar a lei em busca do que fosse justo.

Em Palmas, estampando as fotografias de Abílio Wolney e dos *Mártires*, o Museu Histórico do Estado do Tocantins, conhecido como “*O Palacinho*”, registra com grande destaque em uma de suas paredes internas, esse grave e heróico capítulo da história de Dianópolis, cuja inscrição segue transcrita *ipsis litteris*:



“No desamparado nordeste goiano, hoje sudeste do Tocantins, mais precisamente em São José do Duro, surge no começo do século a liderança de Abílio Wolney, jovem deputado que fez tremer o chão de Vila Boa com seus discursos em defesa do povo dessa região. Temendo o poder político dos nortenses, os velhos coronéis de Vila Boa apelaram para a violência, enviando a São José do Duro uma tropa fortemente armada para subjugar as famílias Aires, Póvoa, Rodrigues, Costa e Leal, culminando com uma chacina oficial de nove nortenses, filhos dessas ilustres famílias que apoiavam Abílio Wolney”.¹⁰

¹⁰ Além da figura acima de Abílio Wolney, constam do Museu Histórico do Tocantins acima também as fotografias dos *mártires* Joaquim Ayres Cavalcante Wolney Filho (O Wolneyzinho), João Batista Leal, João Pinto Póvoa (Joca), João

No conhecido caso da chacina de *São José do Duro*, Abílio Wolney não chegou a tempo, depois dos longos dias de recontro, que pareceram anos de ansiedade.

A empresa de vingança da morte do pai falhara de todo, e com ela a tentativa de resgatar os reféns num assalto surpreendente e tempestivo ao *Sobrado*.

Ao ganhar o último Quartel General da força pública – o *Sobrado* – nada mais havia a fazer. Ali, no *tronco*, um quadro dantesco, macabro. Esticados na presilha, estavam sete mortos, além de outros dois num quarto contíguo, todos expostos num sacrifício singular: *“faces horrendas, empastadas de escaras e de sânie; braços inteiriçados repontando desnudos, num retesamento de angústia; mãos espalmadas e rígidas, mãos contorcidas em crispaduras de garras, apodrecendo, sinistras, em gestos tremendos de apelos excruciantes”*¹¹. Os cadáveres já disformes pela inchação estavam empretecidos, irreconhecíveis, estrebuchados e endurecidos na posição em que morreram.

Ali estavam, no relevo de barbaridades tão expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura...

No cômodo de uma casa ao lado, encontraram ainda um sobrevivente já nos braços do seu genro, o prof. João Correia de Melo. Era o menor Oscar Leal, que depois de uma luta corporal travada com o oficial que entrou para executá-lo, ainda folguejava, apesar do rombo causado por um tiro na região do fígado. Nos estertores da morte, o filho de Ana Custódia Wolney e João Batista Leal ainda pôde dizer a Abílio Wolney e outros presentes que foi o Alferes Catulino Antônio Viegas que o feriu no

Rodrigues de Santana e Nilo Rodrigues de Santana, tendo abaixo, na mesma parede e em destaque, uma breve crônica sob o título *Os Nove*, além das fotografias do velho *Sobrado* (demolido em 1951) e da *Capelinha* (sepulcro dos mártires).

¹¹ Texto emprestado de Euclides da Cunha em *Os Sertões*.

momento da fuga dos últimos soldados dos quartéis improvisados nas casas grandes do largo da *Vila*, cujo oficial afirmou que as mulheres que estavam confinadas no *Casarão* também seriam mortas.

De volta ao *Sobrado*, Abílio Wolney destrava as cadeias arrebetando os cadeados. A presilha de madeira vai levantada trazendo a pele dos tornozelos dos presos, de modo que a carne viva lhes ficava exposta no local, onde se retorceram vivos na tentativa de se desviarem dos golpes. Os seus olhos vítreos, esbugalhados, apresentavam pupilas dilatadas e apagadas.

Alguns tinham os crânios estourados, miolos derramados em pedaços escurecidos. Outros tinham as vísceras expostas, pútreas, ou a barriga muito inchada, drenando nas fissuras apunhaladas no pescoço e pelo tórax abaixo.

Fezes e urina completavam o mal odor. Os reféns, nos últimos dias, faziam as necessidades ali mesmo, presos ao *tronco*. O incômodo do olfato era de embrulhar o estômago. As paredes do *Sobrado* estavam esguichadas de sangue, que no chão faziam poças podres e coaguladas.

Como aqueles entes queridos se transformaram exatamente naquilo!...

Seguiu-se a remoção dos mortos, com cuidado, de modo que a epiderme não se lhes soltasse ao serem manejados, como sói acontecer nos estados iniciais de decomposição.

Lá fora, o tempo se fechava. O céu carregado de nuvens plúmbeas como que se abaixava encobrindo o largo pardacento, tristonho e despejando uma chuva constante e fina que há dias marcava a estação com alguns intervalos a seco.

Abílio, aterrado e apavorado, foi ajudado e pegou um a um com as próprias mãos para em seguida enrolar cada qual numa rede, afligido com aquela percepção traumática, tendo os pensamentos numa girândola de sensações confusas.

O choque nefasto dilacerava os sobreviventes que na madrugada tatearam nas trevas até chegarem ali sob a luz da candeia. O ato arbitrário e contraproducente se agigantava, mergulhando-os em sombras e mágoas dilacerantes...



“O homem de *personalidade granítica* em verdade sempre foi muito sentimental e chorou compungidamente ante esse quadro de dor! Primeiro o pai, agora o irmão, o cunhado, o sobrinho menor, os conterrâneos e os amigos. Os parentes ao seu redor se acabando em pranto flébil e lamuriento. Sua irmã Anna Custódia, que perdeu o filho, o marido, se destacava: a *miséria*

escavara-lhe a face, sem destruir-lhe a mocidade. Uma beleza ainda ressurgia na moldura firme do seu perfil, perturbados embora os traços impecáveis pelo abatimento no rosto emagrecido e pálido, aclarado de olhos vivos e castanhos, cheios de tristeza soberana e profunda. Sua mãe Maria Jovita, sem o esposo, sem o filho, sem o neto... Por quê?

E todos reclamavam: – porque o ataque! Por que matarem os reféns se o ataque já tinha se dado, ou anunciava se dar?

Pode-se imaginar Abílio Wolney, justamente quem o Governo mais queria e precisamente o que se salvou da *Chacina*, debaixo do olhar interrogativo das viúvas e parentes das vítimas tentando explicar a todos, ou um a um, num soluço que lhe entrecortava a voz magoada e emocionante:

– Vocês perguntam qual é a minha política. Por que a minha política causou tudo isso! Eu lhes digo: minha política é combater, lutar, usando os métodos do sertão, com os homens que contratei, bem ou mal; com as armas que empunhei e com toda a força que Deus possa me dar. É combater uma tirania monstruosa, jamais superada no sombrio e lamentável catálogo dos crimes pelo nosso Estado. É a nossa política agora. Vocês perguntam: qual é o meu objetivo? Posso responder com uma palavra: vitória. Mesmo que um dia, hei de vencer, a despeito de todo o terror e por mais longa e árdua que seja a estrada, pois, sem a vitória, não conseguirei sobreviver à minha sentença de morte.

Embargado, prosseguia como uma estátua viva de dor e aflição:

– A vitória mesmo que tardia, mesmo que para a história, pois a nossa *Vila* é hoje um reduto de poucos parentes e amigos, que conseguiram escapar à sanha desses malvados.

– Não confio no Governo do Estado de Goiás, cuja ação prosseguirá como uma constante ameaça à nossa gente tão fundamentalmente apunhalada. Sinto o mesmo que vocês sentem, mas digo-lhes com toda franqueza:

“Às autoridades de Goiás eu não me entrego. Fujo ou brigo. Prefiro abandonar tudo quanto possuo ou morrer lutando a entregar-me à polícia do meu Estado e morrer com o pé no tronco.”¹²

– Justiça e garantia espero da União, porquanto *“garantias e justiça não podem nos dar os autores do grande crime e os que por ele são responsáveis”*. Só o Governo Federal nos inspira confiança. Aguardemos confiantes a chegada da força federal que virá com o pedido de *Intervenção* feito pelos mesmos que fizeram tudo isto aqui.

Estacando por um instante, finalizou num tom heróico a sua peroração dorida:

– Queremos justiça e liberdade. Queremos a queda dessa oligarquia infame – um império de sangue e impunidade!

Os primos Confúcio Ayres e Manoel Ayres Cavalcante, auxiliados pelo Prof. João Correia de Melo, a pedido de Abílio providenciam a abertura de uma cova retangular, depois de terem também enfrentado os quartos horrendos do *Sobrado*.

E num cortejo de quase ninguém, Abílio Wolney tomou a frente das viúvas e parentes, buscando um caminheiro a oeste do largo da Vila, no rumo da *Cruz das Almas* fincada a leste. Passos silenciosos, lá iam os homens, dois a dois, alçando os

¹² Palavras do próprio Abílio Wolney constantes do Relatório ao Ministro da Guerra.

punhos das redes em varapaus. No limpo de uma capão de mata, afastado uns quinhentos metros do largo, deitaram os cadáveres na grande vala comum, debaixo de um grande pé de candeal.

Logo que se fechou a cova, regada com o pranto das viúvas, crianças e outros parentes, as mulheres lançaram flores por sobre o barreiro da sepultura coletiva em lamentos arquejantes e profundamente melancólicos.

A noite daquele dia caiu pesada e angustiosa, sem qualquer esperança no amanhã, com aquelas criaturas inconformadas, sem consolo e sem querê-lo.

Hoje o local é uma praça pública, onde o *mausoléu dos mártires é uma igrejinha, erguida sobre os despojos de seus próceres inocentes*¹³. Coberta por um bosque, a capela *adormece* ao sussurro das frondes, balouçadas pelo vento, como que oferecendo a paz, ante a dor que só se esquece no perdão...¹⁴.

¹³ Frase em itálico de Voltaire Wolney Aires.

¹⁴ O fecho das aspas encerra a transcrição do nosso livro inédito *A Chacina Oficial*.



Painel cerâmico na entrada do Tribunal de Justiça do Tocantins. Nele se vêem os pés dos mártires na presilha de madeira do tronco, outros ajoelhados em súplica e a investida cavalaria da milícia goiana.

I

A MATANÇA DO TRONCO NAS MANCHETES NACIONAIS¹⁵

A matança do *Tronco* ganharia dimensão nacional.

O Presidente do Estado de Goiás, Desembargador João Alves de Castro, face ao dramático desfecho na terra do seu compadre Abílio Wolney, mas já então adversário político, viajou propositalmente para o Rio em gozo de licença. O Vice em exercício, coronel Joaquim Rufino Ramos Jubé, tempestivamente, expediu um longo telegrama ao Presidente da República, pugnando pela intervenção federal no Estado.

O *Duro*, anônimo, saltaria do seu esquecimento para as manchetes dos jornais do Rio de Janeiro e de outros locais do País. Os crimes brutais ali ocorridos, embora suavizados pela distância, seriam convertidos em matérias de grande destaque, apesar da precariedade dos meios de comunicação.

¹⁵ Título e Capítulo transcrito do livro *O Barulho e os Mártires*. Veja o livro *Abílio Wolney, Um Coronel da Serra Geral*, de Nertan Macedo, onde o mesmo título é utilizado.

O jornal *A Política*, de 31 de janeiro de 1919, lançava a manchete **Goiás Trágico - O extermínio da família Wolney** como epígrafe da seguinte matéria:

Os diários cariocas já noticiaram as cenas de vandalismo desenroladas em S. José do Duro em Goiás, onde o Coronel Joaquim Wolney e mais sete pessoas de sua família, caíram vítimas pelas balas da polícia do Estado.

O fato, em sua nudez, é tão significativo de tirania, de selvageria, de barbarismo, que não há para ele nenhum disfarce, por mais que para isso se esforcem os responsáveis pela ordem do Estado.

De tudo isso o que se verifica infelizmente, é que Goiás, longe da capital da República, esquecido quase, arrastando o atraso que convém aos que o exploram, continua a ser uma sarapia onde se praticam todas as violências escarnecendo-se de todos os direitos.

Em entrevista concedida a um vespertino carioca, o Sr. Alves de Castro, Presidente Itinerante do Estado infeliz declarou que o assassinato de Wolney “não passou de um caso policial”.

Para esse senhor, a vítima pagou com a vida uma suposta resistência à prisão, por fatos de violência contra a autoridade. Nada mais.

Lendo-se a declaração tem-se a impressão do homem falando calmo, indiferente, muito bem com a própria consciência.

E tem razão para ficar descansado.

Em Goiás a lei é a vontade da situação dominante que para isso dispõe dos janizares precisos

Diz o Sr. Alves de Castro que o seu primeiro ato a assumir o governo do Estado será a escolha de um novo juiz em comissão para sindicar do procedimento do Juiz Calmon e da força policial. E termina.

Se houve violência, se crimes foram praticados, por ela responderão os seus autores.

O Presidente de Goiás tem consciência de que ninguém acredita na sinceridade de sua declaração, tão gasta está a comédia da Justiça no longínquo Estado que hoje governa.

O que, porém ninguém poderá apagar, é essa grande mancha de sangue, que há de ficar na história do Estado, assinalando um de seus períodos mais tristes, mais deprimentes e angustiosos. E pode o Presidente Alves de Castro continuar a ser irônico tratando de casos tão revoltantes...¹⁶

Somente em 1º. de fevereiro de 1919 a imprensa carioca tomava conhecimento dos fatos, que foram contemplados com longos noticiários de primeira página, em todos os jornais e, principalmente, na *Gazeta de Notícias* que em sua primeira página publicou sob esta manchete:

“OS GRAVES SUCESSOS DE GOIÁS.

“Um telegrama do Presidente do Estado ao (Presidente da República) Sr. Delfim Moreira.

“O GOVERNO FEDERAL TOMA PROVIDÊNCIAS

“E o texto, ilustrado com fotografia do Presidente Alves de Castro:

“O Dr. Delfim Moreira, Presidente da República, recebeu ontem o seguinte telegrama do Sr. Coronel Joaquim Rufino Ramos Jubé, Vice-Presidente do Estado em exercício:

Goiás, 30 - Exmo. Sr. Delfim Moreira - Presidente da República - Rio - As graves e delituosas ocorrências que se tem desenrolado em uma parte da zona do Estado que eu tenho a honra de administrar, obrigam-me a

¹⁶ Matéria reeditada no jornal *Goyaz*, Ano XXXIV, N. 1570, p. 1 e 2 de 15/03/1919

vir solicitar de V. Ex., de acordo com o parágrafo 3.º, do artigo 5.º, da Constituição da República, a Intervenção Federal para ser restabelecida a ordem e a tranquilidade tão fundamentalmente alteradas naquela região do Estado de Goiás.

A perturbação da ordem foi devido ao fato de haver o Governo desse Estado procurado fazer respeitar as leis, não permitindo que as autoridades em exercício de suas funções fossem coagidas por atos alarmantes praticados pelo Delegado da Justiça, conforme passo a expor a V. Ex.: Em 25 de maio de 1918, o Coronel Abílio Wolney e seu pai Cavalcante Wolney, capitaneando jagunços, invadiram casas de autoridades, entre outras a do Juiz Municipal de São José do Duro, pretendendo por meio de agressão ao Juiz, obrigá-lo a concluir o inventário do casal Belém sem formalidade alguma; continuando nos desmandos, maltrataram também o Coletor estadual e agente do Correio e mais autoridades. Logo que o Governo deste Estado teve comunicação destas ocorrências, de acordo com o artigo 115 da Constituição Estadual, designou, em 12 de julho, o Dr. Celso Calmon, Juiz de Direito da Comarca de Pouso Alto, para, em Comissão, ir proceder contra os culpados.

Acompanhando o Dr. Juiz de Direito, seguiram um Promotor Público e uma força policial composta de 60 praças, sob o comando de um 1º. Tenente.' (...)

(...)O Dr. Celso Calmon partiu desta capital em princípios de agosto e pela longitude em que fica a Vila de São José do Duro e pela irregularidade do Correio, poucas eram as comunicações que o Juiz havia recebido do Governo.

Em 24 de dezembro, porém, o Governo recebeu este telegrama:

Barreiras, Bahia, 24 de dezembro de 1918. Faço sumário. Espero regressar no começo de janeiro. Avisarei partida. Estado sanitário aqui bom. Respeitosas Saudações - Celso Calmon.'

À vista deste telegrama parecia que a Comissão do Dr. Celso Calmon terminaria em breve e em paz, quando o Governo foi surpreendido com o seguinte telegrama:

Barreiras, Bahia, 13 de janeiro de 1919 Presidente Estado - Foram pronunciados pelo Dr. Calmon os responsáveis pelo atentado de 13 de maio de 1918. No ato de serem presos, Joaquim Ayres Cavalcante e o jagunço Antônio Coelho resistiram, sendo mortos. Abílio Wolney fugiu

para o Estado da Bahia aguardando o auxílio de Abílio Araújo, além fronteira do Estado, para caírem em massa sobre a força policial e saquearem a população. O Juiz Calmon seguiu viagem no dia 1º. Telegrafando a V. Ex. e pedindo a intervenção da força federal pela Bahia, acaba de chegar um portador voltando do caminho, tendo a correspondência sido tomada por Abílio Wolney. Pedimos urgência nestas mesmas providências pois seremos atacados a qualquer momento por enorme onda de bandidos. Respeitosas saudações (aa) Manoel José de Almeida, Juiz Municipal; Sebastião Brito, Coletor Estadual; 2.º Tenente Antônio Seixas de Brito; 2.º Tenente Antônio Catulino Viegas; 2.º Tenente Ulysses de Souza Almeida e José Herminio, Escrivão da Coletoria. (sic)

Logo telegrafei para diversos postos para saber de informes mais minuciosos e até hoje não obtive resposta, o que faz acreditar que os criminosos continuam a interceptar a correspondência.

Há dois dias, um dos Jornais desta capital publicou o seguinte telegrama:

Geraldo Rocha publicou telegramas de Barreiras noticiando que depois de terem sido postos em tronco 9 (nove) membros da família Wolney, foram sangrados e fuzilados. Abílio, exasperado, atacou São José do Duro. Sebastião Brito, Coletor Estadual, e Manoel Almeida, Juiz Municipal, fugiram¹.

Já vê V. Ex., Sr. Presidente da República, a gravidade de fatos que se estão dando no município de S. José do Duro.

(...)

O Presidente licenciado, Des. João Alves de Castro, diria no mesmo Jornal, no dia 5 de fevereiro, uma quarta-feira, ainda na página de frente, colunas 7 e 8:

OS GRAVES SUCESSOS EM GOIÁS – O SR. ALVES DE CASTRO DEFENDE-SE

"Estiveram ontem no Palácio do Catete, em conferência com o Sr. Delfim Moreira, Vice-Presidente da República em exercício, os Srs. Desembargador Alves de Castro, Governador do Estado de Goiás, e o Deputado Olegário Pinto, da

representação daquele Estado no Congresso Federal, para falar sobre os últimos acontecimentos que têm convulsionado *São José do Duro*, em Goiás.

"Quando os dois políticos goianos se retiravam, procuramos ouvi-los quanto à situação atual de Goiás e quais as últimas notícias que SS. EExs. haviam recebido dali.

"O Desembargador Alves de Castro, respondendo, disse que a situação do seu Estado é a mesma de outrora, havendo prenúncios de se desenrolarem, ainda, fatos gravíssimos, o que atesta o seguinte telegrama alarmante – recebido de Boa Vista do Tocantins¹⁷, com data ainda de 30 de setembro de 1918 - que S. Ex. recebeu do Sr. Ramos Jubé, Vice-Presidente do Estado em exercício, e que mostrou ao Sr. Presidente Delfim Moreira:

'Chegam notícias de que Abílio Araújo e Roberto Dorado marcham contra o Duro, com duzentos homens armados, para auxiliarem o ataque daquela Vila. Tomando passagem no Jalapão (...). Parece envolver-se o norte de Goiás em nova fase de roubalheiras e morticínios a exemplo do que aconteceu em Pedro Afonso, desta vez alcançando diversos municípios. Há muito vem prometendo isso os facínoras, graças à política de imunidade em que tem ficado os crimes anteriores. Solicitamos a atenção e providências de V. Ex. - Saudações. Ayres da Silva - Deputado Federal - Sds. - Joaquim Rufino Ramos Jubé - Vice-Presidente em exercício'.(sic)

Continuemos com a *Gazeta de Notícias* em sua matéria sobre o *Duro*:

"Prosseguindo, diz o Sr. Desembargador Alves de Castro:

¹⁷ Hoje Tocantinópolis.

“– Já se vê, aí, provado, num despacho deste, que não é o Governo que tem nos ombros a responsabilidade dos crimes, que neste curto espaço de tempo tem sido praticados em São José do Duro, não o ‘reduto para a chacina dos meus adversários’ mas o campo de concentração daqueles, para desrespeitarem as autoridades constituídas. (sic)

“– Querem os adversários que o Governo nomeie um Interventor – continua o Sr. Alves de Castro.

“– Mas eu posso afirmar que não precisamos de Interventor, porquanto o Estado está organizado, estando todas as autoridades em pleno gozo de seus direitos. O que precisamos é de ordem que, ali, esta alteradíssima”.

"Finalizando disse o Desembargador Alves de Castro: – ‘Tenho a consciência tranqüila, pois os fatos tristes consumados em São José do Duro não são ‘o fruto de minha politicagem’... Saberei punir os culpados dentro da lei e do direito’.

“O PRESIDENTE ALVES DE CASTRO NO MINISTÉRIO DO INTERIOR

"Sobre os sangrentos sucessos desenrolados no norte de Goiás, estive ontem no Ministério do Interior, em conferência com o Dr. Urbano Santos, o Sr. Desembargador Alves de Castro, Presidente daquele Estado. O Dr. Alves de Castro mostrou ao Ministro o telegrama do Sr. Jubé, que acima ficou transcrito e que também foi mostrado ao Sr. Vice-Presidente da República.

“O Duro não estava mais no esquecimento. Estava, agora, sob a luz dos refletores da opinião nacional. Era notícia. Notícia provocada por sangue.”

Procedente de Barreiras, e datado de 1.º de fevereiro de 1919, o Dr. Geraldo Rocha recebeu o seguinte

telegrama que relata minuciosamente os horrorosos crimes praticados em São José do Duro:

Abílio Wolney “Repelindo o ataque, marchou sempre em direção à Vila de São José do Duro, que tomou depois de tiroteio, encontrando os cadáveres com os pés no Tronco e sangrados. Oscar foi encontrado amarrado, ainda vivo, mas gravemente ferido”.

“Barreiras, Bahia - 1.º de fevereiro - Podeis asseverar que os fatos se passaram da seguinte forma: Chegando notícia à Vila do Duro de que o coronel Abílio Wolney seguira com pessoal seu para retirar sua família dos sofrimentos impostos pela polícia às ordens do Dr. Calmon, mandaram o Dr. Abílio Faria e Francelino Telles encontrar-se com ele no caminho para intervirem junto do mesmo, a fim de acordarem sobre a situação. Ao partirem estes, imediatamente colocaram João Leal; João Rodrigues, além de outros que já lá estavam, no Tronco. A força policial começou, então, numa imediata matança, sendo levado à presença do coronel João Leal, seu filho Oscar para ser morto. O coronel pediu que o matassem primeiro, para não ver matar o filho. Retiraram então Oscar, atirando sobre a cabeça do coronel João Leal, já posto no Tronco; depois dele, mataram João Rodrigues, Wolneyzinho, que foram todos encontrados mortos no Tronco, junto da viúva do coronel João Leal, mãe de Oscar.

“A filha do coronel Wolney, (Ana Custódia)¹⁸, espavorida, horrorizada, correu para a fazenda denominada ‘Buracão’, onde levou estes fatos ao conhecimento de Abílio. Este, como louco, partiu à frente do seu pessoal em defesa da mãe, irmãos, filhos e do resto da família, sendo no caminho da Fazenda Buracão atacado pela Força Pública, secundada por jagunços, em número superior a 200 homens.

¹⁸ Parênteses inserido pelo autor.

“Repelindo o ataque, marchou sempre em direção à Vila de São José do Duro, que tomou depois de tiroteio, encontrando os cadáveres com os pés no Tronco e sangrados. Oscar foi encontrado amarrado, ainda vivo, mas gravemente ferido. Pôde ainda relatar os fatos e dizer terem sido eles alvejados pelo Alferes Catulino. Os demais foram mortos pelos outros oficiais em pessoa. Nesse momento, o cabo Gerson, à frente de seis soldados armados, estava a arrombar a porta do quarto, onde estavam a viúva Wolney¹⁹ e filhos, netos e parentes do coronel Abílio, que entrava pelos fundos da casa, repelindo os assassinos e salvando ainda indefesas as mulheres e sua mãe. Roubaram todo o dinheiro, deixando apenas 1\$200.

“Prenderam os vaqueiros das fazendas que traziam gados para a matança. A mãe e sua família sofreram toda sorte de insultos. Foram mortas oito²⁰ pessoas, no Tronco, pela polícia. Abílio, depois de saber disso, tornou ao Duro, derrotando a força completamente, a qual correu para Natividade da Conceição.

“O Dr. Celso espalhou trazer ordem do Juiz Castro²¹ para eliminar a família Wolney. Abílio continua no Duro, para onde corre numeroso pessoal à sua procura. Ignoro as pessoas que pereceram na luta depois do ataque. Garanto que Abílio só atacou depois de mortos no Tronco, ‘Janjão’ e os demais já noticiados pela imprensa.

“Abílio não pode nem deve confiar a solução a autoridades estranhas, visto o procedimento do Dr. Celso. Quer punição da Justiça por meio mais convincente, acerca dos morticínios de sua família. (a) - Francisco Rocha.”²²

¹⁹ Maria Jovita da Purificação Leal Wolney(D. Mariazinha).

²⁰ Em verdade foram Nove, fora o menor Oscar Leal.

²¹ Referência ao Des. João Alves de Castro, Presidente do Estado.

²² Transcrições e telegramas trazidos do livro de Nertan Macedo, antes citado. Realça essa versão a tradição oral do lugar que relata o fato de que no dia 16 de

O *Correio a Manhã*, do Rio, em 1º de fevereiro de 1919 divulgava:²³

Recebemos uma longa carta do desembargador Alves de Castro, presidente de Goiás procurando defender-se das graves acusações que lhe tem sido feitas, a propósito dos massacres ocorridos no município do Duro, naquele estado.

O Sr. Alves de Castro, respondendo na sua carta à nossa arguição de que ele deixava passar em julgado aquele terrível libelo, diz que pela “Notícia” de 2 do corrente e pelo “Rio Jornal” de 25 já expôs a sua atitude perante os acontecimentos.

Mas S. Exa. nega que houvesse nomeado o Juiz Celso Calmon a quem forneceu grande força policial, para restabelecer a ordem no citado município; assevera, em vista de informações que recebeu, ter o coronel Joaquim Wolney sucumbido, quando, depois de pronunciado em processo regular, resistiu à prisão; e história providenciais que, após, a sua chegada aqui, aconselhou ao vice presidente do Estado em exercício, a fim de apurar a responsabilidade do Juiz e da força naquele caso.

Nada refere, porém, quanto ao massacre de quase toda a família Wolney num tronco, fato que não se justifica, pelo seu caráter de fria crueldade, com a ação legal da polícia em face da resistência armada a um mandado de prisão.

E dessa selvageria é responsável, conforme todos os depoimentos até aqui conhecidos, o Juiz Calmon, nomeado pelo Sr. Alves de Castro, que lhe forneceu a força autora das cenas bárbaras.

janeiro de 1919, pela manhã se ouviu um tiroteio no *Sobrado*, antes mesmo do ataque vindo dos homens do *Buracão*.

²³ Acervo da Biblioteca L.A.R. da Profª. **Nancy Ribeiro de Araújo e Silva**, a quem agradecemos e consignamos a gentileza do importante material de pesquisa que nos foi cedido.

Jornais como *A Pacotilha*, de S. Luiz do Maranhão, bem como *O Rio-Jornal*, do Rio de Janeiro, então Capital da República e Distrito Federal, denunciavam a gravidade dos fatos. Ainda no Rio, o Presidente do Estado, João Alves de Castro, fez publicar na edição de 10.02.1919, do Jornal *O Comércio*, a seguinte explicação, *verbum ad verbum*:

Diante das acusações feitas ao governo de Goiás pelos lamentáveis acontecimentos de S. José do Duro, cumpro o dever de declarar às pessoas que me conhecem o seguinte: não sou e não posso ser culpado por esses tristes acontecimentos. Agi como Governador, na defesa da lei e das autoridades constituídas, quando comissionei o Juiz Celso Calmon para sindicar da responsabilidade dos que, no dia 16 de maio do ano passado, além de outros desmandos, invadiram a casa das audiências, prendendo o Juiz e o Escrivão, e obrigando aquele a concluir um Inventário sem as formalidades legais. Se o Dr. Celso Calmon exorbitou de suas atribuições e se a força policial praticou crimes, garanto que serão severamente punidos em processo regular. Não protejo criminosos, sejam quais forem as suas ligações com os chefes políticos e sejam quais forem os cargos que ocuparem. A verdade, porém, há de aparecer e as responsabilidades hão de ser definidas e apuradas. Para o Governo é uma questão de honra.

Em meio a essa retórica, políticos situacionistas e Governo recrudesciam nos ânimos pela badalada Intervenção da União no Estado de Goiás, visando exatamente a ignota Vila de *São José do Duro*, agora com menos de 40 casas abandonadas naqueles cafundós, supondo poderem manejar forças para de uma vez por todas dizimar o que sobrou no lugarejo.

Em Goiás, os jornais *O Democrata*, *Correio Oficial* e *A Imprensa* traziam sempre uma versão oficial dos acontecimentos, inocentando o *Partido Democrata*, situacionista, e o Governo.

Na verdade, o pedido de Intervenção era um modo do Governo se justificar perante a opinião pública, pois de fundo não se interessava que a União viesse a saber da realidade dos fatos. A rigor, a intervenção viria, mas em razão do alarma que

escandalizou o País pela imprensa.

No dia 03 de fevereiro de 1919, o *Jornal do Comércio, Edição da Tarde*, publicava:

Os lamentáveis acontecimentos que tem sido teatro uma parte da zona do norte goiano tornaram-se, afinal, tão graves que já foi pedida e resolvida a intervenção federal em Goiás.

Implantara-se ali um regime incrível de assassinatos, cometidos com inauditos requintes de ferocidade. Aponta-se como responsável por essas sangrentas explosões de ódio partidário o próprio Juiz de Direito na comarca de Pouso Alto, ali mandado em comissão pelo governo goiano(...), gozando de uma impunidade que nada explica ou pode justificar. Num dia, tombaram varados pelas balas dos próprio policiais goianos o Coronel Wolney, fazendeiro na localidade, e mais duas pessoas. Dias depois nada menos de nove membros da família Wolney foram postos em tronco, sangrados e fuzilados, sumamente, em pleno dia, como se aquele rincão central fosse um trecho do interior da África ou habitado por uma tribo de Tupinambás...

Um dos vários governadores de Goiás presentemente em exercício, o Sr. Jubé, resolveu, então, solicitar a intervenção federal, confessando-se, assim, impotente para restabelecer a ordem pública tão profundamente alterada e para fazer respeitar a propriedade e a vida dos cidadãos. Esse pedido não podia deixar de ser atendido, pois, como os telegramas tem relatado, as próprias autoridades estaduais encarregadas de manter a ordem e distribuir a justiça, se encontram, diretamente envolvidas naquelas lúgubres tragédias do sertão. Andou, assim, acertadamente, do Governo da União, atendendo com presteza ao de Goiás e decidindo-se a intervir militarmente naquela unidade da federação. Mas é preciso que essa intervenção produza todos os efeitos esperados, em desagravo da sociedade e da família brasileira e para honra dos nossos foros de nação policiada.

O interventor não pode assim ser posto, com as suas forças, a disposição da autoridade judiciária implicada em tantos assassinatos. A intervenção precisa ser feita com a máxima imparcialidade e os fatos apurados com o maior escrúpulo, afim de que os verdadeiros culpados não escapem a punição exemplar merecida. O Governo Federal, naturalmente, deu, nesse sentido, as suas instruções, de modo que a intervenção possa operar-se livremente dentro da lei e do direito, como convém, não ficando de maneira alguma, sujeitas a injunções de um

magistrado, de modo que a intervenção possa operar-se livremente dentro da lei e do direito, como convém, não ficando de maneira alguma, sujeitas a injunções de um magistrado energúmeno e sanguinário as forças do nosso glorioso exército que para lá vão seguir, na defesa da ordem constitucional e dos sentimento de humanidade. Cumpre agir no caso com pulso firme e seguro, de modo que não se reproduzam no norte goiano cenas de tamanho vandalismo, pelo encadeamento de homicídios impunes, à moda das vinganças corsas ou dos despenhadeiros calabrazes... O espetáculo horrível de nove pessoas chumbadas ao tronco ignominioso, que lembra os tempos da escravidão, e, depois, cruelmente sangradas como animais e fuziladas à luz do dia, é de modo a não deixar a menor sombra de dúvida sobre a situação de inauditas tropelias a que chegou aquela afastada região goiana, distante 159 léguas da capital do Estado, por estradas difíceis, cortadas de rios sem pontas. Esse espetáculo, deprimente, vergonhoso e bárbaro, ofende em cheio o Brasil inteiro e seus autores, como os mandantes dos homicídios anteriores, precisam ser, repetimos, enérgica e exemplarmente punidos.

O *Correio da Manhã* de 04 de fevereiro de 1919 dava a seguinte notícia no Rio:

Depois que o Diário Oficial, no dia 1º, noticiou solenemente a deliberação do governo de pôr às ordens do Coronel Jubé, de Goiás, as forças do Exercito da 3. Região, nenhuma outra nota autorizada apareceu esclarecendo esse caso imprevisto.

Pois o Presidente da República procederia bem se mandasse explicar pelo mesmo diário, que nunca teve a infeliz idéia de colocar batalhões federais ao serviço de criminosos, cujas últimas façanhas de banditismo foram de molde de afastar do governo goiano, que as inspirou, determinou, animou qualquer apoio dos poderes constituídos da nação.

Em verdade, consta de jornais ter dito que nunca se pensou em prestigiar de forma tão aparatosa àquele velho tocador de viola, a quem há trinta anos, mais ou menos, cabe a fortuna de governar Goiás internamente, com uma ou outra folga. Tem-se dito que as forças mandadas estacionar na fronteira do Estado obedecerão às ordens de inspetor militar e só deverão agir para acautelar a ordem pública. Mas o que há de oficial e autêntico até ao presente é a notícia do disparate de se querer dar mão aos assassinos de Duro contra as vítimas que eles massacraram num tronco e já enterraram. E isso se pretende em nome do art. 6º. da Constituição.

O Sr. Delfim Moreira ordene que se desminta essa história de modo positivo.

Em 08 de fevereiro de 1919, o jornal *Goyas* noticiava:

O CRIME DO DURO(1)

Há muito que esta política que desgoverna o Estado pensava e concebia um plano para liquidar a influência da família Wolney em Duro, no norte do Estado, procurando um momento asado e um pretexto fútil qualquer, e para enviar grande força para aquela vila sob a direção de um juiz, escolhido a dedo, capaz de todos os crimes e farsas, que fosse fiel ao executor do plano macabro engendrado pelos mandões desta infeliz unidade da Federação.

Inventou-se, conforme informações fidedignas vindas daquele ponto do Estado, um desacato à uma autoridade sob a forma de deportamento, praticado pela família Wolney e o governo de posse deste pretexto, (ilegível) uma grande expedição, composta de um juiz, promotor publico, escrivões, diversos oficiais de policia e uma força de 60 praças e manda seguir com todo o aparato para a vila do Duro.

O governo, na sua única preocupação de dar um ensino aos Wolney e liquidar a sua influencia no norte do Estado, andou em busca de um juiz em condições de seu um fantoche em suas mãos, encontrando-o na pessoa do Dr. Celso Calmon, juiz de direito da comarca do Rio Piracanjuba.

Nomeou-o em comissão para apurar a responsabilidade da família Wolney, dando-lhe para promotor o agrimensor Mandacaru Araújo e despachou-o para o Duro, com gordas e escandalosas ajudas de custo, retribuindo deste modo, desde o inicio da comissão, a nulidade do juiz perante a sua vontade.

Parte a expedição e depois de muitas semanas de marcha entra na via do Duro ao som de cornetas marciais, provocando a curiosidade de uns velhos e velhas que permaneciam na vila, porque seus habitantes tinham se (ilegível).

A família Wolney estava em sua fazenda, retirada 4 léguas da vila, cercada de inúmeros amigos e contando com o apoio decidido de todos os habitantes da região.

O Dr. Calmon, ao chegar em Duro, engrossou a sua comitiva com o Sr. Manoel de Almeida – a tal autoridade desacatada – que andava perambulando pelas proximidades da vila a fim de justificar o seu deportamento, embora estivesse estado mais de uma vez dentro da provação sem ser incomodado pelos Wolney.

Sabendo e vendo o juiz o prestígio dos Wolney na vasta e rica zona, tendo conhecimentos dos elementos que podiam dispor, procurou ganhar a sua confiança por uma premeditada imparcialidade, maltratando os inimigos dos Wolney e mostrando uma certa má vontade contra a autoridade que se dizia desacatada e sempre a declarar que faria justiça.

Na presença destes fatos, os Wolney, que só esperavam justiça, para provar a farsa de que eram vítimas, farsa criada pela imaginação fértil do trêfego José Hermano, inimigo acérrimo seu, mandaram visitar o Dr. Calmon e comitiva e, pouco a pouco, pelo modo por que eram tratados pela hipócrita beca, foram dispensando os seus amigos, confiados na ação da justiça e, que não poderia deixar, em presença dos fatos e documentos, de reconhecer a falsidade da acusação, solicitando mesmo todas devassas possíveis para que a verdade surgisse clara e desmascarada fossem os seus pequeninos acusadores.

Os Wolney, porém, não podiam adivinhar a trama preparada contra eles (ilegível) e que devia cumpri-las, levando em sua companhia um oficial de polícia recém-nomeado para tal empreitada e por seu inimigo rancoroso e que, sedento de vingança e ódio, tudo faria para extermínio de sua família.²⁴

O CRIME DO DURO(2)

Em nosso número passado vínhamos publicando, à guisa de um pequeno histórico, os antecedentes do crime, a sua concepção por parte dos mandantes e o início da execução pelos mandatários, abordando, hoje, o crime.

O juiz Calmon, não mais tendo para promotor público o agrimensor Mandacaru, com quem brigara antes (ilegível) entrar em Duro, exigindo do governo a sua exoneração, indicou para substituí-lo o senador

²⁴ Fonte: jornal *Goyas*, Ano XXXIV, N. 1565, p. 1 – de 8/2/1919. Acervo da Biblioteca L.A.R. da Prof^a. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva.

estadual Deocleciano Nunes, residente em Natividade e inimigo declarado dos Wolney.

Para juiz adrede escolhido só um defensor da justiça pública inimigo dos pretensos réus, digno comparsa na farsa que se ia representar na longínqua vila nortense na presença de um claque paga para aplaudir e composta de representantes da força pública do Estado.

Os Wolney, confiados na ação da justiça sob o manto protetor da beca de um magistrado, constituíram advogados e compareceram às audiências prestando todos os esclarecimentos.

No decorrer do processo, que foi longo para captar a confiança das vítimas e não falhar o bote, o Dr. Calmon desmanchava-se em atenções para com os Wolney.

Terminado o processo, as vítimas foram para a fazenda do Buracão esperar a sentença do juiz, tranqüilas e convencidas da ação reta do magistrado que presidira o processo, desprevenidos em uma região em que contavam com valiosos elementos de segurança, não lhes passando pelo espírito que sob a beca da justiça existisse um magistrado que fosse capaz de esposar alheias paixões políticas, levando sua conduta até o crime de sacrificar vidas e propriedades de adversários dos situacionistas.

Condenadas as vítimas, resolvido o seu desaparecimento, o juiz ainda foi à fazenda ver de perto se obstáculos não surgiriam contra a boa execução da empresa, prometendo, mais uma vez, justiça às suas vítimas.

Na noite desta visita mandou cercar a fazenda pela força da polícia e pelos jagunços arvorados em mantenedores da ordem, e pela madrugada, quando Wolney pai partia para uma caçada, acompanhado de alguns camaradas, foi alvejado do mato pela força emboscada, tombando com ele um dos camaradas.

Dado princípio à matança, a força policial apertou o cerco à fazenda, a assaltou e prendeu todas as pessoas que encontrou, entre elas crianças, e as trouxe para a vila.

Conseguiu, então, escondendo-se numa tulha, escapar das mãos da polícia facínora o cel. Wolney filho que, retirada a força, seguiu rumo a Barreiras, na Bahia, de onde nos telegrafou, a amigos, ao Presidente do Estado, responsabilizando este pelo assassinato, e à imprensa do Rio.

Reunindo elementos em Barreiras, voltou o cel. Abílio Wolney à sua fazenda para defender a vida de sua velha mãe, de seus irmãos pequenos e a sua propriedade.

Enquanto o cel. Wolney preparava elementos para tomar a defesa dos seus, o magistrado criminoso, receando uma justa reação contra o banditismo praticado, abandona os seus companheiros no crime e pelas caladas da noite, tomando trilhos, trêmulo de medo e apavorado com o castigo merecido, corta rumo em direção a Boa Vista e ao Estado do Maranhão, quando, segundo nos informaram, comunicara ao governo que se recolhia à Capital.

O Dr. Alves de Castro, presidente do Estado, juntamente com seu Secretário do interior e futuro genro, Dr. Americano, tendo conhecimento dos fatos que estavam se desenrolando naquela vila, abandonam, da noite para o dia, esta capital e seguem para o Rio amedrontados com a responsabilidade do crime cometido pela sua polícia.

O CRIME DO DURO(3)

Presos os membros da família Wolney e conduzidos para a vila do Duro pela polícia, foram eles metidos na cadeia e amarrados ao tronco como criminosos, simples reféns nas mãos (ilegível) escudo com o qual (ilegível) para evitar a justa represália do Coronel Wolney Filho.

Este, dispondo de amizades e influência na vasta zona nortista e contando com amigos dedicados no interior da Bahia, conseguiu em poucos dias reunir elementos e retornar à sua fazenda do Buracão, ali chegando no momento em que a polícia, não satisfeita ainda com a série de crimes praticados, a esta propriedade voltara, depois de ter, na vila, fuzilado e sangrado no tronco nove membros da família Wolney que se achavam presos, com o fim de, liquidando a Senhora de Wolney pai e crianças que se achavam na fazenda, completar pelo assassinato e extermínio de toda a família.

Ao defrontar, porém, a fazenda, encontrou o Coronel Abílio e sua gente, que, reagindo, conseguiram por em fuga os representantes da força pública do Estado, transformados em quadrilheiros, e a salvo da chacina que escapara da sanha e do ódio dos exterminadores de sua família. O coronel Abílio Wolney, de posse de sua fazenda do Buracão e sabedor das atrocidades de que foram vítimas os membros de sua família, aí organizou a reação para se apodera da vila do Duro, onde se acham os seus haveres e muitas propriedades entregues à discrição de seus

inimigos.

Segundo nos consta, à frente de 500 homens, marchou contra a vila, cercou-a, depois de cerrado tiroteio, tomou-a de assalto, destroçando a força que a defendia.

O governo do Estado, impotente para reprimir justa reação provocada pela sua polícia, apelou para o governo federal, solicitando intervenção para por fim ao banditismo no norte do Estado.

O governo federal, prontamente acedeu, decretando a intervenção e pondo a força federal à disposição do Governo do Estado.

Mais tarde, porém, melhor informado quanto aos atos vandálicos cometidos em Duro e sabendo do papel representado pela polícia e das acusações que pesavam sobre as autoridades do Estado, o Governo Federal resolveu mandar a força sob as ordens de um interventor a fim de apurar as responsabilidades dos horríveis crimes.

O Exmo. Sr. Vice- Presidente da República, em exercício da presidência, ponderando bem as responsabilidades que lhes pesam e não desejando praticar injustiças, com acerto ágio em (ilegível) parciais e coniventes nesses crimes.

O coronel Abílio Wolney, com tantos elementos de defesa ao seu lado e senhor de uma causa justa e simpática, não pode temer a ação da justiça, principalmente quando a justiça está depositada nas mãos de distintos oficiais de nosso exército.

O CRIME DO DURO(4)

Pouco a pouco vai se fazendo alguma luz sobre os lúgubres acontecimentos, que tornaram a florescente Vila do Duro tristemente célebre nos anais do banditismo.

Em toda parte onde chegam os ecos do que ali se passou, levanta a imprensa enérgico protesto contra tão hediondos crimes, não encontrando termos bastante precisos para verberar o procedimento das autoridades que organizaram tão bárbara matança.

Notícias mais e mais minuciosas sobre os pródromos da terrível tragédia nos estão chegando daquela malfadada vila.

O Juiz em comissão, Dr. Calmon, que para lá fora mandado pelo Dr.

Alves de Castro para apurar responsabilidades e sindicar de terríveis assassinatos de agentes do Governo estadual, encontrando todos em boa saúde, descobriu, em inquérito feito em segredo de justiça, que toda a família Wolney, inclusive dois menores, estava implicada num crime de desacato a autoridade do Juiz municipal.

Ordenou logo ao promotor que denunciasse a todos não só nesse crime como em alguns outros que mandou incluir na denúncia para, tornando o crime inafiançável, poder com maior segurança bem desempenhar sua empreitada.

Tendo os Wolney constituído advogado a havendo falta de certidões das intimações de dois dos acusados, foi o início do sumário da culpa, marcado para 21 de dezembro na denúncia, adiado para o dia 24 ao meio dia.

Inesperadamente na madrugada de 23 foi toda a família Wolney cercada em sua fazenda e morto Wolney pai quando saía de casa para uma caçada.

O Dr. Secretário do Interior, em entrevista à imprensa do Rio, declarou que o Cel. Wolney pai fora morto quando resistia à prisão, e que estava pronunciado em crime inafiançável!

Até agora é esta a única defesa publicada pelo Governo.

Alguns dos comparsas da bárbara tragédia já aqui se acham e se apresentaram ao governo que, como sempre acontece, está abrindo um de seus rigorosos inquéritos para certamente apurar, como em Catalão, a culpabilidade das vítimas do incorrido ódio político dos nossos mandões.

Felizmente o desenlace desta tragédia não será o mesmo do das outras, pois alguma coisa esperamos da imparcialidade do inquérito que o governo federal mandou lá proceder por um auditor da guerra.²⁵

A Denúncia que serviu de pretexto para o extermínio da família e amigos dos Wolney em 1919 estava desaparecida, pois não consta dos autos do processo Celso Calmon Nogueira da Gama, porquanto teria sido desentranhada para inaugurar o

²⁵ Fonte: jornal Goyas, ano XXIV, N. 1569, p. 1 e 2 – de 08/03/1919. Acervo da Prof. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva.

processo criminal contra o referido Juiz e Comissionados, cujos autos – ao que se tem notícia, com vários e maçudos volumes – estão desaparecidos do arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, ante as frustradas tentativas do autor em localizá-los nas diversas buscas ao longo destes últimos 05 anos. Entretanto encontramos a famigerada “Denúncia” em outra fonte, na qual o Dr. Juiz em comissão, não contente em atribuir aos acusados um rosário de crimes inventados para a ‘justiça estadual’, acrescentou alguns da competência da justiça federal (arts. 112 e 112 do CP) – e aqui é que todos deveriam ter sido julgados, como depois o foram com a extinção da punibilidade por prescrição penal.

Ei-la, *ipsis litteris*:

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito em Comissão neste termo.

O Promotor Público da comarca da Posse, em comissão neste termo, em cumprimento dos deveres de seu cargo vem, perante V. Ex. de acordo com a lei, denunciar os Srs. Abílio Wolney, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, Santos Belém, Olympio Belém, João Correia de Mello, Oscar Ayres Leal, José Anísio, Domingos Alves dos Santos, Hygino de Tal e D.Rosa Ribeiro Belém, pelo seguinte fato criminoso que passo a expor: No dia 16 de maio do corrente ano, às 9 horas da manhã aproximadamente os Srs. Abílio Wolney, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, Santos Belém, Olympio Belém, João Correia de Mello, Oscar Ayres Leal, José Anísio, Domingos Alves dos Santos, Hygino de Tal, armados de rifles e pistola Mauser, nesta vila, cercaram e invadiram a casa onde funciona o Cartório de órfãos no qual encontrava-se o Juiz Municipal deste termo Manoel José de Almeida em audiência e após desacatarem o referido Juiz, o obrigaram juntamente com o Coletor Estadual Sebastião de Britto que ali fora em socorro do aludido Juiz, com violências e ameaças a terminar o inventário em que era inventariado Vicente Belém, inventário esse cuja alçada excedia de dois contos de réis e que após assim haver sido terminado em esse inventário, dele se apoderou, levando-o consigo o Sr. Abílio Wolney que, por sua vez, o entregou oito dias depois á viúva do inventariado, D. Rosa Ribeiro Belém que, ilicitamente, recebeu e conservou esse inventário em seu poder até o dia em que foi apreendido. Os denunciados, além do exposto ainda, detiveram o encarregado da agência do correio Thomé Celestino de Abreu preso, com guarda armada à vista, exposto ao sol, desde o início da audiência até terminá-la, audiência que durou oito horas mais ou

menos, por ter o mesmo procurado saber o que se passava com as autoridades referidas na casa acima mencionada onde também funciona a agência do Correio, tudo de acordo com o inquérito que instruí a presente.

Como assim procedendo incorressem os denunciados, Abílio Wolney, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, Santos Belém, Olympio Belém, João Correia de Mello, Oscar Ayres Leal, José Anísio, Domingos Alves dos Santos, Hygino de Tal nas penas do art. 134, combinado com os arts.112,113,181 e 333 parágrafo único, com as circunstâncias, com as circunstâncias agravantes do art. 39, parágrafos 2., 13 e 14 e Rosa Ribeiro Belém no art. 333 parágrafo único, com referência ao art. 21 parágrafo 3, tudo de acordo com o art. 66 parágrafo 1. do nosso Código Penal e para que sejam processados e julgados, requer-se seja instaurado o competente sumário de culpa, inquirindo-se as testemunhas abaixo arroladas, todas residentes neste termo; tudo na forma e sob as penas da lei. Vila de São José do Duro 12 de dezembro de 1918.

Deocleciano Nunes da Silva, Promotor Público em Comissão. Rol da testemunhas José Cosme Mascarenhas, Felismina José Leal, Francisco Pereira da Silva, Aristóteles Leal, Marcos Gonçalves da Silva, Joaquim Francisco de Carvalho, Joaquim Amaro de Souza. A. recebo denúncia, designo o dia 21 deste, às 12 horas na sala do Conselho Municipal desta Vila, para se iniciar este sumário. O Sr. Escrivão faça as diligências necessárias para a formação da culpa, ciente o Promotor, Sr. José do Duro, 12 de dezembro de 1918. Celso Calmon Nogueira da Gama. Era o que se continha na referida denúncia, a qual me reporto e dou fé. Eu, Guilherme Ferreira Coelho, escrivão *ad hoc*, a escrevi.

O jornal *O Imparcial* de 08 de fevereiro de 1919 divulgava:

O CRIME DO DURO ALÉM PARANAÍBA. GOIÁS ESPANTOSO

O que se sabe na Bahia relativamente aos acontecimentos.

S. SALVADOR, 5 (A.A). Os jornais desta capital publicam inquietamente notícias sobre os acontecimentos de Goiás, tanto mais quanto é sabido que foi o governador daquele Estado quem concertou o plano contra o Coronel Wolney.

O Coronel Wolney, mantinha uma questão judiciária com o Coronel

Manoel Palmeira, a quem o governador de Goiás prestigia.

Tornando-se inimigo do Coronel Wolney, o governador mandou para a vila de Duro, o Juiz de Direito de Pouso Alto, Dr. Celso Calmon, indo como promotor o engenheiro Mandacarú, acompanhado também, o Juiz, 60 praças de polícia e 6 oficiais.

Chegando à cidade de Arraias foi oferecido um banquete a essas autoridades.

Durante o banquete, houve uma fortíssima discussão entre o Juiz Celso Calmon e o promotor Mandacarú, por questões de bairrismo.

Seguindo viagem, depois, chegaram à vila de Conceição de Monte, onde houve uma nova desinteligência entre o Juiz Calmon e o promotor Mandacarú.

Incompatibilizados, o Dr. Mandacarú demitiu-se da comissão, escrevendo antes, uma carta ao Coronel Woney, na qual denunciava os planos que estavam sendo concertados contra sua vida.

Apesar de inimigo político do promotor Mandacarú, o Coronel Wolney não acreditou, entretanto, nesta denúncia e retirou-se acompanhado de sua família de São José do Duro para sua fazenda de Buracão, deixando como seu advogado na vila de Duro o Coronel Luiz Leite, que desempenhou junto ao Juiz Calmon a melhor defesa de seu constituinte.

O Juiz Calmon, não se conformando, marchou para a fazenda do Coronel Wolney, onde foi fidalgamente recebido, mantendo a melhor harmonia com a família Wolney.

No dia 23 de dezembro, Wolney, perfidamente enganado saiu para caçar antas, voltando gravemente a bala.

Repentinamente, um contingente policial irrompe das circunvizinhanças, invadindo a residência da família Wolney, prendendo a todos e levando-os para a Vila do Duro, onde, depois de inacreditáveis martírios, foram passados pelas armas, somente escapando Abílio Wolney, que ficou escondido no porão da casa, fugindo depois para a cidade de Barreiras, de onde telegrafou ao governador de Goiás, responsabilizando-o pelo massacre de sua família.

A família Wolney é aparentada e relacionada com poderosas famílias goianas e baianas, acreditando-se que seus parentes e seus amigos

tenham pegado em armas para a vingança.

As últimas notícias dizem que uma poderosa família baiana, aparentada com a família Wolney, já pegou em armas, tendo invadido Goiás.

Os jornais receiam que os acontecimentos de Goiás sejam mais graves que os de Canudos e do Contestado.²⁶

Em edição de 08 de fevereiro de 1919, o *Correio da Manhã*, no Rio, voltava ao assunto:

Os telegramas da Bahia, recebidos ontem, um dos quais da Americana, sobre os terríveis acontecimentos da Vila do Duro, em Goiás, mostram que esses fatos são ainda mais graves do que se supunha. Os despachos afirmam que uma poderosa família baiana fortemente armada, já invadiu aquele Estado, para vingar o massacre da família Wolney.

Está apurado que o Coronel Wolney não resistiu a mandado de prisão, mas foi assassinado de modo mais cruel e covarde, quando vinha de uma caçada, e isto depois de haver acolhido na sua fazenda o juiz Celso Calmon, concertador da emboscada hedionda. Após esse crime, como houvesse clamor contra ele e receio de represálias, a força pública meteu no tronco, sangrou e matou em requintes imprevistos de tortura filhos e parentes daquele rico fazendeiro.

Tudo isso resultou de ordens expedidas pelo Desembargador Alves de Castro, presidente de Goiás, por motivos de evidente politicagem.

Que vão haver ali, onde se encontram os assassinos, e para onde acorrem vingadores das vítimas? Estamos em vésperas de uma conflagração, que cumpre ao Governo Federal impedir.

Urge a intervenção, mas completa. É preciso não só manter a ordem, como também fazer justiça, punir o banditismo que criou tão grave situação. Este encargo não pode caber aos criminosos, e aquele, só o governo da União tem força e autoridade para o executar convenientemente.

²⁶ Do jornal *O Imparcial*, de 08.02.1919.

Pondo à colação matéria do jornal *Lavoura e Comércio*, de Uberaba-MG, o jornal *Goyas* publicava em 08 de fevereiro de 1919 o seguinte:

A politiquice desenfreada, ambiciosa, sem moralidade e sem princípios, não há negar, é principal fator de progresso de Goiás. Desde a proclamação de República, o visinho Estado de além-Paranaíba empacou na sua marcha para o futuro, tornando-se uma estrela apagada da Federação. Sua história em tudo se parece com a de Pedro Cem, “que teve galera, que teve fragatas, que teve e não tem”. Hoje, a sua existência toda hipotética e a gente tem necessidade de recorrer à carta geográfica do país sempre que ouve falar nas coisas goianas. No entanto, pela riqueza natural de seu solo, pela inteligências viva de seus filhos, Goiás poderia ser um dos Estados mais prósperos da União se, por lá, a politicagem não campasse vergonhosamente, oferecendo aos olhos da nação esse triste espetáculo, essa chaga calorosa e constritora que é os destinos e interesses de quatrocentos mil habitantes estorcendo-se nas mãos de meia dúzia de indivíduos irresponsáveis e medíocres, que, como os tentáculos de um polvo, não trepidam em cometer as maiores arbitrariedades, , desde que o faça no interesse criminoso de garantir a sua oligarquia e de satisfazer aos seus desejos torpes de vingança.

Os últimos acontecimentos desenrolados em S. José do Duro, em que caiu vítima do ódio dos governantes o Cel. Joaquim Wolney, assassinato traiçoeiramente por ordem do Juiz de Direito Dr. Celso Calmon, dão uma idéia exata do que tem sido em Goiás a arbitrária administração Caiado-Castro-Jardim²⁷, a trindade açambarcadora do poder, três inimigos da ordem, do progresso e da paz, a trilogia temida pelos que não lhe rendem vassalagem.

Os goianos precisam reagir contra essa situação humilhante para os seus brios. Que eles não mais se iludam com a apregoada administração Alves de Castro, que, a estas horas, na confortabilidade da terra carioca, deve estar rindo da ingenuidade de seus patricios.²⁸

²⁷ A trilogia diz respeito a Totó Caiado e aos cunhados João Alves de Castro(então Presidente do Estado) e Eugênio Jardim, este, chefe supremo do Partido Democrata em Goiás.

²⁸ Fonte: Jornal *Goyas*, Ano XXXIV, N. 1565, p. 2 – 8/2/1919. Acervo da Biblioteca L.A.R. da Profª. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva.

Em 13 de fevereiro de 1919 o jornal Lavoura e Comércio, de Uberaba-MG, publicava:

O BANDITISMO DE GOIÁS

A situação de terror em que se encontra o norte de Goiás, criada pela inconsciência de um presidente vingativo e atrabiliário, não está ainda normalizada, esperando-se de um momento para outro que se dêem graves acontecimentos naquela infeliz região do solo goiano.

Telegramas da Bahia para o Rio anunciam, narra o Correio da Manhã, que uma poderosa família baiana, a frente de um grande número de jagunços, marcha em direção à Vila do Duro, a fim de vingar o bárbaro massacre da família do Coronel Wolney, o qual, contrário ao que afirmou o apodrecido situacionismo goiano, não resistiu à prisão, mas foi, fria e covardemente, assassinado pela polícia do Dr. Celso Calmon, o bandido togado que serviu de instrumento aos instintos sanguinários do Sr. Alves de Castro.

Ainda bem que o Governo Federal, tomando em consideração a gravidade do momento naquela longínqua localidade de Goiás, resolveu agir energeticamente por meio de intervenção.

Esta, porém, como diz o Correio da Manhã, só não basta.

A ação do Governo Federal deve estender-se até a punição dos culpados. A brutalidade injustificável do fuzilamento e degolamento das pessoas inocentes e indefesas, velhos, mulheres e crianças, requer que se faça justiça completa.

Aos goianos, que têm amor a sua terra e as suas famílias e prezam seus compatriotas, cumpre repelir a enormidade da afronta que se lhes atirou o governo de Goiás.

É preciso uma reação enérgica e coletiva contra os assassinos que se assentam no poder e, em nome da lei massacram e saqueiam.

É uma prova de civismo.

Desejamos tê-la.

Não terminaram aí as notícias sobre a Chacina do Duro. No dia 14 de fevereiro de 1919, a *Gazeta de Notícias* do Rio (1ª página, coluna cinco), dizia:

(...)E, assim, um Vilarejo perdido e nunca dantes conhecido, situado além, muito além do esquecimento, foi dolorosamente imortalizado nas páginas da história brasileira, graças aos mais cruéis acontecimentos já verificados no interior do Brasil. E tendo como personagens principais os homens que deveriam ser os guardiões da paz e da tranquilidade.²⁹

Geraldo Rocha publicou ainda telegramas de Barreiras noticiando que *“depois de terem posto em tronco 9 membros da família Wolney, foram sangrados e fuzilados. Abílio, exasperado, atacou São José do Duro”*.

O Juiz Manoel de Almeida, o Coletor Britto Guimarães, o Escrivão José Hermano, o 1º. Tenente Antônio Seixo de Britto e 2º.s Tenentes Catulino Viegas e Ulysses de Almeida se reuniram e lançaram um telegrama dando conta de que *“foram pronunciados pelo Dr. Celso Calmon os responsáveis pelo atentado de 16 de maio (data em que ocorreu a audiência onde Abílio teria desacatado o Juiz Municipal)”*³⁰. *No ato de serem presos, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, e Antônio Caboclo, resistiram, sendo mortos”*.

No mesmo expediente, repetiram o que outros já haviam feito. Pediram também a intervenção federal em Goiás, para São José do Duro, o que na verdade não queriam senão para fulminarem Abílio Wolney.

O jornal Goyas, de 08 de março de 1919 reeditava outros periódicos:

(...)as acusações tremendas contra a S. Exa. continuariam de pé, vindo na sua carta de defesa falhas e inverdades, entre as primeiras o silêncio sobre o massacre de membros da família Wolney e entre as últimas a afirmativa de ter sido o Coronel Wolney pronunciado em processo

²⁹ Ibidem.

³⁰ Parênteses do autor.

regular, quando, o que segundo consta, só houve inquérito, não se chegando ao sumário, não podendo resistir reação à prisão.

Acontecimentos e Goiás

Muito acertadamente procedemos aguardando informações mais positivas que nos permitissem formar juízo seguro sobre os acontecimentos políticos do Estado que, por imprevistos, se nos afiguram estranháveis, aberrantes das boas normas. A todos surpreendem os gestos do presidente em exercício pedindo, logo após os últimos distúrbios, e a série ainda não interrompida de violência e de crimes bárbaros pelos seus emissários cometidos contra a vida e propriedade dos oposicionistas, a intervenção política do Presidente da República. Desconhecíamos as causas justificativas desse para nós imprevisto e estranho pedido que, na opinião dos mais sabedores, nada foi que um grosseiro embuste dos audazes situacionistas, que assim procederam no propósito de iludir a opinião do país e especialmente ilaquear a boa fé do governo da União, deturpando os fatos no propósito de atirar sobre as costas dos oposicionistas a responsabilidade dos atos criminosos de seus prepostos. Por imperícia dos autores falhou o plano grosseiramente urdido. O governo Federal, bem avisado, tomou acertada resolução desprezando o pedido do Presidente do Estado, mas procurando ao mesmo tempo cumprir o seu dever garantido a ordem no norte por meio de força federal estacionada em uma cidade da Bahia e sob as ordens do Ministro da Guerra, e não à disposição do governo do Estado, segundo as primeiras informações recebidas, o que impede de servir à força federal de guarda costa à politicalha goiana. Se os situacionistas compreenderam o alcance do gesto do sr. Vice-Presidente da República, deverão estar a estas horas muito satisfeitos, reconhecendo que perderam a cartada, ficando conhecido o mal jogo que, por muito grosseiro, a ninguém passou despercebido.
(Da Lavoura e do Comércio)

Torquemada em Goiás

Goiás, onde domina atualmente a horda dirigida pelo Sr. Alves de Castro, continua a ser a Calábria brasileira, isto é, uma região de banditismo superior a que se pratica no “Far-West” norte americano, porque na terra do senhor Ramos Caiado são os próprios poderem públicos que mandam amarrar ao tronco e assassinar famílias inteiras, inclusive indefesas mulheres e criancinhas.

Tudo quanto está acontecendo em Goiás é exclusivamente obra da

inépcia e da perversidade dos sentimentos do presidente que Sr. Wenceslau Braz remeteu para aquele estado central , visto que o Sr. Alves de Castro é o único responsável e mandatário das cenas de vandalismo que vem, de há tempos, ensangüentando o setor goiano, provocando movimentos de reação cuja importância ameaça conflagrar inteiramente o Estado.

Sobre o assunto, o ilustre engenheiro Geraldo Rocha tem recebido, de parentes seus que habitam em Goiás, telegramas que perfeitamente evidenciam a malvadez e a barbaridade supremas com que estão agindo os salteadores e facínoras que obedecem ao pessoal inspirado pelo Sr. Alves de Castro. Os despachos telegráficos remetidos pelo Sr. Francisco Rocha são uma documentação severa, incisiva e irresponsável da selvageria dos homens que compõem o Goiás oficial.

Duvidamos que a severa sensatez do Sr. Delfim Moreira seja capaz de consentir que, intervindo o governo federal em Goiás, tenha a sua intervenção outro aspecto que não seja o do completo afastamento do presidente que tão eloqüentes demonstrações vem dando de seus sanguinários e ferozes instintos.

(Do ABC).

A intervenção em Goiás

O Sr. Delfim Moreira parece disposto a não mais por à disposição do governador de Goiás as forças federais que vão intervir naquele Estado a requisição do Sr. Jubé.

Faz muito bem o dr. Vive-presidente da República. O Sr. Jubé confessa a sua incapacidade para restabelecer a ordem no Estado e pede socorro ao da União.

A União quando intervier não é para ficar sujeita aos Jubés dos estados ingovernáveis, mas é para executar a alta polícia da ordem e da lei em nome da soberania nacional. Isto quanto à constituição e no que diz respeito aos princípios, porque na prática o governo federal daria muito mais provas de critério pondo um exército de 3.000 homens à disposição de um qualquer Jubé, vendeiro do sertão e, no caso concreto, comparsa nas tragédias abomináveis e bárbaras ocorridas em Goiás.

Oxalá, pois, se confirmem os propósitos do sr. Vice-presidente da República que é um homem refletido e a quem não pode escapar a circunstância de que o governador daquele regulato é um senhor Jubé,

negociante de secos e molhados e gêneros do país.
(Da A Notícia)³¹

Segundo o escritor Zoroastro Artiaga, o Juiz de Direito Comissionado, Celso Calmon Nogueira da Gama, estava no Rio de Janeiro acusado de ter “abandonado a Comarca e a Comissão que havia aceito. A imprensa logo divulgou isto, para que a responsabilidade desses crimes não recaísse em pessoas inocentes. O magistrado viajou para o rumo do Rio de Janeiro, em vez de procurar o caminho de Goiás. Lá conferenciou com o Desembargador Alves de Castro que lhe exprobrou, então, que tudo era culpa dos oficiais. O Juiz relatou que havia demitido um dos oficiais da sua escolta de comando, o substituindo pelo Tenente Catulino Viegas. O demitido, era alcoólatra. Por fim, o Juiz confessou a sua retirada e disse que a Comarca de São José do Duro ficara entregue à sanha de oficiais que considerava perigosos e mesmo irresponsáveis. Realmente, o Tenente Catulino traçou um terrível plano para evitar que Abílio Wolney, enlutado, viesse para retirar dali os seus parentes e vingar a morte do pai”.³²

Em 26 de abril de 1919 o jornal Goyas divulgava matéria já circulada no jornal *Correio da Manhã*, do Rio:

O Sr. Alves de Castro, presidente de Goiás, estava há meses fora do seu Estado, tendo abandonado o governo justamente nas vésperas de se verificarem as ocorrências sangrentas da vila de S. José do Duro, que convulsionaram aquela unidade da Federação a ponto de seguir para o longínquo município uma expedição militar.

O Sr. Alves de Castro vem como doente, para tratar-se, mas foi visto aqui, diariamente, no palácio do Catete e no Ministério da Justiça, combinando providências e insinuando medidas que consolidassem definitivamente o seu e o prestígio da sua gente, abalado em Goiás.

³¹ Fonte: Jornal Goiás, Ano XXXIV, N. 1569, p. 3 – de 8/3/1919. Acervo da Biblioteca L.A.R. da Profª. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva.

³² Zoroastro Artiaga, *História de Goiás*.

Agora, que as coisas serenaram, que a tropa federal está em Barreiros, e que o pleito presidencial se aproxima, o presidente licenciado esquece a dieta e a cura, e lá se vai às pressas para o Estado reassumir o cargo ocupado interinamente pelo coronel Jubé, em cuja inteligência e habilidade não confia muito. Segue para orientar os seus amigos e ajeitar a máquina da administração no combate à candidatura do senador Ruy Barbosa.

Enquanto Goiás esteve a pique de se ensanguentar com a guerra civil, o Sr. Alves não se animou a regressar. Que importavam ao Presidente os horrores dos assassinatos praticados no sertão, se aqui tudo lhe era cômodo?

As eleições, porém, têm alta significação e o homem precisa dar serviços e mostrar que governa e está prestigiado pelo eleitorado goiano...”

(Do Correio Da Manhã)

“Ainda não cessaram os comentários da imprensa nacional sobre os graves fatos ocorridos ultimamente nas longínquas paragens do norte goiano. Todos os jornais dizem que há um responsável pelas ocorrências sanguinárias do Duro. Esse responsável, não há ocultar, é o governo do Estado. Ainda agora, um oficial destacado pelo comandante da expedição militar que foi a Goiás apurar as ocorrências de S. José do Duro, verificou que as responsabilidades cabem exclusivamente ao governo do Estado, cujas autoridades trucidaram, fria e barbaramente, a família Wolney. Acrescenta o aludido oficial que a expedição tem sofrido muitas baixas devido a moléstias que grassam na região e quem está acampada.”³³

Na mesma edição, o jornal *Goyas* trazia a público:

A volta de S. Exa.

Chegou a 23 deste, de volta de sua viagem ao Rio, onde fora com licença para visitar a sua Exmo. Família a pretexto de tratar dos interesses do Estado, o desembargado Presidente.

O chefe do executivo estadual, quando daqui partiu, contava certo com uma recepção condigna preparada pelos seus amigos na imprensa do

³³ Fonte: jornal *Goiás*, Ano XXXIV, N. 1576, p. 1 e 2 – 26/4/1919.

Rio, apontado como estava s. exa., graças às mensagens espetaculosas profusamente espalhadas, como um estadista extra que, em momento de sérias dificuldades para todos os demais Estados da federação em luta com desequilibrados orçamentos, arcando sob o peso de déficits volumosos, tinha vindo salvar Goiás, elevando suas rendas até apresentar saldo, embora atirasse fora muito dinheiro com operações inúteis, deixando de parte das medidas necessárias para o bem do povo, a quem reduziu, pelo aumento bárbaro de impostos, ao triste estado que há muito vimos comentando.

Chegando S. Exa. no Rio encontrou já as primeiras novas do estúpido e covarde assassinato do Coronel Wolney em Duro praticado pela força policial, que para ali enviava sob as ordens de um Juiz a fim de apurar crimes.

Os seus mandatários em lugar de proceder de acordo com que lhes devia ter determinado, capturando criminosos e julgando-os entregara-se à prática de crimes horríveis e bárbaros, cometidos friamente, na presença dos quais aqueles que foram arrolar e punir não passaram de atos comuns na vida, caindo sobre os ombros de s. exa. a responsabilidade desses atentados à vida dos seus governados por não ser crível que um Juiz e oficiais da força pública do Estado procedessem ex officio.

A imprensa de todo o país, onde a nova desses selvagens atos chegou (illegível) verberando semelhante selvageria levada a efeito por quem tinha o dever de manter a ordem, garantir a vida e a propriedade dos cidadãos.

Pedindo S. Exa. a intervenção federal por intermédio do seu substituto aqui, por se reconhecer impotente para manter a ordem, alterada pela sua polícia numa Zona de Estado, esta lhe foi concedida, enviando o Governo Federal forças e oficiais dignos para aquele ponto do Estado com ordem de procederem a um inquérito rigoroso e apurar os fatos que tanto horrorizam a população brasileira.

S. Exa. que vem do Rio, deve saber melhor do que nós o que conseguiram apurar os oficiais do Exército que em Duro estiveram.

Segundo dizem os jornais de S. Pulo, por onde s. exa. passou, conta que estes crimes não ficarão impunes e que s. exa. vem com o firme propósito de fazer justiça, prestigiado pelo governo federal para esse fim.

Vamos esperar que justiça se faça e que este prestígio do Governo

Federal seja um bom escudo para S. Exa. se defender das injunções políticas.

Os seus amigos aqui, enquanto s. exa. via-se atacado pela imprensa do Rio e apontado pela opinião pública do país como mandante desses crimes, punham em liberdade os indigitados criminosos e os reintegravam em seus postos, parecendo, com este proceder, homologar o modo de pensar do povo e firmar, de uma vez para sempre, a opinião corrente.

Como disse S. Exa. em carta nos apedidos do "jornal do Comercio", do Rio, que a apuração e punição desses crimes é ponto de honra para o seu governo, aguardamos a sua ação pronta e enérgica em desafronta à coletividade que dirige.³⁴

Em 31/5/1919, o mesmo jornal Goyas publicava:

S. Exa. e sua polícia

Quando, destas colunas, tratando-se de assassinatos do Duro, mostrávamos a desorganização da força policial do Estado e o pouco caso que S. Exa. o Sr. Presidente prestava na escolha os oficiais para essa milícia, nomeando portadores de galões indivíduos de reconhecida incompetência e capazes de todos os atos, demitidos de cargos público a bem do serviço, desmoralizando com estas nomeações a corporação que tem a responsabilidade da manutenção da ordem e de garantir a vida e propriedade dos cidadãos, a qual entre nós, antes da ação nefasta de S. Exa. sempre mereceu a deferência do público, o órgão situacionista, na sua linguagem de sempre, e procurando, como hábito velho encobrir a verdade nos contestou e forjou uma defesa S. Exa.

Dando tempo ao tempo esperávamos que as coisas chegassem no pé em que estão para mostrarmos aos que nos lêem, diante dos fatos e da verdade, que tarde ou cedo aparece, ser a nossa previsão real e que veria ter plena confirmação.

Não há nesta terra quem veja na polícia um elemento de garantia.

(...)

³⁴ Fonte: jornal *Goiás*, Ano XXXIV, N. 1576, p. 1 – 26/4/1919.

A anarquia que reina no batalhão de polícia, aumentada com a deficiência de policiais e de sargentos é produto único da politicagem desenfreada, que exige a inclusão no seio da oficialidade de gente sem o menor requisito para a profissão e com uma folha corrida que (ilegível)...

(...).



O vulto pacificador do engenheiro baiano,
Dr. Geraldo Rocha.

II

A INTERVENÇÃO FEDERAL NO ESTADO DE GOIÁS³⁵

E tendo sido a Imprensa uma das grandes responsáveis para que o Governo da República tomasse atitudes no caso de *São José do Duro*, num flagrante oportunismo as autoridades goianas aproveitaram e fizeram coro com os meios de comunicação, entre os arroubos de hipocrisia e o simulacro afirmativo de estar o norte goiano conflagrado por um banditismo que ameaçava se generalizar.

Da segunda parte do longo telegrama do Presidente do Estado de Goiás em exercício – cuja primeira parte foi antes transcrita – extraem-se ainda as seguintes considerações e pedidos:

“Este Governo não dispõe de forças suficientes para fazer manter a ordem naquela longínqua região, não só porque o seu Batalhão de polícia conta 400 praças e mais da metade está disseminada pelos 47 municípios do Estado, como a parte que guarnece esta Capital está atacada ou convalescente da epidemia da “espanhola”, que tão fortemente tem grassado aqui.

³⁵ Os trechos entre aspas, neste Capítulo, são transcrições do nosso livro *O Barulho e os Mártires*.

Por estes motivos, venho requerer a Intervenção Federal para poder ser restabelecida a ordem.

“Cumpre-me, porém, sugerir a V. Ex. que a força federal deveria partir da Bahia, donde, embarcada, poderia ir até Barreiras, que dista apenas 31 (trinta e uma) léguas da Vila de São José do Duro, enquanto que desta Capital³⁶ a distância é de 159 (cento e cinquenta e nove léguas) por estradas difíceis, tendo que atravessar rios em que não há pontes e que contam empecilhos que muitas vezes interceptam a sua passagem por alguns dias. Acontece mais que nesta Capital só existe um Batalhão Federal, composto em sua totalidade de sorteados que agora finalizaram o seu tempo com apenas 4 (quatro) oficiais.

“Em vista dos ponderados motivos que tenho a honra de expor a V. Ex. para justificar a presente medida de Intervenção Federal na zona do Estado tão gravemente perturbada, bem espero que V. Ex. se dignará atender a requisição que venho lhe fazer, apresentando a V. Ex. os meus protestos de alta estima e subida consideração. (a.) - JOAQUIM RUFINO RAMOS JUBÉ, PRESIDENTE DO ESTADO”.³⁷

Na mesma matéria, no Rio, continuava a Gazeta de Notícias:

“CONFERÊNCIAS NO CATETE

“O Sr. Presidente da República, Dr. Delfim Moreira, em virtude desse longo telegrama que acabamos de citar, convocou ontem os Srs. Ministros Urbano Santos, da Justiça, e General Cardoso de Aguiar, da Guerra, para uma conferência que

³⁶ Nota do autor: Capital de Goiás – Goiás Velho(Cidade de Goiás).

³⁷ Vice Presidente em exercício na Presidência do Estado diante da licença adredemente tiradas pelo presidente Des. João Alves de Castro.

se realizou às 12,30 horas na Sala de Despachos do Palácio do Catete.

"Àquela hora chegaram ao Palácio da Presidência os dois titulares que conferenciaram imediatamente com o Chefe de Estado a respeito dos fatos gravíssimos de que tem sido teatro a Vila de São José do Duro, em Goiás.

"Após a conferência, SS. EExs. estudaram as medidas garantidoras que deveriam ser postas em prática de acordo com o n.º 3 do artigo 6.º da Constituição Federal, providenciando em tudo quanto garantissem as ordens das autoridades constituídas, fazendo voltar a ordem aos lugares conflagrados.

"Às 2 horas da tarde deixavam o Catete os Srs. Urbano Santos e General Cardoso de Aguiar, que, falando ao nosso repórter de serviço ali, disseram haver o Governo decidido intervir em favor das autoridades legais de Goiás, tendo, para isso, assentado as garantias que o momento exigia.

"Momentos depois, dava entrada no Catete o Sr. Desembargador Alves de Castro, Presidente do Estado de Goiás, que se acha nesta capital em gozo de licença.

"S. Ex. foi logo introduzido na Sala de Despachos da Presidência, onde entreteve demorada conferência com o Sr. Dr. Delfim Moreira, tendo também cientificado a S. Ex. dos fatos alarmantes e tristes ocorridos no referido Estado e dos quais tivera ciência por despachos telegráficos dali recebidos.

"O Sr. Presidente da República, então, informou ao Sr. Desembargador Alves de Castro do que o Governo Federal deliberara fazer sobre o momento em Goiás e que haviam sido expedidas as ordens necessárias para garantir as autoridades ameaçadas e desrespeitadas por um grupo de jagunços que levou o terror a São José do Duro, praticando atos de selvajaria e de perversidade.

"Retirando-se o Sr. Desembargador Alves de Castro, procuramos ouvir S. Ex.. Não havia novidade. S. Ex., para tratar dos lamentáveis sucessos ocorridos no seu Estado, aliás já por todos sabidos, nada disse.

"Às 5 horas da tarde regressavam ao Catete os Ministros da Justiça e da Guerra, que deram conhecimento ao Sr. Presidente da República das providências já executadas, de acordo com as resoluções tomadas na primeira reunião".³⁸

Vendo o equívoco que os sobas de Goiás queriam levar às autoridades federais, surge a voz do político José Leopoldo de Bulhões Jardim, que também se encontrava no Catete, no Rio, pugnando sim pela intervenção, mas para salvar o *Duro* das autoridades de Goiás Velho, conforme a edição de 2 de fevereiro de 1919, um domingo, onde novamente a '*Gazeta de Notícias*' do Rio de Janeiro, em sua página de frente, quarta coluna, segundo o mesmo Nertan Macedo, publicava:

"OS GRAVES SUCESSOS EM GOIÁS

"O SR. BULHÕES NO CATETE.

"Um 'meeting' curioso.

"Esteve ontem, no Palácio do Catete, o Sr. Leopoldo de Bulhões,³⁹ que entreteve demorada conferência com o Sr. Dr. Delfim Moreira, Presidente da República, a respeito dos últimos fatos ocorridos em Goiás.

³⁸ Idem.

³⁹ **José Leopoldo de Bulhões Jardim**, ilustre político goiano, nascido na localidade de Pindaibinha, que hoje tem o seu nome e está situada a 73 km de Goiânia (Nota do autor).

"Quando S. Ex. se retirava, fez uma pequena demora na sala onde trabalham os representantes da Imprensa e, ali, aproveitando-se da situação, promoveu um pequeno 'meeting' contra o Governo goiano, mostrando as suas aptidões de oposicionista. Disse o Sr. Bulhões, em resumo, que acabara de informar ao Chefe do Estado da veracidade dos fatos ultimamente desenrolados em São José do Duro, transformado em arraial para o trucidamento de adversários do Governo local.

"Acrescentou S. Ex. que estes tristes fatos, revoltantes, e que espalham o terror pelo norte daquele Estado, são o fruto da política do atual governador, Sr. Alves de Castro, que, eleito com o apoio da facção que S. Ex. orienta, ultimamente dela se fez intransigente adversário, praticando coações absurdas.

"Lastima tais fatos, vergonhosos e tristíssimos, prossegue o Sr. Bulhões; o assassinato da família Wolney, por praças da polícia, a mando dos chefes situacionistas, acobertados pelo Sr. Alves de Castro, pede Justiça, continuou S. Ex..

"O pedido de Intervenção feito pelo coronel Jubé - diz ele - não foi senão para, acobertando os principais cúmplices do delito, dizer ao Governo que estavam sem garantias, ameaçados por jagunços, e prosseguir na sua senda negra, fuzilando os adversários. Disse que os telegramas alarmantes transmitidos daquela Capital para o Sr. Alves de Castro nada relatam do ocorrido: 'São blagues para surtir efeito no seio da nossa Imprensa e para o Governo tomar as providências, como tomou, intervindo'.

"Terminando, o Sr. Bulhões disse que havia recebido telegrama de Goiás em que seus amigos lhe narravam o estado de coisas de São José do Duro, os quais S. Ex. mostrou ao Exmo. Sr. Presidente da República, a quem pediu que interviesse em favor; S. Ex. prometeu tomar em consideração o pedido do Sr. Bulhões, providenciando a respeito (...)".



José Leopoldo de Bulhões Jardim (corajoso político oposicionista e uma voz em favor do Duro).⁴⁰

Prosseguindo, ainda na mesma edição, a *Gazeta de Notícias*, em seu editorial sob o título de "Intervenções", (1ª página), fala em trágicos acontecimentos verificados no Amazonas e em Pernambuco dizendo que neste último Estado a polícia do Sr. Dantas Barreto praticava atos de banditismo. Refere-se, em trecho, ao caso do *Duro*:

"Em Goiás não há governo há muitos anos.

"De quando em vez se sabe que para a Presidência daquele Estado foi eleito um cidadão qualquer. E depois os jornais informam que esse cavalheiro passou a administração ao seu substituto legal e que aqui está no Rio de Janeiro gozando dos ócios da civilização.⁴¹ Chega a ser vergonhoso... Mas, também, sucede que de pente Goiás tem um homem, além do Sr. Leopoldo de Bulhões: é um governador desabusado, que quer levar aquilo a ferro e fogo, para liquidar, definitivamente, os desafetos. E então o assassinato, a jagunçada feroz, estúpida e covarde, é a regra administrativa. Desta feita foi isto que se verificou. Em Goiás não há hoje Governo, há um grupo de bandoleiros que assaltam a propriedade privada, e matam, matam a quantos encontram no caminho e podem constituir um empecilho às suas desbragadas ambições políticas. Pelo que se lê nos jornais, o Governo (?) de

⁴⁰ ⁴⁰ Vale destacar aqui o nome desse valoroso político goiano, **José Leopoldo de Bulhões Jardim**, que se fez oposição declarada ao Caiadismo. Leopoldo de Bulhões foi uma notabilidade na vida pública: Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de São Paulo. Foi Deputado em diversas legislaturas; Senador; Presidente da Associação Comercial; Presidente do Conselho de Contribuintes do Imposto de Renda. Foi nomeado Ministro da Fazenda em 1906, no governo de Rodrigues Alves. Em 1907 assumiu a Diretoria do Banco do Brasil. Voltou a ocupar o cargo de Ministro da Fazenda em 1909 na Presidência de Nilo Peçanha. Como deputado federal foi destacado. O seu último mandato como senador terminou em 1918.

⁴¹ Refere-se ao Presidente, Des. João Alves de Castro.

Goiás, mandou fuzilar, com a mais incrível impiedade, uma família inteira. E tão bárbaro foi o crime e tanto impressionou a opinião pública, que, para conter os ânimos exaltados, foi indispensável mobilizar cerca de dois mil soldados incumbidos de manter a ordem em um ou dois municípios de Goiás.

“Não é explicável essa Intervenção?”

“AS PROVIDÊNCIAS DO GOVERNO FEDERAL

“O Sr. General Alberto Cardoso de Aguiar, Ministro da Guerra, de acordo com instruções recebidas do Sr. Presidente Delfim Moreira, ontem mesmo telegrafou ao Sr. General Emygdio Ramalho, comandante da 3ª. Região Militar, com sede na Bahia, determinando fazer seguir dali para a Vila de São José do Duro, em Goiás, a força necessária para garantir as autoridades constituídas e implantar a ordem, ficando a mesma à disposição do Governo de Goiás.

“S. Ex. remeteu também telegrama ao Sr. General Luiz Barbedo, comandante da 6ª Região Militar, em São Paulo, mandando fazer seguir para Goiás um Regimento de infantaria e uma Companhia de Metralhadoras.

“O MINISTRO DA JUSTIÇA URBANO SANTOS TELEGRAFA AO GOVERNO DE GOIÁS

“O Sr. Urbano Santos, titular da Pasta da Justiça e Negócios do Interior, em data de ontem, enviou o seguinte telegrama ao Sr. Coronel Ramos Jubé, Governador de Goiás:

“RIO, 31 de janeiro de 1919 – Sr. Presidente do Estado de Goyaz – Tenho a honra de comunicar-vos que, atendendo as considerações constantes do vosso telegrama de 30

corrente, pedindo a intervenção federal nesse Estado de acordo com o N° 3 do Artigo 6º da Constituição da República, o governo providenciou nesta data para que seja posta a vossa disposição, pelo Ministério da Guerra, a força necessária que deverá seguir para São José do Duro, nesse Estado. – Saudações cordiais – Urbano Santos – Ministro da Justiça”.⁴²

“A CONCENTRAÇÃO DE FORÇAS EM BARREIRAS

“O Sr. General Cardoso de Aguiar, Ministro da Guerra, expediu ordem ao comandante da 3ª. Região Militar, na Bahia, no sentido de se apresentarem com urgência, a fim de seguirem para Barreiras, as tropas do seu comando. Essas tropas são constituídas pelos 42º. Batalhão de Caçadores, com sede em Sergipe, e 11º. Regimento de Infantaria, estacionado na Bahia.

“As tropas que partirão para se concentrar em Barreiras serão comandadas pelo Sr. General Ramalho. S. Ex. solicitou do seu colega (Ministro) da Viação providências no sentido de serem postas à disposição do Ministério da Guerra as viaturas existentes na zona da 3ª. Região Militar e bem assim transportes terrestres e fluviais para a condução das referidas tropas.”⁴³

⁴² Jornal Gazeta de Notícias, 1919, Rio de Janeiro, fonte citada.

⁴³ Textos trazidos da obra Abílio Wolney, *Um Coronel da Serra Geral*, de Nertan Macêdo. A Gazeta da Capital Federal fez a seguinte observação: “Todos os jornais do Rio de Janeiro abriram espaço para a tragédia de São José do Duro. Mas coube à Gazeta de Notícias fazer a melhor cobertura dos acontecimentos, embora sem mandar jornalistas para lá”.

III

O PERFIL DO INIMIGO

A jornada da *Expedição para São José do Duro* pressupunha-se inçada de tropeços e longa. Quase 300 quilômetros, que valiam por uma longura décupla, ante o despovoamento e a maninhez da terra, dominada por serrania a prumo, adiante com suas péssimas condições de defesa para o Exército.

Todavia, além do Estado-Maior e das três Companhias do 31º. Batalhão aportado em Barreiras, com uns oitocentos homens, entre soldados e pessoal de apoio, outras tropas – de Juazeiro, Aracaju e São Paulo – aguardavam segunda ordem para acorrerem ao mesmo ponto de concentração na cidade baiana⁴⁴ com toda a artilharia de guerra.

⁴⁴ No livro *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores*, Voltaire Wolney Aires se refere a 400 homens, fundado na suposição de que *um* Batalhão teria tal contingente. Transcrevendo Voltaire, outros escritores também o afirmam. Entretanto, Álvaro Mariante fala em pelo menos *três* cascos de Batalhões a se agregarem – um estacionado em Salvador (Batalhão do 11º. Regimento de Infantaria, além de outras tropas daquela 3ª. Região Militar); um que foi para Juazeiro-BA (31º. Batalhão) e outro de Aracaju-SE (41º Batalhão de Caçadores). Como vimos, foi anunciado na Imprensa carioca o envio também de um Regimento de São Paulo. Portanto eram previstos muito mais praças e oficiais.

As tropas partiriam a meia ração. Seguiriam chumbadas às toneladas do aparato bélico. Avançariam em brigadas cujos Batalhões, a um de fundo, guardavam escasso intervalo de poucos metros, numa *Campanha* clássica, com cordões de atiradores, linhas de apoio e reforço, e reservas, agindo com a segurança mecânica estatuída nos manuais de guerra. Marchariam em desdobramentos que não os forrariam dos assaltos.

Justo aí poderia residir o equívoco no imaginar, impactas, dentro de traçados gráficos, as guerrilhas solertes dos jagunços, guiados pelas ardilezas dos seus cabecilhas, que combatiam à gandaia, sem programas rígidos, sem regras regulares, rodeadas de mil casos fortuitos, e aos recontros súbitos em todas as voltas dos caminhos ou tocaias em toda parte. E o sertanejo envolto na armadura encourada, garantido pelas alpercatas fortes, perneiras, gibões e chapéus de couro, firmemente apesilhados ao queixo, habilitando-o a arremessar-se, imune, por dentro do mato.

Copiar o jagunço. Mas isto seria uma inovação extravagante. A expedição devia marchar corretíssima. Corretíssima, mas frágil.

Certo que dissolveriam a *Vila do Duro* à bala, a canhoneio, à metralha, a granadas e a espada. Certo se o combate se desse nos chapadões plainos dos *gerais*. Incerto, porém, se a refrega medrasse no anfiteatro da *Serra Geral*. Abílio Wolney, Abílio de Araújo e Roberto Dorado não seriam tão ingênuos de aguardá-los, logo de início, na minúscula e desprotegida *Vila* distante.

Além do pedido de Intervenção Federal, as denúncias do Governo de Goiás, na maior parte inseridas no jornal *O Democrata*, além dos telegramas e das entrevistas antes transcritas, designavam Abílio Wolney como um caudilho

campeador, bandoleiro brilhante e cruel, de tendências monstruosas, *envolto de panegíricos e alguns convícios, surgindo entre ironias diabólicas e invectivas despiedadas.*

Em torno dele havia outras informações sigilosas a cargo do chefe expedicionário, tudo indicando ser a repressão legal o móvel de cobrar o manifesto desprestígio às autoridades e às Instituições do Estado de Goiás e da República. A força federal deveria seguir bastante forte para se subtrair, como outrora, à contigência de *retiradas prejudiciais e indecorosas*, levantado o espantinho de uma ameaça à soberania Nacional, apisoada por turbulentos impunes.

Sobre o ex-Deputado Wolney, pesava mais a acusação de também pretender tomar o Governo goiano com aqueles homens que levou consigo para a retaliação no *Duro*, uma frente de jagunços e noviços cangaceiros. Nesse sentido os informes eram no assegurar que os sertanejos estavam aparelhados fortemente para qualquer luta. Bastava um estalo de dedos do Cel. Abílio, que seria seguido por Roberto Dorado e Abílio de Araújo, estes com o anelo de mais pagas; aquele, de poder revolucionário. Variante nas causas e nas forças, ter-se-ia uma nova Revolução armada no Estado, de molde àquela ocorrida em 1909 – *A Revolução Bulhonista* – da qual foi Abílio Wolney um dos vanguardeiros, e que no mais teria o sufrágio popular, como já havia sido cogitado, caso candidatassem a presidente do Estado.

Todavia, não sabia o chefe da *Campanha* – e até ali não poderia mesmo imaginar – que Abílio Wolney, tão mal rotulado por seus inimigos, embora conspirasse para a queda da oligarquia goiana, não tinha ambiente para uma luta armada isolada ou em todo o âmbito de um dos Estados da Federação. A rigor, vivia um momento em que suplicava o socorro da União, depois do desastre político que o trespassou no epílogo funesto dos seus parentes no *Tronco*. Esperava apenas que os seus inimigos o deixassem...

Fato é que tudo vinha exagerado na distensão das mais extravagantes fantasias acerca da temibilidade do ex-deputado e entre os díspares conceitos, aclamações e apodos em torno dele, uma legenda de bravura realçava-lhe a fama, que poderia ser bem traduzida mais tarde nas palavras do jornalista José Leal:

“Lá vinha Abílio Wolney, ‘condottiere’ centroestino, montado em seu cavalo castanho no galope da imortalidade; guerreiro dos Ermos e dos Gerais, comandante de homens indomáveis, audacioso e até mesmo temerário, carregando angústias e vitórias, lágrimas e sabedoria.

“Centauro de Ilíadas e preceiro de São José, Jurupari dos poentes centralinos, luar dos levantes cor de abóbora, brabo setentrional, nave capitânea de frotas jagunceiras, vingador dos mediterrâneos, líder de um invicto ‘combat-team’, general da guerra e da paz.

“Era o Coronel Abílio, esporando o seu ginete alação, viajando com sua bravura e suas dores, suas mágoas e seus amores, suas visões e seus sonhos, rumando para uma destinação gloriosa, ganhando porte de gigante, espinho na vereda de alguns, botão de rosa na estrada de muitos.

Ali estava ele, a voz do nordeste goiano, *“piloto de uma força tarefa campeã de estrondosas batalhas, doutor-sabido das solidões anhanguerinas, cavaleiro épico, fantasma dos verdes, argonauta dos azuis, ressurgindo com toda sua majestade, toda a sua intrepidez, todas as suas desventuras sentimentais, coração violado pelos que conspurcaram-lhe o lar.*

“Vinha com seus lances heróicos, ele mesmo uma Epopéia Humana de personalidade granítica, diabo e deus a um só tempo, representação pura da vida e da morte, missionário de guerrilhas e apóstolo do amor, monarca dos cerrados, vivendo o

*drama do ouro e as insurreições dos solos molhados de sangue, fruto de penates inquietantes, personagem de vermelhas odisseias”.*⁴⁵



Sobre Roberto Dorado diziam ser um arregimentador de cangaceiros no seu posto no Jalapão⁴⁶, famoso por suas façanhas brutais. Não montava. Combatia e comandava o seu bando a pé e rezando. Cheio de mandracas contra armas de fogo, até mesmo ferro benzido escorregava no seu corpo – dizia a lenda. Era um cabra enfeitiçado...

O xará, Abílio Rodrigues de Araújo, conhecido por Abílio Batata, que havia sido Major e depois nomeado Coronel da Guarda Nacional, era um prestigioso chefe político e homem valente, tendo sob o comando alguns empregados feito jagunços para a sua própria defesa e para as refregas contratadas. Vivia acompanhado do amigo Manoel Rodrigues Neto, do irmão Elpídio Rodrigues de Araújo (Maroto) e do aliado e corajudo Deocleciano de Castro, seu cunhado e vencedor de refregas sangrentas, cuja Comitiva vinha engrossada com João Magalhães, Joca Netário e outros cabecilhas e enfrentantes, a maioria da região de Formosa do Rio Preto-BA, antigo São Marcelo, onde tinham sede.

Batata fora vingador dos matadores do seu pai Taciano Araújo. Sua mãe, dona Glorinha, também havia sido morta por inimigos, quando viajava para Cotegipe, terra do Barão. *Apoiado no espírito de vingança teria tomado de assaltado a Vila de Santa Rita do Rio Preto por mais de uma vez.*

⁴⁵ Trechos da carta do jornalista José Leal a Nertan Macedo, no livro *Abílio Wolney, Um Coronel da Serra Geral*.

⁴⁶ Hoje uma região do Estado do Tocantins.

*“No Piauí, matou Tibúrcio Soares. Os inimigos o conheciam pelo assombro, o desassossego e o terror que deixava por onde passava. Corrente, Paranaguá, S. Antônio do Gilbué, também no Piauí, Vitória e Carolina, no Maranhão. Fez guerrilha também em Porto Nacional, no arraial de Piabanhãs e Couto Magalhães em Goiás.”*⁴⁷

Era um personagem inusitado. Trajava com esmero, engravatado e metido num paletó cerimonioso, com abas que desciam num estilo meio fraque. Não se despojava da veste e quando sorria mostrava os dentes amalgamados de ouro. Tinha os dedos cheios de anéis, como os cangaceiros. Perseguido por suas guerrilhas, Batata veio fugido da Bahia para Pedro Afonso, norte de Goiás. Ali casou-se com dona Lorena. *Em 1911, a política e a ganância comercial incendiaram as casas “da pacata população daquela cidade e, três anos depois, a cidade era um montão de ruínas, de que muito bem soube locupletar-se uma horda de bandoleiros chefiados por aquele mesmo Abílio Araújo. Por ali houve em 1914 um certo Cipriano Rodrigues, que vinha junto e proclamava-se chefe-de-bacamarte no norte e, como tal, cometia toda sorte de tropelia. Os habitantes, despojados de sua terra natal, que puderam escapar da fúria inimiga, só mais tarde puderam regressar aos lares carbonizados.”*⁴⁸

Diziam mais que Abílio Batata vivia entre a Bahia e Goiás juntando boiada. Metido a chefe político e dedicado ao amanho da terra, onde desenvolvia o plantio de cereais, vivia auxiliado pelo trabalho de umas vinte pessoas que andavam em sua companhia.⁴⁹ Depois umas cem...

⁴⁷ A Imprensa, Goiás-GO, 23.23.1914.

⁴⁸ Entre aspas, informações coligidas por Nertan Macedo no livro *Abílio Wolney, Um Coronel da Serra Geral*, com pequenas alterações no texto original para melhor adaptação.

⁴⁹ Segundo Oton Maranhão depõe, ele mesmo, em livro, “o Cel. Eugênio Jardim chegou a declarar que lamentava não ser favorável à permanência de Abílio Batata em Piabanhãs (povoado de Pedro Afonso) (...) S. S^a. estava saturado e só

Acreditava-se. Não faltariam balas. Em Barreiras, quando passou com aqueles homens, Abílio Wolney adquiriu mais de 40.000 cartuchos em reforço à munição que traziam. Não faltariam aqueles lutadores famanazes, cujas aventuras de pasmar corriam pelo sertão inteiro.

A expedição Álvaro Mariante ilhar-se-ia de todo, num extenso território conflagrado a pique de uma catástrofe no longo percurso entre Barreiras e *São José do Duro*.

Para a *Revolução de Janeiro* daquele ano de 1919 contra o Governo do seu Estado, Abílio Wolney arrebanhou aqueles valentões, tradicionais nos conflitos sertanejos, nas sedições parceladas daquele período da República. E além do jagunço das margens do Rio Preto, tinham-se somados alguns bravos do São Francisco e dos Cariris. Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parecendo que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas, lhes preponderavam, exclusivos, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos

*via a face negativa do caudilho, sem conhecer o desenvolvimento do povoado, depois da sua chegada e que, ali, Abílio havia contraído segunda núpcia. No momento – conclui Oton – faltou-me coragem para refutar, parecendo-me que qualquer defesa seria contraproducente. Entretanto, há informes seguros de que o todo poderoso cunhado de Totó Caiado foi por outra direção, pois o Major Abílio de Araújo, imiscuindo-se na política municipal local em Pedro Afonso, em dada ocasião, pôs em pé-de-guerra trezentas pessoas, calculadamente, e estabeleceu o cerco da Vila, da qual o comandante do destacamento policial, Tenente Benedicto Cordeiro, diante das correspondências oficiais, retirou-se, deixando que os sitiados se apoderassem dela, porque compreendeu estar Abílio de Araújo, ou melhor, contar ele com o apoio do governo Central e Estadual. A força teve ordem de proceder, incontinenti, à retirada, ficando a Vila ao desamparo de qualquer porção de força pública, entregue ao Juiz de Direito, Dr. Pedro Pinheiro de Lemos e à força irregular daquele chefe sertanejo, que se dizia vítima de perseguições políticas". As razões políticas ou de outra ordem, como queiram, do ataque a Pedro Afonso estão bem expostas na obra do referido Oton Maranhão, intitulada *Setentrião Goiano*, Ed. Piratininga, Goiânia – 1º, 1978.*

selvagens, a inconsciência do perigo, o desprego à vida e o arremesso fatalista para a morte.⁵⁰

Vinham “*debaixo do cangaço*”: a capanga atestada de balas e o polvarinho cheio para as cartucheiras; a garrucha de dois canos atravessada à cinta, de onde pendia a *parnaíba* inseparável; à bandoleira, a *winchester*, os bacamartes, as espingardas.

Além do que anunciavam os *telegramas* da oligarquia goiana, o Major Mariante trazia do Rio *algumas informações e ordens verbais reservadas* do Estado-Maior. Já agora se via envolto num sussurrar de cautelosas denúncias e mal boquejados avisos. Inimigos dos chefes políticos de Barreiras esboçavam ao Comandante Expedicionário, desde lá, a hipótese de uma traição.

Os Rocha eram velhos amigos de Abílio Wolney. Sugeriam, veementes, que o estivessem auxiliando à socapa, fornecendo-lhe recursos e instruindo-o por cartas e recados dos menores movimentos da investida do Exército. Não viram que o Cel. Francisco Rocha telegrafou a Abílio oferecendo-lhe ajuda?

Sim. Em meados de setembro de 1918, meses antes dos preparativos da *Expedição* que se concentraria inicialmente em Barreiras, como determinado pelo Ministério do Exército, Abílio Wolney havia recebido cartas do Coronel e Deputado Francisco Rocha, baiano de renome, pedindo-lhe “*informes seguros acerca do caso do Duro*” e oferecendo-lhe “*seus valiosos préstimos*”.⁵¹

Qualquer reforço de jagunços da Bahia para o *Duro*, assim que o Exército atacasse, não seria mera coincidência. Aliás, foi da Bahia que partiram os cabras mais adestrados do

⁵⁰ Adaptação de *Os Sertões*.

⁵¹ Entre outras, Osvaldo Póvoa em *Quinta-Feira Sangrenta*, 2ª ed., pág. 30.

temido Major Abílio Araújo. Ainda mais, esperava-se que a tropa, quando mesmo o maior sigilo rodeasse as deliberações, seria, no avançar, precedida e ladeada pelos espias espetos do adversário.

E arrematavam, recordando fatos:

– Assim que Abílio Batata e Roberto Dorado botaram fora do *Duro* a Polícia, conferenciaram com Abílio Wolney acerca da possibilidade de tomarem o rumo de Goiás Velho. Seria uma horda invasora marchando convergente, saqueando, reorganizando-se em caminho, de onde, acrescida de novos contingentes aliciados, que por certo não faltariam, avançariam sobre a capital de Goiás. Ali derrubariam a oligarquia. Colocariam Abílio Wolney lá em cima no Governo.

Por outro lado, Abílio e o pai Cel. Joaquim Ayres Cavalcante Wolney eram sócios e os homens mais ricos daquele rincão goiano. Proprietários de mais de duas dezenas de fazendas e algo em torno de 16.000, segundo uns, ou 25.000 cabeças de gado, segundo outros, com o assassinato do seu pai, Abílio tinha patrimônio de sobra para eventuais confrontos, cheio de ódio contra a política do seu Estado, a qual afirmava ser um *“lodaçal de interesses pessoais, onde chafurdavam vermes e vibriões humanos de todas as máscaras”*.⁵²

“O Coronel Joaquim Wolney deixou salas de armas e um velho canhão de bronze para sua defesa na Fazenda Buracão, que era sua muralha, sua torre de domínio e de comando. A fazenda, situada a 02 léguas da Vila, é um vale cercado por morros, em grande percurso de cumeadas, circundando as casas lá embaixo como uma cordilheira de vertentes envolventes, eriçadas de penedos a esmo tendo os cerros emendados em círculo, à maneira de grande coliseu.

⁵² Frase de Voltaire Wolney Aires, no livro *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores*.

*“Nos tempos do Império, o velho era liberal, de partido. Seguiu sempre a direção política do coronel Joaquim Fernandes de Carvalho. Na República, fez parte da dissidência de 1895 e lutou contra o domínio situacionista em Goiás até 1909.”*⁵³

Antes de chegar, Mariante ouvira também que o Duro não era um apenas Vilarejo tomado de cabras contra a polícia dos Caiados⁵⁴, pois os jagunços aliciados formavam verdadeiro “exército instruído, disciplinado”, admiravelmente armado de carabinas ‘mauser’, além de rifles, fuzis, ‘winchesters’, espingardas, tendo ademais modesta artilharia e granadas.

⁵³ Texto em itálico do nosso livro *O Diário de Abílio Wolney*.

⁵⁴ “Assim era conhecida a polícia goiana no início do século passado, naturalmente em razão daquela que para a história passou como a oligarquia Caiado. O líder principal era o Cel. Antônio Ramos Caiado (Totó), precedido do político Ovídio Abrantes, que era casado com Diva Caiado, irmã de Totó, que adiante fica viúva e casa-se com o Cel. Eugênio Jardim, que foi Senador e exerceu outros cargos de destaque. Mais ou menos por essa época, foi colocado em cena o Deputado Federal Olegário Herculano da Silva Pinto, militar reformado, do qual pouca gente em Goiás havia ouvido falar. Em 1913, Olegário recebeu a presidência de Goiás, ficando tudo, como sempre, em família, pois o novo Presidente do Estado era irmão da terceira mulher de Antônio José Caiado, avô de Totó, o qual ajudou a eleger outro cunhado, o Des. João Alves de Castro (casado com Theresinha de Ramos Caiado) como novo Presidente de Goiás, governando de 1917 a 1921. O Des. João Alves de Castro era amigo de Abílio, mas, primeiramente, acima de tudo e abaixo de Deus, era casado com a irmã de Totó. Em 1918, Leopoldo de Bulhões perde a senatoria para Hermenegildo Lopes e, com a morte do coronel Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim, em março de 1920, a oposição e o Partido Republicano em Goiás são sepultados com ele. Sai um cunhado de Totó e entra outro cunhado na presidência do Estado. Eugênio Jardim (como dito era casado com Diva Caiado, irmã de Totó e viúva de Ovídio Abrantes, filho de Braz Abrantes) substituirá João Alves de Castro, cujos irmãos Joviano, Agenor e Abílio também são casados com irmãs de Totó e vão estar presentes na representação federal”. Alguns outros Caiados aparecem no cenário político de cúpula no Estado até a Revolução de 1930, quando Pedro Ludovico assume o Poder. Depois alguns descendentes reaparecem politicamente.

E que lá morreram homens de raro valor, sacrificados no *Tronco*. Abílio Wolney era um bravo adestrado em Revoluções, pronto para matar ou morrer – visto como mataram seu pai, seu irmão, seu sobrinho, seu cunhado e seus amigos. Visto como o perseguiam para prendê-lo ou matá-lo. Dado como as suas fazendas e o gado ficariam abandonados aos ladrões, que para ali acorreriam, vindos de outras regiões em busca da riqueza fácil, caso ele não se mantivesse firme em sua Terra.

– “Meu pai era o meu maior amigo e não pude socorrê-lo na hora extrema. Vamos atacar!” – Disseram-lhe o que dizia Abílio quando atacou a Polícia goiana em janeiro de 1919.

Agravando as conjecturas, alguns fatos poderiam se revelar verdadeiros: Desbordando de *São José do Duro*, a insurreição indicava espalhar-se em distensão enorme, em que podiam inscrever-se milhares de baionetas do Exército. Alastrar-se-ia.

Briga para mais de uma *Campanha* o vencer de todas essas etapas se as coisas não se resolvessem na diplomacia ou caso Abílio Wolney não se entregasse, se rendesse mais cedo ou mais tarde. Os comboios que partissem de Barreiras, ainda que reforçados por Brigadas, poderiam ser surpreendidos entre as serranias em território goiano – repisava-se a preocupação – porque lá seria também o lugar possível para a dispersão dos cargueiros, espantados pelos tiroteios vivos e atropelando Pelotões inteiros no recuar precipite.

Outro ponderava que os jagunços eram mesmo assim: “seguiram para a batalha como para algum folgado turbulento. A guerra era o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmudando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijando-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extenuadores da marcha e do combate, o que nunca tiveram nas capitais festivas: a altivez do porte, a segurança do

passo, a precisão do tiro, a celeridade das cargas. Não sucumbiam à provação. Eram inimitáveis no caminhar dias a fio pelos mais malgradados caminhos.

*No combate era desordenado, revoltado, era um garoto heróico e terrível, arrojando contra o adversário, de par com a bala ou a pranchada, um dito zombeteiro e irônico”.*⁵⁵ Daí a dificuldade do Exército em abatê-los, porquanto as formaturas corretas restavam manietadas nos seus mecanismos de manobra complexa.

Cronistas do passado confirmavam acontecimentos que tais. Em Salvador e em Aracaju, por aqueles dias de arregimentação até que se reunissem em Barreiras, o povo, mercê da forma imaginosa dos casos, verídicos na essência, mas deformados de exageros, urdia estranhos episódios, que narravam.

Pelo estrépito da imprensa do *Rio*, cujos jornais se espalharam por todo o País – inclusive um desses periódicos chegou às mãos do pai do Juiz Celso Calmon em Vitória, no Espírito Santo, conforme ele próprio narraria da Bahia⁵⁶ – os preparativos bélicos se aprestavam com a Intervenção Federal decretada.

Diante da movimentação do Batalhão de Salvador e das notícias muito antes publicadas em Barreiras e em jornal referido de S. Luiz do Maranhão, a imaginação popular, daí por diante, delirava na ebbiez dos casos estupendos, com delineamentos épicos, apontoados de fantasias:

⁵⁵ Texto emprestado de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha..

⁵⁶ Do livro *Expedição História nos Sertões de Goiás*, de Guilherme Ferreira Coelho em edição anotada e com atualização ortográfica do Prof. Jacy Siqueira.

A polícia de Goiás matou os reféns na guerra da covardia, mas escafedeu-se ante o ataque dos cabras. O jagunço nordestino era um heróico caçador de soldados, de exércitos; um ente à parte, meio homem e meio trasgo; violando as leis biológicas, no estadear resistências inconceptíveis; arrojando-se, nunca visto, intangível, sobre o adversário; deslizando, invisível, pela caatinga, como as cobras; resvalando ou tombando pelos despenhadeiros fundos, como espectro; mais leve que a espingarda que arrastava; e magro, seco, fantástico, diluindo-se em duende, pele bronzeada, às vezes pesando menos que uma criança...

Torturava a direção da *Campanha* o imaginar a obrigação de combater adstrito ao ritmo das cornetas, obediente aos amplos movimentos da estratégia, quando o jagunço ousaria lhe chegar à ponta do sabre, combatendo a seu modo, estrepitosamente, fanfarrão, folgando entre as cutiladas e as balas, arriscando-se doudamente, barateando a bravura, e por isso mesmo matando muito mais que morrendo, de olhos fixos nos chefes que o dirigiriam e de cuja energia pareciam viver exclusivamente.

Mariante sabia de tudo isso. Entretanto, quanto às informações particulares, já supunha algumas prenhes de fábulas torpes. Contravindo, por certo indagava de si para consigo:

– Então o Major Abílio Rodrigues de Araújo e seus homens haviam vencido em Pedro Afonso com apoio político, batendo na própria polícia? E no *Duro*? Como se deu exatamente e por que essas insurreições no Estado, qual a diferença entre elas, quais as causas de cada uma?

Trouxera essas informações contraditórias e alarmantes, que davam ainda mais realce e gravidade às coisas.

À parte os exageros que houvessem, delas se

colhia a grandeza do número de rebeldes e os sérios empecilhos inerentes à região selvagem em que se acoutavam – um lugarejo isolado do resto do mundo e cercado de um capoeiral fechado, nascido na derrubada de matas virgens. Assim continuavam boatejando o povo e muito mais os desafetos, aproveitando a realidade de alguns fatos para os aumentarem com outros fictícios.

Na *Campanha de Canudos* em 1897, no sertão baiano, o Cel. Carlos Teles, em carta dirigida à imprensa da época, havia afirmado de maneira clara o número reduzido de jagunços contra a 4ª Expedição do Exército naquela região – *duzentos homens válidos, talvez sem recursos nenhuns – abastecidos e aparelhados apenas do que haviam tomado às anteriores expedições.*⁵⁷ E mesmo com tão grande diferença nos contingentes dos antagonistas, abalava num crescendo o temor de uma quarta derrota pelas condições que exaustivamente viemos metafraseando.

Embora informado de que na *Vila* almejada havia uns 500 jagunços, o Comandante-em-Chefe Álvaro Mariante saberia depois que talvez não chegasse à metade o efetivo número dos homens aliciados para a *Revolução do Duro* em 1919, o que não deixaria de suscitar os mesmos cuidados para o recontro, todavia ensejando menor preocupação e facilidade no enfrentá-los naquele nordeste goiano.

⁵⁷ Em 1897, depois das três derrotas do Exército contra os jagunços em *Canudos*, para a 4ª *Expedição* deslocaram-se Batalhões de todos os Estados brasileiros: 12º, 25º, 30º, 31º, 32º, do Rio Grande do Sul; o 27º, da Paraíba; o 34º, do Rio Grande do Norte; o 33º e o 35º, do Piauí; o 5º, do Maranhão; o 4º, do Pará; o 26º, de Sergipe; o 14º e o 5º, de Pernambuco; o 2º, do Ceará; o 5º e parte do 9º de Cavalaria; Regimento de Artilharia da Capital Federal; o 7º, o 9º e o 16º, da Bahia – quase 8.000 homens. Depois cresceria para exatamente 30 Batalhões, excluídos os corpos de outras armas – e só assim venceram ao final. (Veja em *Os Sertões*)

Por outro lado, havia se considerar que o Brasil da nova República herdava do decaído Império o legado de valorosos e também controvertidos coronéis, nomeados para cuidarem de regiões distantes num País de dimensão continental, onde as instituições não chegavam para socorrer os injustiçados. Fazia-se, então, a justiça local com os caudilhos, justiceiros dos sertões esquecidos.

Abílio Wolney e seu pai foram Coronéis nomeados para a Guarda Nacional, assim como Abílio de Araújo foi nomeado Major – mais tarde também teria a patente de Coronel – e muitos outros, nos diversos pontos do Brasil.

Daí por que se faz necessário breve compassar para uma explicação.

Historicamente, a criação da Guarda Nacional em 18 de agosto de 1831 veio para fazer frente à crise decorrente da Abdicação de D. Pedro I, caracterizada por cerca de 13 anos de lutas fratricidas nas Províncias. Revelava a mentalidade da elite política brasileira com relação à tradição da Nação armada e ao Exército regular. Quando de sua criação, a Guarda foi considerada como uma proteção ao *trono brasileiro*, em oposição ao Exército ainda identificado com D. Pedro I e uma fonte de perturbações e de insubordinações. A Guarda era vista como uma *incorporação da própria Nação*. Assim, a Guarda foi criada ao mesmo tempo para se contrapor ao Exército regular e para dar um novo segmento à tradição da Nação armada.

Havia também indícios da persistência de idéias do tempo colonial a respeito do antigo princípio de exploração das vantagens institucionais, em um contexto militar, para o estabelecimento de um Governo. Neste caso, *desde o começo entendeu-se que a missão da Guarda Nacional era a institucionalização de uma nova ordem legal*. Há quem associe esta destinação à debilidade do Exército profissional *que não era*

capaz, em face da redução de seus efetivos, de ter uma ação de presença no enorme território da jovem Pátria.

O problema que se apresentava era a dúvida clássica – não se sabia se a sociedade civil estava sendo militarizada ou se a organização militar estava sendo apaisanada. *As diretrizes burocráticas contemporâneas militarizaram o Estado, enquanto que o Estado patrimonial brasileiro militarizou a sociedade civil.* Dessa forma, a formação e o emprego da Guarda Nacional criaram nova perspectiva para o acesso da elite política do processo de fortalecimento do Estado, na época e por todo o tempo que duraria.

Na prática, a Guarda era supervisionada por agências administrativas do Governo central, mas continuava sendo uma corporação administrada patrimonialmente. Um tipo de paternalismo burocrático híbrido, mas essencialmente instável acabou se desenvolvendo com base no pragmatismo.

No início, como a inspiração para a organização da Guarda era buscada em modelos estrangeiros, seus claros de oficiais eram preenchidos através de eleição, mas esta prática se revelou prejudicial à determinação dos proprietários rurais de controlá-la. As condições interioranas, que se originavam da predominante mentalidade familiar-patriarcal, levavam o povo a *pensar em termos de privilégios pessoais ou de classe, enquanto a noção de obediência aos preceitos legais, em benefício do Estado, tinham pouca significação.* Em consequência, o preenchimento dos claros de oficiais passou a ser feito por indicação.

O relacionamento entre a Guarda Nacional e o Exército nacional regular era semelhante ao da antiga milícia com o Exército do período colonial, em muitos aspectos. Os aristocratas rurais que serviam na Guarda Nacional continuavam a gozar de foro militar, ou seja, uma espécie de proteção legal oficial. Eles também podiam usar uniformes para participar de

paradas ou tomar parte em cerimônias religiosas ou seculares. Organizavam-se programas especiais para aumentar o prestígio da Guarda, sendo-lhe sempre dada precedência sobre o Exército em cerimônias públicas. Ela também tinha prioridade no recebimento de recursos competindo com o Exército.

Enfim, a Guarda Nacional se tornou braço político armado do Governo Federal, que passara a vender suas patentes a pessoas ricas que pudessem pagá-las. Mas nem todas eram vendidas. Muitas foram conferidas como título nobiliárquico por serviços sociais prestados por homens de destaque regional, *“de predicados exigidos pela Instituição que recebiam as patentes de Oficiais, assinadas pelo Presidente da República, que lhes conferiam direito e honrarias intrínsecas ao posto, estabelecendo que, após efetuarem a solene promessa de bem servirem os superiores hierárquicos, fossem obedecidos pelos subalternos a que deveriam cumprir suas ordens”*.⁵⁸

Nomeados, os oficiais paisanos na prática passavam a fazer parte desse verdadeiro Exército paralelo, mas institucional, visto que angariavam força privada, à míngua de força pública a eles disponibilizada. E aos poucos o poder econômico conquistou o poder militar e por via de consequência o poder político. Foi daí que nasceu e propagou-se em todo o território nacional o chamado *Coronelismo* do sertão. E na Capital de Goiás, muito mais...

Em outubro de 1889, às portas, portanto, da Proclamação da República, a situação do governo imperial, já em si tão séria, tornou-se ainda mais grave quando pretendeu intimidar o Exército com a arregimentação da Guarda Nacional.

⁵⁸ Esta pequena transcrição em itálico vem do livro *O Vale de Um Rio Preto de Águas Cristalinas*, pág. 564, de José Vicente de Oliveira Neto (Cazuza). Idêntica observação já fazia Osvaldo Póvoa em *Quinta-Feira Sangrenta*, 4ª edição.

Os Republicanos planejavam extingui-la com a Proclamação que se deu, mas o Marechal Deodoro da Fonseca não o fez. Ao contrário, a manteve, a ratificou na República com o édito do Decreto 441, de 14 de dezembro de 1896. Inclusive na *Campanha de Canudos*⁵⁹ a Guarda Nacional teve importante atuação no governo do presidente Prudente de Moraes.

Mais adiante, no rechaço à *Coluna Prestes*, vamos ver também a atuação da Guarda Nacional, inclusive tendo Abílio Wolney – já então em posição contrária à de agora, ou seja, ele próprio Abílio comandando uma frente do Exército Nacional – como anoto no livro *O Barulho e os Mártires*, *ipsis verbis*:

“Em 1926 o Presidente da República, Arthur Bernardes, determina contato com Abílio Wolney e lhe concede as patentes de Tenente-Coronel e Coronel-Patriota. *Ele mesmo formaria um Batalhão de 450 homens, devidamente fardados, municiados e instruídos, para dar combate à Coluna. Nessa época, andava fardado de Tenente-Coronel. A única diferença da sua farda para a dos militares regulares eram as divisas pretas. A dos militares de carreira, eram brancas.* Com a missão de combater a Coluna Prestes e comandando um dos principais Batalhões do Exército Brasileiro, segundo Jorge Amado no livro *O Cavaleiro da Esperança*, vamos encontrar Abílio Wolney no dia 24 de fevereiro de 1926 na cidade de Boa Vista, em Pernambuco, ao lado de outros, na linha de frente do seu Batalhão”.

⁵⁹ Recordemos: ocorrida no interior da Bahia e narrada em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.



Combatentes da Coluna Prestes. Na primeira fila, o 1º homem à esquerda é Abílio Wolney.



Na frente, o primeiro à esquerda é Abílio Wolney e o terceiro é Coquelin Ayres Leal. Na fila de traz, o primeiro à esquerda é o Prof. João Correia de Mello (As duas fotografias são do acervo de Voltaire Wolney Aires e Doralina Wolney Valente).

Lembra-nos Osvaldo Póvoa que “pelo Decreto nº 4.527, de 30 de agosto de 1902, o presidente Manoel de Campos Sales criou a 2ª Brigada de Cavalaria da Comarca da Palma, atual Paranã, constituída dos 3º e 4º Regimentos, ambos sediados em *São José do Duro* (hoje Dianópolis-TO).

“Expedidas as patentes no ano seguinte, assinadas pelo presidente Rodrigues Alves e pelo Secretário da Justiça e Negócios Interiores, J.J. Seabra”, ficou a Brigada (da Guarda Nacional) assim constituída:

Cel. Comandante: Joaquim Ayres Cavalcante Wolney (pai de Abílio Wolney).⁶⁰

Estado-maior: Capitães Assistentes: Luís Pereira do Rego e Domingos Francisco Diniz.

Capitães-de-Ordens: Manoel Felipe de Almeida e Felisbino Alves Ribeiro de Sousa.

3º Regimento de Cavalaria

Major-fiscal: Cândido Nepomuceno de Sousa.

Tenente-secretário: Confúcio Ayres Cavalcante.

Tenente quartel - mestre: Martinho Alves dos Santos.

Capitão - cirurgião: Sebastião de Brito Guimarães.

Alferes veterinário: Nicésio Ayres Cavalcante.

1º Esquadrão

Capitão: Benedito Pinto de Cerqueira Póvoa.

Tenentes: José Pinto de Cerqueira Póvoa e Quintino Rodrigues de Santana.

Alferes: José Rodrigues Botelho e Carlos Cardoso Pereira.

2º Esquadrão

⁶⁰ O Cel. Wolney foi martirizado em 23.12.1918 pela Polícia dos Caiados.

Capitão: Joaquim Amaro de Sousa.
Tenentes: Leocádio Felipe de Almeida e Joaquim Cardoso Pereira.
Alferes: Vicente Lúcio Filgueira e José Joaquim de Castro.

3º Esquadrão

Capitão: Salvador Nepomuceno de Sousa.
Tenentes: Benjamim José de Moura e Serafim de Brito Guimarães.
Alferes: Vital Norberto da Silva e Belarmino Martins Doroteu.

4º Esquadrão

Capitão: Cândido Ribeiro da Silva.
Alferes: Joaquim Pereira dos Santos e Timóteo José de Oliveira

4º Regimento de Cavalaria

Estado-Maior: Tenente-coronel Comandante: Alexandre José Ayres.
Major-fiscal: João Batista Leal.
Capitão ajudante: João Rodrigues de Santana.
Tenente-secretário: Josino de Abreu Valente.
Tenente quartel-mestre: Pedro Felipe de Almeida.
Capitão-cirurgião: Lázaro Cardoso Pereira.
Alferes-veterinário: João Ayres Cerqueira.

1º Esquadrão

Capitão: Luís Ayres de França.
Tenentes: Benvindo Ferreira de França e Manoel Ferreira de França.
Alferes: Francisco Gomes Martins e Francisco Frederico de Santana.

2º Esquadrão

Capitão: Armindo Ayres Cavalcante.
Tenentes: Alípio Pereira do Rego e João Francisco Cardoso.
Alferes: Joaquim Ayres Cerqueira e João José de Albuquerque.

3º Esquadrão

Tenentes: Cândido Lino de Sousa e Jeremias de Abreu Valente.
Alferes: Drieiras de Almeida Salerna e Eusébio Ribeiro de

Meneses.

4º Esquadrão

Capitão: Anselmo Cecílio Ceciliano.⁶¹

Tenentes: João Martins Resende e Francisco Martins Resende.

Alferes: Antônio Curcino dos Santos e Ormino Alves dos Reis.”⁶²



Batalhão de Fuzileiros da Guarda Nacional no Rio de Janeiro (pintura).

⁶¹ Professor de primeiras letras a Abílio Wolney.

⁶² *Quinta-Feira Sangrenta*, 4ª ed., pág. 138/140.

Fato é que os Coronéis nomeados continuaram nos sertões distantes com os seus seguidores armados, já que os efetivos das Guardas Nacionais não foram destinados ao interior das províncias e depois aos Estados brasileiros para cumprirem o seu papel. Ou melhor, a polícia, como se deu em *São José do Duro* em 1919, o foi, mas para socorrer outros interesses, visto como na capital Goiás Velho os Coronéis Totó Caiado⁶³ e Eugênio Jardim, também integrantes da Guarda Nacional, tinham verdadeira “guarda pretoriana ou miliciana”, que se superpunha aos poderes constituídos, por eles manejados, servindo não ao Estado, mas à administração transitória, que, assim, poderia passar a ser permanente, como quase o foi no sonho ambicioso daquela gente que veio da aristocracia ancestral e que encarnava as elites em Goiás.

⁶³ Desde 1914, a Intendência (Prefeitura) da Capital Goiás Velho era ocupada por membros do clã Caiado, casos do coronel Abílio Alves de Castro e Agenor Alves de Castro, cunhados, e Lincoln Caiado de Castro e Arnulpho de Ramos Caiado, sobrinhos do poderoso Deputado e Cel. Antônio Ramos Caiado, latifundiário – quase donos das terras rurais em Goiás – o qual na época já tocava indústrias no Estado. Milionário por herança, Totó Caiado era formado em Direito e tinha jornal, com imprensa própria. De 1892 a 1895 foi Vice-Presidente da Província de Goiás. Foi Deputado Estadual em 1897 e Prefeito de 1899 a 1902. **Totó Caiado** seria ainda Deputado Federal de 1909 a 1911 e de 1912-1914. Novamente Deputado Federal entre 1915-1920; Senador nos mandatos de 1921 a 1930 e 1930 a 1930, quando foi derrubado do poder na Revolução de 30, subindo Pedro Ludovico ao governo de Goiás. Veja o livro *A Vida de Pedro Ludovico*, 2ª Edição, do eminente Escritor e Prof. **José Mendonça Teles** pela Editora Kelps, em remissão na Bibliografia.

IV

**PREPARATIVOS DA CAMPANHA – A GEOGRAFIA E OS
INCIDENTES PREVISTOS PARA O TRAJETO**

Em sua constituição, e em regra, as tropas de um Exército se subdividem em Regimentos ou Brigadas, Batalhões,

Companhias ou Subunidades além de Pelotões e Grupos.

Cada Regimento ou Brigada em princípio são compostos de 3 Batalhões de Infantaria.

Cada Batalhão é formado por 3 Companhias ou Subunidades, tendo o Batalhão, no comum, um contingente de aproximados 800 homens, somados os oficiais, praças, médicos, enfermeiros, cozinheiros e pessoal da manutenção.

As Companhias ou Subunidades são compostas de 3 Pelotões, cujos militares, somados ao pessoal do apoio, subiam para um efetivo entre 350 a 400 homens, cada uma, que por sua vez poderiam ser fracionadas nos referidos Pelotões.

Cada Pelotão seria composto de 3 grupos armados, com cerca de 35 homens cada um.

Tanto o Exército como as Unidades maiores são dirigidos por um Estado Maior, cuja formatura se dá com os homens de decisões administrativas, operacionais e logística de combate. Em regra, os chefes expedicionários são Generais ou Oficiais – estes últimos podem ser de qualquer graduação.

Entendem-se por Generais os Oficiais que detêm tal posto, com a denominação comum de general-de-exército, general-de-divisão e general-de-brigada.

Os Oficiais do Exército são qualquer militar abaixo dos Generais e dentro da seguinte hierarquia, em ordem decrescente:

1) Coronel; 2) Tenente-Coronel; 3) Major e Major Adjunto; 4) Capitães e 5) 1º e 2º Tenentes.

Abaixo dos Oficiais vêm os praças, assim paten-

teados:

1) Soldado; 2) Cabo; 3) 1º, 2º e 3º Sargentos e 4) Um Suboficial ou Sub-Tenente.

No caso do *Duro*, como vimos, foram expedidas *incontinenti* as ordens da Intervenção armada, que na verdade se revelariam muito importantes, pois assim as autoridades federais formariam um juízo dos fatos com isenção.

As armas de combate seriam distribuídas para os Regimentos ou Batalhões: Para a Infantaria – entendida esta como as tropas militares que fariam o serviço à pé, um homem atrás do outro, em coluna de marcha, com fuzis, carabinas e outras espingardas de repetição, além de metralhadoras. Para a Cavalaria – um Batalhão de Caçadores, que faria o serviço montado e ligeiro com as mesmas armas, além de espadas; para a Artilharia – à qual cabia a missão de desfechar com *obuses* – armas de longo alcance, como os canhões.

A equipe de Engenharia e Serviço de Topografia levaria o necessário para aplainar passagens, transpor cursos d'água e grotas, abrir estradas em trechos inacessíveis, tendo ao lado o responsável pela distribuição do material bélico no levar o ataque e, no caso de defesa, faria exatamente o contrário: entulharia o caminho, destruiria pontes etc., havendo ainda o Serviço de Comunicações com o *mensageiro*, o toque dos clarins e cornetas, convencionando sinais e fazendo o elo de ligação entre as armas.

Já agora, a imprensa do *Rio* continuava noticiando todos esses preparativos.

A *Expedição* que partiria para o combate a ser travado em *São José do Duro* se poria a caminho, pronta para mais uma guerrilha interna, formada com Batalhões destacado do Rio do Rio de Janeiro, de São Paulo – este com rumo para Goiás

Velho, de onde partiria para o Duro –, além de dois Batalhões de Salvador-BA e de Aracaju-SE, sem embargo de outras forças, comandados pelo Major ajunto Álvaro Guilherme Mariante, e pelo 1º Tenente Valentim Benício, que trariam pesado arsenal de combate.

O Major Álvaro Mariante veio do Rio com ordem imediata do Ministro da Guerra, dando-lhe permissão e plenos poderes para agir como bem lhe aprouvesse, assim que recebesse instruções do general Emygdio Ramalho na Bahia, de forma a alcançar o êxito planejado.

A *Campanha* regular teria, como visto, uma massa heterogênea de três a quatro cascos de Batalhões, que seriam acampados, como o foram, às margens do *Rio Grande* em Barreiras. Caso necessário, teriam adidas outras tropas e, como sói acontecer, praças requisitadas da polícia estadual e mais uma divisão especial de Artilharia, que ao que tudo indica aportaria fracionada em Companhias trazendo em comboios canhões *Krupp* 7 ½, peça como a do grande canhão *Whitwort* e metralhadoras *Nordenfelt*, além dos fuzis e espingardas amiúde utilizadas naqueles tempos revolucionários da República.

Função do homem e do solo, aquele tipo de guerra sempre foi impulsionado a golpes de mão de estrategista revolucionário e inovador, mormente em se considerando que *São José do Duro*, recorde-se, não havia se rendido à *Expedição Celso Calmon* – da oligarquia goiana – e exsurgia aos olhos da Federação como uma nova *Canudos*, onde os acontecimentos, recentes ainda (1897), estavam na memória de todos.

Naquela guerrilha do interior baiano, Antônio Conselheiro com seus homens armados impuseram pelo menos três fragorosas derrotas às forças do Exército Nacional, antes de serem capitulados. Ou melhor, capitulados não, porque *Canudos* não se rendeu, foi exterminado. Centenas de jagunços morreram,

não antes de matarem milhares de soldados.

*“Exemplo único em toda a História, Canudos havia resistido até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu certo dia, num entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.”*⁶⁴

E se o *Duro* não se rendeu, e pusera fora a Polícia, o fez em desafio a uma tirania política que usurpava o palácio de um Governo com prepostos de veniaga e sinecura nas “gamelas” municipais. E pedia ordem e justiça, desde quando o crime de desacato à autoridade praticado por Abílio Wolney contra o Juiz Municipal Manoel de Almeida, por causa de um reles arrolamento – modo sumário de um inventário – não poderia dar ensanchas à selvageria perpetrada naquele torrão. Ali houvera um efeito imensamente superior à causa...⁶⁵

Impende salientar que a “desordem” no *Duro*, na visão dos situacionistas de Goiás Velho, podia ser núcleo de uma conflagração de proporções em Goiás, pois Abílio Wolney representava a vanguarda de ignotas falanges prontas a irromperem, de remanente, em toda a parte, convergentes sobre a ordem política, social e econômica do seu Estado. Os distúrbios sertanejos no norte significavam os pródromos de vastíssima

⁶⁴ Texto em itálico de Euclides da Cunha em *Os Sertões*.

⁶⁵ Aliás, ainda em 1919, meses após a o morticínio do *Tronco*, o Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, por Desembargadores que não rezavam na cartilha do Governo, anulou todo o processo da Comissão do Juiz Celso Calmon, cujos componentes da *Expedição*, desde o Magistrado, com o seu Promotor de Justiça, até os soldados, foram denunciados pela Procuradoria do Estado, processados e punidos criminalmente pelo mesmo Tribunal, que antes do Acórdão final decretou-lhes a prisão preventiva. O Juiz Celso Calmon ficou preso preventivamente na Cadeia Pública de Goiás Velho, sendo depois libertado.

conspiração contra as instituições, contra as autoridades constituídas, o que ameaçava também o sistema pelo qual era regida a República.

Informações dos Serviços de Inteligência e Segurança Nacional, levadas por denúncias de ferrenhos adversários, diziam que Abílio tinha força política nos dois Estados limítrofes, e o desprate de manter força privada, bem armada, bem paga. Não seria à toa que almejava a criação do Estado do São Francisco, englobando o oeste baiano ao nordeste goiano.⁶⁶

Esculpia-se um subversivo, que na vida pública em Goiás fora, por mais de uma vez, deputado estadual, presidente da Assembléia, Deputado Federal eleito e depurado. Depois de ter sido líder do governo na Assembléia Legislativa, que presidia, foi cogitado, novamente, para futuro presidente do Estado. A imprensa da época deu nota desse seu anelo em Jornais de Goiás Velho⁶⁷ e do Rio de Janeiro, então Distrito Federal e Capital da República.

E foi inebriado num sonho dessa magnitude que veio-lhe o revés por volta de 1913, cuja queda seria também consequência das desavenças políticas desencadeadas desde a pretérita Revolução de 1909. Nela Abílio lutou de peito aberto, em parte com tática de guerrilha, para a vitória da frente revolucionária, de que foi testemunha o já referido Zoroastro Artiaga:

“Conheci o deputado Abílio Wolney em 1909, de lenço vermelho no pescoço, dirigindo uma coluna revolucionária, que veio do Norte acudir ao apelo da Revolução de Eugênio Jardim. Esse piquete ligou-se a dois outros, que entraram sob o

⁶⁶ Atualmente a Bahia, por seus representantes, vem retomando a idéia da criação do Estado do São Francisco, do modo como foi lançada por Abílio Wolney.

⁶⁷ Antiga Vila Boa, depois Cidade de Goiás.

comando de chefes de Corumbá. Vi-os a cavalo, formando uma força, armada com rifles, tomando o caminho da Quinta⁶⁸, que tinha sido escolhida para Q. G. da Revolução.”⁶⁹

Desde ali, passara a ser um estorvo para os cunhados Eugênio Jardim e Totó Caiado, que sedentos de poder, assumiram nova sigla partidária e discordaram publicamente da indicação do Deputado Wolney ao pleito de Presidente do Estado, ficando Abílio na oposição, ao lado de velhos e leais amigos.

O Des. João Alves de Castro, também cunhado de Totó Caiado, fora guindado ao poder Executivo Estadual por influência daquele todo poderoso político goiano.

Entronizada a oligarquia que mandaria em Goiás por quase duas décadas, o ousado dissidente e Deputado Abílio Wolney – que repontava como pré-candidato ao Executivo do Estado, ou Interventor, por qualquer ordem surpresa vinda da Presidência da República – passara a ser alvo da calúnia dos inimigos que o apontavam como um conquistar de glórias a todo custo. Um revolucionário, com idéia de um Estado novo também na sua região, onde tinha maior base eleitoral e que em seu Jornal “O Estado de Goiás” ousou, muito antes de todos, pugnar pela divisão do Estado de Goiás, criando o Estado do Tocantins⁷⁰, o que já havia defendido na tribuna da Assembléia Legislativa.

Desse modo, a intervenção federal exprimia realmente o significado superior dos próprios princípios federativos;

⁶⁸ Lugar assim denominado em Goiás Velho.

⁶⁹ Só não diziam que, acabada aquela revolução, foi Eugênio Jardim, cunhado e ao lado de Totó Caiado quem se fez forte, e reivindicou, para si, o poder, instalando-se no comando-geral como chefe supremo da política de Goiás, prestigiado pelo Marechal Hermes da Fonseca, conforme narra o mesmo Zoroastro Artiaga (Veja a respeito no nosso livro *O Diário de Abílio Wolney*, de onde fizemos esta transcrição).

⁷⁰ Bem mais tarde, em 1947, Abílio Wolney novamente publicou matéria jornalística nesse sentido (arquivo inédito do autor).

era a União intervindo numa questão que interessava não já a Goiás, mas ao País. A questão das armas legais, imprevistas para toda a gente, coincidia com uma fase crítica da nossa história, como já expunha Euclides da Cunha, árduo defensor da República, mas também seu crítico naquela primeira quadra, quando as oligarquias herdadas do Império ainda não haviam se adaptado à nova ordem.

Dissera ele:

“A pique ainda das lastimáveis conseqüências de sanguinolenta guerra civil, que rematara ininterrupta série de sedições e revoltas, emergentes desde os primeiros dias do novo regime, a sociedade brasileira, desde a recente proclamação da República, tinha alto grau de receptividade para a intrusão de todos os elementos revolucionários e dispersivos. (...)”

“O governo civil, iniciado em 1894, não tivera a base essencial de uma opinião pública organizada. (...) A significação superior dos princípios democráticos decaía – sofismada, invertida, anulada.

“Não havia obstar essa descensão. O governo do marechal Floriano Peixoto, nos primeiros dias da República, tivera, pelas circunstâncias especialíssimas que o rodearam, função combatente e demolidora. Assim é que nascendo do revide triunfante contra um golpe de estado violador das garantias constitucionais, criara o processo da suspensão de garantias; abraçando tenazmente à Constituição, afogava-a; fazendo da ‘legalidade’ a maior síntese de seus desígnios, aquela palavra, distendida à consagração de todos os crimes, transmudara-se na fórmula antinômica de uma terra sem leis. De sorte que o inflexível ‘marechal de ferro’ tivera, talvez involuntariamente, porque a sua figura original é ainda um intrincado enigma, desfeita a missão a que se devotara. Apelando, nas aperturas das crises que o assoberbaram, incondicionalmente, para todos os recursos, para

todos os meios e para todos os adeptos, surgissem de onde surgissem, agia inteiramente fora da amplitude da opinião nacional entre as paixões e interesses de um só partido que, salvante bem raras exceções, congregava todos os medíocres ambiciosos que, por instinto natural de defesa, evitam as imposições severas de um meio social mais culto. E ao debelar, nos últimos dias de seu governo, a Revolta de Setembro, que enfeixara todas as rebeldias contrariadas e todos os tumultos dos anos anteriores, formara, latentes, prestes a explodir, os germens de mais perigosos levantes.”⁷¹

A oligarquia Caiado em Goiás era bem a herança atávica daquela transição já passada em mais de duas décadas. Destruíra e criara revoltosos. No *Duro*, abatera o que chamou “desordem” com a *desordem*, tudo para manutenção do espaço da liberdade entre os limites da tirania e da anarquia que marcou o seu regime.

No caso de *São José do Duro* revelava-se outro cenário para mais um terrível drama da nossa história dentre as reminiscências da bem vinda República, com as dificuldades do seu começo, em cujos anais guardavam-se fatos de todo jaez.

O fetichismo político da época, como por algumas décadas prosseguiria, exigia ídolos de farda para Expedições, as mais das vezes vingadoras. Recordava-se do coronel de infantaria, Antônio Moreira César, na *Campanha de Canudos*, o qual parecia ter consigo a tenacidade rara do grande debelador de revoltas, pois era dedicado, paciente, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. Uma alma proteiforme. No fundo um desequilibrado. Em suas atitudes a extrema dedicação esvaía-se no extremo ódio; a calma soberana em desabrimentos repentinos e a bravura cavaleiresca na barbaridade revoltante⁷².

⁷¹ *Os Sertões, Campanha de Canudos*,

⁷² Euclides da Cunha em *Os Sertões – Campanha de Canudos*.

Escolheram-no para novo comandante em 1897, depois de duas derrotas do Exército contra os fiéis de Antônio Conselheiro. Entretanto, morreu logo no primeiro avanço contra o adversário naquele arraial baiano.

Para a *Campanha do Duro* – em princípio de menor complexidade e variante nas causas, com suposições e sintomas de avolumar-se – as forças poderosas do bem, todavia, conspiraram para a escolha de um Comandante Expedicionário cauteloso, de alta sensibilidade, tirocínio e senso de humanidade – O Major Álvaro Guilherme Mariante – que teria o mister de encontrar a justiça, quando esta foi posta em antinomia com as “leis”, só aplicadas circunstancialmente na vetusta Província de Goiás.

Analisemos os incidentes previstos para jornada da Expedição do Exército ao norte goiano, tomando emprestado da obra *Os Sertões*, narrativas que se encaixam como luva para o caso, tendo-nos permitido dispensar as aspas doravante em razão da remissão livre, permeada e adaptada com a linguagem do autor. Inclusive muitos dos tópicos a seguir são paráfrases.⁷³

Comecemos pelo cenário da região para depois adentrar os fatos.

A Vila de *São José do Duro*⁷⁴ fica há algumas léguas do sopé da cordilheira da *Serra Geral*, assoberbada pela majestade da serrania que se verticaliza a ocidente, na confluência do nordeste⁷⁵ goiano com Barreiras, cidade do oeste baiano.

Por todos os lados de quem vem de Barreiras para o *Duro*, a sublevação de rochas primitivas se alteiam no

⁷³ As narrativas a seguir são permeadas de trechos extraídos da obra citada, literalmente e em remissão livre, ou sob a forma de paráfrase.

⁷⁴ Atual Dianópolis-TO.

⁷⁵ Hoje sudeste do Tocantins.

caminho erguendo-se como anteparo aos ventos regulares, que até lá progridem, e torna-se condensador admirável dos escassos vapores que ainda os impregnam, graças ao resfriamento decorrente de uma ascensão repentina pelos flancos das montanhas. Daí depõem-se em chuvas regulares, originando regime climatológico agradável, que bafejava até a *Vila*.

E quem passava por aquele caminho, trilhando um solo abrolhando as veredas, arbustos e pedras, adiante cruzava as chapadas amplas dos gerais e já na divisa, ao descer o alcantil da *Serra Geral*, estacava-se volvendo em cheio a vista deslumbrada para novo levante topográfico que surgia acreditando que o soprar dos ares referventes na seca, e a fascinação da luz, lhe erguia defronte, entre o firmamento claro e a perspectiva dos tesos encadeados, uma miragem estonteadora e grande.

A *Serra Geral*, feita da massa de quartzito, tão própria às arquiteturas monumentais da Terra, avulta-se naqueles confins com a Bahia, sob a cortina no mormaço tênue de um azul opala, lançando-se retilínea aos olhos do observador, a linha de cumeadas, cujo relevo naquele ponto decliva para *Taguatinga* ou para o *Duro*, no composto das massas de outras serras amontoadas, dispostas de modo caprichoso e avolumando-se em patamares sucessivos, lembrando desmedidas bermas de algum baluarte derruído, de titãs.





Bloco destacado da *Serra Geral*, no ponto conhecido como *Serra do Duro*, como está nominada na cartografia medieval. (Vista em sentido oposto ao que viemos descrevendo, ou seja, a nordeste do *Duro* (Dianópolis) para a divisa com a Bahia.



Serra Geral – saída de Dianópolis para Barreiras.

Cerros de arenito e pedra naturalmente sobrepostos formando fortalezas e redutos inexpugnáveis, com tal perfeição que parecem obras de arte.

*Num dos pontos daquele trecho surgem necrópoles vastas. Os morros cuja estrutura se desvenda em pontiagudas apófises, em rimas de blocos, em alinhamentos de penedias, caprichosamente repartidos, semelham, de fato, grande cidade morta, despontando por todos aqueles lugares e imprimindo um traço singularmente misterioso naquelas paisagens...*⁷⁶

E à distância, indistintos os ressaltos das pedras e desfeitos os vincos das quebradas, o conjunto das serras incute,

⁷⁶ Texto emprestado de Euclides da Cunha em Os Sertões, Campanha de Canudos.

*de fato no observador, a impressão de topar, de súbito, fraldando-a, subindo por elas e estendidas pelas vertentes, as babacas de velhíssimos castelos, onde houvessem embatido, outrora, assaltos sobre assaltos que os desmantelaram e aluíra, reduzindo-os a montões de silhares em dosordem, mal aglomerados em enormes hemicírculos, sucedendo-se em renques de plintos, e torres, e pilastras truncadas, avultando mais ao longe no aspecto pinturesco de grandes colunatas derruídas em geométricas linhas de cortinas ou parapeitos bojando em redentes circuitados de fossos. Surgem disformes por aquele caminho, rachando sob o periódico embate de tormentas súbitas e insolações intensas, disjungida e estalada – num desmoronamento secular e lento.*⁷⁷

Aos lados desses cruzamentos, em grande percurso, fronteiam os taludes de morros centrais com declives de montanhas laterais, envoltos e maiores, eriçadas de penhascos acumulados a esmo ou agrupando-se em socacos, repartindo-se em sucessivos patamares à maneira de galerias de um circo monstruoso.

Na hora matinal esses picos deslumbram. Batendo nas arestas de blocos branqueados e em pedaços os raios do Sol refrangem em vibrações alastrando-se pelas assomadas, e dando a ilusão de movimentos febris, de quem ali não está, apenas por convenção – o jagunço – este mesmo que por ali atravessou às centenas rumo à *Revolução de 1919 em São José do Duro*, onde poderão estar amotinados para a ação e a reação. Para receberem o pagamento – mais de mil bois – pelos serviços na refrega que ali se deu.

Segue breve amostra, apenas comparativa, dos gerais da Bahia e do relevo que decliva da *Serra Geral*, portanto em perspectiva contrária – do oeste baiano para o antigo nordeste goiano:

⁷⁷ *Idem.*



Gerais da Bahia, bem antes da descida da Serra Geral.

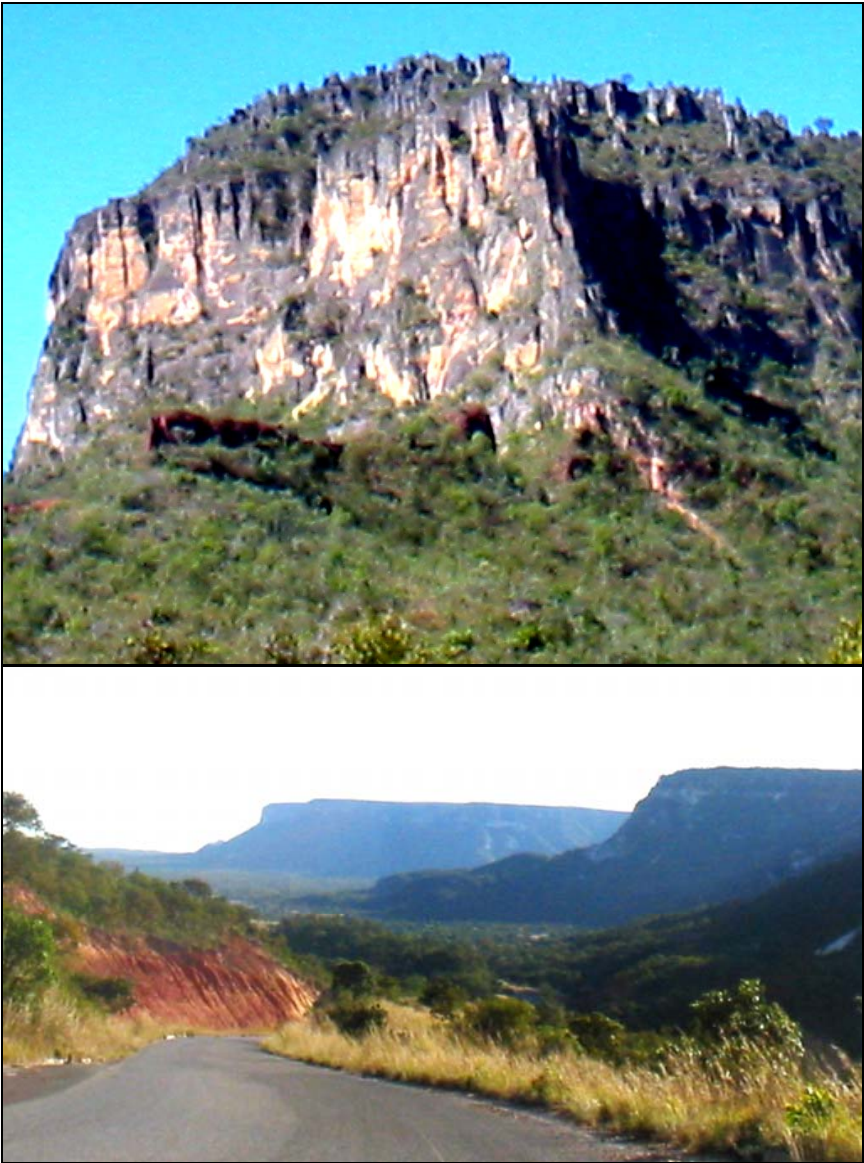


Fim dos gerais da Bahia, onde o planalto vai desabar pelo viés da encosta da extensa Serra Geral. Hoje a tecnologia permite que o areal fertilizado com adubos germine soja e outras plantações onde era deserto em 1919.

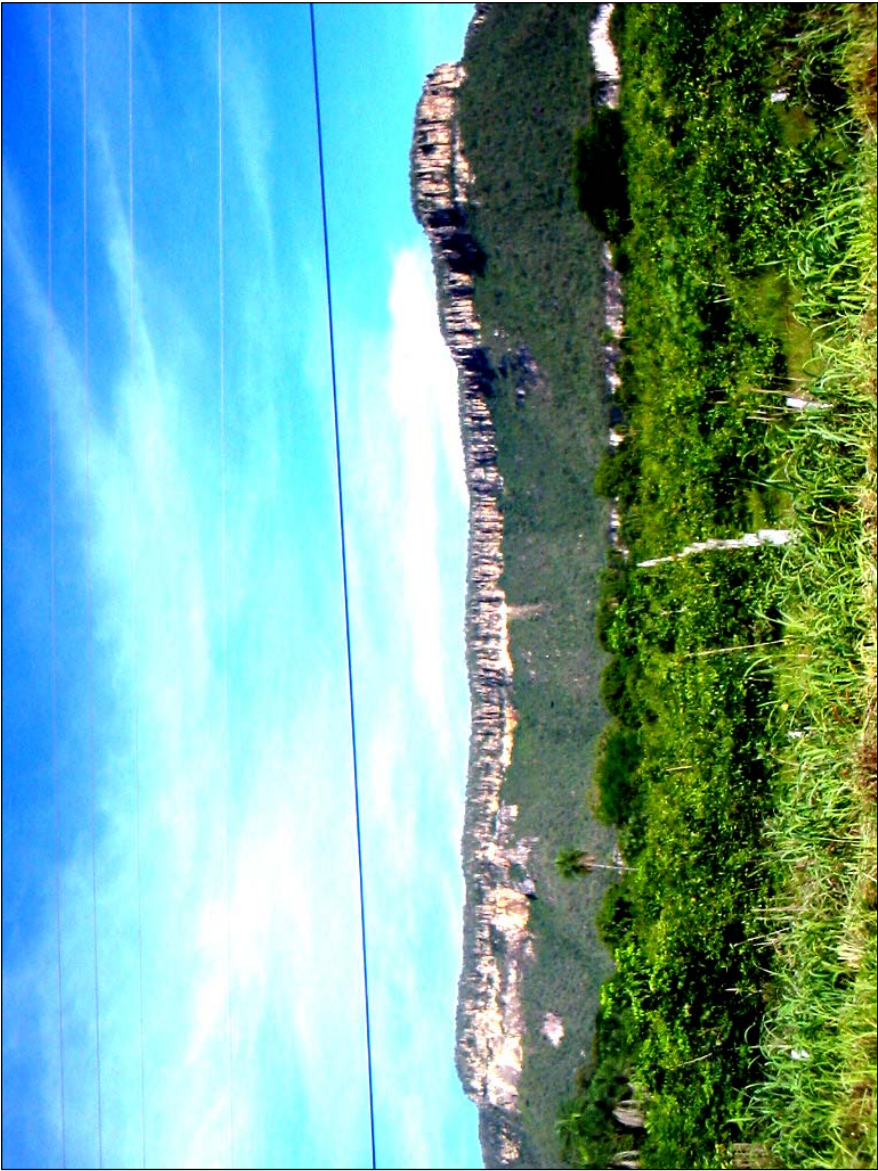


Primeiros outeiros após a descida da *Serra Geral*, agora em sentido oposto: oeste baiano – Dianópolis.





Descida do Gerais da Bahia para Taguatinga-TO.

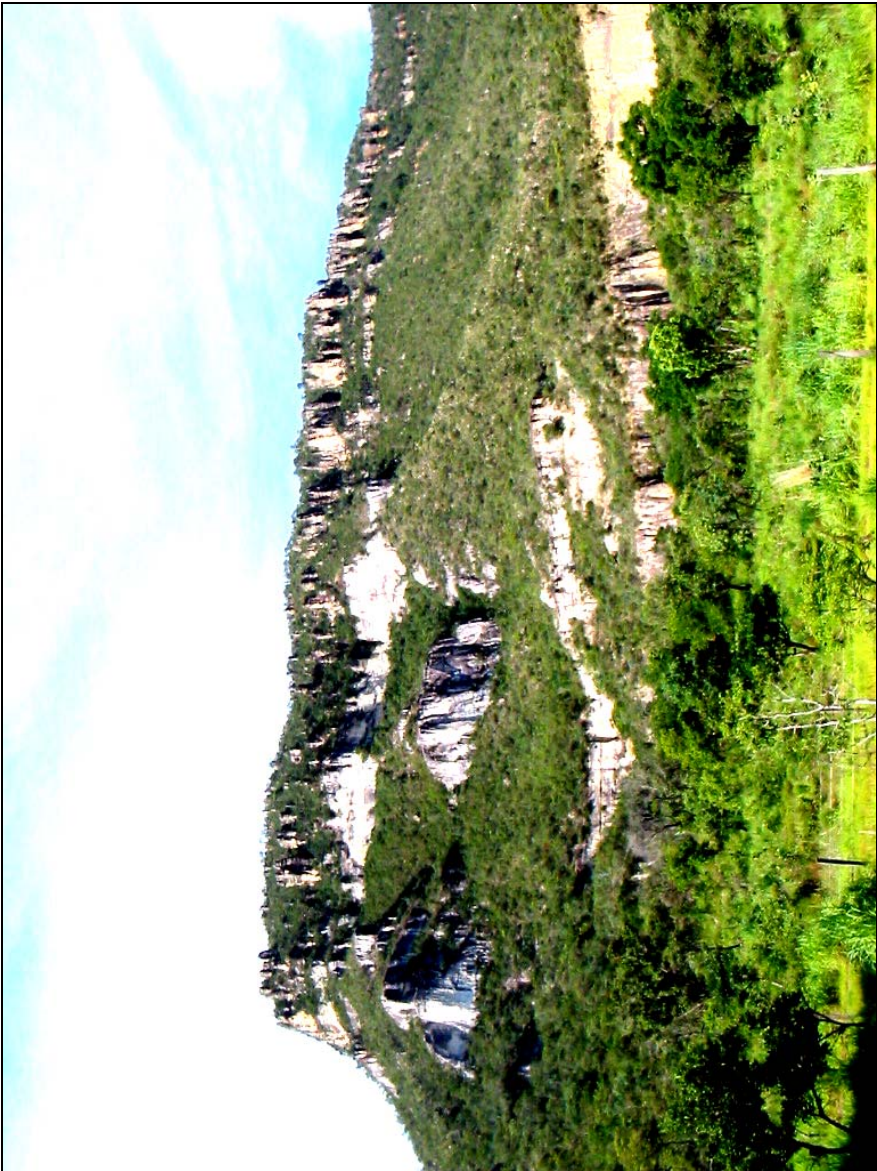


Flanco da Serra de Taguatinga, na saída da cidade rumo a Dianópolis.

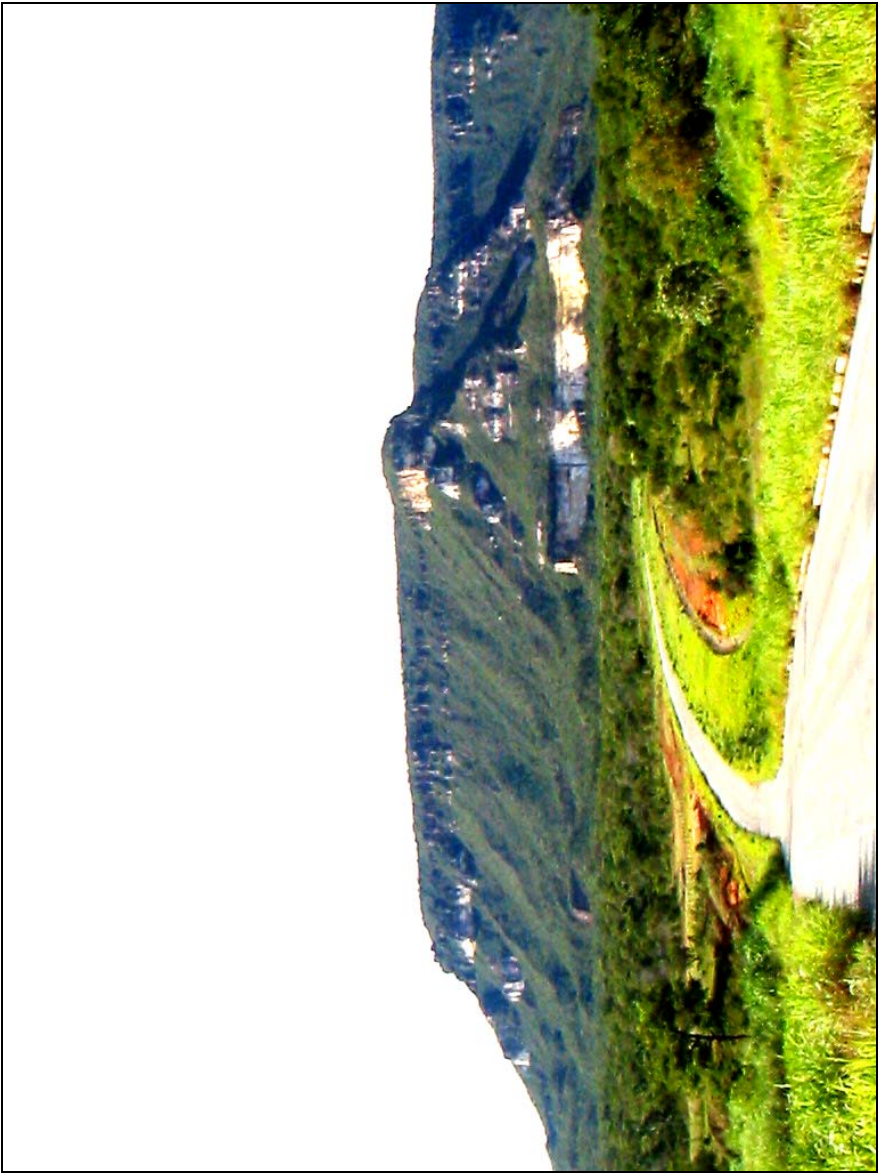


Anfiteatro da Serra Geral. Monte que faz lembrar coliseu em ruínas





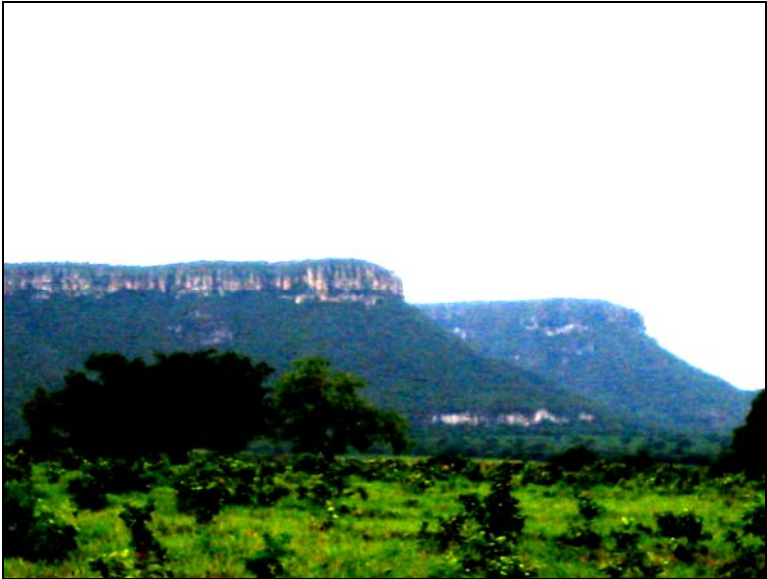
Território goiano visto por quem desce a Serra Geral, vindo da Bahia para o *Duro*, passando pelo caminho de Taguatinga, cuja fotografia foi inserida como modelo dos socalcos e serranias dispersas a caminho.



Bloco da Serra Geral na saída da cidade de Taguatinga para o antigo Duro.



Píncaro na cordilheira da Serra –Geral.



Ponta da Serra de Taguatinga, vista de dentro da cidade – saída para Dianópolis.

Os Batalhões marchariam do ponto de concentração em Barreiras em pouco tempo – talvez em uns 20 dias – para o rumo destinado, onde aconteariam as praças, oficiais combatentes e médicos. Assim que o comandante desse a ordem, romperiam e engalanariam o *Vilarejo* pobre, adiante, transfigurando-o com o ornamento dos vivos fortes das fardas e a irradiação das armas da Pátria.

Menos que uma *Vila* obscura depois do *Barulho*, a *Campanha do Exército* ia agravar o aspecto de *São José do Duro*. Transformá-lo-ia em grandíssimo quartel acaçapado, envolto de casernas, mais cedo ou mais tarde, ao cabo dos acontecimentos previsíveis, imaginados.

O trem de guerra seria arrastado por juntas de bois, dadas as condições da estrada. Inexperitos carreiros levariam peças, armas portentosas da civilização, capazes de esboroar montanhas e abalar com um só tiro, mais forte que o de mil espingardas, todas as casas do arraial.

Avançariam fracionados, galgando penhascos a pulso, até o dia em que chegassem ao largo do *Vilarejo* num muralho de corpos sobre os jagunços, arrebetando em descargas, espadanando brilhos de aço, e estrugindo em estampidos sobre que passariam, estrídulas, as notas dos clarins soando a carga dos trabucos, vendo os matutos, transidos de susto, fugirem espavoridos pelos caminhos após belo movimento heróico da artilharia...

Como as rodas dos carros de *Shiva*, as rodas dos canhões girando pelas chapadas amplas a caminho, rodando pelos morros altos, rodando pelos tabuleiros vastos, rodando finalmente sobre a praça do *Duro*, deixando sulcos sanguinolentos. Depois uma salva de tiros de granada atroando sobre o casario e

tudo estaria fulminado. Seria outro grande exemplo e lição do Exército Nacional agora mais experiente.⁷⁸

A azáfama desses preparativos e conjecturas preliminares a que nos propusemos imaginar em detalhes decorrem de uma suposição inevitável, que não nos parece exagerada, dada a omissão que o oficial do Exército Álvaro Mariante fez a respeito em seu *Relatório*, por entender que devia fazê-lo, como ele próprio confessa, *ad litteram*:

“O desdobramento da missão que nos foi confiada e a posterior supressão dos trabalhos do estado-maior que nos caberiam, desobrigam-nos a fazer aqui referência a estes últimos. Entretanto, coordenaremos com menos urgência os elementos colhidos para este trabalho e apresentaremos ao do Estado Maior do Exército dados estatísticos colhidos durante a viagem, informações sobre os recursos das regiões atravessadas e os meios de transporte, levantamento expedito executado em marcha pelas regiões pouco conhecidas do extremo oeste baiano e pelo nordeste de Goiás, etc..”⁷⁹

*“O presente relatório dirá apenas sobre os acontecimentos que levaram a perturbação da ordem no sertão goiano.”*⁸⁰

Sob a sugestão de um aparato bélico, de parada, a tropa preestabeleceu o triunfo, embora os mais atilados se lembrassem, no íntimo, que nos sucessos das *Campanhas* entra, como elemento paradoxal embora, a preocupação da derrota. Está nela o melhor estímulo dos que vencem. A história militar é toda feita de contrastes singulares. Além disto a guerra é uma coisa monstruosa e ilógica em tudo. Na sua maneira atual é uma

⁷⁸ Idem, Idem, com adaptação do autor.

⁷⁹ Grifei.

⁸⁰ Texto pinçado do Relatório transcrito na segunda parte do livro.

organização técnica superior. Mas inquinam-na todos os estigmas do banditismo original...⁸¹

A certeza do perigo estimula-a. A certeza da vitória deprime-a.

No território baiano, a *Campanha para o Duro* desdobrava-se em tropas e exercícios diários de formatura de Colunas e manobras nas Unidades Combatentes, simulando assaltos repentinos, planejando no trajeto e dispondo-se, de antemão, para recontros em que lhe fossem dado entrar repartido em atiradores, reforço e apoio. Previam ataques ferozes, esperas ardilosas, súbitas refregas entre os dois extremos dos fogos violentos, que o iniciam, ao epílogo delirante das cargas de baioneta, num vai e vem doudejante de arrancadas e recuos, dispersos, com os jagunços escapantes no seio da natureza protetora, já que tumultuoso poderia se revelar o percurso até onde a força acantonaria afinal – quando chegasse às proximidades da *Vila* – para o ensarilhar das armas no acampamento a ser levantado nas imediações do povoado.⁸²

Deveras, uma preocupação não se descartava: provavelmente, por todo o percurso alcançado pelo olhar naquele itinerário, a expedição estaria, de ponta a ponta, flanqueada pelos jagunços, o que poderia redundar numa debandada da força, com centenas de soldados desertando em fuga, abandonando as armas de presente para o inimigo; arriando as padiolas, em que se estorceriam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafoçada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que a recortam, tontos, apavorados, sem chefes – como se havia dado

⁸¹ Transcrição de *Os Sertões, Campanha de Canudos*, modificado com adaptações do autor.

⁸² Idem, idem.

na Campanha de Canudos. De novo um oficial próximo indagava afirmativamente, lembrando um mesmo personagem:

– Lembra-se do Cel. Moreira Cezar? Assim que os jagunços flanquearam a tropa, entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico, o cadáver daquele comandante. Vencidos pelos jagunços os soldados se puseram em vergonhosa fuga. E na debandada cresceu o número de mortos dentre os praças e oficiais, vitimados pelos tiros desfechados do alto dos montes para o vale embaixo, ou à queima roupa, braço a braço, a golpes de foice e aguilhadas sobre os retardatários.

Emendava outro:

– (...) E aquela corrimaça sinistra, em que as granadas detonaram as trincheiras e os sertanejos em chusma, gritando, correndo, disparando os trabucos e as pistolas desceram para no corpo a corpo desfechar a faca sobre os soldados, que mal puderam prosseguir. Um a um tombavam os praças da guarnição. Feridos ou espantados os muares da tração emparravam; torciam de rumo. Impossibilitavam a marcha. A bateria afinal parou. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

– Pela beira da estrada, viam-se apenas peças esparsas de equipamento, mochilas e espingardas, cinturões e sabres, jogados a esmo por ali fora. A artilharia ficou afinal inteiramente em abandono. Os jagunços lançaram-se então sobre ela. Era o desfecho. O capitão Salomão tinha apenas em torno meia dúzia de combatentes leais. Convergiram-lhe em cima os golpes; e ele tombou, retalhado à faca, junto dos canhões que não abandonara. Adiante, na ocasião que transpunha a galope um córrego, o Coronel Tamarindo foi precipitado do cavalo por uma

*bala. E como na maioria os fugitivos evitassem a estrada, desgarraram, sem rumo, errando à toa no deserto, onde muitos, e entre estes os feridos, se perderam para sempre, agonizando e morrendo no absoluto abandono. Lá atrás, os canhões, emperados, imobilizaram-se numa volta do caminho...*⁸³

Um Sargento recordou que os sertanejos recolheram os despojos. Pela estrada e pelos lugares próximos jaziam esparsas, armas e munições, de envolta com as próprias peças do fardamento, dólmas e calças. Fora humilhante a fragilidade daqueles Batalhões perante os jagunços em muito inferior em número e armas. De sorte que a maior parte da tropa não se desarmara apenas diante do adversário. Despira-se. Armou-o com um arsenal desarrumado, ao ar livre, abastecendo-os, fartando-os. Entregaram-no tudo aquilo, deram-no de graça todo aquele armamento moderno e municiado, que levaram para o arraial, inclusive quatro canhões *Krupp*, cuja boca truculenta e rugidora revessaria granadas; substituíram nas mãos dos lutadores da primeira linha as espingardas velhas e de carregamento moroso pelas *Mannlichers* e *Comblains* fulminantes. As fardas, cinturões e bonés seriam uma ótima camuflagem – tudo serviria para uma próxima refrega, quando as utilizariam os jagunços.

Disse mais:

– Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces volvidas para o caminho. E um pormenor doloroso completou esta encenação cruel: a uma banda avultava, empalado, erguido num galho seco, de angico, o corpo do coronel Tamarindo. Era assombroso... Como um manequim terrivelmente lúgubre, o

⁸³ Idem, idem.

cadáver desaprumado, braços e pernas pendidos, oscilando à feição do vento no galho flexível e vergado, aparecia nos ermos feito uma visão demoníaca. Ali permaneceu longo tempo... Quando, três meses mais tarde, novos expedicionários seguiam para Canudos, depararam ainda o mesmo cenário: renques de caveiras branqueando nas orlas do caminho e, de uma banda, – mudo protagonista de um drama formidável – o espectro do velho comandante, erguido no mesmo tronco, feito um cabide em que estivesse dependurado um fardamento velho, com o arcabouço, decapitado, mãos esqueléticas calçando luvas pretas.

*– Jaziam-lhe aos pés o crânio e as botas delatando demoníaca encenação adrede engenhada pelos jagunços.*⁸⁴

E prosseguiram noite a dentro, no interior do acampamento, às margens do Rio Grande, em Barreiras, contando esses casos de guerra, de dar calafrio na espinha dorsal de qualquer sujeito, enquanto aguardavam o momento de atravessar o percurso até as serranias no território goiano, sempre observando precavidos que por certo o fantasma do jagunço surgiria naqueles trechos – homens contratados por Abílio Wolney, jagunços de Roberto Dorado e Abílio Batata.

– Será que desfechariam contra as fileiras sarai-vadas de balas e desapareceriam de repente pelos flancos da morraria?

Era uma suposição baseada nos antecedentes históricos de combates travados na inauguração da República, esta que um dia tomaria rumos, como todos nós gostaríamos que fosse. Naqueles tempos em que as balas dos sertanejos passavam, rechinantes, estendendo, mortos, em terra, os praças, sucedendo-se, pausadas, outras, passando sobre as tropas, em

⁸⁴ Idem, idem.

sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, voltavam-se, impacientes, em roda. Nada viam.

Na *Campanha do Duro* poderia se dar como ocorreu na malograda expedição ao sertão baiano nos idos de 1897, o que seria grave. Muito ruim para o Exército brasileiro ser batido, anos depois, agora em terras de Goiás. E o imaginário era de algum modo possível de acontecer. Surpresas como aquelas eram temidas num sertão maninho, inçado de prováveis tocaias. Um fluxo de espanto correria de uma a outra ponta das fileiras que se aventurassem por aquelas terras – cogitava o Major Mariante e seu Esquadrão de frente.

Em ocasiões como aquelas, a mais estranha ansiedade costumava invadir os mais provados valentes, ante o antagonista que vê e não é visto. Imaginava-se os jagunços circulando os Batalhões, rítmicos, fulminantes, seguros, terríveis, bem apontados do alto dos cerros, assim que adentrassem o território goiano. Os sertanejos fariam todas as peripécias de um dramalhão sinistro e monótono de que eram protagonistas invisíveis. Um turbilhão de balas estrugidoramente descendo dos píncaros das serranias sobre os passantes entre as montanhas, mesmo quando se aproximassem da remota *Vila do Duro*.

Sim, do alto daqueles parapeitos desmantelados atirariam sobre a força, inteiramente em alvo na planura descoberta e rasa embaixo. E os seus projetis poderiam rarear as fileiras mais próximas derrubando os atiradores, caindo, adiante, entre os corpos que os apoiavam e, irradiando para mais longe em trajetórias altas, sulcando as últimas secções da retaguarda; expandindo-se, dominantes, sobre a *Expedição* inteira, firmados em pontarias cuidadosas.

Pairavam no ar essas suposições, com a mesma observação prevista em todos os tempos: se vencidos, os mais robustos deixariam a linha de fogo para arrastarem os canhões ou

arcarem sobre feixes de espingardas, ou, ainda, em padiolas, transportando malferidos e agonizantes por aquela longa estrada em retorno, vislumbrando o revés da jagunçada na réplica, tocando-os à bala, caminho de volta, pelas mesmas passagens temerosas, num releixo sobre os abismos entalando-se entre escarpas; aberta a esmo ao viés das vertentes; sobranceada em todo o percurso pelas mesmas trincheiras alterosas que a natureza fez.

Tudo pensado, calculado, sopesado.

Chegava a hora impostora do combate com os mapas e cartas fornecidos pelo Ministro da Guerra, pelo Exército e pelo Comando da 3ª região de Salvador delineando detalhadamente os incidentes e a geografia da região a palmilhar. O Exército avançaria com a frente de um piquete de exploradores montados; um guia conhecedor da região, experimentado e bravo, e a Comissão de Engenharia; uma Companhia de atiradores comandada por um Tenente de confiança; a ala direita com um Major, marchando de costado, levando no centro o respectivo comboio de munições; uma 1ª Divisão de Regimento com praças do 31º Batalhão da capital da Bahia; a ala esquerda dirigida por um Capitão; a 2ª Divisão de Artilharia, com outro Tenente da 3ª Região de Salvador; a ala direita, sob o mando de um Coronel, separada da esquerda, dirigida por um Oficial, pelo respectivo comboio.

Da 6ª Região Militar de São Paulo, como telegrafado, viria para Goiás – *São José do Duro*, um Regimento de Infantaria e uma Companhia de Metralhadoras que passariam ao comando do chefe expedicionário no oeste baiano.

Contingentes do 41º de Caçadores aquartelados em Aracaju seguiriam para Juazeiro e depois para Barreiras com um Capitão de ordem; e o comboio geral seria guardado pelo Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, estacionado em Salvador

– ao que tudo indica procedente do Rio de Janeiro – os quais, diante do impasse da cheia, aguardavam ordens oportunas de deslocamento para a base de operações em Barreiras.

Por último a Cavalaria. O Major Adjunto Álvaro Guilherme Mariante, na vanguarda, iria entre a companhia de atiradores e a ala direita. E atrás de todos, à retaguarda vinha o corpo de saúde, cozinheiros e pessoal de manutenção.

Não há números exatos do contingente policial. Entretanto, como anotado, estavam previstos 01 Regimento de São Paulo e mais 03 Batalhões autônomos. Considerando que um Regimento tem o triplo de homens de um Batalhão e que três Batalhões teriam, cada um, em torno de 800 homens, somado o apoio, poderíamos cogitar de mais de dois mil militares previstos, sem embargo de reforço no andar da carruagem.

Na própria matéria da *Gazeta de Notícias* do Rio, em 1919, transcrevemos acima o seguinte sobre os acontecimentos do *Duro*:

“E tão bárbaro foi o crime e tanto impressionou a opinião pública, que, para conter os ânimos exaltados, foi indispensável mobilizar cerca de dois mil soldados incumbidos de manter a ordem em um ou dois municípios de Goiás”.⁸⁵

De outro lado, ***“a intervenção tinham a dupla missão da armada e de levar a efeito sindicância dos acontecimentos que ensejaram o pedido dela”***⁸⁶.

As tropas partiriam imediatamente à formatura dos Batalhões – determinara a “ordem de detalhe”, mas já tudo

⁸⁵ Fonte citada. Grifei.

⁸⁶ Texto que grifamos do Relatório Álvaro Mariante, de 28.04.1919.

indicando que um prévio inquérito dos acontecimentos no nordeste goiano se faria mesmo necessário, diante das novas colhidas pelo Major Álvaro Mariante. Todavia, tudo ia depender das necessidades emergentes no desenrolar dos acontecimentos.

Na base de operações em Barreiras-BA, consoante a praxe, todas as manhãs as tropas se formavam para a revista, em ordem de marcha, a fim de que se lhes avaliassem o equipamento e as armas.

No banquete preparado no quartel instalado à margem do *Rio Grande*, ao mesmo tempo se ostentava o mais simples e emocionante gênero de oratória dos oficiais – a eloquência militar, esta eloquência singular do soldado, que é tanto mais expressiva quanto é mais rude – *feita de frases sacudidas e breves, como as vozes de comando, e em que as palavras mágicas – Pátria, Glória e Liberdade – ditas em todos os tons, são toda a matéria-prima dos períodos retumbantes*. Os rebeldes seriam destruídos a ferro e fogo...

Era o prelúdio de um drama doloroso, hilariante para os soldados que riam, com o estrépito dos coturnos percutindo as calçadas nos curtos lapsos de folgança na cidade baiana, de onde arrancariam assim fosse determinado. Vibrariam na vitória sobre os cangaceiros, sobre a *Vila*, sobre o norte inteiro que se levantasse na Revolução de Abílio Wolney.

Assim colimavam, no sonho da soldadesca faminta do embate, vislumbrando a vitória e uma patente a mais depois da guerrilha. Podia-se ouvi-los no devaneio dos comentários otimistas, na boca de jovens cadetes almejando a aventura sedutora da vitória patriótica.

Todas as manhãs repetiam-se os exercícios matinais das tropas, momento em que resoava a corneta com o comando-em-chefe dando a de “coluna de marcha”. Retumbavam

os tambores na vanguarda; deslocavam-se sucessivamente as sessões, desfilando, adiante, a dois de fundo, abalando o trem da artilharia; rodavam os comboios, finalizando o exercício do dia.

Estavam preparados...

O ânimo ruidoso e vibrante dos oficiais e das praças era uma demonstração da disposição de irem celeremente ao couro dos rebeldes levando suas patronas e cargueiros carregados de cartuchos, 100, 200 cada uma, e à parte uns 100.000 tiros no comboio geral; e toda aquela festa – ali – na véspera de um suposto combate, a 31 léguas do território goiano, referto de emboscadas nas serranias, imaginadas como reais quando avançassem.

Na primeira hipótese – a do ataque – a coluna em marcha se estiraria distinta numa linha de bem uns dois quilômetros, no vertiginoso pervagar das guerrilhas, entre brilhos de botões de fardas e laivos rubros de calças carmesins, cortando céleres os chapadões desertos em longo risco escuro e tortuoso.⁸⁷

Transpostas as primeiras léguas, a tropa derivaria pela orla dos tabuleiros que se dilatam estirando-se em chapadas grandes com um solo plano, sem depressões, em que as cacimbas salvadoras, secas nos estios, abrolhavam naquela estação quando as maiores chuvas ao caírem eram mesmo assim absorvidas pelo areal.

Mesmo os mais atilados ficariam sem rumo, desnorteados pela uniformidade dos plainos indefinidos, onde as paisagens sucedem-se, uniformes e mais melancólicas mostrando os mais selvagens modelos, engravescidos por um flora escassa.

⁸⁷ Formatura de combate imaginada pelo autor (inspirada em texto de Euclides da Cunha, obra citada).

O terreno arenoso, inconsistente e móvel dos gerais fugiria sob os passos aos caminhanes; remoraria a tração das carretas absorvendo as rodas até ao meio dos raios. O tirocínio já havia mostrado no passado que a evolução dos comboios se dava com apenas uma légua percorrida em um dia inteiro.

E *São José do Duro* estava longe...

Dominando a vegetação dos gerais, quase exclusivos em certos trechos, enredam-se, em todos os pontos, mirrados arbúsculos tortos que ali medram sem decair, adiante derivando pelas veredas em fora até o adentrar no território de Goiás.

O oásis seria a *Larga do Murici*, já muito dentro do território goiano, que na cartografia da *Expedição* era indicado por penachos de buritizais, nos pontos úmidos de brejo e capim nativo, onde o gado pastava na seca.

Adiante havia um riacho.

V

COGITAÇÕES DE CASERNA – O PROVÁVEL QUE NÃO OCORREU

Naquela estação caía violento aguaceiro resfriando os gerais. De sede não sofreriam os expedicionários, mas para tanto calculavam uma jornada apressada, posto como seria desastroso o cair da chuva sobre a tropa desabrigada, sob aqueles céus abertos, surgindo no meio do chuveiro, de improviso, armas disparadas no fragor imaginável como uma trovoada que abalaria nas alturas.

Quase mil, ou para logo mais dois mil e tantos homens penetrando, em cambaleios, acurvados sob as mochilas e as armas, em pleno chão inimigo, no tropear soturno das fileiras, no estrépito dos reparos e carretas, nos tinidos das armas, esbatendo-se na calada do ermo e naquela assonância ilhada.

No fim do altiplano desceriam a *Serra Geral*, correndo e caindo, resvalando no chão escorregadio e encharcado; esbarrando-se em carreiras cruzadas sob o fustigar das bâtegas, oficiais e praças procurariam a formatura impossível, vestindo-se, apresilhando cinturões e talins, manobrando armas às pressas; surgindo às discordes vozes de comando; alinhando secções e companhias aforradamente, de arremesso, um cavaleiro

isolado, sem ordenanças, precipitando-se a galope entre os soldados tontos no encalço do jagunço invisível – que jagunço é bicho do diabo! – rematavam os combatentes numa animação ruidosa.

No combate surgiriam, tumultuariamente, fundidas, penetrando-se, simultâneas, todas as situações, naturalmente distintas, em que se pode encontrar qualquer força em operações – a de repouso, a de marcha e a de ataque. O Exército marchando pronto a encontrar o inimigo em todas as voltas dos caminhos devia repousar nos alinhamentos da batalha, ou dispersar as forças em marcha, a partir da base de operações em Barreiras ou de Juazeiro, ali próximo. Iriam, a pouco e pouco, apertando os jagunços até concentrarem-se no *Duro*, se conseguissem, depois de uma soma de sucessivos ataques parciais.⁸⁸

Avançariam pelos espigões dos morros no rumo almejado, por onde descia a estrada, em pontos com a Coluna obrigada a espalhar-se longamente pelas encostas, dispersando-se sem ordem, sem formaturas, com a mesma indagação afirmativa e persistente no ar: caboclos rijos e bravos, joviais e bravateadores ladeariam a tropa – em rastejamentos à ourela dos desvios, rodeando-os, invisíveis, nas rondas cautelosas – espias que formavam um batalhão de cangaceiros...

Constantes, longamente intervalados sempre, zuniriam os projetis dos atiradores que não se via batendo em cheio nas fileiras, pois o cabra desperta, como sempre, de improviso, surpreendedora e teatralmente e gloriosamente, renteando o passo aos agressores.

Obsessão no mesmo imaginar. Ansiedade. Toda-via, retomando a certeza de uma força superior e com otimismo, os temores eram logo e novamente afastados. Por todo aquele

⁸⁸ Idem, idem.

percurso passaria a expedição Álvaro Mariante, arrostando as situações calculadas, previstas. Na planura desnuda dos gerais da Bahia, que as vistas num lance devassam o inimigo, mesmo escondido sob a fronde de um umbuzeiro, a artilharia venceria fácil.

Contudo o inimigo, como ocorre em guerrilhas que tais, poderia recuar. Talvez buscaria o fim dos gerais, onde o alcantil descamba em ravinas abertas pela enxurrada que cai das barrancas, na divisa dos dois Estados.

Episódio expressivo na história era digno de recordação pelos estrategistas militares:

“– Foi em terreno plano e chato que os tiros rápidos, porém sucessivos como feitos por um homem único, bateram grande parte das fileiras de quase 8.000 praças na quarta Expedição do Exército a Canudos. Vararam-nas; desfalcaram-nas, derrubando, um a um, inflexivelmente, os que as formavam na vanguarda. Destes, muitos, por fim, estacaram atônitos pelo inconcebível de um fuzilamento em plaino escampo e limpo, onde não havia a ondulação mais leve acobertando o adversário inexorável. Outros, porém, teimaram, correndo para as árvores solitárias. E a alguns passos delas, viam, afinal, à borda de uma cova circular, ressurgir à flor do chão um rosto bronzeado e duro. E pulando do fojo, sem largar a arma, o jagunço, escorregando célere ao viés da encosta, desapareceu embaixo no afogado das grotas. Na trincheira soterrada trezentos e tantos cartuchos vazios diziam que o caçador feroz estivera largo tempo de tocaia naquela espera ardilosamente escolhida.

Outras, idênticas, salpintando o solo, apareciam, salteadamente em roda. E em todas os mesmos restos de munições revelavam a estadia recente de um atirador. Eram como fogaças perigosas alastrando-se por toda a banda. O chão explodia sob os pés da tropa. Os sertanejos desalojados desses

*esconderijos, acolhiam-se, recuando, noutros; e as novas trincheiras arrebentavam logo em descargas vivas, até serem por sua vez abandonadas.”*⁸⁹

O fantasma era o mesmo – sugerindo que os sertanejos do *Duro*, recuando, se concentrariam pouco a pouco na arena do grande teatro de erosão que desce da Serra Geral.

O próprio Chefe Expedicionário, Major Álvaro Mariante, havia comentado desde o Rio com o 1º Tenente Valentim Benício:

“– A excursão que vamos fazer está pintada como uma nova Odisséia. Os meios de transporte são difficílimos, há desertos a atravessar e perigosíssimos desfiladeiros a transpor.”⁹⁰

Seria mesmo um atulhar as primeiras ladeiras cortadas a meia encosta por todo o percurso. Seguiriam devagar, emperrados pelos canhões onde se revezariam soldados em auxílio aos muares impotentes à tração vingando os primeiros declives, depois os aclives e as areias imensas do areal em pó – lá se estiram os chapadões.

Estacariam em momentos ou em dias, abrigando-se entre ralos arbustos, sem poderem adiantar um passo. Mormente depois dos gerais não havia como evitar o terreno irregular, contornando-o. À direita e à esquerda se sucederiam montes crespos numa cadeia que se entestava, e procurar entre eles um desvio qualquer pressuporia uma marcha de flanco, talvez dilatada, sob a vigilância dos bandoleiros, o que seria problematizar ainda mais qualquer sucesso vantajoso.

⁸⁹ Idem, *ibidem*.

⁹⁰ Palavras de Álvaro Mariante (extraídas e adaptadas do próprio *Relatório*).

O Major Mariante aquilatou com firmeza a conjuntura gravíssima, num plano de *Campanha* maduramente arquitetado, antes de determinar a ordem do dia relativa ao avançar no encalço do suposto inimigo, como mais tarde o constataria *in loco*.

Em que pesassem as Companhias do único Batalhão em Barreiras, magnificamente armadas, aguardando outras para logo que se fizesse necessário e possível a travessia do São Francisco, a luta poderia ser, mesmo assim, desigual.

Nas aperturas do dilema acima exposto, porém, e diante do contraste das posições adversas, nenhum ocorria capaz de o resolver. O alvitre do momento resumia-se no avançar com a Coluna, arrostando tudo, ao bárbaro fuzilamento.

Ante a imaginária possibilidade, que já se firmava como um vaticínio, surgiam alternativas intimoratas:

– Bombardeariam os morros. Arrojadadas de perto as granadas e lanternetas, batendo-lhe em cheio os flancos ou ricochetando, confundiriam nos ares as balas e estilhas de ferro com o lastro aspérrimo das encostas rijamente varridas; e, arrebatando entre fraguedos, deslocando-os, derrubando-os, fazendo-os rolar com estrépito pelos pendores abaixo, como um súbito derruir de lanços de muralhas, iriam desmascarar inteiramente as posições contrárias.

Também em *Canudos*, numa das quatro batalhas com os jagunços, depois de três horas de fogo em condições parecidas, os Batalhões não tinham adquirido um palmo de terreno com essa estratégia. *A quinhentos metros dos adversários, não tinham – milhares de vistas fixas nas vertentes despidas – lobrigado um único sertanejo. Não lhes avaliavam o número. Os cimos mais altos, bojando em esporão sobre a várzea, figuravam-se desertos. Mas lá continuavam os jagunços e não se sabia se*

*eram duzentos ou eram dois mil. Nunca se lhes soube, ao certo, o número. E daquele desolamento, daquela solidão absoluta e impressionadora, irrompia, abalando as encostas, uma fuzilaria cerrada e ininterrupta como se ali estivesse uma divisão inteira de infantaria paisana*⁹¹ – obtemperava, remanescente, um oficial.

Tolhendo-se-lhes deste modo todos os planos só restariam decisões extremas: ou recuarem lentamente ante a refutação, lutando, até se subtraírem ao alcance das balas; ou contornariam os trechos inabordáveis, buscando um atalho mais acessível, em movimento envolvente aventureiro, de flanco, o que redundaria em desbarate inevitável; ou arremeteriam em cheio com os outeiros, conquistando-os.

O último alvitre era o mais heróico e o mais simples. Nesse excogitar de hipóteses, sugeriu-o o 1º Tenente Valentim Benício da Silva.

Seria mesmo uma exaustão continua pelos ermos, atormentados no golpear das ciladas pelo inimigo assombroso e fugaz – sempre a mesma obsessão, essa fobia que os encarcerava na imaginação obstaculizando as estratégias de ataque. Miragem. Jagunços surgindo dentre moitas esparsas, cinco, dez, vinte homens talvez, em magotes, deslizando, rápidos, silenciosos, rentes ao chão. Adiante, rebatidos nas dobras do terreno, entaliscados nas cristas – esparsos, imóveis, expectantes – dedos presos aos gatilhos dos clavinotes, dos rifles, dos revólveres, armas de cano longo de todo tipo, os sertanejos poderiam estar quedados, em silêncio, tenteando as pontarias, olhos fitos nas colunas do Batalhão porvindouro, embaixo, onde marchariam após os exploradores que esquadrihariam cautelosamente as cercanias.

⁹¹ Os Sertões, citado.

O Exército poderia ser alvejado no corredor das serranias entrincheiradas – repisavam-se os temores. Fora sem-número de estropiados exauridos das marchas, sem-número de famintos e grande maioria de pusilânimes sob a emoção de morticínios, vendo estirados, insepultos, entre os poucos jagunços abatidos, companheiros pela manhã ainda entusiastas e vigorosos.

Mas que viesse a jagunçada para a luta armada, do modo como viessem – agigantavam-se novamente no grito “*Pátria ou Morte*” – e seriam os cabras dizimados com o troar solene da artilharia estrugindo os ares; reboaria longamente por todo o âmbito daqueles confins, na assonância ensurdecadora dos ecos refluídos das montanhas, se o fosse por lá. Uma fuzilaria em descargas rolantes e nutridas, com mil armas ou muito mais arrebetando, aclivadas, tiros rasantes, pelo tombador dos morros...

É que, mesmo sendo batidos nas escarpas, nos tesos das serras, caso fossem desbaratados, os jagunços teriam francos, para o oeste, os caminhos rumo à Bahia, caso não refluíssem para o ocidente buscando nas proximidades da *Vila* – de onde dista apenas sete quilômetros – a Fazenda *Buracão*, que com certeza seria o asilo impenetrável a que se acolheriam a salvo e onde se aprestariam para a reação em face dos Batalhões.

O Chefe Expedicionário sabia que no *Buracão* a polícia de Goiás matou o Cel. Wolney no natal de dezembro de 1918, depois dele ter dispensado os seus homens no acordo com o Juiz Celso Calmon. Mas a polícia goiana só havia conseguido chegar ali depois de enganar os Wolney. É que o *Buracão* era um local adequado para a defesa e contra-ataque de Abílio Wolney e seus bandoleiros contratados, porquanto cingido de morros, não permitiria, em tese, ali penetrasse fácil a ação da *Campanha*. Além da sua topografia, o terreno contíguo da sede da fazenda, embaixo, era circunvalado como muramentos chão a fundo, cujos regos abertos serviriam de tranqueira em prol do jagunço de

espreita.

Nos mapas da *Campanha*, a Fazenda selvagem parecia isolada do resto do mundo por uma vasta cintura de cerros penhascosos em derredor, num diâmetro que para o sul estrapola em mais de um quilômetro, distanciando a Artilharia da casa-sede. Tinha mesmo em torno aquele círculo formidável de trincheiras naturais na fímbria dos pendores. E nos valados embaixo, enfiava em todas as veredas que se abriam à frente das casas para terminar num brejo pantanoso. Era o lugar ideal para o labutar dos sitiados.

Os homens de Abílio escalarium os morros, agora do *Buracão*; varejá-los-iam dispostos para o choque das cargas fulminantes, rolando dos cabeços dos outeiros, evitando que o inimigo os surpreendesse do alto das colinas, batendo todas as entradas, minadas de trincheiras. Consoante à tática costumeira, os jagunços deslizariam-lhes adiante, recuando, negaceando, apoiando-se em todas as fadigas de uma perseguição improfícu.

Aquele penúltimo recuo – o *Buracão*, se assim o fosse – denunciava a tática de defesa dos que seriam atacados: a cada passo uma cava circular e rasa, protegida de tosco espaldão de pedras, demarcando uma trincheira. Eram inúmeras, cavadas nos penhascos, e volvendo todas para a estrada os planos de fogo quase à flor da terra – foi tudo quanto fizeram os jagunços desde o pretérito dezembro de 1918 para a guerrilha com a polícia goiana e que agora poderia servi-los no recontro com o Exército.

Ali o desafio da Expedição seria naturalmente conseguir fechar todas as saídas do *Buracão*. Para tanto, porém, as Colunas sucessivas teriam que, em linha de formatura, conseguir vencer as trincheiras na superfície de nível das montanhas em círculo. Só após isso, desfechariam a carga numa percussão, num deflagrar único de milhares de baionetas de cima

para o vale embaixo, ou numa pancada de canhoneio, se até ali conseguissem levar os canhões *Krupp*, quiçá o monstruoso *Whitworth 32*, cuja peça ao detonar faria arrebentar, com estrondo, o enorme *shrapnel* na chegada ao costado dos morros e depois no vale embaixo.

Em seguida avançariam todos a um tempo num assalto para vencer o jagunço nos valados, com os pelotões da frente embatendo os entrincheiramentos e enfiando pela bocaina da passagem que dava acesso à Fazenda *Açude* – saída onde a milícia goiana assassinou de atalaia o Cel. Wolney – enquanto as Brigadas, ondulando a crista dos cimos, a marche-marche, de armas suspensas e sem atirar, venceria velozmente a distância que a separava do inimigo lá embaixo. Os sertanejos, entocaiados a cavaleiro, seriam golpeados, isto é, se não conseguissem fugir antes do cerco pela referida falha geológica que dá saída para o *Açude*.

Fora que as baixas do Exército sempre foram golpes sem reparo em combates dessa natureza.

Planos e mais planos para todos os eventuais incidentes.

Um último problema repontava nas conjecturas da estratégia dos sitiante: batidos na fímbria do alcantil lá atrás; vencidos a muito custo e tempo no coleio das serranias que formam a cordilheira da *Serra Geral* ou desguaritados do *Buracão*, adiante, os bandoleiros, se não tomassem destino ignorado, talvez escapariam retrocedendo para *São José do Duro*, imiscuindo-se na mataria que orlava as casas da *Vila*, agasalhando-se nelas depois, como num ninho – uma aldeia civilizada num claro da mata.

O arranque final das tropas sobre a *Vila* seria um sucesso vendo os sertanejos enterreirados, surgindo em grita ou

fervilhando no matagal rarefeito, em roda; vultos céleres, fugazes, indistintos, desaparecendo nos claros das galhadas; teriam, quem sabe, os guerrilheiros atrevidos que viriam morrer na fumaça das descargas, na ponta dos sabres.

A preliminar cogitada no traçado original com certeza incluía um bombardeio firme nesse último reduto – a *Vila* – em que entrariam todos os canhões do sítio, batendo por espaço de tempo a área da praça a expugnar-se. Somente depois que eles emudecessem, arremeteriam as Brigadas assaltantes, de baionetas caladas, sem fazerem fogo, salvo se o exigissem as circunstâncias. Em tal caso, porém, devia ser feito na direção única da meridiana, a fim de não serem atingidos os Batalhões ou Companhias jazentes nas posições próximas ao conflito – de novo acalentado na imaginação.

Mesmo os entrincheirados na “*grotta*”, acidente natural dividindo o largo da *Vila* ao meio, refluíam para o interior das casas abandonadas, o derradeiro baluarte. Sim, havia sido ali que a Polícia goiana resistiu àqueles mesmos guerrilheiros por três dias no *Barulho de 1919* para depois fugir acovardada – pois os seus soldados morreriam mesmo. E dali teriam mil portas por onde comunicariam com as cercanias e abastecer-se-iam à vontade antes de serem cercados.

Não havia perder-se uma granada única. Bateriam nas cimalhas do *Sobrado*, dos *Casarões*, da Igreja de paredes em adobes dobrados, onde por certo também estariam de emboscada. Balas saltando em rícochetes largos sobre a única praça do *Vilarejo* e arrebatando sobre os casebres, esfarelado as coberturas de telhas de barro. Entrariam atirando pelos becos, nas poucas esquinas, e revolveriam, de ponta a ponta, inflexivelmente, batendo casa por casa, o último segmento de São José do Duro.

Não haveria anteparos ou pontos desenhados,

que o resguardassem. O abrigo de um ângulo morto formado pelos muros das casas, antepostos aos disparos, seriam inteiramente destruídos pelas trajetórias das baterias de oeste e sul. Os jagunços – se lá estivessem – teriam, intacta, fulminando-os, sem perda de uma esquirola de ferro, toda a virulência de um bombardeio impiedoso.

Caso cercados, e para não morrerem assim, sobraria aos cabras a resistência a pé firme, afrontando os atacantes face a face, em defesa e contra-ataque. Ao mesmo tempo que poderiam desmoroná-lo a canhoneio, tudo indicava – como se deu nos últimos dias nos poucos casebres restantes em *Canudos* – que o *Duro* só seria vencido casa por casa.

Toda a Expedição – como vimos, em *Canudos* a quarta e última foi de quase 8.000 homens; aqui no *Duro*, a primeira, com um Regimento de São Paulo e Batalhões de Salvador e Sergipe, seria, depois de congregados, de mais de dois mil homens – iria despendar alguns dias para a travessia resistida pelos jagunços nos quase duzentos metros que separavam a parte ocidental, entrada principal, da parte oriental do largo, onde estavam o *Sobrado* e do outro lado o *Casarão* dos Wolney, o primeiro utilizado como fortaleza da milícia de Goiás naquele janeiro de 1919.

E no sertão baiano, como agora no sertão goiano, quiçá nos derradeiros dias de sua resistência inconcebível, os seus últimos defensores, trinta ou quarenta guerrilheiros famintos e esquálidos, ao lado do legendário Abílio Wolney, iriam queimar os últimos cartuchos *mauser* em cima de mais de mil ou dois mil homens, em meio à assonância dos estampidos, vendo embebidas de todo as Brigadas na casaria invadida, com os sertanejos invisíveis, malignamente e resignadamente esperando a morte, em cujas tranqueiras eles jagunços matariam mais alguém no estrepitar feroz, contínuo e ensurdecido da trabucada.

É que, nas últimas, os sertanejos costumavam inverter toda a psicologia da guerra; enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota. Viriam matar os adversários sobre as próprias trincheiras antes tomadas, se eles próprios não morressem a caminho delas num suicídio formidável.

Seria uma pertinácia incrível. Acabariam o ataque, mas a batalha continuaria, interminável, monótona, aterradora, com a mesma intercadência difundida em tiros que sulcavam o espaço de minuto em minuto, ou tiroteios alastrando-se furiosamente por todas as linhas, em arrancos súbitos, repentinos combates de quartos de hora, prestes travados, prestes desfeitos, antes que terminassem as notas emocionantes dos alarmas. O inimigo encantado, nunca se sabiam quantos, surgiriam sempre de chofre, marcando novos e intermináveis momentos angustiosos de refrega.⁹²

Quimera de guerra. Utopia heróica. Por certo algum Sargento admoestava:

– Não viram que no confronto do *Duro* o irmão do Coletor Sebastião de Brito arrebanhou rapidamente mais de 90 homens em Conceição do Norte, ali próximo à Vila, para engrossar as fileiras da polícia? Imaginem o Cel. Abílio Wolney, com o seu prestígio! O que não poderia aliciar de paisanos a mais naquele norte, onde foi eleito Deputado cinco vezes⁹³. Aguardem o andar dos acontecimentos!

Outro discordava:

– Acho que não! No retroceder, eles tomariam outros rumos. Não nos aguardariam chegar ao *Duro* para

⁹² Texto emprestado de Euclides da Cunha, obra citada, como viemos anotando.

⁹³ Quatro vezes foi eleito Deputado Estadual, sendo na última vez *depurado* em 1912. Eleito Deputado Federal em 1900, também havia sido *depurado* por influência da oligarquia. (Veja o nosso *O Diário de Abílio Wolney*)

morrerem fácil ou estupidamente nas casas, onde um cerco de *Mannlichers* mostrar-lhe-iam o brio, o brilho de um Exército nos clarões das descargas.

Eram circunstâncias fáceis de deduzirem-se. E, previstas, apontavam naturalmente um corretivo único: mais colunas de Brigadas caso as ocorrências pessimistas se dessem de fato, com uma direção administrativa, técnica e tática, definida por um estado-maior enfeixando todos os serviços, desde o transporte das viaturas aos lineamentos superiores da estratégia, órgão preparador por excelência das operações encetadas.

E voltavam a parlamentar como que completando as preocupações do começo:

– Chegar até o *Duro* não seria fácil por tudo e algo mais, pois, assim que avançassem pelo longo percurso deixando a Bahia, faltaria de tudo em caminho. Não haveria um serviço de fornecimento organizado, de sorte que numa base de operações provisória que montassem adiante, ao deixarem Barreiras, não teriam sequer uma estrada de ferro na região para viabilizar o suprimento das tropas com víveres, caso empacassem em recontros pré-estabelecidos. Não havia um serviço qualquer de transporte suficiente para as toneladas de munições de guerra.

Por fim, os soldados que desembarcavam não vinham dos campos de manobras, eram inexperientes. Os Batalhões tinham grande parte do seu armamento estragado, com munições velhas e carecendo das noções táticas mais simples. Era preciso completá-los, vesti-los, melhor municiá-los, adestrá-los e instruí-los, de modo que, por enquanto, continuavam em exercícios na base em Barreiras mais de mil recrutas em armas, dispostos aos combates.

Até ali quedava-se o Chefe Expedicionário Álvaro Mariante com suas precauções no sitiar os jagunços.

Era fato. Da região pobre até o último ponto batido não havia recursos para alimentar a tropa, senão o gado dos Wolney, muito adiante e muito mais difícil de ser alcançado, porquanto após a *Revolução do Duro em Janeiro de 1919* o rebanho foi apascentado a salvo em região que só os donos sabiam, já que naquele janeiro a Comissão do famigerado juiz Celso Calmon simplesmente pilhou o gado para alimentar a soldadesca do Governo do Estado.

Sem estradas de rodagem, senão aquela feita para carros de boi, não conseguiriam sequer um serviço regular de comboios, que partindo de Barreiras abastecesse uma base de operações a ser posta na descida da *Serra Geral* ou nas vizinhanças da *Vila* colimada.

Carecia que a equipe de engenharia aplainasse o caminho assim que descessem o alcantil baiano e que fizessem pontes sobre grotas ou estuários de riachos, que na seca eram meras depressões no caminho, mas naquela estação os riachos temporários enchiam, transbordavam. A única ponte daqueles cafundós era aquela construída pelo Cel. Wolney e seu filho Abílio, na travessia do *Rio da Ponte*, já a poucas léguas do *Vilarejo*.

Todavia, atacariam. Vieram do Rio, de Salvador. Viriam de Aracaju-SE, de São Paulo, de Juazeiro-BA, por ordem do Ministro de Guerra. Três, seis, oito Batalhões se preciso, como foi em *Canudos*. Era cuidar na formatura, no encalçar o inimigo morro acima ou abaixo, adiante no *Buracão* ou na *Vila*, de modo que a *Expedição* não caísse nas mãos dos jagunços.

Entretanto, foi mesmo assim que o Exército apanhou por três vezes consecutivas naqueles tempos do sertão da Bahia – repetiam, repisavam os mais cautelosos – e disso sabiam os caudilhos que capitaneavam a jagunçada.

Abílio de Araújo e Roberto Dorado conheciam

bem as estratégias da guerrilha, caldeados nos “fogos” do sertão e por certo fracionariam seus minúsculos exércitos de *capitães-do-mato* numa fórmula paradoxal – dividiriam os contingentes dos seus homens para fortalecerem e era bem conhecida a tática dos cabras, sempre no mesmo modo de lutar: se dispunham em grupos de três ou quatro rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira.

Com surpresas de toda sorte previstas, e tudo quanto a guerra tem de mais odioso, o suspeito exsurgia provável. Os soldados veriam tombar, mas ressurgir imediatamente, indistinto pelo fumo, o mesmo busto do guerrilheiro, apontando-lhes a *winchester*, o *parabelum*, o rifle, a cartucheira, o bacamarte, a espingarda carregada pela boca do cano. E se o alvejassem de novo, veriam erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se a aprumando-se nos penhascos, o atirador fantástico.

A réplica dos Batalhões alvejando as encostas seria inútil. *Um esparzir profuso pelos ares de mais de um milhão de balas na repetição, continuando, entanto, ameaçados em roda, com os jagunços ocultos, prendendo-os, cortando-lhes o passo para o recuo, sentindo novamente circulados pelos flancos e tendo outra vez, em roda, como se brotassem do chão, os antagonistas inexoráveis, jarretando-lhes os movimentos. A tática invariável do guerrilheiro surgiria temerosa naquele resistir às recuadas, retribuindo-se em todos os acidentes da terra protetora. Seria a luta da sucuri flexuosa com o touro pujante. Laçada a presa, distenderiam os anéis; permitiria-lhe a exaustão do movimento livre e a fadiga da carreira solta; depois se constringiria repuxando-o, maneando-o nas roscas contráteis, para relaxá-las de novo, deixando-o mais uma vez se esgotar no escarvar, a marradas, o chão; e novamente o atrair, retrátil, arrastando-o – até ao exaurir completo.*⁹⁴

⁹⁴ Os Sertões, idem.

Os bandoleiros desencadeariam as manobras – estava visto – estadeando ardilezas de facínora provecto nas correrias do sertão, num vai e vem de avançadas e recuos, ora dispersos, ora agrupados, ou desfilando em fileiras sucessivas, ou repartindo-se extremamente rarefeitos os lutadores temerários; e a rojões, rolantes pelos pendores, subindo, descendo, atacando, fugindo, baqueando trespassados de balas, muitos. Poucos seriam os malferidos, que despenhariam rolando em súbitos lances temerários, no meio dos soldados, conseguindo matar alguns, até baquear no chão, onde acabariam cosidos a baioneta ou esmoídos a coronhadas, pisoado sob o rompão dos coturnos.⁹⁵

Desapareceriam inteiramente, às vezes, com outros permanecendo invisíveis nas posições alterosas. Porque não imaginariam, em certas ocasiões, os riscos que correriam: a um lado, nos recessos das tocaias, sinistro e traiçoeiro, procurá-los-iam por sua vez, o jagunço. A caça caçaria o caçador.⁹⁶

Não murmuravam a reclamação mais breve nas piores aperturas; e nenhum se lhes emparelham no resistir à fome, atravessando largos dias à brisa, segundo o dizer de seu calão pinturesco. Depois dos mais angustiosos transes, viam-se valentes escaveirados meterem à bulha o martírio e troçarem, rindo, com a miséria.⁹⁷

Afeitos às parcimônias da frugalidade sem par, os poucos e rudes cabras que nas quadras benignas atravessam o dia com três manelos de paçoca, um taco de rapadura e um trago d'água seriam invencíveis ante um Exército de soldados famintos na travessia dos meses que essas batalhas costumam exigir. Os praças não suportariam a existência aleatória, a terços de rações, quando as houvesse nos dias mais difíceis, dividindo-se um boi

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem, idem.

⁹⁷ Idem, idem.

por Batalhão e um litro de farinha por Esquadra;⁹⁸ e, como nos maus dias de *Canudos*, as empresas diárias, em que se escalavam corpos para arrebanharem gado.

Ademais nessas guerrilhas costuma não haver tréguas. *Nelas surgem investidas súbitas à noite, pela manhã, no correr do dia, sempre improvisas, incertas e variáveis; carregando às vezes sobre a Artilharia, outras sobre um dos flancos, outras, mais sérias, por toda a banda. Estridulam os clarins; forma-se a tropa toda em fileiras bambas, em que mal se distinguem as menores subdivisões táticas, e bate-se nervosamente por algum tempo. Os assaltantes são repelidos. Cai-se, de improviso, na calma anterior. Mas o inimigo ali fica, a dous passos, sinistramente, acotovelando os triunfadores.*⁹⁹

Cessa o ataque. Mas de minuto em minuto, com precisão inflexível, mandam uma bala entre os Batalhões. Varia vagarosamente de rumo, percorre a pouco e pouco todas as linhas, de um a outro flanco, num giro longo e torturante, indo e vindo, devagar, traçando ponto a ponto o círculo espantoso, como se um atirador único, ao longe, do alto de algum cerro remoto, houvesse o compromisso bárbaro de ser o algoz de um Exército. E o poderia ser. Valentes ainda ofegantes de recontros em que entravam intrêmulos, estremeciam, por fim, ante o assovio daqueles projetis esparsos, transvoando ao acaso para o alvo imenso, escolhendo, entre milhares de homens, uma vítima qualquer...¹⁰⁰

Em tréplica, dar-se-iam cargas cerradas de Fuzis e *Comblains* a toques de corneta, como se fosse uma legião atirando ao léu contra o inimigo que silenciaria novamente, de

⁹⁸ Idem, idem.

⁹⁹ Idem, idem.

¹⁰⁰ Idem, idem.

modo a não combater, cansando o atacante, que jamais seria vencido, mas que restaria esgotado nesse transe.

Era preocupante esse modo de lutar dos cangaceiros, visto que nas batalhas campais, em que a superioridade do número e da bravura exclui manobras mais complexas, o Exército carecia de um terreno uniforme que o permitisse a ação simultânea e igual de todas as unidades combatentes – o que seria possível no largo da *Vila*, como dito, se lá ocorresse e onde, por exemplo, as granadas arrebentariam as vivendas, mas impossível aquém, na descida da *Serra Geral*, onde o relevo descai em recostos resvalantes, desafiando estratégia diversa.

Paradoxos de toda ordem. Singular ansiedade nas Companhias que em logo se avolumariam com outros Batalhões – um monstro contra pequeno formigueiro. Miragem, vertigem, um desvario, uma tentação súbita manifesta nos pensamentos do Comandante Expedicionário, mas viável de ocorrer?

A história estava cheia de outras ocorrências que tais: a *sangueira do Inhanduí*, a *chacina de Campo Osório*, o *cerco memorável da Lapa*, os *barrocais do Pico do Diabo*, a *Campanha de Canudos* – a respeito já os havia lembrado o nosso parafraseado e imortal Euclides da Cunha, desde o início daquele século.

VI

UM OBSTÁCULO À CAMPANHA – A CHEIA DO RIO SÃO FRANCISCO. SURGE O DEPUTADO FRANCISCO ROCHA

Consta que o Major Álvaro Mariante veio do Rio de Janeiro para a 3ª Região Militar em Salvador na Bahia no dia 08 de fevereiro de 1919, onde foi recebido no dia 11 daquele mês pelo General João Emygdio, inspetor da Região, trazendo “*ordens verbais reservadas*”.

Em Salvador, um destacamento do Estado-Maior do Exército tinha acampanado o Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, pronto para avançar para Barreiras-BA, via fluvial, assim que determinado pelo Comando, para a concentração final de todas as forças previstas.

Todavia surgiu grave impasse justo aí: o Chefe Expedicionário, com a Coluna sendo montada pelo único Batalhão que até então tinha consigo, colhia as notícias da grande cheia do Rio São Francisco.

Desarticulava-se o Estado-Maior do Exército, na forma montada inicialmente e com os acréscimos por chegar.

A travessia das tropas seria difícilima. O rio como

estava era um sério obstáculo, de momento maior que os perigos imaginários que exaustivamente descrevemos acima, os quais começavam a ser expugnados com os avisos trazidos pelos navegantes que informavam acerca dos fatos do nordeste goiano de um modo bem diverso da versão oficial.

A estação chuvosa do ano de 1919 marcava aquela região com uma invernada torrencial, provocando grande cheia e solapava as barrancas do *Velho Chico*, que transbordava naquelas chapadas do diamante.

Quem diria que apenas dois pequenos olhos d'água que brotam do chão, há não mais de 15 metros um do outro, formando uma pequena lagoa na cabeceira, dão começo ao grande manancial, protegido dentro do Parque Nacional da Serra da Canastra, no Chapadão do Zagaia, município de São Roque de Minas, no sudoeste do Estado de Minas Gerais.

Os riachos afluentes vazavam do leito formando lagoeiros nos lugares baixos e inundando casas ribeirinhas, matando animais e até gente afogados. As águas ali, em geral piscosas, se conservavam meses a fio, como um grande mar; as estradas alagadas. A caatinga quedava-se verde e escura como o crepúsculo de um dia de intenso nevoeiro.

Era incrível a vastidão daquele imenso rio, que parecia alargar-se ainda mais com as ipueiras.

Os protozoários da malária, bem comuns por ali, trariam como peste as infecções do morbo, que, passadas as chuvas, abateria um sem número de soldados picados pelo mosquito transmissor, pois cada banhado, cada lagoa efêmera, cada poça de água era um laboratório infernal, destilando a febre que se irradiava latente nos germens do impaludismo, profusamente disseminados nos ares e que desceriam sobre as

tropas.

“Pessoas que viajavam pelo São Francisco e seus afluentes da margem esquerda” comentavam a *Chacina de Janeiro de 1919* no nordeste goiano e davam conta da gripe espanhola, que da Capital de Goiás alastrava-se para o interior. E naquele comenos dizimava-se a varíola por todo o País, principalmente através dos portos marítimos e fluviais, o que também poderia destacar das fileiras do Exército, diariamente, alguns enfermos previamente contaminados, que seriam obrigados a retroceder para o hospital em Barreiras-BA, único da extensa e longínqua região goiana.

Sobre o São Francisco, conta-se na história do Brasil que, cerca de um ano após a descoberta de Pedro Álvares Cabral, o navegador Américo Vespúcio chegou à foz de um enorme rio que desaguava no oceano atlântico. Foi em 1501, quando Vespúcio navegava sob a bandeira de Portugal, financiado pelo comerciante Fernão de Noronha, para mapear o litoral das terras portuguesas de acordo com o Tratado de Tordesilhas, assinado sete anos antes.

Partindo de Lisboa em maio do mesmo ano, o florentino demorou 64 dias para atravessar o Atlântico e chegar ao sul do novo mundo. Em 4 de outubro, Américo Vespúcio enxergou um rio que desembocava no mar e o batizou em homenagem ao santo do dia: São Francisco. Na época, o navegador ficou maravilhado com a beleza natural da região, mas não poderia imaginar que o recém batizado Rio São Francisco seria parte fundamental da construção de uma futura Nação, correndo por mais de 2.700km terra adentro.¹⁰¹

¹⁰¹ Hoje, a exploração dos recursos hídricos, minerais, vegetais e humanos de toda a bacia do Rio São Francisco durante 50 anos trouxeram danos, alguns

Diz a lenda que o São Francisco nasceu das lágrimas derramadas pela índia Irati. Com saudade do bravo companheiro que foi lutar pela posse da terra contra o homem branco e não voltou mais, Irati sentou em um pedra e chorou dias. De tão grande, sua tristeza deu origem ao Opará, que significa rio-mar, na linguagem indígena.

O São Francisco, com suas cheias, fertiliza terras de cinco Estados, dando de beber aos barranqueiros, povoando de sonhos e lendas os lugares por onde passa, encantando seus navegantes.

Suas águas esverdeadas na seca, avolumando-se sobremaneira nas chuvas, desce em torrentes borbulhando no gênio de Castro Alves, que as traduz nesse poema magno:

*“Longe, bem longe, dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos;
Dourando o colo aos perenais estios,
Que o sol atira nos modernos mundos;
Por entre a grita dos ferais gentios,
Que acampam sob os palmeirais profundos;
Do São Francisco a soberana vaga
Léguas e léguas triunfante alaga!*

*Antemanhã, sob o sendal da bruma,
Ele vagia na vertente ainda,
– Linfa amorosa – co’a nitente espuma
Orlava o seio da Mineira linda;
Ao meio-dia, quando o solo fuma
Ao bafo morto de u’a calma infinda,
Viram-no aos beijos, delamber demente
As rijas formas da cabocla ardente.*

irreparáveis a toda a região. Assoreamento, desmatamento, erosão e poluição são problemas enfrentados há anos pela população ribeirinha do Vale.

*Insano amante! Não lhe mata o fogo
O deleite da indígena lasciva...*

*Vem – à busca talvez de desafogo
Bater à porta da Baiana altiva.
Nas verdes canas o gemente rogo
Ouve-lhe à tarde a tabaroa esquiva...
E talvez por magia... à luz da lua
Mole a criança na caudal flutua.*

*Rio soberbo! Tuas águas turvas
Por isso descem lentas, peregrinas...
Adormeces ao pé das palmas curvas
Ao músico chorar das casuarinas!
Os soltos – retesando as curvas, –
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres – relinchando aos ventos –
De tua vaga os turbilhões barrentos.*

*E tu desces, ó Nilo brasileiro,
As largas ipueiras alagando,
E das aves o coro alvissareiro
Vai nas balsas teu hino modilhando!
Como pontes aéreas – do coqueiro
Os cipós escarlates se atirando,
Da grinalda em flor tecendo a arcada
São arcos triunfais de tua estrada!...*





Trecho do Rio São Francisco



E como continuasse subindo o nível das águas, a cidade de Juazeiro estava na iminência de ser invadida pelo rio, de forma que o 41º Batalhão de Caçadores se via com *graves inconvenientes* para atracar navios no porto inundado, já que podia encalhar em qualquer elevação existente no fundo ou à flor das água, daí porque sua tropa ficou no quartel em Aracaju-SE, há

apenas 24 horas de Juazeiro-BA, evitando esta última cidade ribeirinha, que fica próxima a Barreiras.

Diante do impasse e antes do advento de qualquer outro alvitre, mesmo com o perigo da cheia, no dia 19 de fevereiro o Major Álvaro Mariante determinou seguisse para Juazeiro um comboio com uma das companhias do 31º Batalhão de Infantaria, o qual partiu em vapor da Viação Fluvial e chegou àquela cidade na noite do dia 20.

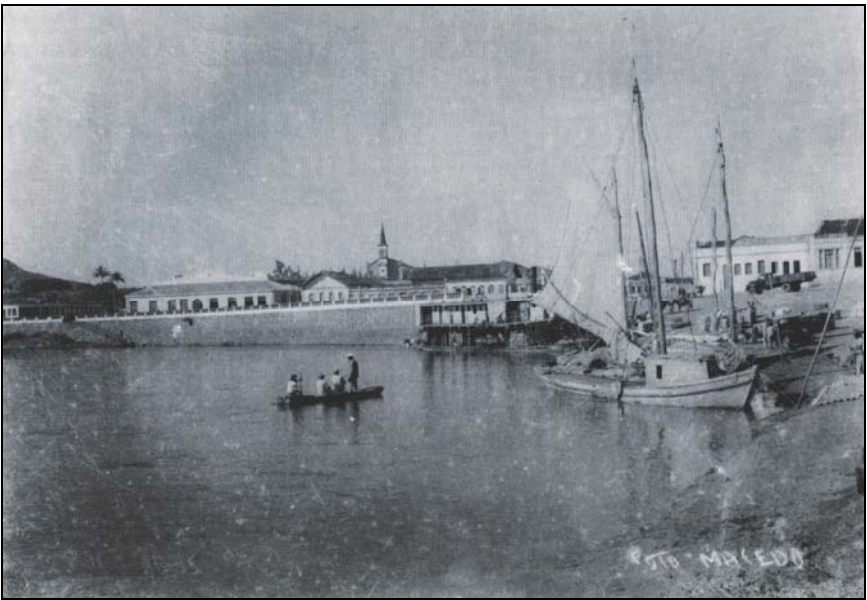
Trocados telegramas entre Comandos superiores e regionais, a todo transe e risco, no dia 21 do mesmo mês a primeira Companhia e o Estado-Maior do 31º Batalhão apressaram a partida, agora de Juazeiro para Barreiras, onde chegaram no dia 28, transportados por navios a vapor e uma chata, enfrentando o São Francisco, mas poupando os Batalhões de Salvador e de Aracaju, que viriam depois.

No dia 02 de março de 1919, também chegavam a Barreiras duas outras Companhias do mesmo 31º Batalhão, ancorando navios e batelões no cais do porto do *Rio Grande*, onde estacionaram à margem esquerda, lugar em que foi montado o acampamento.

E pararam por aí, provavelmente na confiança das proximidades de Aracaju para Juazeiro e de Juazeiro para Barreiras, de onde os outros Batalhões viriam assim que se acalmasse a estação.

O Regimento da 6ª Região de São Paulo terminou não sendo acionado, o que nos leva à ilação de que se fez desnecessário ante as citadas e muitas outras notícias colhidas em Barreiras por Álvaro Mariante, que o leitor verá adiante descritas por ele próprio.





Cais de porto no Rio Grande em Barreiras, em época que ignoramos (Foto do acervo de Ignez Pitta).



Vista do cais do porto do Rio Grande em Barreiras em 30.10.56, aqui inserido a título de exemplo,

apenas para uma idéia de como o seria em época muito mais remota.

À medida que a verdade vinha à baila, o ex-deputado e lendário Coronel da Guarda Nacional, Abílio Wolney, se diferenciava dos seus aliados de ocasião – o Major e depois Coronel Abílio de Araújo, com seus homens, e Roberto Dorado – embora nos objetivos confluíssem para a mesma Revolução, o que já era percebido por Álvaro Mariante, que melhor se informou dos acontecimentos, desde que chegou a Barreiras.

Abílio Wolney o revelaria razões bem diversas para a sua rebelião, sua revolta, uma sublevação transmudada em veemente oposição ao Governo do seu Estado.

Desde que chegaram em Barreiras, no dia 02 de março de 1919, por via marítima e depois fluvial, as Subdivisões e Companhias eram freqüentemente visitadas por um anfitrião corajoso e impoluto – o médico baiano e Deputado Estadual, Cel. Francisco Rocha – chefe político, então investido no cargo de Intendente¹⁰² da cidade, o qual era velho e leal amigo de Abílio Wolney e que por isso mesmo mais e mais ficava alarmado com a movimentação do Exército, razão porque iniciou um trabalho de demover o Major Mariante da idéia de atacar a *Vila do Duro*.

Inicialmente mostrou-lhe um telegrama expedido pelo durense Alexandre Ayres, dirigido ao Senador goiano Gonzaga Jayme, datado de 28 de janeiro de 1919, narrando que Abílio Wolney estava de posse da Vila, *“onde vinha procedendo com a máxima urbanidade, respeitando a todos. Não levara a efeito vingança alguma, só desejando salvar a família, o Duro e seus bens de fortuna. Conseguiu fazer isto depois da perda de vidas preciosíssimas de pessoas de nossa família. Sendo V. Ex. amigo dele e goiano, lembro-lhe propor ao Governo o termo das lutas inglórias e perseguições de temíveis conseqüências, sempre funestas. Abílio não atacara, em hipótese alguma, as localidades*

¹⁰² Prefeito.

vizinhas, mesmo onde estão homiziados os assassinos; limita-se ao Duro, podendo o Governo terminar tudo, uma vez que afaste as autoridades caprichosas, responsáveis pelo assassinato de sua família. O mesmo pede para dizer-lhe entenda-se com o Dr. Geraldo Rocha sobre qualquer solução salvadora, aviltrada para as localidades do norte de Goiás.(...)"¹⁰³

E sob o mesmo argumento expendido por ele Francisco Rocha, anteriormente, constante de telegrama ao governador do Estado da Bahia, publicado no dia 14 fevereiro de 1919 na mesma *Gazeta de Notícias* do Rio, cujo teor, particularmente e por propósito de alguma inteligência perversa, não havia merecido atenção de Álvaro Mariante ou no mínimo fora visto como um aceno falso, agora era-lhe mostrado e lido atentamente, na seguinte página de jornal:

“O MORTICINIO DA VILA DO DURO

“A FAMÍLIA WOLNEY NÃO RESISTIRÁ À FORÇA FEDERAL

“A situação da Vila é lamentável.

“E a notícia, procedente de Salvador, Bahia:

“S. SALVADOR, 12 - O Governador do Estado, Dr. Antônio Muniz, recebeu um telegrama do Dr. Francisco Rocha, intendente de Barreiras, e grande fazendeiro naquele município, informando-o de que a Família Wolney não resistirá à Força Federal, nada mais tendo ocorrido na Vila do Duro, depois do morticínio de que foi vítima essa família. O coronel Abílio Wolney está de posse da Vila, onde tem cerca de 300 homens reunindo o gado pertencente à família e que é avaliado em 25 mil cabeças.

¹⁰³ Telegrama passado em Barreiras, Bahia, no dia 28 de janeiro de 1919, publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, fonte citada.

“Outros telegramas procedentes de Barreiras afirmam que a Força Federal levará a crise àquela localidade, visto ser deficiente o abastecimento da cidade, havendo grande falta de cereais.

“A fim de sanar essa dificuldade, o Governador do Estado, em conferência que teve hoje com o General Inspetor da Região Militar, pôs à disposição de S.S. tudo o quanto se tornar necessário para o êxito da Expedição”.¹⁰⁴

Mostrava-lhe ainda matéria jornalística de primeira página, datada de 21 de fevereiro, onde a *Gazeta de Notícias* – ao que tudo indica conhecida do Major Mariante, que veio do Rio com várias informações – fazia constar:

“Os tristes acontecimentos que ora convulsionam e ensangüentam o norte de Goiás têm encontrado em todo o País dolorosa repercussão pelas circunstâncias cruéis que o rodeiam.

“Nascida a tremenda luta que ora se trava naqueles sertões distantes de um irrefreável desejo de vingança contra os mandantes e mandatários do crime horroroso que ali se praticou, exterminou toda uma grande família com ramificações nos municípios de outros Estados que se limitam com o de Goiás, está agora o Governo Federal de braços com uma situação difícilíssima, por isso que lhe corre o dever de sair em defesa das populações ameaçadas pelo perigoso levante”.¹⁰⁵

Por fim, o Deputado baiano expôs que Abílio Wolney, mais do que antes, continuava acenando com a paz, terminada a sua *Revolução*, inclusive havia rogado a sua interme-

¹⁰⁴ Texto extraído do jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1919, e transcrito do livro *Abílio Wolney, Um Coronel da Serra Geral*, de Nertan Macedo.

¹⁰⁵ Fonte idem.

dição, acrescentando que, naquela altura do mês de março de 1919, a grande maioria dos jagunços já haviam deixado a *Vila*, depois de pagos com os mais de 1.000 bois contratados para coadjuvarem na batida contra a oligarquia goiana.

E assim crescia como pacificador a figura do Cel. Francisco Rocha, que conseguiu inculcar no Major do Exército a necessidade de uma *Intervenção* para proteger e não para massacrar o que restou em *São José do Duro*.

Naturalmente o Comandante tinha suas cautelas. Não era bobo ao perceber naquele transe que os Rocha auxiliavam Abílio, fornecendo-lhe recursos e instruindo-o por cartas e recados dos menores movimentos do Exército em Barreiras. Com certeza sabia-se que a tropa, quando mesmo o maior sigilo rodeasse as deliberações, seria, no avançar, precedida e ladeada pelos espias espertos do adversário.

Mas também notava boas intenções no Deputado Francisco Rocha, afastando a possibilidade dele mandar reforço de jagunços da Bahia para o *Duro*, caso os Batalhões atacassem, embora tivessem saído da Bahia os jagunços mais adestrados do famoso Abílio de Araújo, o *Batata*.

De outro lado, nem mesmo os adversários políticos dos Rocha ousaram esboçar ao Major Mariante a hipótese de uma traição por parte dele, visto como a *Chacina do Duro* trouxe repugnância naquela comuna, onde os Wolney sempre gozaram de prestígio e respeito.

Enfim, vendo a temeridade de um investir imediato e, confiando mesmo no Deputado e Cel. Francisco Rocha, o Chefe Expedicionário decidiu deixar o Batalhão – único que, no final das contas, realmente chegou a Barreiras – sob alerta nesta cidade, o que era mais viável por enquanto, não o fosse pela condição de força reduzida que se viu diante da dificuldade na

travessia do Rio São Francisco pelos Batalhões que ficaram por chegar de São Paulo, Aracaju e outros de Salvador.

Aliás, o fez também depois de surpreendido por uma atitude inesperada de Abílio Wolney, o suposto inimigo, que o desarmou completamente ao ter enviado para Barreiras uma manada grossa de 400 bois para alimentação dos Batalhões anunciados, visto como aquela cidade não tinha carne para tanto. Inclusive *“para auxiliar o transporte dos Batalhões ao Duro, fez seguir uma tropa de quarenta animais de carga e ainda comprometeu-se a fornecer recursos, em alojamento e víveres, à pequena tropa do Exército que porventura fosse enviada a S. José do Duro”*, pois segundo o próprio Álvaro Mariante, *“quem via de perto as dificuldades que naquela zona cercavam as mais rudimentares operações militares, sabia da importância de que se revestiam tais providências.”*¹⁰⁶

Ruflavam as bandeiras trapejando aos ventos da paz... E na direção de tantos motivos que levaram à resolução do Chefe da *Campanha* avançar no território goiano apenas com um *Grupo* e com outra proposta:

– Seguiria em reconhecimento da área. Faria uma *Sindicância* nas cidades circunvizinhas do *Duro*, ouvindo o povo, para saber da real situação da *Vila* e dos homens arregimentados por Abílio Wolney quando do combate de janeiro de 1919.

¹⁰⁶ Trechos em itálico extraídos do próprio Relatório ao Ministro da Guerra.

Acervo de Ignez Pitta. Fotografia exposta na Galeria dos ex-Prefeitos de Barreiras.



Coronel e Deputado Francisco Rocha ou Dr. Francisco Joaquim da Rocha, médico, Intendente de Barreiras em 1919 e outras coisas mais – uma das figuras de mais destaque no mundo político da Bahia. Um ser humano, desses que surgem de século em século, assim inigualável. *“Bem aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”*.

Cessava aí o mourejar febril dos preparativos bélicos. O próprio comandante do Estado-Maior incursionaria pelo sertão para aquilatar a realidade. Fazia-se necessário dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das tropas. Fê-lo pesar ainda a consideração de que no sertão, antes do pleno estio, seria muito difícil o caminhar de homens equipados debaixo da invernia, ajoujados de mochilas e cantis, naquele extenso percurso.

A partida da base em Barreiras não poderia ser um erro pelo açodamento, nada obstante endireitada a *Campanha* para o objetivo da luta com a bravura impulsiva dos praças subalternos, o que é natural no ser humano, mormente na psicologia das guerras.

O bom senso sólido do *Chefe Expedicionário* – um estrategista – blindado da firmeza que o libertava de quaisquer perturbações, fizera que ele apanhasse, de todas as circunstâncias, as exigências reais da *Expedição*. Destas – compreendeu-o logo – a menos valiosa era, de certo, a acumulação de um maior número de combatentes em caminho. O que era preciso combater a todo o transe e vencer não era o jagunço, era o deserto dos gerais, a distância do *Duro*, ou nada disso. Mais precisamente agora fazia-se imprescindível dar à *Campanha* o que ela ainda não tivera: um *Inquérito* prévio acerca dos acontecimentos distorcidos.

Uma manhã resplandecente o alentava de par com a sua boa intuição, arrefecendo-lhe a ansiedade daquela grave missão, que vai se desvelar contra todas as expectativas:

De um modo sobremaneira cordato...



Rio São Francisco









VII

A CAMPANHA É DESDOBRADA: A COMITIVA E A SINDICÂNCIA

O belo firmamento da Bahia arqueava-se sobre a terra – irizado – passando em transições suavíssimas do zênite azul à púrpura deslumbrante do oriente.¹⁰⁷

E então, saindo de Barreiras, partia o *Oficial do Exército* à frente de uma pequena *Comitiva* por ele comandada e composta de 10 homens, sendo ele Mariante, o pacificador baiano, Dep. Francisco Rocha, um oficial, dois Sargentos, um cabo do 31º Batalhão, um cozinheiro civil e 3 empregados do Deputado Rocha, responsáveis por cuidar da carga dos animais.

No chouto dos animais atravessaram, noite nova, as primeiras léguas entre o panorama de um relevo irregular, subindo e descendo, para pousarem adiante numa fazenda.

Ao romper da aurora do dia seguinte começaram a travessia do extenso areal dos gerais da Bahia, tendo em frente os sem-fins das chapadas, na época um verdadeiro deserto, chegando aos confins do planalto, onde finda, subitamente, o alcantil da *Serra Geral*, no ponto que era conhecido como Serra de Taguatinga, na *Passagem da Viúva* – divisa da Bahia com Goiás – local em que, no dia 07 de março de 1919, desceram as escarpas da *Serra*, já em território goiano.

¹⁰⁷ Vale aqui também a observação de que alguns parágrafos deste Capítulo são textos parafraseados de *Os Sertões – Campanha de Canudos*.

Foi numa confluência daquelas que no fim do Século XIX a história registrou um fato que os estrategistas do futuro não esqueceriam:

O Cel. Moreira César, chefe expedicionário nos tempos revolucionários do sertão baiano, galopando numa descida rumo ao campo de guerra na *Campanha de Canudos*, a meio caminho refreou o cavalo. Inclinou-se, abandonando as rédeas, sobre o alção dianteiro do selim. Havia sido atingido no ventre por uma bala.

O Major Álvaro Mariante se via então numa situação parecida, embora para os lados de Goiás. Todavia levava consigo o coronel Francisco Rocha, que num gesto altruísta se ofereceu como aval, como escudo humano, como garantia da missão, a reiterar-lhe a desnecessidade de um ataque armado, a assegurar que a *Comitiva* não seria fuzilada pelos jagunços na travessia ou mesmo na chegada à *Vila*.¹⁰⁸

O programa da viagem de incursão pelo sertão goiano, revisto e melhor traçado em Barreiras, depois dos informes que colhera nas cercanias e ao chegar ali – afastando grande parte das informações absurdas veiculadas na imprensa e as próprias *ordens reservadas* que trouxe do Rio – tomava outro mapa de destino: Antes de atacar, levariam *Sindicância* ao território conflagrado. Assim saberiam da real situação dos jagunços, que as falas lendárias, acima dos jornais, apontavam

¹⁰⁸ O alvitre de Álvaro Mariante era fundado. O próprio Abílio Wolney anotaria mais tarde, referindo-se à pretérita Comissão dos Caiados, o seguinte: “A *Comissão Celso* marchou até chegar sem o menor embaraço, **quando podia ter sido dizimada**. Mas os Wolneys queriam um juiz que apurasse a verdade e assentaram de não lhe criar o menor entrave.” (Documento datilografado em 1940 e editado em Capítulo do nosso livro *O Diário de Abílio Wolney*).

para uns 500 homens, embora a verdade fosse bem outra; saber onde e como estavam, se retornaram mesmo para a Bahia; se permaneciam em *São José do Duro* articulando outra *Revolução*.

Enfim, às aventuras de um plano temerário, que se resumiria numa investida e num assalto, substituía a operação para outra mais lenta e mais segura – aquela de inspecionar primeiro o percurso, colher informes em todas as localidades a caminho, antes do avançar das Colunas da *Intervenção*, embora certo de que no *Duro* os caudilhos conheciam bem a estrada escolhida para a linha de operações com antecedência bastante para fortificarem os seus trechos mais difíceis, de sorte que, reeditando, como sempre, casos de combates anteriores, repisava em suas cogitações que o alcance do povoado poderia preestabelecer a necessidade de um combate em caminho, não obstante as garantias oferecidas pelo Chefe baiano, Dr. Francisco Rocha.

Entretanto os seus temores iam sendo afastados à medida que avançava. A travessia do caminho, nas condições da natureza descrita, foi até ali sem qualquer incidente, sem jagunços a postos em qualquer topo de colina. Sem vultos fugazes de espias rondando pelos relevos da *Passagem da Viúva*.

De modo que o pequeno comboio do Exército fez a primeira parada dentro de terras goianas, no município de Santa Maria de Taguatinga¹⁰⁹, local em que o Major Mariante cuidou de interrogar um funcionário público, apaniguado do Governo, que com hostilidade fez acusações já bem conhecidas contra Abílio.

Contudo, ao entardecer a *Comitiva* adentrava a parte urbana de Taguatinga, onde lhe deram hospedagem justo o Coronel Miguel do Carmo Lima, do Partido do Governo e inimigo político de Abílio Wolney, e que contra ele também fez acusações,

¹⁰⁹ Hoje Taguatinga-TO.

inclusive os admoestando da possibilidade de um ataque, pois naquela localidade os jagunços ameaçaram três indivíduos, com cartas, e *“por ocasião dos acontecimentos que convulsionaram o Duro os habitantes de Taguatinga deixaram quase deserto o povoado; nele permaneceram apenas trinta e cinco pessoas, aí consideradas mulheres e crianças”*.¹¹⁰

“Na manhã do dia 09 de março a Comitiva partia de Taguatinga para Conceição do Norte. Não estava esta Vila no programa de viagem que haviam traçado em Barreiras. Em Taguatinga dizia-se, porém, que Conceição fora assaltada e grandemente danificada, aconselhava-nos mesmo o referido Miguel do Carmo que lá não fôssemos, pois que seríamos talvez atacados”.¹¹¹

De Barreiras a Taguatinga e daí em frente a Comitiva fizera o percurso justamente pela estrada construída em 1890, às próprias custas, pelo Cel. Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, pai de Abílio.

Ao se aproximarem do *Duro* atravessaram uma ponte, a maior que havia pela região, feita de madeira numa extensão de quarenta e três metros de comprimento por três de largura, sobre o Rio da Ponte, cuja obra também do velho Coronel e do seu filho Abílio Wolney, já no município conflagrado, mas ainda há algumas léguas da Vila, onde não foram agora, desviando para evitar qualquer coisa.

Nas enchentes, o Rio da Ponte engrossava, saltava, de improviso, fora do leito, acachoando, estrugindo...

Por certo Mariante de novo imaginou os fantasmas dos jagunços no itinerário que seguia. Mas confiou e

¹¹⁰ Em itálico, texto do próprio *Relatório ao Ministro da Guerra*, de 28.04.1919.

¹¹¹ Idem.

prosseguiu, desarmado, intimorato, com o Dep. Francisco Rocha, que deixou o recesso confortável do seu lar, de sua terra, para aventurar-se naquelas 31 léguas em lombo de animal, que aumentariam para umas 150 sertão a dentro, sempre afirmando que a questão de Abílio Wolney era fruto de desavença com a oligarquia Caiado e que a forra não passou de vindita malbaratada.

*“Três dias depois chegavam à Vila de Conceição do Norte. Fora ela o maior reduto dos inimigos da família Wolney. Aí predominava a família Brito a que pertencia o Coletor Sebastião de Brito, irreconciliável adversário”.*¹¹²

Prosseguindo na *Sindicância* dos acontecimentos, a 13 de março partiam para Natividade, a mais importante localidade da época, onde chegaram no dia seguinte. *“Observa-se ali clara oposição à família Wolney, conforme informes colhidos. Natividade fora também completamente abandonada pelos seus habitantes. Ali haviam ficado guardando a Vila três ou quatro praças mantidas pela municipalidade”.*¹¹³

A 15 do mesmo mês a *Comitiva* deixava Natividade, e enfim, depois de extenso périplo em território goiano, rumava para *São José do Duro*, onde chegaram a 18 de março de 1919, não antes de outras breves paradas e indagações a caminho, de tudo inquirindo cautelosamente.

Haviam andado realmente 150 léguas desde que saíram do oeste baiano, com o caminho sempre livre, de modo que completavam a missão de sindicância da realidade dos fatos, da verdade da situação.

Tudo ia convergindo para um final sem outra tragédia. Abílio Wolney queria mesmo era o direito de viver em sua

¹¹² Idem, idem.

¹¹³ Idem, idem.

terra e administrar o que lhe sobrou depois da trajetória parlamentar, drasticamente interrompida por inimigos tão poderosos em Goiás.

Avisado da aproximação da *Comitiva*, Abílio Wolney afastou o bando de jagunços a cargo do caudilho Roberto Dorado para receber a altaneira visita em sede de *Intervenção da União* no Estado.

Tudo coordenado, Roberto Dorado afastou-se com seus sequazes para a Fazenda Pedra Grande, da família Belém. Não eram mais que uns 40 homens. Foi o que restou como remanescentes dos jagunços no *Vilarejo*, visto que o restante, inclusive os homens de Abílio Batata, já pagos pela refrega, haviam retornado às suas origens.¹¹⁴

O adversário imaginário – agora se via – e que deixara livre até ali o caminho para a *Comitiva*, desdenhando os melhores trechos para atacá-la, apresentava-lhe o contratempo, que no caso de uma investida da Expedição realmente seria sério:

¹¹⁴ Fato que por si mesmo demonstra ter Abílio Wolney, embora refém dos bandoleiros, feito de tudo para evitar a pilhagem na região após os acontecimentos de 1919. Talvez não o tenha conseguido de tudo, na iminência de ver a sua própria cabeça rolar perante duas centenas de jagunços – esse era o efetivo real no início – que sabiam das milhares de cabeças de gado que ele possuía e que herdou do pai. Poderiam matá-lo para roubá-lo e ninguém levantaria a voz. Mas respeitaram-no, e nesse particular, como no terem vindo em socorro dele, deve-se reconhecer a solidariedade de Roberto Dorado e Abílio Batata, ante o drama do amigo vilipendiado em Goiás. Alguns dos sobreviventes, parentes e amigos do próprio Abílio Wolney teriam sido espoliados pelos jagunços. A título de exemplo, Anna Custódia teria contribuído com 200 bois. Dos inimigos de Abílio mesmo a cabroeira muito pouco levou, pois quase nada tinham, como era o caso de Sebastião de Brito e de Manoel de Almeida.

o topar vazia a *Vila* sediciosa de *São José do Duro*, sem um jagunço para combater.

Digno de se repetir:

“A história militar é toda feita de contrastes singulares. A certeza do perigo estimula-a. A certeza da vitória deprime-a.”

E deprimente escancarava-se a certeza de que *no Duro só havia vítimas*, pois a despeito da vitória da guerrilha contra a Polícia dos Caiados, tudo ali estava mesmo era liquidado.

Álvaro Mariante sentia-se escandalosamente traído pela realidade dos acontecimentos. Era ridículo todo aquele sobosso mediado pelos títeres da oligarquia goiana – uma dinastia de denunciadores e algo mais, já agora por tudo denunciados...

Ao adentrar na *Vila*, a *Comitiva* do Exército foi recebida com lhaneza e galhardia pelo ex-Deputado Abílio Wolney, seus familiares, amigos, e pelo Promotor de Justiça exonerado, Dr. Francisco de Borjas Mandacaru e Araújo, que para ali acorreu assim que soube daquela aproximação altaneira. Mesmo que tardia, ia o Promotor *promover a justiça*, com o seu testemunho...

Longa confabulação foi travada com o comandante militar, que em seguida, convidado para uma reunião no *Casarão* dos Wolney, deparou ali com todas as viúvas e órfãos dos mortos que aguardavam, trajados de luto, a chegada daquele *salvador*, que se faria o justo Juiz que o *Duro* não teve.

Abílio Wolney, comovido, mostrava-lhe a realidade:

–“Veja as testemunhas da morte de meus

amigos e familiares dada em holocausto ao Governo!”.¹¹⁵

Coagia Mariante o constrangimento de simbolicamente receber uma coroa viva de orquídeas negras, feita de seres humanos – aquelas mulheres em crepe – rodeando uma mesa que se bordava de mães, esposas, noivas e irmãs saudosas, intercaladas de crianças – os botões da mesma sorte...

O Major, então, respondeu com o silêncio, mas deixando transparecer as graves impressões que lhe iam na alma. Em seguida foi levado até o *Sobrado*¹¹⁶, onde impregnava o ambiente um bafio agulhento de caverna.

¹¹⁵ Palavras textuais ditas por Abílio Wolney a Álvaro Mariante, conforme Relatório de 28.04.1919, adiante transcrito. Grifo nosso.

¹¹⁶ Narrou-me o tio Liberato Aires Cavalcante (Bera) que o frontispício do *Sobrado* tinha cinco estacas entre os adobes rebocados: uma no oitão, duas nas extremidades da parede, uma entre o oitão e a parte extrema da direita e outra entre o oitão e a parte extrema da esquerda. Provavelmente as havia também no interior e nos fundos da construção, como deduzimos. Tio Bera contou-me ainda que, numa das estacas intermediárias, via-se a data do ano de 1902, escrita a talhadeira na parte mais alta do esteio e que no primeiro pavimento do *Sobrado* havia duas portas e quatro janelas. Os meus pais Zilmar Póvoa Aires e Irary Wolney Aires me disseram que para o lado esquerdo que defrontava com o Casarão de D. Joaquina Fernandes – construído por seu esposo Manoel Ayres Cavalcante – (hoje Museu Municipal de Dianópolis), o *Sobrado* tinha duas portas e duas janelas. Do lado direito havia pelo menos uma porta ou uma janela, como se vê em fotografia abaixo. Ainda na parte de baixo, à direita da escada interior, como primeiro cômodo estava o quarto onde os reféns foram fuzilados e sangrados no *Tronco*. Aquele cômodo servia antes – por empréstimo – como Cadeia Municipal. Contou-me minha mãe Irary Wolney que em 1946 (aos 13 anos de idade) entrou nesse compartimento lóbrego e na parede interior que ladeava a escada estavam as marcas escuras de sangue espirrado, como se tivessem sido esguinchados e menos de meia altura e dos pontos onde foram lançados escorriam abaixo, empretecidos. Havia outro cômodo anexo, onde outros reféns também foram assassinados, e em seguida um salão. Quem

Adentrou na penumbra, sendo-lhe mostrado os recantos escuros dos quartos onde estiveram os reféns.

Era preciso valor para atravessar aqueles compartimentos lúgubres, de cujas portas e janelas mal se divisava um reflexo pálido do dia, mostrando em paredes alvinitentes do seu interior, cabriolando, doudamente, a caligrafia da *Chacina* nos

entrava no *Sobrado* pelas duas portas da frente se deparava com uma escada de madeira para o segundo andar, que podia ser galgada com um corrimão de madeira escura e polida (talvez de pau d'arco), que dava acesso ao assoalho de tábuas grossas de aroeira ou também de pau d'arco que forravam o piso do pavimento superior. Chegando em cima, via-se imediatamente uma porta à direita, com acesso a outros cômodos, certo que na parte superior só havia as cinco janelas da frente. O *Sobrado* foi doado por Abílio Wolney ao casal João Correia de Melo (genro) e Miretta Wolney Melo (filha). O Prof. João Correia mais tarde ministraria suas aulas num salão da parte de baixo, intermediado por um cômodo anexo ao local onde esteve o *Tronco*. Esse cômodo intermediário, onde provavelmente havia uma janela, era utilizado por aquele mestre vanguardeiro como Farmácia de Manipulação. (Foi por esse flanco direito que os últimos soldados chegaram ao *Sobrado*, egressos dos outros Quartéis, no momento da fuga em janeiro de 1919). Mais tarde o Professor e sua esposa venderam ou cederam o *Sobrado* para o Município, que o demoliu em 1951, quando da gestão do Prefeito Dário Rodrigues Leal (1951-1955), anuindo pedido de alguns familiares de vítimas da *Chacina*, que diziam querer apagar a imagem da tragédia. (Um equívoco, pois a história transcende os acontecimentos). Já baldio o lote, na 2ª gestão do valioso Prefeito Benedito Costa Póvoa o Município o vendeu para o então MM. Juiz de Direito da comarca de Dianópolis, Dr. João Moreira Marques (com quem me encontrei recentemente em Goiânia e disse-me ter ganhado de Abílio Wolney um carrinho de mão cheio de livros antigos de Direito e outros). O Dr. Marques depois outorgou procuração para um ex-policia! vender o lote do *Sobrado*, que depois terminou sendo adquirido por Celso Ayres Cavalcante e sua esposa, D. Carmen Jacobina Ayres). Com o desenlace de Celso (Confúcio), o terreno hoje pertence aos seus honrados filhos.

riscos de sangue esguichados entre os pontos escarificados a ponta de instrumento cortante – a literatura rude da selvageria.

Uma página demoníaca daquele período curto, incisivo, arrepiador, delatando os horrores daquele campo de operações.

No chão batido dos rastros haviam turbilhonado na vozeria das vítimas: paixões, ansiedades, esperanças, desalentos indescritíveis – reflexo das agruras que os alancearam.¹¹⁷

E não podiam encontrar melhor cenário para ostentarem a forma mais repugnante da hediondez do que o esterquilínio de cadáveres e trapos, imersos na obscuridade lóbrega do calabouço em que se transformou o prédio do *Sobrado* em São José do Duro.

Seguia-se por ali envolto de um silêncio soturno...

Via-se no quadrilátero da praça a transmutação em parte do trecho torturado: nas casas de taipa de gente pobre, tabiques esboroavam em estilhas e terrões, com o vento soprando a poeira dos escombros.

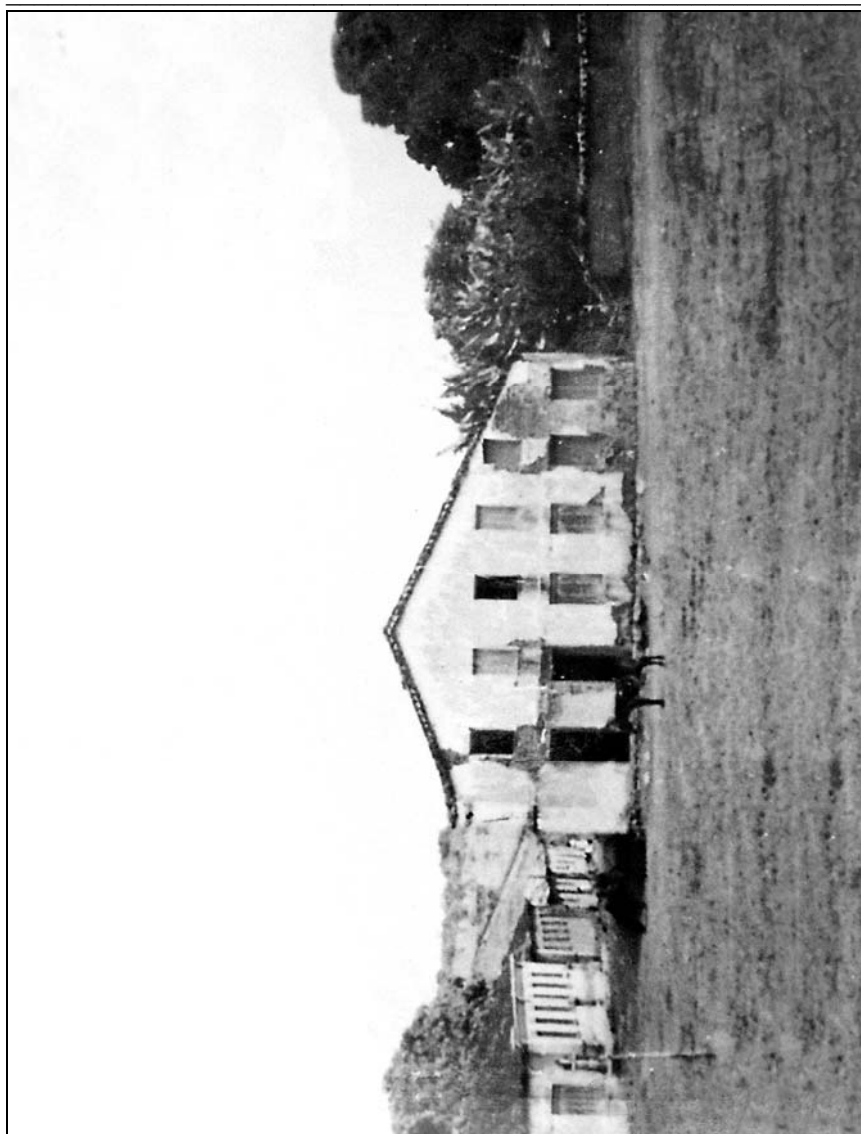
Alguém contava que na virada para o terceiro dia, o mau cheiro dos cadáveres dos reféns haviam despertado novos viventes – os urubus que volitavam sobre a masmorra, no extenso largo.

Cães magérrimos circulavam como famélicos lebréus, pelados, esvurmando feridas, farejando e respigando

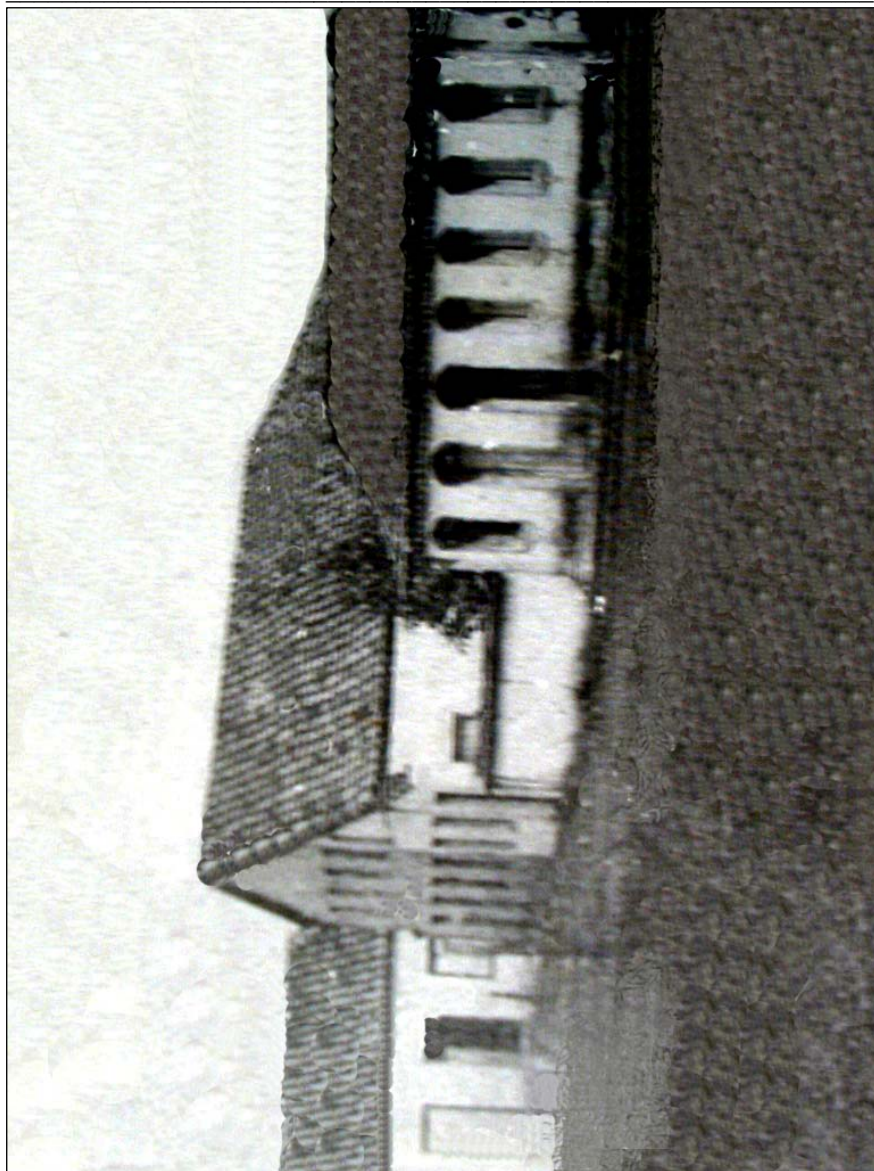
¹¹⁷ Parágrafo inspirado em texto de Euclides da Cunha, obra citada.

aqueles monturos, numa ânsia de chacais, querendo devorar talvez os próprios donos. Tangidos, fugiam rápido, rosnando...¹¹⁸

¹¹⁸ Seguem duas fotografias do velho *Sobrado*, construído em 1902, antiga residência do pai e depois de Abílio Wolney, local onde os mártires foram sacrificados. No local hoje há um lote baldio. A foto a seguir foi restaurada por Voltaire Wolney Aires e vem na capa da 1ª edição do seu livro *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores*. Esta mesma fotografia está no *Palacinho*, o Museu Histórico do Estado do Tocantins, em Palmas. O original dela foi cedido pela Prof^a. Anisiana Jacobina Aires Sepúlveda (Nizinha). **Na segunda fotografia** temos uma vista em través do *Sobrado*. Ao lado está a anexa e atual casa de D. Carmen Jacobina Ayres, viúva de Celso Ayres Cavalcanti (Confúcio). O último portal, à direita, parece um acréscimo, apenas na parede frontal, jungido a um muro reformado. Na foto anterior, mais antiga, há um espaço aberto justo aí.



Sobrado dos Wolney feito em 1902. (Acervo de Anisiana Jacobina Airaes Sepúlveda(Nizinha), constante da capa do livro *Abílio Wolney Suas Glórias Suas Dores*, de Voltaire Wolney. Aqui os reféns foram sacrificados em 1919. A edificação foi demolida em 1951.



Través do Sobrado construído pelos Wolney em 1902.(Acervo de Liberato Aires Cavalcante



Casarão dos Wolney, hoje na Praça Cel. Wolney – Dianópolis-TO, antigo largo da Vila.



Porta principal do Casarão (*home page* de Antônio Costa Aires).



Antes de deixar a *Vila* – território onde haviam tripudiado o jagunço oficial e o jagunço do sertão – o Major Álvaro Mariante reparou bem nas portas das vivendas os furos de bala, mormente nas do *Casarão*, onde estavam as mulheres e crianças.

Chegava a hora de regressar. O Comandante

Expedicionário agradeceu a recepção ordeira dizendo que ia entender-se com os seus superiores e que Abílio Wolney aguardasse resposta.

E assim, no dia 22 de março de 1919, a *Comitiva* deixava o *Duro* tornando a Barreiras, onde o grosso da tropa a aguardava há 20 dias, entre apreensiva e sob regime de caserna.

Mariante saía pelo mesmo caminho da entrada, pelo lado da *Cruz das Almas* que ficava a leste¹¹⁹. Afastado já uns quinhentos metros do *Vilarejo*, passou à ourela de um claro no matagal bravio que o rodeava, onde um barreiro subia do plano como pequeno outeiro. Era o sepulcro dos *Nove* mortos no *Tronco*, debaixo de um grande pé de candeal, onde o signo de pequenos cruzeiros improvisados marcavam o novo cemitério.

Já o Cel. Wolney e o neto Oscar Leal haviam sido enterrados no cemitério da *Vila* como resultado da *Revolução de Janeiro de 1919*, feita de traumas horríveis.

São José do Duro ficava para trás e para sempre, com aquela aparência comum aos povoados sertanejos, engrunhidos e estacionários, onde por décadas seguintes não se construiu uma casa.

¹¹⁹ Segundo informações dos meus pais Zilmar Póvoa Aires e Irany Wolney Aires, havia *Três Cruzes das Almas*, nas três saídas da cidade: uma depois do Cemitério Municipal, na antiga saída para a Água Boa e Taipas, para os lados do *Buraco de Areia*; outra a leste, acima referida, no trajeto entre a *Capela dos Nove* e o declive conhecido como *Maria do Reis*, que termina num córrego – mais ou menos no local onde hoje há um posto de gasolina e um restaurante – e ainda outra, a oeste, no atual setor *Cavalcante*, para os lados do *Campo Velho*, mais ou menos em frente ao local onde hoje está o Consórcio Rodoviário. Todas serviam como marcos de entrada e saída da antiga *Vila* e provavelmente foram colocadas pelo Cel. Joaquim Ayres Cavalcante Wolney. O escritor Voltaire Wolney Aires guarda a haste de uma delas.

Aos olhos daquele Chefe do Estado-Maior do Exército, o casario, em sua maioria pobre, arrumado aos lados daquela praça, com a grotta aberta ao meio pelos enxurros, entrava-lhe na memória um ar tristonho, completando-lhe o aspecto de arraial morto, prometendo um descambar para tapera em ruínas, que sua *Comitiva* penetrara envolta num coro silencioso de choro reprimido naquela gente.

A mão de ferro da polícia estadual ali se espalmaria, traçando em caracteres enormes o entrecho do drama. Os mortos eram uma revelação dolorosíssima, sem qualquer alento.

Nas sevícias que sofreram retratava-se a energia de uma gente.

Aqueles homens dilacerados pelas garras pontiagudas dos sabres da oligarquia goiana deixavam por ali, indelével, o esboço real do escândalo de uma empresa sem brilho, sem altitude. Eram o vigor de um povo posto à prova do ferro, à prova do fogo e à prova de cruel tortura, enfeixando torpezas incríveis, que não conseguimos traduzir para o papel.

Abaladas pelo cataclismo da luta armada, as camadas superficiais de uma pequena comunidade cindiam-se, pondo à luz os seus elementos profundos naqueles mártires estóicos, ante a alternativa abjeta de um só tipo de morte.

Os narradores futuros tentariam em vão velá-la em descrições gloriosas. Teriam em cada página, indestrutíveis, tais descrições ultrajantes, com as quais os sacrificados entravam, num belo aprumo de candidatos à História, pelo *Tronco* sanguinolento e fácil dos algozes da *Chacina Oficial de 1919*.

Sobre tudo isto um pensamento diverso latente no espírito do Major do Exército: a admiração pela ousadia caudilha, homens da mesma raça, de encontro aos quais houve

uma debandada da polícia dos Caiados, precedida de outra covardia ainda maior...

Por outro lado, desentendia a razão dos jagunços não terem ido no encalço da força fugitiva, quando o Cel. Abílio Wolney poderia fazê-lo, visto como, impulsionado pelo destemor de vingar a morte do pai roubado, agora estaria ancorado no sentimento de vindita pela morte do irmão, do cunhado, do sobrinho, dos amigos. E com tantos homens dispostos, por que não o fizera?

O Major Álvaro Mariante levava, afinal e além das interrogações, um juízo claro sobre a luta mais brutal do nordeste goiano, deixando ali os sobreviventes roejados de pranto e presos a recordações penosas, sem qualquer comemoração daquele sombrio heroísmo de vítimas. Mas, por um contraste inexplicável, sobre sua comisseração profunda pairava como glória o martírio daqueles homens sepultos – ali havia um triunfo que apontava o futuro...

Decepcionado, matutava em caminho de volta, vislumbrando o traço superior da *Revolução* num dos Estados da Federação, mas sem vitória a curto prazo. Havia um afloramento insurgente, patenteando todas as manobras da oligarquia goiana; era um belo ensejo para estudo, correção e anulação da lei da força, que gerou o desforço e culminou numa *Chacina*.

Decididamente era indispensável que a pretérita *Comissão do Governo de Goiás* tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado daquele norte. Um *Vilarejo* que era um clã.

Deveras, era uma lição nada eloqüente...

Se tivesse navegado o cheio São Francisco com os Batalhões retardatários iria combater com ninguém – um desa-

pontamento real que em muito o assustou.

As tropas do Exército viriam ater-se a papel mui secundário: fazer 31 ou 150 léguas de sertão, como o fez, apenas para contemplar – espectadora inofensiva e armada dos pés à cabeça – o perdimento do apoucado *arraial* que, ao vencer, foi derrotado naquele estrangulamento vagaroso dos reféns, e agora não desafiava a movimentação exaltada e convulsiva de uma batalha com a Força Federal.

Metesse os seus homens na estrada e a *Campanha* transformar-se-ia em passeio militar penoso; a volta inglória. O *Duro* era uma necrópole, tristíssima, e Abílio Wolney sua alma viva, rodeado dos que sobreviveram, revelando-se, ainda mais, vítima dos próprios bandoleiros contratados, que se vieram ajudá-lo na malsinada vindita, levaram as mais de 1000 cabeças de gado como pagamento da ofensiva ao Governo do Estado.

Enfim, a sua diligência terminava ali. Foi o único movimento militar realizado e por diminuta *Comitiva* de toda a força expedicionária do Exército, mas que teria um grande alcance para a imparcialidade da história...

À sua frente azulava-se a leste a *Serra Geral*, distante, lá para os lados de onde veio.

Circunspecto, Mariante galgava os aclives e declives da morraria no caminho de regresso, seguido pelo heróico Deputado Francisco Rocha e demais.

No dia 25 de março de 1919 chegavam de volta a Barreiras-BA. Ao toque de revista foi reunida a coorte – umas oito centúrias de soldados – providenciando a imediata retirada do Batalhão no retorno para a sua base de origem e no mais desarticulando as que viriam empós, caso houve o combate.

Em seguida, Álvaro Mariante cuidou na redação de extenso e minucioso *Relatório* de sua *Expedição* ao Ministro da Guerra, General Alberto Cardoso de Aguiar, datado de 28 de abril de 1919, publicado no *Diário do Congresso Nacional* de 10 de julho de 1919, páginas 779 a 786, onde revelou-se verdadeiro magistrado de coturno, togando a farda de cauteloso estrategista militar em campo destroçado...

O seu *Relatório* é como uma *Sentença*, o *Acórdão* de um tribunal de Brigadas de 800 ou mais de 2.000 homens, que ele soubera dirigir ao conter, no evitar um avanço inconsequente.

Um contra-libelo para a história...

É assim que narraremos doravante, adstrito à sua “*Exposição de Atividades*”, transcrita nos capítulos seguintes, *verbum ad verbum*:

Ilustríssimo senhor general Ministro da Guerra — Designado por Vossa Excellencia para exercer o cargo de chefe do estado-maior da expedição que marcharia para a cidade de Barrreiras, visando uma possível intervenção no Estado de Goyaz, recebi ao mesmo tempo a incumbencia de proceder á rigorosa e imparcial syndicancia sobre acontecimentos que levavam o Governo daquelle Estado a solicitar a intervenção do Poder Executivo da União. Autorizado por Vossa Excellencia tomava como auxiliar um official do Estado-Maior do Exercito, o primeiro tenente Valentin Benicio da Silva. A cinco de fevereiro recebiamos ás primeiras instruções verbaes e lançavamo-nos em busca dos elementos que o desempenho da dupla missão exigia. Nesta capital falleciam quasi por completo os elementos procurados. Mappas e cartas fornecidos pelo gabinete de Vossa Excellencia e pelo Estado-Maior do Exercito eram as unicas fontes de informações sobre a geographia das regiões que iríamos percorrer; e essas eram quasi mudas, a par dos esclarecimentos que urgia obter. Com respeito a Abílio Wolney, o então indigitado bandoleiro do Norte Goyano, algumas informações que, aliás, não condiziam com a feição que lhe era attribuida em telegrammas do Gbverno de Goyaz, estampados na imprensa carioca. E assim, com esses parcissimos elementos, puzemo-nos a caminho, a oito do mesmo mez, para a capital da Bahia, onde transmittiríamos ao excellentíssimo senhor general João Emydio Ramalho, inspector da terceira região, ordens verbaes reservadas que Vossa Excellencia nos confiava e onde esperavamos poder colher mais abundantes dados sobre as regiões que iríamos visitar e sobre as gentes com quem iríamos tratar. A onze do referido mez aportavamos a cidade de São Salvador. Ahi continuamos a faina encetada nesta Capital. Do estado-maior da terceira região e do Instituto Historico e Geographico da Bahia obtinhamos alguns detalhes, raros e por vezes contradictorios, referentes ás regiões oeste bahiano e norte-goyano.

Robusteciam-se, porém, as informações optimistas sobre o pessoal apontado como subversor da ordem nesta região. Pessoas que viajavam pelo S. Francisco e seus afluentes da margem esquerda e que estavam por vezes em contacto intimo com os homens do sertão goyano do norte, apontavam a familia Wolney como a mais laboriosa daquellas paragens e a menos capaz de revolucionar a região. As primeiras noticias sobre os successos lá desenrolados eram confirmadas a negras cores e a opinião unanime fazia pender a balança em favor dos trucidados pela policia goyana. A excursão que iamoz fazer, era, porém, pintada como uma nova Odisséa. Os meios de transporte eram difficillimos, havia desertos a atravessar, perigosissimos desfiladeiros a transpor. Entretanto, a par dessas, colhiamos informações mais auspici-

VIII

PREÂMBULO DO RELATÓRIO¹²⁰

“Ilustríssimo senhor general Ministro da Guerra – Designado por Vossa Excelência para exercer o cargo de chefe do Estado-Maior da expedição que marcharia para a cidade de Barreiras, visando uma possível intervenção no Estado de Goiás, recebi ao mesmo tempo a incumbência de proceder a rigorosa e imparcial sindicância sobre acontecimentos que levavam o governo daquele Estado a solicitar a intervenção do Poder Executivo da União.

“Autorizado por Vossa Excelência, tomava como auxiliar um oficial do Estado-Maior do Exército, o primeiro Tenente Valentim Benício da Silva.

“A cinco de fevereiro recebíamos as primeiras instruções verbais e laçávamo-nos em busca dos elementos que o desempenho da dupla missão exigia.

“Nesta capital¹²¹ faleciam quase por completo os elementos procurados. Mapas e cartas fornecidas pelo gabinete de Vossa Excelência e pelo Estado-Maior do Exército eram as únicas fontes de informações sobre a geografia das regiões que iríamos

¹²⁰ Apenas o título foi inserido pelo autor.

¹²¹ Rio de Janeiro.

percorrer; e essas eram quase mudas, a par dos esclarecimentos que urgia obter.

“Com respeito a Abílio Wolney, o então indigitado bandoleiro do Norte Goiano, algumas informações que, aliás, não condiziam com a feição que lhe era atribuída em telegramas do Governo de Goiás, estampados na imprensa carioca.

“E assim, com esses parcíssimos elementos, pusemo-nos a caminho, a oito do mesmo mês, para a capital da Bahia, onde transmitiríamos ao excelentíssimo senhor general João Emídio Ramalho, Inspetor da 3.^a Região, ordens verbais reservadas que Vossa Excelência nos confiava e onde esperávamos poder colher mais abundantes dados sobre as regiões que iríamos visitar e sobre as gentes com quem iríamos tratar.

“A onze do referido mês aportávamos à cidade de São Salvador. Aí continuamos a faina encetada nesta capital. Do Estado-Maior da Terceira Região e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia obtínhamos alguns detalhes, raros e por vezes contraditórios, referentes às regiões oeste-baiano e norte-goiano.

“Robusteciam-se, porém, as informações otimistas sobre o pessoal apontado como subversor da ordem nesta região. Pessoas que viajavam pelo São Francisco e seus afluentes da margem esquerda e que estavam por vezes em contato íntimo com os homens do sertão goiano do norte, apontavam a família Wolney como a mais laboriosa daquelas paragens e a menos capaz de revolucionar a região.

“As primeiras notícias sobre os sucessos lá desenrolados eram confirmados a negras cores e a opinião unânime fazia pender a balança em favor dos trucidados pela polícia goiana. A excursão que íamos fazer, era, porém, pintada

como uma nova Odisséia. Os meios de transporte eram difíceis, havia desertos a atravessar, perigosíssimos desfiladeiros a transpor.

“Entretanto, a par dessas, colhemos informações mais auspiciosas, a que dávamos maior crédito e que descreviam a tarefa menos penosa do que a que em geral se apresentava. Havia, porém, um obstáculo inegável de grande vulto, a enorme cheia do majestoso S. Francisco. O rio ameaçava assustadoramente as cidades ribeirinhas e a Empresa de Viação Fluvial do São Francisco, único recurso de salvação das povoações ameaçadas, não contava elementos para efetuar o transporte das tropas da Terceira Região que seriam concentradas em Barreiras e ao mesmo tempo atender as vítimas da inundação que vinha varrendo as margens da larga via de comunicação.

“Essas razões e as já referidas quanto às auspiciosas notícias que íamos colhendo com respeito aos sucessos de que fora teatro a Vila de São José do Duro, levaram-nos a dirigir a V. Exa. um telegrama assim concebido:

‘Informações colhidas viagem outras aqui recebidas pessoas fidedignas parece indicarem ser desnecessário enviar coluna militar São José Duro. Dizem disposições, pessoal lá reunido, não serão hostis representantes Governo Federal. Além disto condições viagem em más embarcações, falta recurso para grande tropa e febre palustre reinante longo São Francisco e afluentes, tornarão difíceis concentração forças Barreiras. Tomo, por isso, liberdade pedir Vossa autorização seguir até Barreiras e mesmo até Duro com Tenente Benício e se necessário daí para diante. Penso cumprirei assim vossas instruções verbais sem despesas e com economia tropa. É essa também opinião senhor General Ramalho. Saudações’.

“Dois dias depois víamos atendidos com prazer nossas ponderações pois V. Exa. resolvia fazer seguir para

Barreiras um dos Batalhões do décimo primeiro regimento de infantaria e para Joazeiro o quadragésimo primeiro batalhão de caçadores. Ao mesmo tempo recebíamos ordem de acompanhar o batalhão que marcharia para Barreiras e daí em diante cumprir as instruções verbais que recebêramos de V.Exa.

“Com tais disposições a coluna não comportava mais um estado-maior como o que exigia a primeira projetada e o nosso papel ficava limitado à sindicância dos fatos ocorridos no extremo norte de Goiás.

“Não obstante, prestamos auxílio aos trabalhos de transporte do batalhão para Joazeiro e daí para Barreiras, ao estacionamento da tropa nessa localidade, ao abastecimento em marcha e no estacionamento, etc.. Avolumavam-se, porém, mais e mais as notícias relativas à cheia do São Francisco. Em virtude delas e por ser fácil o transporte do quadragésimo primeiro de caçadores de seu quartel em Aracaju para Joazeiro e difícil o estacionamento nessa última cidade que nos diziam ameaçada pela invasão das águas, enviamos a V.Exa. um despacho telegráfico em data de quinze de fevereiro:

‘Trigésimo primeiro batalhão pronto marchar esperando apenas vapores ocupados socorrer vítimas enchentes S. Francisco. Julgo meu dever informar-vos Joazeiro ameaçada inundação, poderá trazer graves inconvenientes quadragésimo primeiro de caçadores essa localidade distante apenas vinte e quatro horas Aracaju’.

“No dia dezenove às seis horas da manhã marchávamos com o trigésimo primeiro batalhão infantaria em comboio da *Chemin de Fer de L’Etat Brésilien* para a cidade de Joazeiro. Aí chegamos às vinte horas do dia seguinte. Pusemo-nos logo em campo para a organização do transporte para Barreiras em vapores da Viação Fluvial.

“Foi-nos então apresentado o seguinte telegrama:

‘Antônio Evangelista Pereira e Melo, Inspetor Viação Marítima e Fluvial – Joazeiro – Oficial – Rio, dezoito, dois, dezenove - Governo resolveu ontem por proposta conjunta dos Ministros da Guerra e da Marinha que o transporte de forças somente se faça quando não houver necessidade empregar navios no serviço de salvação população marginal S. Francisco, contra enchentes pois este serviço humanitário mais urgente do que o outro. Nesse sentido é que deve ser entendida requisição navios recentemente feita. Deveis dar publicidade esta deliberação que foi transmitida pelo Senhor General Cardoso de Aguiar ao General Ramalho, comandante do distrito da Bahia. A juízo dessa autoridade se fará transporte gradativo da tropa à proporção que necessidade navios for menos urgente para socorro população ribeirinha vitimada pelas inundações. – (Assinado) Afrânio de Melo Franco, Ministro Viação’.

“Já havíamos nós verificado não serem exageradas as apreensões relativas à cheia do rio. No porto de Joazeiro as águas subiam a vinte centímetros em vinte e quatro horas e faltava apenas um metro e quarenta centímetros para a cidade ser invadida. Em vista disso e do telegrama oficial que nos foi apresentado pelo senhor inspetor da Viação Marítima e Fluvial, declaramos-lhe que o transporte do batalhão dependia então dos recursos que ele pudesse dispensar. Podia ceder os navios que julgasse prescindíveis e mesmo nenhum ceder, se assim o entendesse. Em sua companhia verificamos que os vapores *Matta-Machado*, *Joazeiro*, *Engenheiro Halfeldt* e uma chata seriam suficientes para o transporte do batalhão à cidade de Barreiras.

“Julgou ele desnecessários esses vapores ao socorro das povoações ameaçadas ou já inundadas. Só então resolvemos marchar com o batalhão para aquela cidade do extremo oeste baiano, o que levamos ao conhecimento de Vossa

Excelência, em telegrama de vinte e um. Nesse dia partimos para Barreiras, onde chegamos com a primeira companhia e o estado-maior do batalhão às cinco horas e trinta minutos do dia vinte e oito. A dois de março chegavam àquele porto do Rio Grande as duas outras companhias do batalhão, que eram transportadas no *Joazeiro* e no *Engenheiro Halfeldt*, vapores de marcha mais lenta do que a do *Mata Machado*. Estacionado o Batalhão à margem esquerda do Rio Grande, em frente à cidade de Barreiras, prosseguimos em sindicâncias que nos cabia fazer sobre os sucessos do *Duro*. É o que procuraremos descrever com fidelidade e laconismo.

“O desdobramento da missão que nos foi confiada e a posterior supressão dos trabalhos do estado-maior que nos caberiam, desobrigam-nos a fazer aqui referência a estes últimos. Entretanto, coordenaremos com menos urgência os elementos colhidos para este trabalho e apresentaremos ao do Estado Maior do Exército dados estatísticos colhidos durante a viagem, informações sobre os recursos das regiões atravessadas e os meios de transporte, levantamento expedito executado em marcha pelas regiões pouco conhecidas do extremo oeste baiano e pelo nordeste de Goiás, etc..

“O presente relatório dirá apenas sobre os acontecimentos que levaram a perturbação da ordem no sertão goiano. Será a síntese do inquérito a que procedemos sob a forma de palestra com os habitantes da região, único meio de conseguir, captando-lhes a confiança, as informações procuradas. Outra parte de capital importância foi a abundante correspondência epistolar colhidas na região.

“Na pressa da fuga a correspondência era abandonada discricionariamente e mais tarde colhida pelos que primeiro regressavam. Dessa correspondência, de documentos escritos que nos foram fornecidos, resumos de palestras entretidas com os habitantes de Goiás e dos depoimentos verbais, que nos

foram repetidos por escrito pelo senhor Doutor Mandacarú Araújo e Coronel Abílio Wolney, de tudo isso juntamos cópia ao presente relatório.

“E como seria longo e fastidioso fazer desses documentos a leitura completa, juntamos um número a cada tópico de maior realce e a eles iremos fazendo referências no correr da descrição. Podíamos abandonar tais documentos; preferimos, porém, juntá-los a este relatório, no intuito de provar a autenticidade das fontes em que nos inspiramos e a imparcialidade com que procedemos captando informações entre suspeitos e insuspeitos na questão alvejada, entre amigos dos que nela foram parte saliente. Pensamos, assim procedendo dar cabal desempenho à missão de confiança com que vossa excelência nos honrou.

IX

“SUCESSOS DE SÃO JOSÉ DO DURO

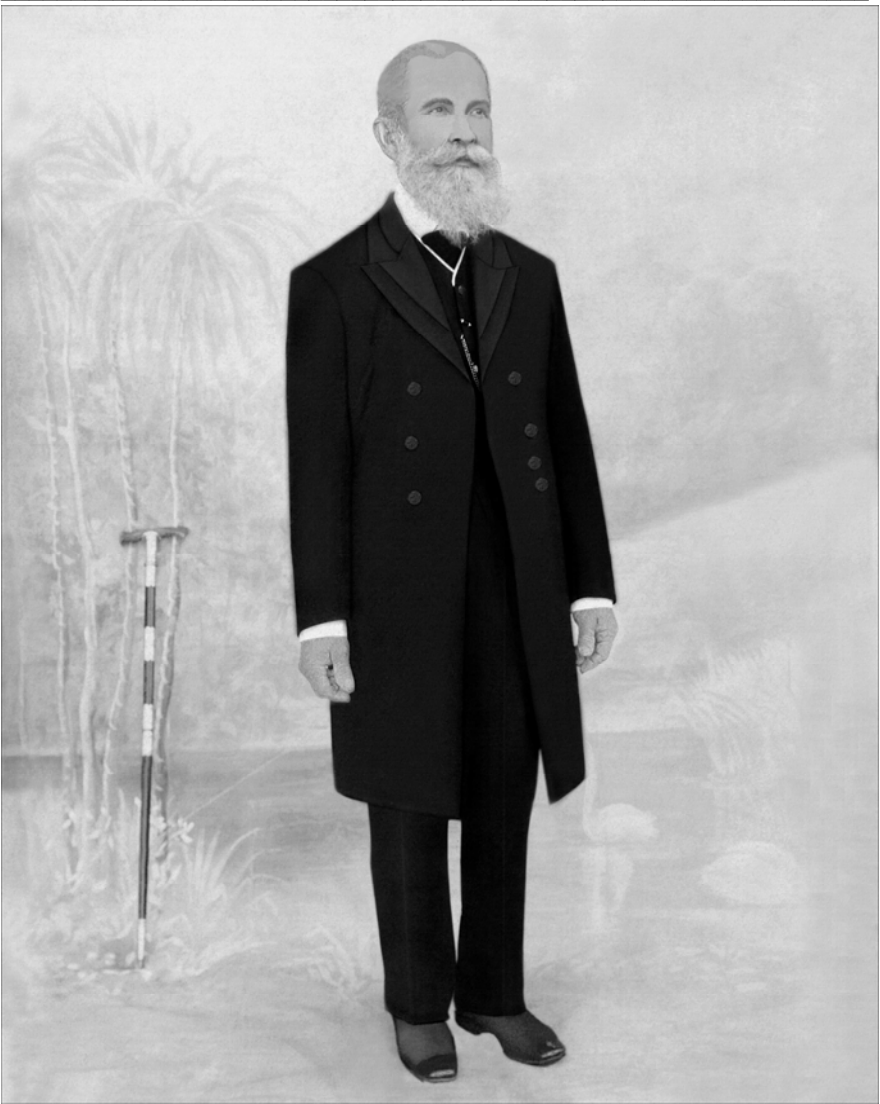
“I – A FAMÍLIA WOLNEY – AS ORIGENS REMOTAS DA QUESTÃO.¹²²

“Abílio Wolney¹²³ é filho de Joaquim Ayres Cavalcante Wolney e dona Maria Jovita Leal Wolney. Seu pai, descendente de família baiana, tornou-se por sua vida laboriosa e empre-

¹²² O Título e os sub-títulos são do original, salvo o algarismo V encimado.

¹²³ O Deputado **Abílio Wolney** nasceu na Fazenda Taipas, município de Conceição do Norte, numa terça-feira de 22 de agosto de 1876, vindo nos primeiros dias da infância para *São José do Duro* com os seus pais, com os quais aprendeu a ler e escrever, frequentando escola por alguns meses, onde aprimorou seus estudos sobre as quatro operações fundamentais da Aritmética, o Sistema Métrico Decimal e Lexicologia, tornando-se um autodidata, de uma voracidade sem limite em matéria de leitura. O Pe. João Magalhães Cavalcante contou ao autor ter ouvido o próprio Abílio dizer que aprendeu alguma coisa também com os boiadeiros que passavam pelo *Duro*, ora debaixo de uma árvore frondosa à ourela do caminho, ora em casa, nas Fazendas. O seu nome original seria Abílio Ayres Leal Cavalcante, conforme um documento Escolar Primário e informal, segundo me contou o Prof. Osvaldo Rodrigues Póvoa. Abílio teria passado a usar o nome Abílio Wolney ainda adolescente e prosseguiria utilizando-o na vida pública, no exercício da advocacia provisionada e depois em Escrituras e documentos oficiais.

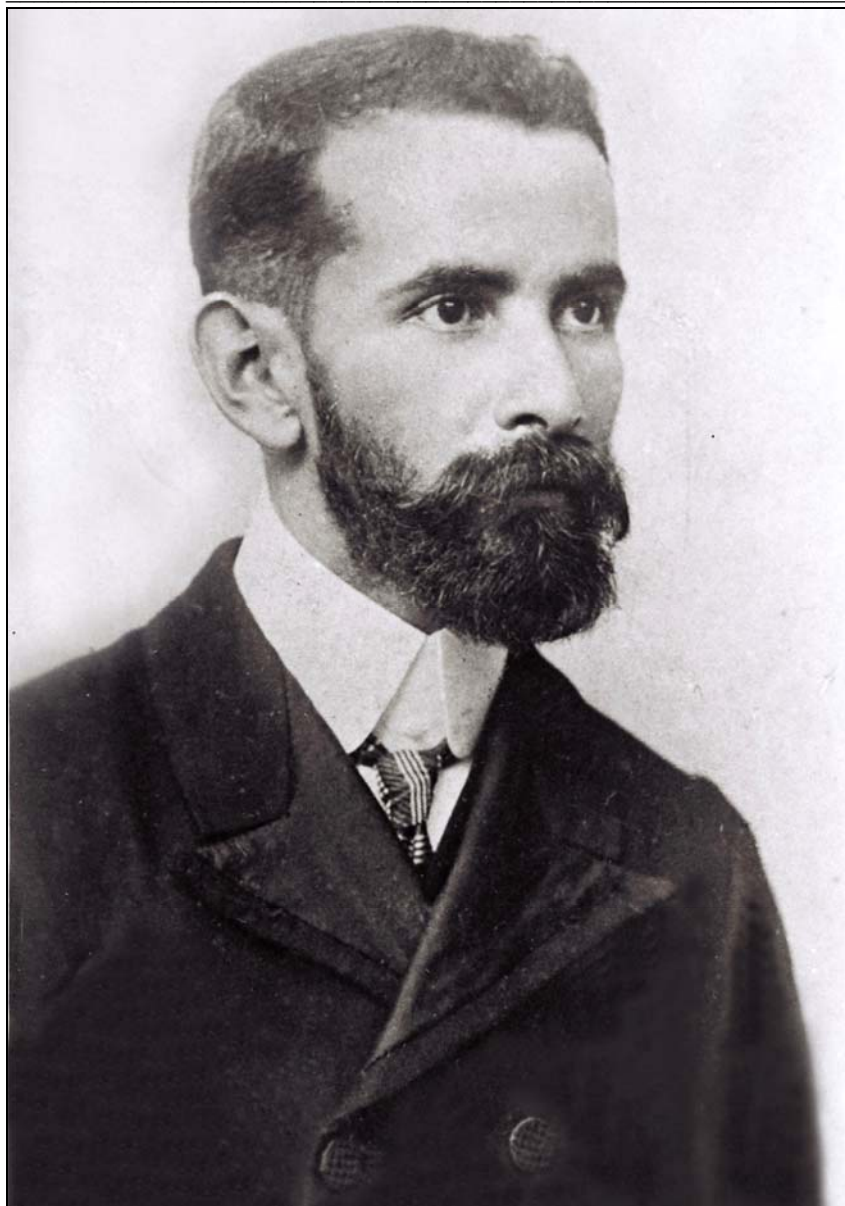
enedora, o mais opulento lavrador e o maior criador de bois no nordeste goiano. Suas fazendas contam-se em número de quinze: Sucupira, Porto Franco, Caetana, *Buracão*, *Açude* e Duro, no município de S. José do Duro; Morro Branco, Colônia, Monte Alegre, Cabeceira Verde, Barreiro dos Timbós, Caraibal, Fundão, Jardim e Terezina, no município de Santa Maria de Taguatinga. Nelas, a par da agricultura explorada na região, faz-se grande criação de gado bovino, que abastece à própria zona e principalmente o Estado da Bahia.



Cel. Joaquim Ayres Cavalcante Wolney (Acervo da Dr^a. Maria Jovita Wolney Valente).



Cel. Joaquim Wolney. Fotografia do acervo de Frederico Garcia Wolney, cedida pela neta Mariazinha Wolney Cavalcante.



Abílio Wolney, aos 42 anos de idade.

“É avaliado em dezesseis mil o número de reses de propriedade de Joaquim Ayres Cavalcante Wolney. Traços da operosidade deste velho sertanejo fazem-se notar não apenas em suas propriedades como também ao longo dos caminhos que o viajante percorre. Em suas fazendas a indústria agrícola da região tem já um certo cunho de adiantamento que não se encontra nas outras. Nelas se produz tudo que os hábitos e necessidades do sertão exigem de sorte que seu proprietário, além de dispensar o concurso dos outros produtores da zona, tornou-se-lhes grande fornecedor.

“Valados limitando propriedades, grandes e sólidos currais, encanamentos de água para labores agrícolas e domésticos encontram-se exclusivamente em suas fazendas.

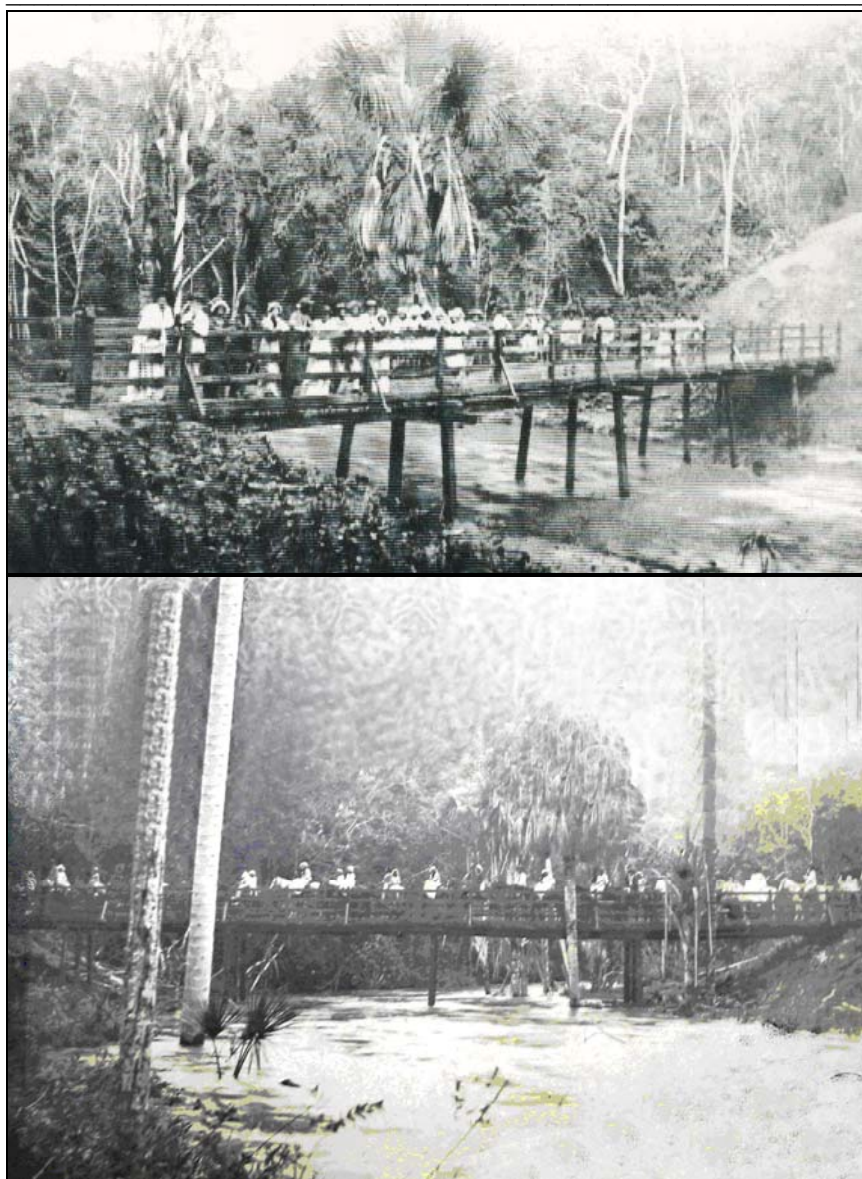
“A maior ponte que atravessamos e a maior que há pela região, uma ponte de madeira com quarenta e três metros de comprimento e cinco de largura, sobre o Rio da Ponte, no município do Duro, é obra exclusivamente sua e de seu filho Abílio. O mais curto caminho entre essa Vila e a cidade de Barreiras, no Estado da Bahia, foi por eles aberta. Ao longo dele encontram-se vestígios do seu trabalho nos roçados da mata, nos cortes da rocha que impedia o trânsito. Por ele Cavalcante Wolney, único exemplo em Goiás, fazia marchar seus carros de bois até a citada cidade baiana. Uma estrada de automóveis que ligasse Duro a Barreiras, cujo intercâmbio comercial é intenso, constituía um projeto que brevemente seria pelos Wolneys posto em prática.

“Da narrativa de seus hábitos conseguimos concluir que era arrogante e orgulhoso, de uma arrogância e orgulho que lhe vinham da capacidade empreendedora pouco comum na região.

“Uma acusação, aliás grave, que contra ele

ouvimos, foi mais tarde por várias testemunhas demonstrada caluniosa. Dizia-se (número um, página quarenta e dois) que Cavalcante Wolney, além de outros assassinatos, praticara o de um moço cujo nome não era declinado. Outros depoimentos comprovam ser inexata a acusação e que o referido moço, sobrinho do acusado, fora morto quando tentava contra a vida de seu tio. Por esse fato Cavalcante Wolney foi impronunciado pela justiça que reconheceu a legítima defesa (número dois página duzentos e um).





Depois de construída a estrada e a ponte, o Cel. Wolney e seu filho Abílio levam toda a família para visitar Barreiras-BA.

“Ao tempo em que se desenrolaram os acontecimentos que enlutaram esse trato do sertão goiano, Abílio Wolney acompanhava seu pai nos trabalhos agrícolas e pastoris. Ao gênio empreendedor, porém inculto do velho, juntava-se o espírito não menos empreendedor, mas já iluminado por certo cultivo intelectual e pelo conhecimento de meios adiantados de que era ornado o moço.

“Antes de se dedicar aos trabalhos do sertão, Abílio Wolney militara na direção política e administrativa de seu estado natal. E dessa época vem o germen dos acontecimentos que levaram o luto a sua família e às de seus amigos. Em mil oitocentos e noventa e cinco o moço sertanejo que então contava apenas vinte anos de idade, era eleito Deputado Estadual e embrenhava-se nas lutas políticas de sua terra e fazia amizade com homens que ainda hoje militam nos partidos que se digladiam em Goiás (número três, página quarenta e seis).

“Em mil novecentos e sete, novamente eleito deputado, suas relações políticas com o senhor Dr. João Alves de Castro transformam-se, por motivos privados, em fortes laços de amizade pessoal (número quatro, página quarenta e cinco). Em mil novecentos e oito, porém, interesses políticos divorciam os dois correligionários, cujos laços de amizade pessoal resistem por algum tempo à divergência partidária (número cinco, página).

“O ano seguinte assinala-se pela revolução triunfante chefiada pelo doutor Leopoldo de Bulhões e com ela se acha Abílio Wolney em plena atividade. Novos acontecimentos políticos afastam da situação dominante os doutores Luis Gonzaga Jaime e Antônio Ramos Caiado e o coronel Eugênio R. Jardim. Com eles entra na oposição Abílio Wolney (número seis, página quarenta e cinco). Mais tarde entra na administração pública, como auxiliar da inspetoria agrícola (número sete página quarenta e sete) e como político tem lugar saliente nas fileiras oposicionistas

onde combate como jornalista, diretor e depois proprietário do *Estado de Goiás*¹²⁴ (número oito, página quarenta e sete).

“Mais uma vez Deputado Estadual chega a ser líder da Câmara, situação política em que é mantido por seus pares em um período de três anos. E, nesse tempo, a imprensa de sua terra tece-lhe os mais francos elogios (número doze página cinquenta e nove). E é exatamente nessa época que uma divergência entre o doutor Antônio Ramos Caiado e o senador Sérgio Gonzaga Jaime dá origem à luta que se travou pela imprensa entre o primeiro desses chefes políticos e o moço deputado Abílio Wolney. É o marco inicial da inimizade que divorciou profundamente os dois antagonistas. E assim decorrem três anos de combate pela imprensa, nas fileiras da oposição ao governo dominante em seu Estado.

“Desiludido talvez das lutas partidárias, volta para o sertão e torna-se lavrador (número nove, página quarenta e sete). Não o abandonam aí os ódios políticos nascidos na capital (número dez, página quarenta e sete e número onze, página cento e cinquenta). Com eles fazem aliança as mesquinhas da politicalha do sertão. As autoridades locais, adversárias de Abílio, pois ele acaba de militar na oposição, criam-lhe todos os embaraços. Seus amigos não são alistados como eleitores; firmas de Wolneys, de parentes e amigos seus, não são reconhecidas; requerimentos por eles apresentados não conseguem despacho (número treze, página quarenta e sete).

“E a pressão chega a tal ponto que a Abílio Wolney e a seus amigos é recusado o direito de ligar suas filhas pelos laços do matrimônio. Uma filha de Abílio está ainda hoje casada apenas na igreja, pois o Juiz distrital, a conselho dos chefes políticos locais, recusam-se a fazer o casamento civil

¹²⁴ *O Estado de Goiás* era um jornal de propriedade de Abílio Wolney e Moisés Santana. Nota do autor.

(número treze, página duzentos e trinta e seis). E o mesmo fato se observa com outra moça da Vila, filha de um seu amigo.

“E nem assim a atitude hostil de seus inimigos consegue demovê-lo do propósito de fugir à luta partidária e dedicar-se exclusivamente à lavoura, esperando ser esquecido por seus adversários (número catorze, página quarenta e sete).

“Chegou, porém, um momento em que a calma do homem ponderado e refletido sentiu-se profundamente abalada. A vinte e nove de janeiro de mil novecentos e dezoito era assassinado o pequeno comerciante Vicente Belém, amigo da família Wolney.

“Diz-se que o móvel do crime foi o roubo e que um dos assassinos, José Nunes Viana, dirigiu-se à fazenda do Juiz Municipal Manoel de Almeida, chefe da facção política situacionista expôs-lhe o ocorrido e, em lugar de ser preso por aquela autoridade, recebe dela um guia que o conduz para a cidade de Palma (número quinze, página quarenta e nove).

“E, como era de se esperar, os criminosos ficaram impunes (número dezesseis, página quarenta e nove). A viúva, Dona Rosa Ribeiro Belém, procede a inventario dos bens deixados por seu marido. Entretanto as autoridades locais, Coletor Sebastião de Brito e Escrivão Aristóteles Leal, criam-lhe embaraços e declaram-lhe positivamente que haviam de persegui-la e arrebatar-lhe os bens por ter sido seu marido amigo da família Wolney.

“Urgia, pois, que Abílio tomasse a peito a causa da viúva de seu falecido amigo. E foi o que fez conseguindo uma procuração para proceder ao inventário (número dezesseis, página quarenta e nove).

“Não era mais possível recorrer aos meios legais

pois as autoridades fugiam ao cumprimento dos mais rudimentares deveres, como ficou já demonstrado. A Abílio Wolney restava um único e extremo recurso – a violência. E foi a arma de que lançou mão. Estava assim atingido o *desideratum* de seus inimigos.

“O Juiz Municipal Manoel de Almeida e o Coletor Sebastião de Brito, especialmente este, não aceitavam a descrição de bens apresentada pela viúva e por seu procurador Abílio Wolney. A este afigurava-se que o intento das referidas autoridades era despojar sua protegida do pequeno pecúlio que lhe deixara o marido e isto tão somente por ter sido Belém seu amigo.

“Arrastado por essa atitude de seus inimigos, Abílio Wolney, no dia dezesseis de maio de mil novecentos e dezoito, munido de procuração que lhe passara a viúva Belém e acompanhado de parentes dela, apresenta-se na sala de audiências do Juiz Manoel José de Almeida. Não era, sem dúvida, pacífica a sua atitude. Ia praticar atos de violência contra as autoridades locais e da responsabilidade que lhe adviria desse modo de proceder não fugiria nem fugiu, como mais adiante se há de verificar. Os tópicos de documentos designados pelos números dezoito, dezenove, vinte e vinte e um, uns favoráveis a Abílio, outros desfavoráveis, e a descrição que nos foi feita por diversas pessoas, permitem reconstituir com bastante fidelidade o que então se passou.

“Abílio Wolney, armado e acompanhado de capangas, parentes da viúva Belém, comparece à residência do Juiz Almeida e intima-o a dar despacho a requerimentos que haviam sido apresentados e a julgar o inventário nas condições por ele desejadas. O Juiz, embora estivesse também armado, sente-se sem forças para reagir, e, com o escrivão resolvem aceder as imposições de Abílio.

“Nesse ínterim, avisado do que se passava em

casa de seu amigo Almeida, corre a ela o Coletor Sebastião de Brito, também armado e disposto a proceder com violência. Abílio trava-lhe o braço e subjuga-o. À mesma casa chegam também outras pessoas, amigas de Abílio, entre elas seu pai Cavalcante Wolney. Trava-se então forte discussão entre os presentes, arrancam-se revólveres, trocam-se ameaças violentas. E o incidente termina com a vitória de Abílio e seus amigos, mais numerosos e mais enérgicos.

“Segue-se então longa série de combinações em que se unem os inimigos da família Wolney. Adversários da véspera dão-se as mãos na *Campanha* de aniquilamento de Abílio, de seu pai, de seus parentes e amigos. Às autoridades desacatadas juntam-se pessoas estranhas ao incidente, e, entre elas, como mentor intelectual, surge a figura de José Hermano, indivíduo intrigante e falso e, por isso, mal conceituado na região. A conselho deste o desacato toma a forma de deposição de autoridades. Estas dizem-se depostas e abandonam seus cargos (número vinte e dois, página quarenta e nove). E assim pintado a negras cores o incidente é comunicado aos políticos situacionistas em telegrama urdido com o mais flagrante maquiavelismo. Uma carta de José Hermano a Sebastião de Brito (número vinte e três, páginas sessenta e nove e setenta e um) é o documento mais cabal da perfídia com que agiam os inimigos de Abílio sob a inspiração de Hermano. Nela se lê o telegrama em que o incidente, adulterado e exagerado é narrado nos seguintes termos ao senador Eugênio Jardim:

‘Duro, dezessete, cinco, novecentos e dezoito. Coronel Eugênio Jardim, Senador Federal. Rio. Hoje Abílio Wolney gritando ter deixado a enxada pela carabina invadiu esta Vila hora audiência juízo municipal acompanhado turma bandidos nos fez prisioneiros obrigando-nos praticar atos ilegais prejudiciais ao Estado apontando nossas cabeças armas embaladas roubou autos prometeu nos assassinar caso protestarmos continua aumentando grupo malfeitores anular qualquer ação justa.

População alarmada pedimos enérgicas providências garantir autoridades agredidas e ameaçadas. F... Juiz Municipal. F... tabelião ad-hoc. F... Coletor estadual'.¹²⁵

125

Testemunhas divergentes afirmaram em depoimentos judiciais, transcritos na íntegra no livro *O Barulho e os Mártires*, não ter havido armas da parte de Abílio nem dos Belém. Tampouco *'ofensas físicas ou lutas corporais, apenas forte alteração de parte a parte e que ao retirar-se o Coronel Abílio com sua gente, ficaram na casa da audiência o Juiz com seu escrivão e mais pessoas a eles interessadas como Thomé Celestino e outros, sem coação,'* o que de certo modo coaduna com a versão de Abílio Wolney, segundo o qual o desforço contra o Juiz se deu repentinamente, a muque, sem ferros ou armas e em segredo, no momento em que este estava a sós na casa de audiências, horas antes de iniciada. (autos do processo judicial, constantes do referido livro).

De outro lado, houve escritores que dissessem ter Abílio Wolney batido com o coice da carabina na mesa do Juiz Municipal, ordenando-lhe concluisse o inventário. Todavia, não há notícia desse fato em nenhum dos quase vinte depoimentos coligidos nos cadernos do inquérito e do processo judicial, recém encontrados.

Ouvida novamente, a viúva do morto tratou do ocorrido repetindo que *"ferramentas velhas, quase sem valor, eram vindicadas pela justiça local, e mesmo depois de descritas, o Coletor continuou a alegar sonegados, pelo que ela informante mandou chamar um seu cunhado, para representá-la no processo do inventario e, não tendo esse chegado até a manhã do dia 16 de maio, para o qual fora intimada, a fim de assistir à arrecadação dos seus bens, constituiu seu procurador o Sr. Abílio Wolney, advogado residente nesta Vila, que imediatamente dirigiu-se da sua fazenda para essa Vila, acompanhado de seu cunhado Santos Belém e Olympio Belém, que ali chegaram inesperadamente e receosos de que o seu procurador fosse, como seu marido, vítima de uma cilada, acompanharam-no."* (Idem, autos do processo judicial, cópia em poder do autor).

“Preparada assim a farsa, não tardam a unir-se aos sertanejos inimigos da família Wolney os adversários que Abílio adquirira em sua vida política (número vinte e quatro, página setenta e três) e o próprio Governo do Estado. Um emissário enviado à capital do Estado não logra ser atendido pelo Governo (número vinte e cinco, página cinquenta e um) e Abílio Wolney, seu pai e outras pessoas envolvidas no incidente ocorrido na sala de audiências do Juiz Almeida vão ser processados.

X

“A COMISSÃO CELSO CALMON – II –¹²⁶

“Em julho de mil novecentos e dezoito, o governo do Estado nomeia em Comissão na Vila de São José do Duro o Juiz da comarca de Pouso Alto, Doutor Celso Calmon Nogueira da Gama. Para a mesma Comissão é nomeado Promotor Público o agrimensor Mandacarú Araújo. A ela acompanha uma força de polícia Estadual.

“A cumplicidade do Governo do Estado nos acontecimentos que se vão desenrolar começa a ser patenteada

¹²⁶ Sub-título constante do original, salvo o algarismo VI, encimado, como se repetirá doravante.

na escolha do pessoal que constitui a Comissão. É necessário, pois, entrar em detalhes sobre as pessoas que dela fazem parte. O Juiz Doutor Celso Calmon Nogueira da Gama é um magistrado exorbitante e violento. Disso dão completo testemunho os tópicos números vinte e seis e trinta e um (páginas setenta e nove, cento e um, cento e onze a cento e vinte e um) da meticulosa exposição que nos foi apresentada pelo doutor Mandacarú Araújo e o depoimento (número trinta e dois, páginas duzentos e trinta e três) do soldado José Rodrigues da Cruz, além de muitas outras informações que nos foram prestadas.

“Tais documentos valem pela mais completa psicologia do Juiz Calmon. E não só exorbitante e atrabiliário é o referido Juiz; é também ébrio e ébrio contumaz como se vê dos tópicos citados. E que este Juiz foi especialmente escolhido em Goiás por inimigos de Abílio demonstra-o a carta do Senador Eugênio Jardim (número vinte e quatro, página setenta e três) cuja ortografia, como a de todos os documentos de que tiramos cópia, foi respeitada com a máxima fidelidade. O doutor Francisco de Borja Mandacarú Araújo foi o escolhido para funcionar como Promotor. A atitude por ele assumida junto ao Juiz Calmon tornou-o amigo de Abílio Wolney e a mais poderosa testemunha da tragédia de S. José do Duro.

“Entretanto, ao ser escolhido para trabalhar no processo, Mandacaru era pessoa suspeitíssima para o exercício de uma missão de justiça em que era acusado Abílio, pois traços de inimizade separavam os dois cidadãos. No tempo em que Abílio Wolney labutava na imprensa, o doutor Mandacarú foi alvo de *Campanha* que o primeiro lhe moveu. Daí a desafeição entre eles existente (número trinta e três, página noventa e três). E disso tinham plena ciência não só o Juiz Calmon como o próprio Governo do Estado. Era pois um inimigo do acusado que vinha servir como Promotor no processo que se instaurava.

“Uma outra personagem que representava papel saliente na Comissão e que depois se tornou célebre nos

sucessos do Duro é o Alferes da polícia goiana Ulisses de Almeida. Este indivíduo era fiscal da intendência na capital do Estado quando foi nomeado Alferes de polícia especialmente para vir a S. José do Duro. Ulisses, como declara o Deputado Estadual coronel João Batista de Almeida, chefe político situacionista em Santa Maria de Taguatinga, é criminoso no Estado do Piauí, de onde fugiu para Goiás; por influência do Deputado Federal Antônio Ramos Caiado (inimigo de Abílio) foi nomeado Alferes para vir ao Duro, e, ainda mais, antes de sair da capital declarou que ao regressar traria no alforge a cabeça de Abílio Wolney.

“Dessa declaração teve conhecimento o próprio governador do Estado doutor João Alves de Castro (número trinta e quatro, página cento e quarenta e nove; número trinta e sete A, página cinquenta e um e número quarenta e um, página cento e cinquenta e sete). E os acontecimentos vieram posteriormente confirmá-la.

“Além desse Alferes, acompanhavam ainda a Comissão, com uma força de cinquenta praças, o Tenente Antônio Seixo de Brito e os Alferes Benedito Avelino de Jesus, José Francisco de Sales, José Dantas e Catulino Viegas. Destes apenas o penúltimo não foi ao Duro. E não foi porque houve denúncia de que esse oficial trazia cartas de apresentação aos inimigos (pois inimigos eram denominados os membros da família Wolney), e com eles se correspondia (número trinta e seis, página cento e três).

“Conforme ainda informação do Deputado João Batista de Almeida, esse oficial, ao regressar a Goiás, foi preso e excluído da polícia (número trinta e cinco, página cento e cinquenta e dois).

“Vimos um ofício do secretário do Governo do Estado a um dos oficiais da polícia; nele se declarava que a força que era posta à disposição do Juiz Calmon, *cumpriria todas as ordens que dele recebesse*.

“Era pois com tais elementos e com disposições de tal jaez que vinha da capital do Estado para o sertão goiano uma Comissão incumbida de exercer atos de justiça. E não é tudo. A esses elementos juntavam-se outros não menos ameaçadores à causa da família Wolney.

“Em caminho engrossavam o cortejo adversários políticos e inimigos pessoais de Abílio e de seu pai; Sebastião de Brito e Manoel de Almeida, autoridades que se diziam depostas por Abílio, e José Hermano, como os outros inimigos dos Wolneys e mentor intelectual das intrigas do sertão.

“A marcha dessa Comitativa para o Duro é mais um atestado das disposições hostis que a dominavam. Faziam-se marchas de guerra em território inimigo.

A tropa era fracionada em pelotões que marchavam por lances: o primeiro fazia a vanguarda e só avançava quando o segundo lhe chegava ao alcance; com o terceiro vinha o Juiz Calmon; o quarto fazia a retaguarda. Nos estacionamentos eram tomadas medidas de segurança estabelecendo-se linhas de sentinelas, a duzentos metros de distância (número trinta e sete, página cento e nove).

“Informado de tudo quanto acaba de ser descrito, Abílio Wolney, seus parentes e alguns amigos, por medida de prudência e talvez mesmo de segurança, pois já se sentiam ameaçados, retiraram-se da Vila para a fazenda *Buracão*, sete quilômetros a oeste de São José do Duro.

XI

“III – O JUIZ CALMON NO DURO – A FAMÍLIA WOLNEY E SEUS INIMIGOS – O PROCESSO – OS PRIMEIROS ASSASSINATOS – A FUGA DO JUIZ-

“A cinco de outubro de mil novecentos e dezoito entrava no povoado a Comitiva do Juiz Celso Calmon Nogueira da Gama. A Vila de São José do Duro não é hoje mais que uma fazenda de propriedade da família Wolney.

“As casas, em um total de quarenta pertencem quase todas aos partidários dessa família; muitas poucas são de propriedade de seus adversários. À mesma família pertencem quase todas as melhores roças de pasto (terrenos circunvalados destinados à pastagem de animais) próximas à Vila.

“Os dois melhores prédios são as residências de Abílio e de seu pai. Logo à chegada o Juiz Calmon acantonou com sua tropa na residência de Abílio Wolney. As roças de pasto a ele pertencentes foram também ocupadas. E tudo isto sem a menor consulta ao proprietário e sem a mínima satisfação anterior ou posterior à invasão da propriedade alheia.

“Abílio pensou, a princípio, em protestar contra esses atos. Silenciou, porém, a conselho de amigos, para continuar na atitude calma e paciente que havia adotado (número trinta e oito, página cinquenta e um).

“Aos gestos violentos e ameaçadores do Juiz e às disposições da tropa que o acompanhava, de que vem tendo pleno conhecimento a família Wolney, junta-se outro fato não menos ameaçador à sua tranqüilidade e não menos comprometedor dos desígnios do governo goiano.

“É um artigo inserto no jornal governista *O Democrata* de trinta e um de julho de mil novecentos e dezoito. Aos qualificativos que esse artigo empresta ao ex-deputado goiano, junta-se a ameaça com a força estadual, e, mais ainda, com a própria força federal (número trinta e nove, página cento e cinquenta e cinco).

“No mesmo dia em que entra na Vila o Juiz Calmon chega também, um pouco mais tarde, o Promotor Mandacaru. Novas violências o desvairado Juiz vai contra ele praticar. Mandacaru desobedecera a intimação de não ir ao Duro; por esse motivo Calmon manda prendê-lo, desarmá-lo, assim como aos camaradas que o acompanhavam, deixando-o sob a guarda do Alferes Ulisses, com sentinelas à vista (número trinta e um, página cento e dezenove e cento e vinte e um; número trinta e dois, página duzentos e trinta e três; número quarenta e um, páginas cento e cinquenta e sete).

“Mais tarde manda pô-lo em liberdade. Tem, porém, a precaução de não mais lhe restituir as armas. Finalmente, a vinte e três de outubro, chega um telegrama do governo de Goiás demitindo Mandacaru do cargo que lhe fora confiado. E assim, sumariamente despedido da missão de que fora investido, resolve retirar-se da Vila. Não o fez, entretanto, sem ter sido alvejado por novos vexames e novas provocações do arbitrário Juiz, que parece buscar ensejo para dar expansão a seus gestos vandálicos.

“Mandacarú submete-se às veleidades e resiste às provocações de Calmon e nesse mesmo dia retira-se da Vila de São José do Duro (número quarenta, páginas cento e vinte e três e vinte e sete).

“Convém agora, antes de iniciar a descrição do modo de agir do Juiz Calmon no curso do processo a que vai proceder, abrir um parêntese para bem elucidar as disposições das facções que se vão digladiar.

“A correspondência epistolar dessa época e mesmo anterior a ela é farta em informações. De uma e de outra facção os documentos são abundantes. Convém referir aos que se revestem de maior importância. Cartas trocadas entre adversários de Abílio mostram as reticências comprometedoras (número quarenta e dois, página cento e cinquenta e nove; número quarenta e dois A, página cento e sessenta e um) a preocupação de atraí-lo, como aos seus, para o interior da Vila, onde ficariam mais ao alcance da polícia.

“Uma outra, de Sebastião de Brito a seu irmão Serafim e a seu cunhado José Hermano, datada de junho de mil novecentos e dezesseis, mostra a evidencia que já nessa época a tragédia estava em plena elaboração e que os adversários políticos de Abílio na capital, mancomunados com seus inimigos do sertão, empenhavam-se em levá-lo à cena; é a mais eloquente

profecia dos projetos que mais de dois anos depois tiveram efetividade (número quarenta e três, página cento e sessenta e três). Outras ainda (número quarenta e quatro, página cento e setenta e sete e número quarenta e cinco, página sessenta e nove) declaram positivamente que os Wolneys não pensam em fugir à ação da justiça.

“Examinando-se agora a correspondência trocada entre a família Wolney e seus amigos (número quarenta e seis a cinqüenta e quatro; páginas cento e setenta e três e cento e noventa e sete), vê-se claramente a disposição em que estavam de respeitar a ação da justiça, não obstante a atmosfera de prevenções e receios que se vinha mais e mais avolumando. É exato que dessa correspondência resulta a disposição para a luta a que não fugiram se a facção oposta lhes trouxesse o ataque. Era o exercício do direito de legítima defesa que se preparava. Dessa correspondência apenas uma carta (número cinqüenta e dois, página cento e oitenta e nove), de Abílio Wolney ao doutor Francisco Rocha, médico e deputado estadual baiano e residente em Barreiras, pode ser comprometedora a seu autor. Refere-se ela à realização do ideal de anexação do nordeste de Goiás à Bahia, projeto afagado por Abílio e outros sertanejos, que com ele nutrem a esperança de que esta (a Bahia) melhores cuidados dispensaria à região do que o Estado de que faz parte integrante. Vimos, porém, que esse projeto, nascido do esquecimento em que vive o norte goiano, não encontra repercussão capaz de lhe dar vida.

“Parece também que o governo de Goiás e o próprio Juiz Calmon não lhe concediam importância e não procuravam sufocá-lo (vide número setenta e seis, página duzentos e cinqüenta e nove). Tais eram, em síntese, as disposições das duas facções opostas: inimigos da família Wolney trabalhavam á sombra, visando-lhe o extermínio; Wolney e seus amigos procuravam dignamente evitar o conflito que lhes parecia iminente. (Vide os documentos setenta e três, setenta e quatro, setenta e cinco, a páginas duzentos e quarenta e nove a duzentos

e cinqüenta e cinco).

“Fechado o parênteses elucidativo, é tempo de voltar à narrativa interrompida.

“Instalada na Vila desde cinco de outubro, o Juiz Calmon não se apressa em dar início ao processo. Diz o doutor Mandacaru que essa demora tinha um duplo fim: primeiro, realizar o trabalho no governo do doutor Rodrigues Alves, que daria apoio ao governo goiano; segundo, captar a confiança da família Wolney para melhor executar a missão de extermínio que constituía o ponto capital de seu programa (número cinqüenta e três, página cento e quarenta e três) e há indícios freqüentes da exatidão desta segunda afirmativa, pois não só inimigos da família Wolney, como o Juiz Calmon, empregavam todos os meios para arrastá-lo para dentro da Vila. Contradizendo sua atitude anterior, Calmon empregou todos os recursos para captar-lhe a simpatia, chegando a ponto de lhe levar uma visita amistosa no dia quatro de dezembro.

“Durante ela o Juiz foi eloqüente em seus protestos de imparcialidade e justiça, chegando a conquistar a confiança de alguns membros da família, dentre eles, o velho sertanejo Joaquim Ayres Cavalcante Wolney (número cinqüenta e quatro página cinqüenta e uma). Não era tão simples o espírito de Abílio e a convivência que tivera em outros tempos com os homens de outros meios não lhe deixava dúvidas sobre a falsa loquacidade do Juiz (número cinqüenta e cinco, página cinqüenta e três). Além disso, ele não ignorava que seus inimigos aliciavam gente – jagunços.

“De seus próprios empregados alguns já haviam fugido ao serviço e juntavam-se a outros no interior da Vila. A propaganda neste sentido era intensa; fazia-se ela em nome do doutor Calmon. Abílio mostrou-lhe que não ignorava esses fatos e deles deu-lhe aviso em amistosas cartas de que nos forneceu

cópia (número cinqüenta e nove a sessenta, páginas duzentos e sete e duzentos e onze). Poucos dias passaram após a visita e todas as suspeitas revelavam-se bem fundadas.

“A dezessete do mesmo mês de dezembro um oficial de justiça intimava Abílio e seu pai a comparecerem à audiência de vinte e um, sob pena de se verem processar à revelia, se lá não se apresentassem. A vinte mandavam eles, de acordo com o parecer externado pelo Juiz Calmon em sua visita à fazenda *Buracão*, como seus representantes, a fim de se habilitarem, os advogados Luís Leite Ribeiro e José Francisco de Campos. Entretanto, o Juiz, contrariamente ao que havia declarado, não aceitou os procuradores, e exigiu a presença dos Wolneys (número de cinqüenta e seis, página cinqüenta e três; número cinqüenta e sete, página duzentos e um; número cinqüenta e oito, página duzentos e cinco).

“Em presença de tais fatos, não restava mais dúvidas sobre as intenções do Juiz. Resolveram, então, Abílio e seu pai, deixar correr o processo à revelia. No intuito de evitar novo encontro com emissários do Juiz, Abílio procurou afastar-se, com o velho Cavalcante Wolney, projetando uma caçada de antas para o dia vinte e três, véspera da segunda audiência a que estavam intimados a comparecer.

“Às quatro horas da madrugada desse dia, vinte e três de dezembro, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney montava a cavalo na fazenda *Buracão* e dirigia-se à sua propriedade denominada *Açude*. Abílio iria mais tarde ao encontro de seu pai. Nem conseguiu, porém, o velho sertanejo afastar-se do *Buracão*. A fazenda estava completamente sitiada.

“É difícil agora descrever com verdade o que se passou então. As únicas testemunhas de vista que tivemos oportunidade de interrogar são Abílio Wolney e um seu empregado. Dizem ambos que o velho não resistiu à prisão;

procurou fugir, embrenhar-se em um canavial aos fundos da fazenda. Ainda encontrou soldados que os subjugaram e assassinaram a tiros e punhaladas. No mesmo instante cabia também um seu camarada Antônio Caboclo. O pânico estabeleceu-se logo. À intimação da polícia a família abria as portas e deixava varejar a casa. Por um momento Abílio pensou em resistir. Vendo, porém, a casa invadida, percebeu ser inútil qualquer tentativa de reação e o espírito de conservação apontou-lhe um único caminho a seguir – a fuga. Ocultou-se, então, dentro de um enorme caixão destinado a guardar farinha (com a capacidade de 500 quartas) e ali esperou a ocasião para abandonar a fazenda. A casa foi rigorosamente varejada; o próprio caixão em que estava Abílio foi revistado. Não foi, porém, aí tão rigorosa a busca e isto permitiu que Abílio Wolney escapasse à sanha dos facínoras. Mal a polícia abandonou as casas do *Buracão* e Abílio embrenhava-se na mata em busca da salvação e da vindita.

“De longe viu o desfilar de seus inimigos divididos em dois grupos: um seguia em direção à fazenda *Açude*, naturalmente em busca do fugitivo; outro tristemente trágico, encaminhava-se para a Vila de S. José do Duro conduzindo presos um irmão, um sobrinho, um primo de Abílio e mais oito camaradas e em duas redes os cadáveres de Antônio Caboclo e Joaquim Aires Cavalcante Wolney, covardemente trucidados pela força pública do Estado de Goiás a serviço do Juiz Celso Calmon Nogueira da Gama (número sessenta e um, página cinquenta e três; número sessenta e dois, página duzentos e dezesseis; número sessenta e três, página duzentos e vinte e três; número sessenta e quatro, página duzentos e vinte e oito; número sessenta e cinco, página duzentos e trinta e um).

“Parece que os policiais conduziam os cadáveres como atestado irrefutável da execução de ordens recebidas. Outra explicação não tem aquele lúgubre cortejo.

“A noite desse primeiro ato da tragédia foi de agitada vigília para o Juiz Calmon. Passou-a ele em claro, nervoso, com dois revólveres à cinta, guardado por sentinelas (número sessenta e cinco, página duzentos e trinta e um). Afirmam pessoas da família que Wolney, ao ser assassinado, conduzia um cinto com trinta contos de réis. Essa quantia não foi encontrada, nem se sabe ao certo quem dela se tenha apossado. Conduzidos à Vila os cadáveres dos assassinados, só no dia seguinte o Juiz Calmon permitiu que se fizesse a inumação.

“A notícia do crime praticado pela polícia e da fuga de Abílio correu logo pelo sertão goiano. A ela seguiu-se a debandada geral por aquelas longínquas terras. Uns fugiam da polícia, temendo novos atentados; outros, inimigos, ou desafetos da família Wolney, corriam também, receando que Abílio até eles levasse sua vingança; outros finalmente, fugiam a Abílio e fugiam a polícia. Por sua vez Abílio Wolney percorria os sertões goianos e baianos em busca de elementos para vingar a morte de seu pai.

“E como é natural naquelas paragens, não lhes foram escassos os elementos procurados. E o Juiz Celso Calmon, percebendo que lhe seria difícil fugir à represália que o ameaçava, tratou de fugir à ação do inimigo que conquistara. Mas procedeu em silêncio, iludindo aos que fizera seus aliados e à própria força que o acompanhara.

“Se terminou o processo que iniciara não nos foi dado apurar com exatidão, pois tudo se fazia em rigoroso sigilo. Certo é que oito dias depois do assassinato do coronel Wolney, na noite de trinta e um de dezembro para primeiro de janeiro, o Juiz Calmon, com surpresa dos que com ele estavam no Duro, retirou-se da Vila em companhia do Alferes Benedito Avelino e dez praças da polícia goiana. Com eles dirigiu-se à Vila de Natividade. Lá, porém, iludindo a escolta que o acompanhava, encaminhando-a para outro ponto, rumo da capital, dirigiu-se para Porto Nacional, daí descendo pelo Tocantins.

“Consigo levou a quantia de seis contos duzentos e sete mil, quinhentos e oitenta e oito réis, retirada da Coletoria da Vila para ser entregue à Secretaria de Finanças do Estado, como atesta um recibo por ele assinado, encontrado por Abílio, e por este entregue à esposa do Coletor Sebastião de Brito. (Este documento prova que a Coletoria não foi roubada pelo pessoal de Abílio, como propalavam seus inimigos).

“Fugia, pois, o Juiz Celso Calmon, abandonando na Vila de S. José do Duro a força policial que fora posta à sua disposição. Com ela ficaram o Tenente Antônio Seixo de Brito e os Alferes José Francisco de Sales, Catulino Viegas da Cruz e Ulisses de Almeida. Sob a guarda da mesma força, prisioneiros, ficaram alguns parentes e amigos de Abílio Wolney.

XII

“IV – PREPARATIVOS PARA A LUTA. O COMBATE. A MATANÇA DOS PRISIONEIRO. A FUGA DOS CRIMINOSOS. A ATITUDE DE ABÍLIO WOLNEY.

“À fuga do Juiz Calmon sucedem-se dias de dolorosa expectativa, durante as quais as duas facções se aprestam para a luta. Abílio Wolney convocava elementos na Bahia, em Goiás e talvez mesmo em outros Estados vizinhos. Diz-se que conseguia munição, quarenta mil cartuchos, e armamento na cidade de Barreiras.

“Em seu auxílio vinha Abílio Araújo, já célebre por suas façanhas nos sertões do interior do Brasil. Consta que desse modo conseguiu arregimentar cerca de duzentos jagunços. O ponto de concentração escolhida foi a fazenda ‘Buracão’ que,

como já foi dito, dista apenas sete quilômetros do Duro. Por seu lado, os inimigos de Abílio engrossavam as fileiras. À polícia goiana traziam novos elementos o Coletor Sebastião de Brito, o Juiz Municipal Manoel de Almeida, o Delegado de Polícia Joaquim Martins de Rezende, o Intendente Joaquim Amaro de Sousa, Serafim de Brito, José Hermano e Leopoldo de Brito¹²⁷.

“Cada um desses políticos tinha consigo um bom número de jagunços. E assim foi concentrada dentro da Vila força em número igual à que Abílio Wolney conseguira reunir. Procurando desviar o golpe que os ameaçava, intimaram as famílias de Abílio e de seus amigos a se recolherem à Vila. E aí conservaram-nas sob rigorosa vigilância. Ninguém podia retirar pé do interior da povoação, que estava guardada por soldados.

“Os homens eram a princípio conservados em liberdade durante o dia, sendo à noite recolhidos a prisões improvisadas. Esses prisioneiros, e principalmente as famílias, serviam de reféns.

“À medida que se noticiava a aproximação do inimigo o rigor com os prisioneiros ia sendo aumentado. Os de maior representação, parentes e amigos da família Wolney, eram presos ao *tronco*. Em certo dia enviaram à Abílio dois emissários – seu genro, Doutor Abílio de Faria e o Tenente-Coronel Francelino. Tinham eles a incumbência de intimá-lo a se apresentar à prisão sob pena de ver fuzilados seus amigos e parentes, que estavam no cativeiro.

“Abílio Wolney não deu crédito à ameaça: considerou seus inimigos menos bandidos do que mais tarde demonstraram ser. E como tivesse em seu poder, prisioneiros também, José de Almeida Valente, Jorge de Almeida e Juvelino Américo de Azevedo, parentes do chefe político adversário Manoel

¹²⁷ Na verdade, refere-se a Leopoldo Hermano, irmão de José Hermano.

de Almeida, resolveu aproximar-se da Vila e propor permuta de prisioneiros. Os emissários referidos haviam encontrado Abílio em ‘Duas Pontes’, oito léguas a oeste de Duro; daí ele marchou para o seu ponto de concentração – *Buracão*. A essa fazenda chegou a 15 de janeiro.

“Disponha-se a enviar a proposta de permuta de prisioneiros, quando veio a seu encontro, fugida da Vila, sua irmã Custódia, esposa do Major João Batista Leal (Janjão). Trazia ela as mais desoladoras notícias: seus parentes e amigos haviam sido presos ao *tronco* para serem fuzilados e ela ouvira, ao fugir da Vila, o detonar das armas dos facínoras. Abílio resolveu, então, levar o ataque à povoação na esperança de encontrar ainda com vida os prisioneiros e levar socorros às famílias encarceradas também. Pensava ainda em propor negociações a seus adversários, contando ser atendido depois de havê-los sitiado.

“Não estava, porém, fechado o cerco e a luta estava já travada. Eram dez horas do dia dezesseis de janeiro. O combate estendeu-se pelos dias dezessete e dezoito. A dezessete os sitiantes conseguiram apoderar-se do prédio que servia de cárcere e de alguns outros. E lá foram encontrados nove cadáveres e um moribundo. Presos ao *tronco* em estado de decomposição, achavam-se seis mortos: Wolney Filho, moço de vinte e dois anos, irmão e sócio de Abílio; Major da Guarda Nacional João Leal, comerciante, genro de Cavalcante Wolney; João Joca Póvoa, comerciante com dezoito anos, noivo de uma filha de Abílio; João Rodrigues de Santana, fazendeiro; Salvador Rodrigues, filho deste, com vinte e dois anos, fazendeiro, e finalmente, Messias Camelo, fazendeiro e ourives. Junto ao *tronco*, ao lado de seu pai João Rodrigues de Santana, jazia o cadáver de Nilo Rodrigues, menino de dezessete anos. Em um quarto do mesmo prédio estava o cadáver do Coronel Benedito Pinto De Cerqueira Póvoa, o mais forte comerciante do Município e a seu lado o de seu camarada Nazário do Bonfim, rapaz de 19 anos.

“Em outro prédio onde se achava preso, foi encontrado já moribundo Oscar Leal, moço de 18 anos, filho do Major João Leal. Este declarou a Abílio que fora ferido pelo Alferes Catulino e que ouvira desse mesmo Oficial que as mulheres prisioneiras seriam também fuziladas.

“Nesse mesmo dia conseguiram os sitiantes apoderar-se de um novo reduto dos sitiados – a casa de Cavalcanti Wolney, onde 72 pessoas, mulheres e crianças, tinham sido encerradas. Em um só quarto estavam 40 e tantas pessoas aí refugiadas contra a sanha dos soldados e de suas mulheres. Uma dessas já havia tentado contra a vida de D. Maria Jovita, viúva de primeira vítima, Coronel Cavalcante Wolney. E se não houvessem trancado a porta desse aposento, provavelmente teriam sido massacradas pelo cabo Gerson, cujo banditismo ultrapassou os de seus companheiros. No momento preciso em que Gerson tentava derribar a porta que protegia indefesas senhoras e crianças, os sitiantes atacavam a casa e impediam a perpetração de mais hediondos crimes.

“Logo ao começo da luta os sitiados começaram a fuga aos magotes. Conta-se que Sebastião de Brito e os Alferes Ulisses e Brito, acompanhados de noventa homens, foram dos primeiros a bater em retirada. Sebastião, antes da fuga, levou sua esposa e sua filha para o mesmo aposento em que se achavam encerradas as outras senhoras. Depois da fuga destes foi-se fazendo aos poucos, em pequenos grupos. E assim, Abílio, às três horas da madrugada do dia dezoito, ao penetrar no último prédio que fora transformado em reduto dos sitiados já não encontrou ninguém. Ser-lhe-ia fácil, então, correr em perseguição de seus inimigos em retirada. Entretanto, fosse porque a desorganização imperava também em sua fileiras, fosse porque não o dominava o mesmo instinto perverso dos fugitivos ou ainda porque as cenas que presenciara aniquilavam-lhe a iniciativa, certo é que perseguição imediata não foi executada e seus inimigos conseguiram escapar ilesos.

“Conta-se que durante a luta, houve baixas na tropa sitiante; parece que entre os sitiados não se contou uma só. É possível que assim tenha sido, pois estes ocupavam os prédios da Vila e só tiravam por seteiras praticadas nas paredes, ao passo que aqueles, ficavam expostos à medida que apertavam o cerco. Conta-se ainda que Abílio mandou matar três indivíduos depois de ocupar a Vila; parece tratar-se de pessoal seu, fugido do ‘Buracão’ para as fileiras adversárias. É certo, porém, e isso deve ser salientado, porque realça contraste entre os sentimentos magnânimos de Abílio e os hediondos instintos de seus inimigos – que os três prisioneiros por ele conduzidos não foram fuzilados como os indefesos prisioneiros massacrados pela polícia goiana.

“Um dos prisioneiros de Abílio, o Juiz Distrital de São José do Duro, sobrinho e pupilo do Chefe Manoel de Almeida, exatamente aquele que se recusara a fazer o casamento de sua filha, não só por ele poupado, como obteve, em plena liberdade, o mais benigno tratamento. Encontramo-lo na Vila de Natividade, com ele fomos ao Duro e dele obtivemos o mais valioso atestado dos sentimentos elevados que exornam o caráter do sertanejo goiano alvejado pelos ódios políticos de ferozes adversários (número setenta, setenta e um e setenta e dois, páginas duzentos e trinta e cinco a duzentos e quarenta e um).

“Depois de tomada a Vila ocupou-se Abílio em dar sepultura aos cadáveres. Só mais tarde, já com muita demora, saiu a percorrer a região. Foi até a Vila de Conceição acampando em suas imediações. Sabendo em seu acampamento que seu primo Zezinho praticava depredações em casas pertencentes a inimigos seus, veio até a Vila e profligou tal procedimento.

“Diz-se que a tropa que Abílio Wolney reunira para o assalto à Vila de S. José do Duro, especialmente o pessoal de Abílio Araújo, entregou-se ao furto e ao saque de fazendas abandonadas por seus proprietários, sendo escolhidas para tais

práticas as propriedades de seus adversários. É exato que isso aconteceu. E não é de admirar, pois é esse o preço com que se paga no sertão a jagunçada convocada para tais empresas. Entretanto militam em favor de Abílio provas, fornecidas até por seus adversários, de que ele se opôs a tais práticas, chegando mesmo a retomar tropas de bois que iam sendo conduzidas, mandando restituí-las a seus legítimos proprietários.

“Eis terminada a longa narrativa dos acontecimentos que enlutaram as férteis e magníficas terras do sertão goiano (número sessenta e um página cinqüenta e três, e número setenta e sete a oitenta e um, a páginas duzentos e sessenta e um a duzentas setenta e sete).

“Se nesta exposição em que procuramos pôr em exercício a máxima imparcialidade, são encontrados períodos que possam merecer o qualificativo de apaixonados, foram eles ditados pelo mais acurado sentimento de justiça, revoltado passo a passo contra a brutal e hedionda tragédia, ornamentada pela mais torpe covardia e pelo mais repugnante cinismo, cuja reconstituição foi-nos dado fazer em nossa peregrinação por aquelas regiões quase desconhecidas de nosso imenso país.

XIII

V – EXCURSÃO PELO NORDESTE GOIANO. AS LOCALIDADES VISITADAS. AS DISPOSIÇÕES DE ABÍLIO. OS PERIGOS DA INTERVENÇÃO ESTADUAL. A CONFIANÇA NAS AUTORIDADES FEDERAIS. CONCLUSÃO.¹²⁸

“A três de março deixávamos a cidade de Barreiras em demanda das terras goianas. Levamos apenas dois Sargentos e um cabo do trigésimo primeiro batalhão e um civil, nosso cozinheiro. Conosco seguia também o Dr. Francisco Rocha, distinto médico baiano, chefe político de Barreiras e deputado estadual. Levava ele três camaradas incumbidos do cuidado de cargas de animais. E era essa Comitiva de dez homens, todos desarmados, que se aventurava pelo sertão goiano, que as

¹²⁸ Observo novamente que o título é do original.

notícias chegadas a esta capital diziam convulsionado e presa da maior intranquilidade e alimentada pelas hordas revolucionárias de Abílio Wolney.

“É que, ao chegarmos à cidade de Barreiras, víamos confirmadas as informações relativas à atitude pacífica do suposto facínora goiano; e que o bom êxito da missão que íamos desempenhar seria resultante da confiança que conquistássemos e, ainda mais, porque a companhia do Dr. Francisco Rocha servia-nos de garantia junto a amigos e inimigos da família Wolney. A popularidade daquele distinto baiano e o justo conceito que lhe cerca o nome, fazem dele o árbitro de questões políticas e privadas, o dedicado e criterioso amigo dos sertanejos dos dois Estados limítrofes.

“E assim penetrávamos em sete do mesmo mês, transpondo a *Serra Geral* (aí denominada Serra de Taguatinga) na passagem da Viúva, as primeiras terras goianas. Era o município de Santa Maria de Taguatinga o que primeiro visitávamos.

“E era um funcionário do Estado a pessoa hostil à família Wolney o primeiro goiano que interrogávamos. Os caluniosos conceitos por ele emitidos (número, página) e por outros depoimentos cabalmente destruídos, já foram estudados nos primeiros períodos deste relatório. Às últimas horas da tarde desse mesmo dia sete entrávamos na Vila de Taguatinga.

“Nesta localidade foi nosso hospedeiro o senhor Miguel do Carmo Lima, adversário da família Wolney e cunhado do doutor Borges dos Santos, também inimigo de Abílio. Miguel do Carmo foi fértil em declarações em desabono de Abílio. Informou residirem nas imediações de Taguatinga três indivíduos que dele haviam recebido cartas pedindo-lhes dinheiro sob promessa de lhes não assaltar as propriedades e declarou ainda possuir documentos comprobatórios da culpabilidade do acusado.

“Entretanto, no dia seguinte dizia não haver encontrado os três indivíduos, que da véspera prometera trazer à nossa presença, e declarava não mais possuir os documentos a que aludira (número página) nesta Vila, não obstante ser ela habitada por muitos adversários dos Wolneys, não chegou Abílio, nem consta que pessoal seu tenha aí praticado depredações.

“É certo que por ocasião dos acontecimentos que convulsionaram o Duro os habitantes de Taguatinga deixaram quase deserto o povoado; nele permaneceram apenas trinta e cinco pessoas, aí consideradas mulheres e crianças. Como os próprios habitantes confessaram a deserção foi motivada pelo receio de que Abílio até aí chegasse em perseguição de seus adversários. Contrastando, porém, com esse receio infundado, vimos uma carta em que ele tranquilizava a esposa de seu inimigo Doutor Borges dos Santos, dizendo-lhe que fizesse vir o esposo para a Vila, pois não pensava em hostilizá-lo.

“De Taguatinga partimos para Conceição do Norte. Não estava esta Vila no programa de viagem que havíamos traçado em Barreiras. Em Taguatinga dizia-se, porém, que Conceição fora assaltada e grandemente danificada, aconselhava-nos mesmo o referido Miguel do Carmo que lá não fôssemos, pois que seríamos talvez atacados. Urgia, pois, visitar essa localidade, sob pena de deixar pairando em nosso espírito a dúvida sobre o que havia na referida povoação.

“E para ela fizemos rumo pela manhã do dia nove. Três dias depois chegávamos à Vila de Conceição do Norte. Fora ela o maior reduto dos inimigos da família Wolney. Aí predominava a família Brito, a que pertence o Coletor Sebastião de Brito, irreconciliável adversário daquela. Foi a localidade que maiores recursos levou à luta no Duro. Aí a família Brito conseguiu aliciar trinta e tantos jagunços. Manoel Alves Bandeira foi o único adversário da família Wolney que aí encontramos. Seu depoimento (número oitenta e seis, página duzentos e quarenta e três) é mais

um atestado em favor da família vitimada pelas autoridades e pela polícia goianas.

“Senhor da Vila estava um primo de Abílio Wolney – Zezinho. A este indivíduo são imputadas depredações praticadas em propriedades da família Brito. Diz-se também ser ele autor de furtos de gados das fazendas de seus inimigos foragidos. A esta localidade veio Abílio Wolney, depois de haver dominado São José do Duro. Com sua tropa acampou à Vila. Sabendo, porém, das depredações a que se entregava o pessoal sob as ordens do seu primo Zezinho, entrou na povoação e condenou tais práticas.

“Nos dias que seguiram à luta no Duro, a Vila de Conceição ficou completamente deserta; apenas uma mulher doida aí permaneceu. A muito pouco montam as depredações que aí observamos; dois prédios com as portas arrombadas, móveis quebrados, correspondência violada. Em flagrante desmentido às informações alarmantes que nos forneciam em Taguatinga, tivemos em Conceição do Norte agasalho franco e trato amigo.

“A treze partimos para Natividade onde chegávamos no dia seguinte. Esta Vila é a mais importante localidade que visitamos. Nela há partidários e adversários de Abílio. Estivemos em contato mais íntimo com estes. Por aí passaram em fuga para Palma, rumo de Goiás, soldados fugidos do Duro. Aí esteve, também fugindo, o Juiz Calmon. E foram esses elementos que historiaram aos habitantes de Natividade as ocorrências do Duro.

“Por isso observa-se aí clara oposição à família Wolney. Dessas disposições procuramos colher alguns dados esclarecedores, mas só obtivemos declarações imprecisas, vacilantes. Aí encontramos, em plena liberdade, Zuza Valente, que fora prisioneiro de Abílio, e Aureliano Azevedo, talvez o mais pérfido adversário da família Wolney. Ambos seguiram conosco

para o Duro. O último, supondo talvez que nós e o próprio Abílio Wolney desconhecêssemos o papel de pérfido fomentador de ódios por ele representado, revestiu-se de um cinismo revoltante, abroquelando-se nas garantias que a nossa presença e o cavalheirismo de Abílio lhe facultavam, para tentar conquistar as simpatias da família para cujo infortúnio fora ele um dos maiores obreiros. Por seu diapasão afinam os adversários de Abílio naquelas ínvias paragens.

“Natividade foi também completamente abandonada pelos seus habitantes. Aí ficaram, guardando a Vila, três ou quatro praças mantidas pela municipalidade. A quinze, deixávamos essa Vila e a dezoito, chegávamos a *São José do Duro*. Aguardavam-nos aí o Dr. Mandacarú Araújo, que veio ao nosso encontro, o Coronel Abílio Wolney, sua família e inúmeros amigos seus.

“Entrávamos no teatro dos tristíssimos acontecimentos, cujo estudo vínhamos fazendo. Íamos apenas confirmar *de visu* o que abundantes informações já nos haviam revelado. Mesmo assim a presença do quadro nada perdeu de impressionante. O convívio com aquela gente boa acabrunhada pela prática de atos vandálicos com que fora ferida; a contemplação de dezenas de crianças violentamente lançadas à orfandade; os lamentos daquelas mulheres, velhas e moças que, depois de assistirem ao assassinio de maridos, pais, irmãos e filhos, de muito perto haviam visto os punhais dos facínoras prestes a feri-las; a presença daquele *tronco*, misérrima recordação de processos bárbaros que enegreceram páginas da história nacional; a contemplação do sangue de vítimas indefesas nodoando o chão daquelas habitações pacíficas violentamente transformadas em calabouços onde campeou indômita a mais cruel carnificina – tudo isso revolta e apaixona o mais imparcial observador e o impele a pedir severa punição dos grandes e pequenos operários da ignominiosa obra de demolição e de extermínio.

“Aquela Vila, como já foi dito, é uma fazenda da família Wolney e foi aí que se travou a luta entre as duas facções opostas. Os sinais do combate lá estão ainda patentes, janelas e portas atravessadas por inúmeros projéteis, paredes assinaladas por balas e abertas numerosas seteiras, muros internos arrombados, permitindo a comunicação de uns a outros prédios.

“Declaram os moradores da Vila que policiais e jagunços, antes de se retirarem das habitações que lhes serviram de reduto, praticaram nelas o mais completo saque. E o saque estendeu-se às fazendas do município, quase todas desertas, pois seus proprietários, ou formavam entre os combatentes ou fugiam temendo as consequências do conflito.

“A uma e outra facção devem ser atribuídas as depredações verificadas, pois, se os policiais sem comando, em pequenos grupos, percorriam a região e assaltavam casas que encontravam em caminho, também Abílio Wolney e seus amigos e inimigos, todos chefes de jagunços, não puderam conter as hordas indisciplinadas que debandavam em todas as direções.

“A Vila de S. José do Duro é hoje o reduto em que Abílio, cercado dos poucos parentes e amigos que lograram escapar à sanha carniceira, volta, acabrunhado pelos mais fundos pesares, a seu trabalho pacífico e honesto.

“Procuramos sondar-lhe as intenções e sua feição franca e sincera prontamente desvendou seus desígnios. O laborioso sertanejo e os amigos que o cercam não confiam no atual governo de seu Estado. A ação de autoridade e força estaduais é uma constante ameaça àquela gente, por eles tão fundo apunhalada. E, disse Abílio Wolney com sobranceira lealdade:

‘Às autoridades de Goiás eu não me entrego:

Fujo ou brigo. Prefiro abandonar tudo quanto possuo ou morrer lutando, a entregar-me à polícia de meu Estado e morrer com o pé no tronco’.¹²⁹

“E demos-lhe razão. Justiça e garantias pede ele e garantias e justiça não lhe podem dar os autores do grande crime e os que por ele são responsáveis. Só o Governo Federal inspira-lhe confiança. E esta afirmativa tivemos-la não apenas diretamente do próprio Abílio Wolney, como em farta messe de documentos anteriores a nossa peregrinação pelos sertões. Cartas em que ele declara a seus amigos aguardar confiante a chegada da força federal que seria enviada àquelas paragens (números oitenta e dois e oitenta e três, páginas duzentos e oitenta a duzentos e oitenta e cinco) documentam solidamente suas disposições.

“E, ainda mais, a Barreiras enviou ele uma tropa de quatrocentos bois que seriam úteis ao abastecimento do batalhão que lá está, pois sabia ele que nessa localidade poderia vir a faltar carne; para auxiliar o transporte do batalhão ao Duro, fez seguir para referida cidade baiana uma tropa de quarenta animais de carga; compromete-se a fornecer recursos, em alojamento e víveres, à pequena tropa do Exército que por ventura seja enviada a S. José do Duro. Quem viu de perto as dificuldades que naquela zona cercam as mais rudimentares operações militares, sabe da importância de que se revestem tais providências.

“A vinte e dois de março deixávamos a Vila de S. José do Duro. A farta coleta de informações e documentos que havíamos realizado diziam-nos terminados nossos trabalhos de sindicância no território goiano.

¹²⁹ Texto original com grifo do autor.

“A vinte e cinco chegávamos à cidade de Barreiras, nosso ponto de partida, depois de havermos percorrido cento e cinquenta léguas em terras dos sertões da Bahia e de Goiás.

“Recapitulando agora depois de compulsar os documentos colhidos, longe do teatro dos fúnebres acontecimentos que nos foi dado estudar e pondo em exercício a máxima imparcialidade e o mais acrisolado sentimento de verdade e de justiça, podemos concluir em síntese:

“A – Os lamentáveis acontecimentos de São José do Duro derivam da ação política e administrativa dos atuais dirigentes do Estado de Goiás;

“B – Há indícios de que ao Governo do Estado cabe grande responsabilidade no fúnebre desfecho do conflito;

“C.– A autoria da polícia goiana nos assassinatos de Buracão e São José do Duro é irrefutável;

“D – A ação de autoridades estaduais orientadas pela facção política dominante no Estado é perigosa e pode ser contraproducente;

“E. – A ação de autoridade federal estranha ao conflito ou a simples presença da tropa do Exército naquela região pode, bem orientada, fazê-la voltar ao trabalho pacífico e produtivo.

“Tais são, Ilustríssimo Senhor General Ministro da Guerra, as conclusões a que chegamos no fiel desempenho da árdua missão que Vossa Excelência nos confiou. Capital Federal, vinte e oito de abril de mil novecentos e dezenove. – *Álvaro Guilherme Mariante*, Major Adjunto do Estado-Maior. – *Valentim Benício da Silva*, primeiro Tenente auxiliar do Estado-Maior. Conforme, *P. Milanez*. Confere. – *Valeriano Lima*, chefe de seção.

– A quem fez a requisição.”¹³⁰



Também Euclides da Cunha nos emprestaria algumas conclusões em *Os Sertões*, que transladamos, permeada de considerações nossas, supondo se adaptarem bem à famigerada *Expedição do Governo de Goiás*:

– *Aquilo não era uma Campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava, ainda, a forra da oligarquia almejando a degola do inimigo ousado, desacatador; devia-se desforrar-se.*

A repressão tinha dous pólos – o tiro e o sabre. A ferocidade dos sicários ante a audácia vingativa de um homem que ouviu o pai gritar por socorro para em seguida morrer praticamente espotejado... A selvageria impiedosa vestia o luto chinês da púrpura e, cinicamente lavada em lágrimas pela “lei” transgredida, lavava-se em sangue.

Amparava-se na necessidade de patentes e promoções almejadas, e não na retribuição penal ao fato da coação ao Juiz Municipal e ao Coletor no caso no inventário de Vicente Pedro Belém – por razões que o leitor por certo percebeu.

Ademais – supunham – não havia temer-se o juízo tremendo do futuro.

¹³⁰ Relatório publicado em 10 de julho de 1919.

A História não iria até aqueles confins do sertão esquecido. Mas veio, ficou e está...

Afeiçoaram-se a ver a fisionomia temerosa dos povos na ruinação majestosa dos povoados insubordinados ao regime, na imponência soberana de um coliseu ciclópico – Goiás Velho da oligarquia ancestral, circo calabouço dos insurretos –, nas gloriosas Chacinas das batalhas intestinas, como a do matadouro do Duro, ou como a que se daria também no povoado de Santa Dica¹³¹ em Goiás, como outras graves, que noutra oportunidade mencionaremos, não fosse a prometida para a região Sudoeste do Estado, de onde emergiu Pedro Ludovico Teixeira na insurreição por fim vitoriosa de 1930, que terminou derrubando a oligarquia Caiado.

O sertão era o homizio. Quem lhe rompia as trilhas, ao visar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indagava do crime. Tirava o chapéu, e passava.

E lá não chegaria, certo, a correção dos legítimos Poderes constituídos. O atentado era público. Conhecia-o, em São José do Duro, os principais representantes do Governo. Coonestaram e em seguida enfeixaram os “poderes” contra o atrevido adversário político. Desse modo a consciência da punição canhestra, do mesmo passo fortalecida pelo suposto anonimato da culpa e pela cumplicidade desbragada dos únicos que deviam legalmente reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até os dentes, em cima da indefesa sociedade sertaneja, de reféns inocentes, a multidão criminosa e paga para matar, para lavrar Autos de Resistência.

¹³¹ Hoje Lagolândia-GO.

A Fazenda Buracão tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de morros. Era um parêntese: era um hiato aquele sítio dos Wolney; era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de cerros, ninguém mais pecava. O próprio Duro era uma hipótese geográfica, com feição de uma fazenda, de um clã – já se disse.

Realizava-se um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns séculos abaixo.

Descidas as vertentes, em que se entalava aquela furna enorme do Buracão, podia representar-se lá dentro, obscuramente, um drama sanguinolento da Idade das Cavernas. O cenário era sugestivo. Os protagonistas – um Juiz escolhido a dedo, e soldados – só podiam unificar-se sobre a base comum dos interesses menores de quem os enviou, senhores dos instintos inferiores e maus, a desafiarem um rechaço na mesma vibração por parte dos atores da lei natural da defesa e da sobrevivência.

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu, inteiriça. Desforrava-se afinal. Encontrou nas mãos ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, o sabre e a carabina. Mas o sabre lembrava-lhe melhor o antigo punhal de sílex lascado. Vibraram-no. Depois seqüestraram outros a preço de vida. E mataram-nos, antes mesmo de fechado o cerco. Depois fugiram, aos poucos, quase folgadoamente.

E se nada tinham a temer, nem mesmo o juízo remoto do porvir, entre os deslumbramentos do futuro caíam, implacáveis e revoltas aquelas ocorrências; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos...¹³²

¹³² Trechos em itálico de Os Sertões.

Uma página tarjada de horrores, sem glória, que fechamos também sem catarse, sem o efeito moral e purificador da tragédia, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos leitores, proporcionando-lhes o alívio ou a purgação desses sentimentos, visto que ainda deixam em todos, como objeto de reflexão, uma indignação reprimida, *que só se esquece no perdão...*



Abramos outra página.

XIV

A IMPRENSA CONTINUA. A CÂMARA DOS DEPUTADOS
REQUISITA O RELATÓRIO DO EXÉRCITO¹³³

No dia 03 de maio de 1919 o jornal *Goyas* volta à berlinda o massacre de São José do Duro:

OS CRIMES DO DURO

Já ninguém mais tem o direito de por em dúvida a notícia, que aqui fomos os primeiros a dar, sobre os abomináveis crimes perpetrados em S. José do Duro pelos agentes da força pública.

Aí estão eles – oficiais e praças – confessando claramente a autoria dos atentados à vida e à propriedade, que ultimamente se deram naquela longínqua localidade do norte do Estado, para onde haviam sido enviados com o fim aparente de manterem o princípio da autoridade e o respeito ao direito e às leis.

Se esse era o fim real de expedição, não podia ela ter sido mais desastrosa.

Cartas que vimos daquela procedência narram por miúdo e com a eloquência da verdade as cenas de vandalismo que talvez repugnassem aos próprios selvagens.

¹³³ Título e Capítulo do próprio autor.

Prescindamos de analisar a oportunidade da comissão composta de um Juiz de Direito, Promotor, Escrivão, cinco oficiais e 60 praças, com gordas ajudas de custo, nos termos do art. 115 da Constituição do Estado ser aberto ali rigoroso inquérito, formação da culpa e pronúncia de criminosos, cujos delitos, por sua gravidade, número de culpados, ou patrocínio de pessoas poderosas, tolhendo a ação regular de autoridades locais, exigiam investigação acirrada e pronta.

A gravidade dos crimes apurados é já bastante conhecida de nossos leitores.

Tais crimes, entre os quais não se conta um só que seja inafiançável, constam da inepta denúncia cuja cópia autêntica publicamos em um dos nossos passados números.

No meio deles está capitulado no art. 112 do Código Penal, o qual só por supina ignorância ou requintada má fé poderia ser articulado contra os denunciados do Duro.

Ainda mesmo que tais crimes tivessem existência real, puní-los com a pena de morte E com roubo praticado nos cadáveres das vítimas seria o cúmulo do despotismo.

Referem as cartas que a comissão tinha a incumbência de exterminar a família Wolney, havendo ali quem, antes mesmo do massacre, já cogitava de contratar vaqueiros para a fazenda do malogrado coronel Wolney, apesar de não ser parente seu, e muito menos seu credor.

Se esse não era o plano preconcebido, era no entanto o que estava sendo posto a execução.

A tragédia de que foi teatro a fazenda do Buracão, mascarada em um mandado de prisão (ilegível) por crimes afiançáveis (ilegível) teve o seu ato (ilegível) aí deviam incumbir os Wolney pai e filho, tendo o Coronel Abílio se salvado milagrosamente, providencialmente, em um depósito de farinha, ao tempo em que era seu velho pai traiçoeira e barbaramente assassinado a tiros de carabina e diversas facadas por todo o corpo, o que prova a não intenção de prender e sim de matar.

Resistência não houve, dada a surpresa de um ataque inopinado, em hora bem anterior ao romper do dia. E quando houvesse, seria ele perfeitamente justificável por se tratar de uma prisão sob todos os pontos de vista ilegal e arbitrária.

Em seguida ao saque do cadáver do velho Wolney, que conduzia consigo cerca de trinta contos, pois tentava fugir a sanha de assassinatos, fizeram-no da casa e da fazenda, retirando moedas de ouro e prata, jóias, animais, arreios, etc., levando presos para a vila todos os outros membros da família que então ali se achavam.

Lá chegando, prenderam igualmente os demais parentes e amigos da família, ficando as mulheres e crianças em custódia e os homens no tronco, ameaçados de serem fuzilados se não dessem conta do Coronel Abílio Wolney

Este, diante de tanto terror, de tanta perversidade, não tendo para quem apelar, visto como a violência partia da própria força, ao mando da autoridade judiciária, que consentia nos maiores atentados à vida, à propriedade e à liberdade dos cidadãos, não teve outro remédio senão apelar para as armas.

Dispondo de bastante influência na circunvizinhanças e até no Estado da Bahia, conseguiu em poucos dias reunir um grande número de pessoas armadas e dirigiu-se à Duro a fim de libertar os prisioneiros, alguns deles ou quase todos membros de sua família, que estava, sofrendo as torturas do cárcere privado com toda sorte de padecimentos e privações de toda natureza, das quais seria impossível darmos uma idéia aqui, tantas e tão honrosas foram elas.

Antes de entrar à vila recebeu uma descarga de um piquete emboscado junto à estrada.

Reagindo, fez fogo, penetrando na povoação às 10 horas do dia 16 de janeiro, sustentando renhido combate até a manhã do dia 18 em que conseguiu assenhorear-se da localidade, pondo em fuga toda força que ali estava sem direção, visto como o Juiz Calmon havido também fugido dias antes em direção ao Estado do Maranhão.

Conseguiu ainda salvar sua velha mãe e filhos quando tentavam arrombar a porta do quarto em que se achavam para assassiná-los.

E foi tudo quanto pode fazer, porque para os prisioneiros do tronco já era tardia a sua ação.

Com relação a estes aguardava-o mais triste, o mais desolador dos espetáculos...

Horresco referens! Jaziam com os pés ainda presos ao tronco de madeira os 9 infelizes, parentes e amigos seus que aí haviam sido fuzilados e sangrados.

Para que se retirassem dali os cadáveres, já em adiantado estado de decomposição, pois a chacina havia se consumado a 16, foi necessário cortar-se o madeiro a golpes de machado.

Os algozes dessas vítimas inocentes e indefesas, talvez por um requinte de perversidade, quizeram deixá-las nessa posição para maior prova da hediondez do seu crime.

Não pode haver nada mais de vil, de mais revoltante.

Que espécie de crime cometeu essa gente, a melhor do lugar, para ser metida a um tronco por espaço por mais de 20 dias e aí ser trucidada como fossem feras terríveis?

Terão resistido à prisão em virtude de mandado legal expedido por autoridade competente?

Onde estamos? Em Goiás, ou na Armênia, perseguidos pelos turcos?

Jamais o solo abençoado de nossa terra presenciou cena igual de carnificina humana!

Só falta dizer que foi o Coronel Abílio o autor de todos esses crimes, ele que mesmo no exercício da legítima defesa poupou a vida de seus inimigos, dos algozes de sua família.

Ele só pegou em armas para defender a si e aos seus e na defensiva permanecerá, deixando aos poderes públicos o encargo que lhes compete de punir severamente os autores de tão bárbaros quão revoltantes delitos.

Chegaremos a esse resultado?

É o que desejamos, confiados na ação enérgica, imparcial e profícua do interventor federal.

Assunto: João Alves de Castro
A posição de S. Exa.

Dez dias são passados desde que o Desembargador Presidente

reassumiu o exercício da Presidência e até hoje não consta um movimento de sua parte para apuração dos atos vandálicos praticados por seus agentes na Vila do Duro, fazendo crer que seu Ex, conservar-se-á mudo e quieto, esquecendo-se do ponto de honra do seu governo.

Como órgão da pública opinião vamos refletindo o pensamento da população desta capital que, descrente de um ato de energia de S. Ex, vendo os apontados causadores do morticínio do Duro em plena liberdade e ainda com a farda dos mantenedores de ordem e o Juiz Calmon à testa de sua comarca, manifesta-se convencida da conivência do governo em tais crimes:

Todos perguntam: Porque este silêncio em torno do morticínio do Duro?O presidente disse que vinha apurar os fatos e punir os criminosos, porque ainda não deu princípio à ação?

E arrematam com o seguinte:

“Infeliz é quem morre assassinado neste Estado; justiça aqui não se fez, salvo quando tem por fim perseguir algum desafeto da situação.

O Dr. João Alves prometeu punir os criminosos, mas a politiquice se interpõe entre a sua ação e os protegidos, de modo que Sr. Exa. fica com a responsabilidade desses crimes, enxergando todo o país no Presidente de Goiás um magistrado mandante de crimes bárbaros e covardes... E nós outros povo, acabamos, nos convencendo que o Presidente é quem mandou liquidar a família Wolney no norte do Estado”.

Esta é a linguagem simples do povo, que conhecedor da força da politicalha e sabendo como pesam na opinião de certos homens de governo as injunções partidárias, assim exprime a sua descrença e manifesta o valor reconhece em seus dirigentes.

O povo assim pensa e se externa.

Nós, porém, que temos a obrigação de projetar luzes sobre casos como este, principalmente quando há interesse em conservá-los nas trevas e quem tem o dever de apurá-los parece querer ficar inativo, vamos buscar os antecedentes desses atos criminosos, devassando-os, comentando-os e pondo aos olhos do povo muita coisa que lhe passa despercebida, apontando-lhe pelas informações que temos e pelas descrições de outros confrades os prováveis autores e cúmplices a fim de que, faltando a justiça oficial, a pública seja feita.

S. Exa. aqui chegou em dias da semana passada e não nos consta que providência alguma fosse tomada para que tão horrorosos crimes não continuem no rol dos fatos consumados e os criminosos impunes.

Ao contrário disso temos lido no órgão situacionista.

A defesa pelo órgão da agremiação partidária que sustente S. Exa. no governo é uma série de disparates, em completa contradição com tudo que se tem escrito e falado sobre os crimes do Duro.

É um verdadeiro conto forjado por uma imaginação habituada a processos de torcer a verdade, embora a falsidade apareça clara e salte a cada linha pela pena traçada.

A posição de S. Exa., por enquanto, é duvidosa e enigmática e, para todos, é de convivência.

Ou S. Exa. aceita a defesa do órgão situacionista e age de acordo com ela, golpeando a verdade a fundo e recebendo para sempre a pecha de criminoso ou, deixando de parte a história longa contada pelo órgão da rua 13, procede de conformidade com o inquérito feito pelo digno major Mariante, punindo os verdadeiros culpados, conservando o seu nome limpo desses crimes e passando o atestado de falsos aos seus amigos que, na sua ausência, procuraram turvar as águas e para proteger assassinos não trepidaram em sacrificar a sua honra e seu nome, manchando-os com crimes bárbaros e revoltantes com os que foram praticados na vila do Duro, deixando S. Exa. num dilema de difícil solução.¹³⁴

Noutra matéria jornalística temos o seguinte:

S. exa. procura se defender

S. Exa., o presidente o Estado, pelas colunas do “correio oficial”, premido pelas provas irrefutáveis e argumentos lógicos contidos no inquérito Mariante, procura se defender das responsabilidades que lhe pesam pelas barbaridades cometidas pela polícia em Duro.

¹³⁴ *Jornal Goyas, Ano XXXIV, N. 1577, p. 1 – de 3/5/1919.*

Quem ler a defesa de S. exa. se conservasse em silêncio e esperasse, mesmo com a consciência preñe de remorsos, o resultado do processo a que se está procedendo no Superior Tribunal de Justiça do Estado, deixando de, antecipadamente, como chefe do executivo estadual, turvando as águas, insinuar ao colendo tribunal, no seio do qual conta amigos dedicados, como S. exa. entende a questão e pensa que deve ser concluída a fim de escapar a ação da justiça.

A base de sua defesa, acoimando de parcial ao inquérito procedido pelo ilustrado major Mariante é a parte do mesmo inquérito, em que o digno oficial diz que Abílio Wolney mandou 400 bois à expedição militar e 40 burros para transporte de viveres para manutenção da força do exército.

Isto é uma prova clara de que Abílio, convencido da justiça de sua causa, desejando mostrar a desgraça do que foi vítima e quão bárbara e nefasta foi a ação dos mandatários do governo do Estado, não temia a ação da justiça e até proporcionava meios para que ela fosse exercida por um juiz imparcial, trazendo ao conhecimento do país inteiro como se vinga o governo do Estado de Goiás e de quanto é capaz essa situação política no Estado contra a vida e propriedade dos seus desafetos políticos.

S. exa. diz também que escolheu o Juiz Calmom, porque outros se negaram a ser referido Juiz estranho às lutas políticas do Estado, acrescendo ser a conduta do mesmo Juiz irrepreensível em sua comarca.

S. exa. já se esqueceu do que disse esta folha logo após a volta de nosso atual redator de Morrinhos e Pouso Alto; onde fora assistir as eleições para senador e deputados federais?

S. exa. não se lembra mais do alistamento federal de Pouso Alto com que irrepreensível Juiz pagou a sua nomeação ao dr. Ramos Caiado?

S. exa. não quer buscar na memória o desrespeito ao hábeas corpus concedido pelo Supremo Tribunal aos conselheiros adversários em pouso alto, um pouco antes das mesmas eleições?

Por estar S. exa. de memória fraca é que consente afirmações desta espécie em letra de forma, supondo, com certeza, que to o mundo se acha nas mesmas condições.

A nomeação do dr. Mandacaru para promotor só foi feita porque era inimigo dos Wolney e à instância do irrepreensível Juiz Calmon, que desejava uma pessoa de amizade neste cargo.

Que necessidade tinha um Juiz de um amigo seu como promotor?

Seria para assinar uma denúncia como a que assinou o cel. Deocleciano Hunes, na qual se encontra a mais requintada má fé em capitular crimes, e de posse dela o Juiz dar uma lição nos Wolneys.

E, depois, todo mundo sabe que, quando negaram-se outros juízes a ir ao Duro para não servirem de instrumento de vingança e perseguições, o dr. Mandacaru se oferecia para lá seguir como promotor.

Porque S. exa. o nomeou quando os chefes Eugênio e Caiado informavam a S. exa. que eram péssimos os seus precedentes?

Só porque o Juiz pedia por seu amigo?

Não era razão suficiente, ao contrário era o bastante para que S. exa. desistisse de tal nomeação, pois devia prever com a insistência do mesmo, Juiz, que a sua ação em Duro não seria reta por desejar levar como promotor um cidadão de péssimo proceder, com a agravante de ser inimigo dos Wolneys, o que S. exa. não podia deixar de estar informando pelos mesmos chefes de seu partido, já que há 16 anos não lia os jornais de sua terra natal.

A história está muito bem concatenada para as responsabilidades, embora indiretas, de S. exa. não escaparem nas malhas.

E S. exa. mesmo que as oferecesse ao público em sua defesa.

A nomeação de Ulysses é outra prova contra S. exa., porquanto não é crível que S. exa. desconhecesse os seus precedentes no norte do Estado e a sua exoneração de fiscal do município a bem do serviço público, por estar lesando o fisco municipal.

S. exa. diz que o cabo Pedro Rodrigues da Cruz foi obrigado a fazer depoimentos falsos em Duro, ilaqueando a boa fé do major Mariante, prestando outro aqui perante a polícia.

Para S. exa. o de lá é falso e o verdadeiro é o prestado aqui, embora duplo.

Só S. exa. ignora o que é a sua polícia e como se obtém depoimentos na secretaria de segurança pública.

Quando o inquérito era feito na polícia, os criminosos andavam à solta e arrastavam espada pelas calçadas desta capital como mantenedores da ordem, postos em liberdade por estes mesmos amigos que S. exa. procura defender nas colunas do "Correio oficial", julgando impossível a existência da carta de um deles, quando só o respeito à ortografia é uma prova contundente da sua existência.

Não procure S. exa. defesa.

Deixe o tribunal agir livremente, pedindo mesmo aos seus amigos devassa ampla para que as suas responsabilidades não tomem vulto, acobertando com o modo de pensar do órgão oficial responsabilidades de outros.

O crime foi muito bárbaro para ficar impune e só um castigo severo, aplicado por juízes retos, pode lavar a honra da magistratura goiana.

Só apenas correspondentes ao vandalismo podem varrer do espírito público a triste impressão a ação dos nossos dirigentes, dos seus agentes policiais, dos seus juízes e dos chefes da situação dominante.

Não acuse S. exa., para se salvar, a um distinto, a um oficial brioso, ilustrado e digno, que a Goiás veio em cumprimento de dever, a pedido de S. Exa., que não podia manter a ordem do norte; não se esconda S. Exa. por detrás de acusações descabidas para não sofrer as justas manifestações da indignação do país inteiro.

O major Mariante é um oficial por demais conhecido no exército para que as malévolas palavras do órgão oficial do Estado possam fazer mossa na sua reputação; ao contrário só podem argumentar o seu valor pela independência e critério com que agiu nesta questão, acompanhando pelo seu digno e ilustrado companheiro de comissão tenente Benício.

S. exa., procurando se defender, foi obrigado a acusar e com tanta infelicidade o fez que melhor seria ter ficado calado.¹³⁵

No dia 30 de junho de 1919, o Ministro da Guerra, General Alberto Cardoso de Aguiar, anuindo solicitação, faz o encaminhamento ao 1º Secretário da Câmara, satisfazendo a requisição contida no ofício nº. 125, de 20 de maio daquele ano,

¹³⁵ Jornal Goyas, abril de 1919. Acervo da Biblioteca L.A.R, da Prof. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva (Goiânia).

efetuada em virtude de deliberação da Câmara dos Deputados, transmitindo, por cópia, o Relatório que lhe foi apresentado pelo Major Adjunto do Estado-Maior, Álvaro Guilherme Mariante, a respeito dos sucessos de *São José do Duro*, no Estado de Goiás.

A despeito do Relatório do oficial do Exército, nenhuma outra providência concreta foi tomada pela União para cercear a perseguição da oligarquia Caiado contra Abílio Wolney, que permaneceu entre a *Vila* e a cidade de Barreiras-BA até 1923, enfrentando e resistindo às novas investidas da polícia de Goiás, rechaçada em combates outros.

Infelizmente, para sobreviver e defender sua família e amigos próximos; para defender o seu único meio de sobrevivência depois da política – as fazendas e o gado – o nosso personagem ainda fez resistência a outros embates. Alguns, como “*O Fogo da Santa Rosa*”, contra a mesma Polícia do Governo do Estado e mais efetivo do que o da *Vila* em 1919, é objeto de Capítulo próprio em outro livro.

Vimos que a própria União, em sede de Intervenção Federal, o cobriu de razão na Revolução fatídica, fazendo com que a oligarquia do Estado passasse a atuar com emboscadas, pois não tinham força nem moral para invadirem o território de *São José do Duro*. Ou melhor, tinham mesmo era medo.

E assim a guerrilha continuou... Até que um dia Abílio Wolney resolveu bater em retirada para a Bahia, onde iniciou nova senda nos caminhos da política.

Com a Revolução de 1930 caiu a oligarquia Caiado. Bem situado em Barreiras, no oeste baiano, Abílio Wolney vai ser o prefeito da urbe de 1932 até 1937, do que cuidamos também noutro livro.

Em 1938, retornaria a *São José do Duro*, ano em

que o município passou a se chamar Dianópolis.

Em sua terra permaneceu em corpo físico até o dia 12 de setembro de 1965, quando, aos 89 anos de idade, retornou à Pátria Espiritual.¹³⁶

¹³⁶ O nome **Dianópolis** foi objeto de consulta e sugestão de Abílio Wolney, do que trato em Capítulo do nosso livro *O Diário de Abílio Wolney, in verbis*:

“A ORIGEM DO NOME ‘DIANÓPOLIS’

Em 1938, depois de quase uma década de auto-desterro, Abílio Wolney retornava da Bahia para *São José do Duro*, ano em que o município passou a se chamar Dianópolis.

Pesquisando sobre a origem do nome “Dianópolis”, fomos para os lados do *Casarão*. Na esquina do antigo largo do *Duro*, na porta da sua casa, folgava à tarde, numa cadeira, a tia e madrinha Doralina Wolney Valente¹³⁶ com suas recordações da *Vila* de antanho. É com ela que fomos conversar, buscar outras cartas e fotografias, além das que me foram fornecidas por minha mãe Irany Wolney. Buscar jornais antigos sobre a história do torrão natal.

Primeiro a benção e não demora – vamos direto ao assunto:

– Fico olhando para essa casa do meu avô, do meu pai, e choro de lembrar como tudo pôde acontecer daquele modo – diz ela saudosa e melancólica, lembrando que nasceu no ano de 1918, caminhando para os seus 90 anos de idade, mas é como se tivesse vivido naquela época. Afinal, além de Irany Wolney, foi ela uma das filhas que teve sempre muito próxima do pai Abílio Wolney, ouvindo dele mesmo a versão dos fatos daqueles tempos idos.

Em 1938, Doralina Wolney contava 20 anos de idade, tempo em que o seu pai Abílio Wolney findava o seu longo mandato de prefeito nomeado em Barreiras-BA.

Ao retornar para a nossa terra, – contou-nos ela – o veterano político, no tirocínio dos sexagenários, foi solicitado para uma reunião. Abílio Wolney receberia ali no *Casarão*, sua residência, uma comitiva dos homens do lugar, encabeçada por Coquelin Ayres Leal, seu parente, e pelo amigo Veríssimo Teixeira da Mata. Vinham tomar uma opinião, buscar uma sugestão para renomear a vetusta *São José do Duro*.

– Vocês sabem que a Vila de Santana das Antas passou a se chamar *Anápolis* - Cidade de Ana. A iniciativa foi minha, no findar do meu primeiro mandato de Deputado. Fiz em homenagem a Nossa Senhora Santana, avô materna de Jesus Cristo, da qual era devota Ana das Dores – das primeiras do lugar.

Todos gostaram muito. E ele prosseguiu:

– Vejam que coincidência: Temos por aqui quatro Dianas, que depois da hecatombe do *Barulho* passaram a ser as novas mães dos filhos desta terra. A rima de *polis* com Diana vai dar um belo nome, encobrindo os escombros do passado, embora dele jamais possamos nos esquecer...

Olhando por cima dos óculos, um lornhão, concluiu feliz por merecer a distinção da consulta:

– *Anápolis* foi de Ana. *Dianópolis* é de Diana. Cidade das Dianas...

Risos!

Estava posta a homenagem às quatro Dianas, como eram carinhosamente conhecidas Custodiana Wolney Nepomuceno Araújo, filha de Josina Wolney, irmã de Abílio; Custodiana Leal Rodrigues, sua prima; Custodiana Costa Aires, sua parenta e filha do amigo de todas as horas, Casimiro Costa e ainda Custodiana Wolney Póvoa, filha do próprio Abílio Wolney, uma bela viúva que despertava os sentimentos de Veríssimo, também viúvo, embora o destino não viesse a

uni-los. Homenageava-se ainda Anna Custódia Wolney Leal, irmã de Abílio, e no mais dava ao local um belo nome.



Diana Costa.



Diana Póvoa.



Diana Rodrigues.



Diana Wolney.

Veríssimo da Mata seria, no ano seguinte, o sexto Prefeito da *Vila*, dentre os nomeados por Pedro Ludovico Teixeira, Interventor em Goiás. Com certeza, dentre as demais, o nome agradaria Diana Wolney, sua paixão platônica.

– Bom nome. Eu imaginava algo assim, disse o futuro alcaide.

Posso imaginar a satisfação de Coquelin Ayres Leal:

– Minha mulher foi a primeira professora aqui. Ela merece, como as outras também.

Agora se faziam necessários os papéis para levar ao Governo do Estado, onde à frente estava o seu amigo, por este tempo já em Goiânia, a nova capital, o que foi providenciado.

E logo veio o resultado. Por força do Decreto-Lei nº 311, de 02 de março de 1938, conjugado com os Decretos-Leis 557 e 808, de 9 de junho e 30 de setembro de 1938, respectivamente, a *Vila* do município de São José do Duro foi elevada à categoria de cidade. Em 1º de janeiro de 1939, deu-se a festividade solene de implantação e inauguração da Cidade Diana.

Na concepção poética, *Diana* quer dizer Lua. Em latim, significa "divina". Era a deusa da lua para os romanos, a deusa da caça que atirava suas flechas através das florestas da Grécia.

No pastoril, que é uma pequena representação dramática, composta de várias cenas (jornadas), durante as quais se sucediam cantos, danças, partes declamadas e louvações, e que se realizava diante do presépio, entre o dia de Natal e o de Reis, para festejar o Nascimento de Jesus, as *Dianas* são as personagens femininas, as pastoras ou pastorinhas.

Na mitologia, conta a lenda que havia um vale rodeado por densa vegetação de ciprestes e pinheiros, consagrado à rainha caçadora, *Diana*. Na extremidade do vale havia uma gruta, não adornada pela arte, mas a natureza imitara a arte em sua construção, pois cravejara a abóbada de seu teto com pedras, tão delicadamente

como se estivessem dispostas pelas mãos do homem. De um lado, jorrava uma fonte, cujas águas se espalhavam numa bacia cristalina. Ali, a deusa dos bosques costumava ir, quando cansada de caçar, e lavava seu corpo virginal na água espumeggiante.

Certo dia, tendo entrado ali com suas ninfas (divindades fabulosas dos rios, dos bosques e dos montes, representadas por mulheres novas e formosas), entregou a uma delas o dardo, a aljava e o arco, a túnica a uma segunda, enquanto uma terceira retirava-lhe as sandálias dos pés. Então, Crácole, a mais habilidosa de todos, penteou-lhe os cabelos e Néfele, Híale e as demais carregavam a água, em grandes urnas. Enquanto a deusa entregava-se assim aos cuidados íntimos, Actéon, tendo-se separado dos companheiros e vagando sem qualquer objetivo definido, chegou ao local, levado pelo destino. Quando surgiu à entrada da gruta, as ninfas, vendo um homem, gritaram e correram para junto da deusa, a fim de escondê-la com seus corpos. Ela, porém, era mais alta que as outras e sobrepujava todas pela cabeça. Uma cor semelhante à que tingia as nuvens no crepúsculo e na aurora cobriu o rosto de Diana, assim apanhada de surpresa. Cercada como estava, por suas ninfas, ainda fez menção de voltar-se e procurou, impulsiva, as setas. Como estas não estivessem ao seu alcance, atirou água no rosto do intruso, exclamando:

– Agora, vai, e dize, se te atreves, que viste Diana sem suas vestes (...)

Diana em Dianópolis é sinônimo de beleza, moça bonita, juventude em flor no jardim das gerações que se renovam.

Faz-nos lembrar do poema-canção de Pixinguinha, como se pudéssemos dizer:

-Diana:

*Tu és divina e graciosa, estátua majestosa do amor,
Por Deus esculpida e formada com o ardor
Da alma da mais linda flor, de mais ativo olor
Que na vida é preferida pelo beija-flor*

Se Deus, me fora tão clemente

*Aqui, neste ambiente,
De luz formada numa tela, deslumbrante e bela.
O teu coração, junto ao meu, lanceado, pregado
E crucificado sobre a rósea cruz do arfante peito teu.*

*Tu és a forma ideal, estátua magistral,
Oh! alma perenal do meu primeiro amor, sublime amor.
Tu és, de Deus a soberana flor.*

*Tu és, de Deus a criação, que em todo o coração
Sepultas o amor, o riso, a fé e a dor em sândalos olentes
Cheios de sabor, em vozes tão dolentes como um sonho em
flor.*

*És Lactea estrela, és mãe da realeza
És tudo enfim que tem de belo
Em todo resplendor da santa natureza.
Perdão, se ousa confessar que hei de sempre amar-te.
Oh! Flor, meu peito não resiste,
Oh! Meu Deus o quanto é triste
A incerteza de um amor que mais me faz penar
E esperar, em conduzir-te um dia ao pé do altar*

*Jurar, aos pés do onipotente, em prece comovente
De dor, e receber a unção de tua gratidão
Depois, de remir meus desejos em nuvens de beijos
Hei de te envolver até meu padecer, de todo fenecer.*



Com a cartografia do novo ente federativo a partir de 1988, Dianópolis está localizada na Messorregião Oriental, a sudeste do Estado do Tocantins, e é sede da 12ª Região Administrativa. Possui uma atitude de 693 metros e ocupa uma área de 4.123 Km². O clima é sub-úmido ou seco, com uma temperatura que varia entre 22 a 26 graus centígrados. Apresenta estações chuvosas nos meses de outubro a maio e fica a 342 Km de Palmas.

Com a deposição de Getúlio Vargas, o General Felipe Xavier de Barros assumiu como interventor em Goiás e em 1946 nomeou o Cel. Abílio Wolney para o cargo de Prefeito de Dianópolis, onde vamos tê-lo também como integrante do Diretório Central do Partido Social Democrático (*PSD*) em outubro de 1947.

O seu prestígio político o levaria adiante, novamente nas sendas da política, agora na noviça Dianópolis. Ao tempo do *PSD* e da *UDN*, foi cogitado para ser presidente das duas agremiações ao mesmo tempo. Sob a sua supervisão, terminou colocando alguns correligionários para apoiarem o Dep. João d'Abreu e outros para ajudarem na eleição do Cel. Getulino Artiaga, cujos candidatos eram de facções diferentes, mas ambos merecedores do sufrágio popular – o povo decidiria nas urnas qual seria o melhor dos melhores.

XV

COMENTÁRIOS E ANOTAÇÕES AO RELATÓRIO AO MINISTRO DA GUERRA

Fragmento do Relatório (1):

O CASO AGENOR CAVALCANTE.

“Uma acusação, aliás grave, que contra ele ouvimos, foi mais tarde por várias testemunhas demonstrada caluniosa. Dizia-se (número um, página quarenta e dois) que Cavalcante Wolney, além de outros assassinatos, praticara o de um moço cujo nome não era declinado. Outros depoimentos comprovam ser inexata a acusação e que o referido moço, sobrinho do acusado, fora morto quando tentava contra a vida de seu tio. Por esse fato Cavalcante Wolney foi impronunciado pela justiça que reconheceu a legítima defesa (número dois página duzentos e um).”



Comentários e anotações (1):

Era o mês de setembro de 1915¹³⁷. Em *O Diário de Abílio Wolney*, faço constar:

“Nas eleições municipais, o Partido Republicano de oposição ao Governo lograra a Intendência da Vila com a eleição de candidato da agremiação, repontando como uma ilha na nova realidade política em evidente acinte ao Partido Democrata, que, aliás, não havia apresentado candidato.

Na pequena cidade do *Duro*¹³⁸, tudo era combustível para a máquina política e Agenor Cavalcante, que perdeu a eleição para Vereador, pelo Partido do Governo, seria uma peça na engrenagem.

Segundo depoimento do velho Wolney¹³⁹, há mais de um ano o Juiz Municipal Manoel de Almeida, o Coletor Sebastião de Brito e outros adversários políticos vinham incentivando Agenor a insultá-lo, e depois os próprios donos da aplicação da justiça local resolveriam a questão legal. A mais, da Capital vinha qualquer ajuda.

Mas porque Agenor, que era sobrinho do Cel. Wolney!? O nosso Voltaire Wolney Aires explica a razão:

*“Lembra-se do dia em que o tio o expôs a uma bruta humilhação no meio da praça?... Agenor, bêbado, apontava uma pistola a Edmundo ‘Zói-de-Vidro’ e discutia acaloradamente, quando o tio chegou por trás torcendo-lhe o braço e tomando-lhe a arma. Depois de repreendê-lo muito, disse que quando melhorasse da bebedeira que fosse buscá-la, mas conta-se que Agenor nunca foi pegá-la. Desse dia em diante Agenor passou a jurar-lhe de morte.”*¹⁴⁰

Os planos dos adversários estavam estabelecidos e acordados para a eliminação do Cel. Wolney. O complô passara discretamente a freqüentar as tabernas e ambientes que Agenor ia, ora travando diálogos discretos e insinuantes com ele, ora criticando-o com ironia sobre a humilhação

¹³⁷ Estava presidente da República Venceslau Brás Pereira Gomes (1914-1918).

¹³⁸ A população de São José do Duro era maior na zona rural, onde os próprios homens do lugar em regra viviam em suas fazendas. Por volta de 1915, a minúscula cidade do Duro se resumia a um largo ou praça cercada por casas, que somadas a outras esparsas na parte baixa chegavam a umas 40 residências.

¹³⁹ Autos do processo e citações constantes do livro *O Barulho e Os Mártires (no prelo)*.

¹⁴⁰ Há uma versão de que Agenor teria se atracado ao tio e rolado pelo chão, quando Agenor conseguiu ficar por cima do velho já deitado.

*que sofrera do tio. O assédio diário do complô começou a martirizar Agenor e induzi-lo ao crime e à desforra.*¹⁴¹

E é assim que vamos dar com Agenor armado de revólver, publicamente tolerado pelas autoridades locais. O delegado José Martins foi avisado, contudo os Wolney eram adversários.

Agenor chamou o companheiro Joaquim Lino para a empresa da vingança contra o tio, mas o colega recusou-se, cheio de medo de enfrentar o velho Coronel. Agenor então chamou o amigo de copo José Antônio para o ataque. Zé Antônio custou, mas foi junto...

Era noite.

Depois de bons goles de cachaça na bodega de José Benedito, os dois criaram coragem e foram, mas antes arrombaram a porta e a janela da taberna e subtraíram as armas do dono.

E vêm na senda planejada.

Explendia o luar. No céu constelado, uma poeira de estrelas rajavam a *Via Láctea*, confundindo a vésper diamantina.

A solidão imponente do plenilúnio parecia delatar tudo e infundia um certo medo pela melancolia de sua majestosa beleza.

Agenor e o companheiro tornejavam um caminheiro buscando o ponto onde se puseram de frente ao *Casarão* dos Wolney, mal se ocultando no espaço a céu aberto sobre o largo.

Empolgando as armas, ressumbravam aqueles maus presságios, tresandados aos licores alcoólicos, nos sintomas da perigosa aventura.

Dentro da casa, o Coronel Wolney se iluminava à luz do candeeiro. Estava avisado sobre as inconfidências de Agenor, que por vezes já o havia chingado, aos vapores do restilo, mas não aguardava Agenor àquela hora.

Preocupado e precavido, o velho saiu no rumo da porta do *Casarão*, ao aviso de que alguém bateu palmas chamando lá fora.

¹⁴¹ Paráfrase de texto do livro *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores, de Voltaire Wolney Aires*, pág 36/37.

Ao sair, logo arrostou o sobrinho Agenor, plantado ali com um revólver e um rifle de tiro surdo, na companhia de José Antônio, que também apontava uma carabina contra o velho, tendo outra a tiracolo.

E gritando, intemperantes, os atacantes agiram de imediato:

– Morra, seu desgraçado!

Premindo os gatilhos, detonaram, faiscando tiros.

A resposta foi pronta. Mais ágil e portando uma pistola *mauser*, o velho alvejou e matou Agenor Cavalcante, o que fez com que o outro companheiro saísse correndo acovardado.

Noite alta enluarada. No céu a lua *boiava imensa e amarela, navegando o azul do firmamento* e embranquecendo sobre o Duro a orla do céu estrelado sob a umbela de um firmamento luminoso e livre.

No largo, agora adensavam-se os poucos habitantes da Vila e rapidamente as autoridades tomavam as providências legais.

No outro dia, o féretro seguiu para o cemitério cortejado pelo Conselho Municipal¹⁴², como se a conduzir um andor, apesar do defunto nunca ter sido vereador. Lágrimas entre os presentes em prol do finado, agora com o préstito, que lhe dava o prestígio nunca tido antes.

Concluída a peça investigativa do Inquérito Policial sobre a morte de Agenor, o delegado José Martins sugeriu integrasse o corpo de sentença o próprio indiciado José Antônio.

O Juiz Municipal Manoel de Almeida mandou intimar o Coronel Wolney a apresentar-se à delegacia para prestar depoimento.

Respondendo à intimação judicial, Abílio Wolney, advogando, dizia que o seu pai se reservava ao direito constitucional de só se apresentar depois de propiciada a defesa. Então corria o comentário de que o acusado se furtava de depor à Justiça, gerando uma situação para que o Governo mandasse ao Duro uma Comissão de Inquérito.

Expediram um telegrama da Estação Telegráfica de São José do Tocantins à Capital narrando que o Cel. Wolney assassinara pública e barbaramente Agenor Cavalcante, Conselheiro Municipal, acrescentando mentirosamente *que o cadáver foi arrastado pelas ruas e atirado na frente da*

¹⁴² Câmara de Vereadores.

casa da viúva (sic). E que agora o acusado arvorava-se em homem poderoso a embaraçar o procedimento da justiça. Para tanto, necessitavam do envio de forças para garantir a punição.

Dias depois, recebia o Juiz Municipal Manoel de Almeida um telegrama do Governo comunicando-lhe a expedição de forças de Arraias à localidade, bem como a transferência de um Magistrado comissionado para presidir o inquérito. As autoridades locais estavam assim afastadas de oficiarem no processo, gerando uma certa contrariedade, porquanto queriam o reforço, todavia sem afastá-las da oportunidade.

Em dezembro, chegava a São José do Duro o Juiz de Direito José Basílio da Silva Dourado, para proceder a inquérito e presidir o processo. Despertou suspeições, mas logo viram o aporte do Magistrado, que iniciou a investigação dentro de critérios legais e em dois meses dava como pronto o sumário de culpa, após ouvidas as testemunhas arroladas pela acusação e pela defesa.

Em longa peça escrita, Abílio Wolney advogou na defesa do pai.

O Magistrado presidente do processo terminou prolatando a seguinte sentença, confirmada em grau de reexame necessário pelo Tribunal de Justiça de Goiás, *in citando*:

“Visto estes autos, etc.

“A exceção consagrada na Constituição do Estado em seu art. 115, exceção aberta à regra das competências, estatui que dado o choque nos interesses locais, quando se tratar da repressão de crimes, o Magistrado estranho a seus interesses vá abrir inquérito e formar a culpa aos violadores da lei, levando para o município que está em situação anormal e para o qual se transporta, a liberdade de ação que falta às autoridades locais, sendo para ver, no entanto, quer nos fatos preliminares para investigação dos fatos delituosos, quer na fase da escritoria.

“(...) os acontecimentos dados no dia 27 de setembro do ano próximo findo nesta Vila repercutiram na Capital do Estado, sendo transmitidas as notícias com aproveitamento da via telegráfica de S. José do Tocantins; e não tardou a manifestar-se a ação governamental que com a solicitude, zelo e vigilância do chefe supremo do Estado, pela ordem, tranqüilidade e segurança expediu os Decs. n.º 4.037 de 8 e n.º 4.038 de 9 de novembro oficiando sobre o caso do Exmo. Sr. Secretário do Interior nesta última data.

“DE MERITIS. Passada uma revista sobre a prova testemunhal colhida, nota-se que a vítima, dada ao álcool e turbulenta, na noite de 27 de setembro do ano próximo findo, após seu desembarço diurno em dirigir, como era costume, seus insultos e doestos ao indiciado, que nunca reagiu e do qual, embora sobrinho, se constituía antagonista de longa data, ameaçando nesse dia a todos, expulsando Joaquim Lino que com ele co-habitava porque o não quis auxiliar em sua empreitada nefasta, e desvios, atraindo a si um camarada, José Antônio, testemunha neste processo que temeu-o e não ousou afastar-se dele, perambulando com este, ambos armados, pelas ruas desta Vila desembaraçadamente, sem intervirem as autoridades locais para impedirem o alarma produzido, o que poderia ser feito nos termos dos arts. 377, 397 e 184 do Cod. Pen., deitando abaixo porta e janela da casa apossando-se expulsou-o, fazendo-o correr apreendendo-lhe as armas para juntá-las às de que já dispunha, atirando a esmo, sem medida e ao acaso por todos os ângulos desta Vila, e ainda contra sua própria mulher que lhe repelia a sanha brutal, foi à casa dele indiciado, que estando ladeado por sua mulher e netos, mal recebia o aviso de que ia por ele ser atacado e apressava a sair para invocar o socorro dos amigos, sendo obstado, nesse seu intento, por ela vítima, que ao aproximar-se da casa atirou e apresentou-se em atitude hostil, empunhando duas armas de fogo e tendo ao lado o referido camarada José Antônio com outras duas.

“Foi nesse momento que o indiciado lançando mão da arma, que pelas cenas do dia trazia à cinta, deu três tiros dos quais resultou a morte da vítima; mas tudo isso mostra que não se trata d’um crime que, pela sua enormidade, atrocidade e concurso de circunstâncias, revolte, indigne, confunda e envergonhe. Ao invés disso, a circunstância de estar alarmada a população da Vila durante o dia, a surpresa feita ao indiciado; a noite procurada, talvez para mais facilmente levar a cabo a vida do indiciado, a superioridade em forças e armas, e aviso dado ao mesmo indiciado em um tempo que lhe não deixou momento de reflexão, indicam o estado de agitação; a crise nervosa, a perturbação psíquico transitória, medida exata da irresponsabilidade do indiciado(...).

“(...) Não se poderá afirmar diante das provas colhidas nos autos que as ameaças da vítima constituem uma simples intemperança de linguagem, a vã jactância, as explosões formal e positiva de fazer mal.

“(...) Por estes fundamentos:

“Atendendo que da instrução criminal se deduz que o réu Cel. Wolney, pelas 7 horas da noite do dia 27 de setembro do ano próximo findo, à porta de sua casa, nesta Vila, matou Agenor Cavalcante em meio das ameaças deste que foi alvo, e que lhe determinaram o estado mórbido transitório da inteligência, da efetividade da volição; julgo nos termos dos arts. 27, § 4º do Cód.

Penal, 346 do Proc. Crim. do Estado, improcedente a denúncia do Sub-Promotor Público do Termo contra o mesmo réu, assim julgado por me parecer impraticável e desnecessário o exame a que alude o art. 347 do último dos Cods. referidos. Dei este meu despacho na forma dos art. 115 da Const. do Estado, 483, § 1º, do Cód. de Proc. Crim. e 99, letra d, do Reg. Int. do Egrégio Superior Tribunal de Justiça, recorro ex-offício para o mesmo Tribunal remetendo o Escrivão do crime estes autos ao respectivo Secretário. Custas afinal. São José do Duro, 7 de fevereiro de 1916. José Basílio da Silva Dourado – Data e publi-cação: Aos 7 dias do mês de fevereiro de mil novecentos e dezesesseis, nesta Vila de S. José do Duro, eu, em meu cartório, pelo Senhor Dr. José Basílio da Silva Dourado, Juiz de Direito em Comissão, foi publicada a sentença supra do que para constar fiz este termo. Eu, Justino Camello Rocha, escrivão do crime, o escrevi."

Fim de etapa. Retoma-se a harmonia no Vilarejo, enquanto os homens se preparam para daqui a pouco..."



Fragmento do Relatório (2):

A REVOLUÇÃO DE 1909 E A VIDA PARLAMENTAR DE ABÍLIO WOLNEY

"Em mil novecentos e sete, novamente eleito deputado, suas relações políticas com o senhor Dr. João Alves de Castro transformam-se, por motivos privados, em fortes laços de amizade pessoal (número quatro, página quarenta e cinco). Em mil novecentos e oito, porém, interesses políticos divorciam os dois correligionários, cujos laços de amizade pessoal resistem por algum tempo à divergência partidária (número cinco, página).

"O ano seguinte assinala-se pela revolução triunfante chefiada pelo doutor Leopoldo de Bulhões e com ela se acha Abílio Wolney em plena atividade. Novos acontecimentos políticos afastam da situação dominante os doutores Luis Gonzaga Jaime e Antônio Ramos Caiado e o coronel Eugênio R. Jardim. Com eles entra na oposição Abílio Wolney (número seis, página quarenta e cinco). Mais tarde entra na administração pública, como auxiliar da inspetoria agrícola (número sete página quarenta e sete) e como político tem lugar saliente nas fileiras oposicionistas onde combate como jornalista, diretor e depois proprietário do Estado de Goiás¹⁴³ (número oito, página quarenta e sete).

¹⁴³ "O Estado de Goiás" era um jornal de propriedade de Abílio Wolney e Moisés Santana. Nota do autor.



Comentário e anotações (2):

“Aos 16 anos, Abílio Wolney foi qualificado eleitor e nomeado Secretário do Conselho Municipal da Vila em 1893. Foi jurado do Termo em 02.12.1893 e em 31 de dezembro de 1894, aos 18 (e não aos 20) anos, foi eleito Deputado Estadual com 1.160 votos, partindo para a Capital Goiás Velho. Ali, também inscreveu-se na Ordem dos Advogados como provisionado, sob o nº 33, para o exercício da advocacia.

Em 23 de abril de 1896 foi eleito Juiz Adjunto do Termo do *Duro*. Obteve licença dos Conselhos de Medicina e Farmácia para exercer as duas profissões como prático.

Em 1900, depois de árdua *Campanha*, foi eleito Deputado Federal, aos 24 anos de idade, com expressiva votação em todo o Estado e muito mais em Formosa, Anápolis e Pirenópolis. Há quem diga ter sido também eleito Deputado Federal pelo Estado da Bahia, onde também fez campanha. Entretanto, forças ligadas a Antônio Ramos Caiado (Totó Caiado) conspiraram para a sua *depuração*, obstando a sua posse no Rio de Janeiro.

Em 22 de agosto de 1902, fundou no *Duro* uma biblioteca com 200 livros, os mais variados, ano em que o Presidente da República outorgou-lhe a patente de Tenente-Coronel da Guarda Nacional, assumindo o comando do 3º Regimento de Cavalaria do *Duro*.

Em 1904 foi nomeado Administrador da Mesa de Rendas do Norte de Goiás, estabelecida em Santa Maria de Taguatinga, época em que empreendia *Campanha* política, sendo reeleito Deputado Estadual para o segundo mandato, na 6ª Legislatura em Goiás (1905 a 1908).

Em 1907, consegue a nomeação do Juiz de Direito, Dr. Luiz do Couto para a comarca de Palmeiras, com sede no *Duro*, criando-se a comarca. Candidato a nova eleição, foi reeleito Deputado Estadual¹⁴⁴ para o terceiro mandato na 6ª Legislatura do Estado (1909-1912), consolidando uma solitária liderança, já como o maior representante do nordeste goiano na Capital e líder do então Governo.

¹⁴⁴ Em escrito de 1940 Abílio Wolney se refere a dois mandatos de Deputado Estadual, o que ficamos por entender.

Na Assembléia Legislativa em Goiás Velho, logo nas primeiras sessões plenárias alcançou a posição de líder do Governo e em seguida a de Presidente do Poder Legislativo de Goiás.

Uma arrancada triunfal. Era um virtual futuro Presidente do Estado. A imprensa da época dava-lhe a nota, inclusive em Jornais do Rio de Janeiro, antiga capital da República. Inebriado nesse sonho, anelava uma futura realização dessa magnitude.

Eclode a chamada Revolução de 1909, mobilizada pelos coronéis do interior, insatisfeitos com a alta cobrança de impostos pelo Governo, revolta que se dá no poente do mandato de Xavier de Almeida, caindo este no ostracismo diante das novas lideranças surgidas da conflagração.

Na queda de braço, os Bulhões assumiram novamente a condução política em Goiás. O grupo liderado por Leopoldo de Bulhões chegou ao Executivo quando o marechal Braz Abrantes chefiava a administração estadual. Mesmo com dissensões e cisões em suas hostes, Leopoldo de Bulhões exerceu marcante influência e domínio na política em Goiás.

Mas aí começa o vórtice do redemoinho.

Num depoimento em livro, narra Zoroastro Artiaga:

“Conheci o Deputado Abílio Wolney em 1909, de lenço vermelho no pescoço, dirigindo uma coluna revolucionária, que veio do Norte acudir ao apelo da revolução de Eugênio Jardim. Esse piquete ligou-se a dois outros, que entraram sob o comando de chefes de Corumbá. Vi-os a cavalo, formando uma força, armada com rifles, tomando o caminho da Quinta, que tinha sido escolhida para Q. G. da revolução. Acabada a refrega, Eugênio Jardim se fez forte, e reivindicou, para si, o poder; instalando-se no comando-geral como chefe supremo da política de Goiás, prestigiado pelo Marechal Hermes da Fonseca.

“Ramos Caiado¹⁴⁵ não se conformou com esse gesto do seu companheiro, e entrou com ele no páreo. Muito hábil no manejo do processo em voga do marechal Hermes foi derrotando, um a um, os seus competidores! O próprio Eugênio Jardim aceitou uma senatoria, que nada mais era do que o bilhete-azul oferecido pelo seu cunhado, Senador Ramos Caiado! Os outros foram postos na lista da desconfiança.

¹⁴⁵ Totó Caiado.

“Formou-se uma fila para a degola paulatina: Jaime, Emílio, Abrantes, Olegário, Alves de Castro, Abílio Wolney e outros que ofereciam possibilidades de substituí-lo na chefia numa qualquer surpresa vinda do Rio de Janeiro.

“Escolheu com imensa habilidade o seu estado-maior, composto de diversos personagens que deveriam prestigiar a política que iria instituir para um domínio de 20 anos!

“O Jornal ‘Estado de Goiás’¹⁴⁶, que havia servido à Revolução, orientado pela pena fulgurante de Abílio Wolney, e dirigido pelo inolvidável jornalista goiano Moisés Santana, passou inesperadamente a hostilizar a Eugênio.

“Caiado quis, então, pelo fato de Abílio ser muito amigo de Emílio e Jayme, afastá-lo da Presidência da Câmara dos Deputados, por um golpe de Deputados, por um golpe de astúcia. Wolney reagiu, energicamente; do que, resultou Eugênio Jardim passar a prestigiar os adversários dos Wolneys, em São José, que hoje se chama Dianópolis.

“Continuando a luta, Wolney enfrentou o novo diretório que se constituiu com elementos das famílias Brito e Hermano¹⁴⁷; diretório esse que recebeu ordens para desmontar a máquina eleitoral do chefe norte-goiano Abílio Wolney”.¹⁴⁸

Sobre essa nova realidade política, narra de Abílio Wolney de próprio punho:

“Em 1904 presidia o Estado o Desembargador José Xavier d’Almeida, moço dos seus trinta e pouco anos, eleito pelo Partido Centro-Republicano, chefiado pelo Dr. Leopoldo de Bulhões que protegia esse moço desde sua saída da academia de S. Paulo.

“Desinteligências entre o jovem Presidente e Chefes importantes do Partido, e mais que isso, o desejo do supremo mando, da chefia do mesmo Partido, provocaram o rompimento de Xavier com o seu chefe benfeitor. Não demora a convencer-se de sua inferioridade, busca o apoio do Desembargador Jaime, chefe opositor de grande prestígio e conceito, e com esse valioso concurso triunfa sobre Bulhões, mesmo como Ministro da Fazenda

¹⁴⁶ Jornal de Abílio Wolney.

¹⁴⁷ Referência a Sebastião de Brito e o seu companheiro e empregado José Hermano.

¹⁴⁸ História de Goiás, Zoroastro Artiaga, 1945.

que era no Governo de Rodrigues Alves. Bulhões continua Ministro e depois Presidente do Banco do Brasil, deixando-se ficar no Rio.

“Xavier termina o seu período governamental, é eleito Deputado Federal e vai para o Rio também, ficando no Governo do Estado, como Presidente, o Cel. Miguel da Rocha Lima¹⁴⁹ e na direção do Partido o Desembargador Jaime.

“Em 1907, cogitando-se de candidaturas ao Congresso, Rocha Lima levanta a de Jaime para Senador e quase todos os chefes políticos do Estado aceitaram-na, indicando-a ao Diretório Central.

“Por meados de 1908, Xavier volta a Goiás, é recebido triunfalmente, recebe de Jaime o Partido arregimentado e forte e julga-se senhor de Goiás. Influi no Diretório do Partido Republicano e este, por sete votos recusa a candidatura Jaime e lança a de Xavier.

“Jaime, ofendido em seu amor próprio de político de valor, e sem incompatibilidade com Bulhões, encontra-se com este no ostracismo, arregimentam suas forças e lançam a candidatura Bulhões contra a de Xavier.

“Trava-se a luta a 30 de janeiro de 1909 e o Partido Democrata triunfa galhardamente por mais de 1.000 votos.

“A este se segue o pleito de 2 de março deste ano, para Presidente e Vice-Presidente do Estado e o Partido Democrata (assim chamado o Partido chefiado por Jaime e Bulhões) tem novo triunfo.

“Reúne-se a junta apuradora das eleições federais, o governo tem maioria nela, e sem apurar os resultados de muitos colégios que nos davam ganho de causa, suspende seus trabalhos, expedindo diplomas ao Drs. Hermenegildo de Moraes, Alves de Castro, Eduardo Sócrates e Ramos Caiado para Deputados e Xavier d’Almeida para Senador.

“Parte da junta eleitoral julga ilegal este procedimento, elege um Presidente, continua a apuração e expede diplomas aos legitimamente eleitos, isto é, para Senador Bulhões e para Deputados Ramos Caiado, Alves de Castro, Marcelo Silva e Eduardo Sócrates.

“Diante desse procedimento incorreto da junta governista, a oposição vê que o fato vai reproduzir-se na verificação de poderes do Estado e

¹⁴⁹ Nota do autor: Miguel da Rocha Lima foi Presidente do Estado em dois mandatos: 1905-1909 e 1923-1924(Aqui como 2º Vice).

prepara-se para sustentar seus eleitos pelo direito da força, uma vez que não vale a força do direito.

“Rocha Lima, homem fraco diante das derrotas sofridas, passa o expediente ao Coronel Chico Bertoldo, 2º. Vice-Presidente.

“O Partido Democrata reúne gente e começa a cercar a cidade, a polícia começa a desertar e unir-se aos sitiantes, até que a 27 de abril, Bertoldo, vendo a causa perdida, passa o Governo ao Secretário do Senado, Senador Joaquim Rufino Ramos Jubé, correligionário do Partido Democrata, até a chegada do 3º. Vice-Presidente, a 1º. de maio.

“Nesse dia, o Cel. José da Silva Batista, nosso chefe e amigo, assume o Governo e entram as forças libertadoras na cidade, constando de 800 homens a cavalo, seguramente.”¹⁵⁰

“Rocha Lima e Bertoldo renunciaram respectiva-mente aos seus lugares.

“A 13 de maio instala-se o Congresso Estadual, a 14 é eleita sua Mesa e Comissões e a 15 toma-se conhecimento das renúncias. A 19 de maio é reconhecido Senador o Dr. Bulhões. A 24, são reconhecidos Deputados os Drs. Ramos Caiado e Marcelo Silva, democratas, Hermenegildo de Moraes e Eduardo Sócrates, republicanos.

“Foi depurado o Desembargador João Alves de Castro, o candidato mais votado. Apesar de ser ele de outro Partido, sinto a injustiça que sofreu, ocupando-lhe o lugar o Dr. Hermenegildo.”¹⁵¹

Justamente em 1909 Antônio Ramos Caiado (Totó) chegou a Deputado Federal (1909-1911), adquirindo ainda mais poder rumo à consolidação da oligarquia Caiado. Depois seria reeleito para mais dois mandatos de Deputado Federal e dois outros de Senador.

¹⁵⁰ Veja anotação em linhas volvidas a respeito dessa Revolução ocorrida em 1909, onde, num depoimento em livro, narrou Zoroastro Artiaga: “Conheci o Deputado Abílio Wolney em 1909, de lenço vermelho no pescoço, dirigindo uma coluna revolucionária, que veio do Norte acudir ao apelo da revolução de Eugênio Jardim. Esse piquete ligou-se a dois outros, que entraram sob o comando de chefes de Corumbá. Vi-os a cavalo, formando uma força, armada com rifles, tomando o caminho da Quinta, que tinha sido escolhida para Q. G. da revolução.”

¹⁵¹ Documento transcrito do livro *Quinta-Feira Sangrenta*, de Osvaldo Rodrigues Póvoa. Vê-se a solidariedade humana de Abílio Wolney ao lamentar a provisória situação do compadre e adversário político, Des. João Alves de Castro.

O Cel. Eugênio Rodrigues Jardim era um militar da reserva e fazendeiro, até então alheio à movimentação política, mas já agora ao lado do cunhado Antonio Ramos Caiado, que estava na cena política desde muito, inclusive tendo sido Secretário de Estado e um dos primeiros a romper com Xavier de Almeida nas articulações oportunistas decorrentes do movimento de 1º de maio de 1909.

Em consequência do movimento, João Alves de Castro, que fazia parte do Governo anterior, se viu obrigado a retirar-se de Goiás, mas retornou logo em seguida com a sacudida no centro dos vitoriosos na Revolução, buscando no cunhado Totó Caiado o apoio necessário.

E se Abílio lutou de peito aberto para a vitória na Revolução de 1909, ganhou mais prestígio no meio político-eleitoral e agora, definitivamente, o seu nome estava indicado para Presidente do Estado de Goiás. Todavia, passou a ser um estorvo para Eugênio Jardim e Totó Caiado, que sedentos de poder, discordaram publicamente da indicação do Deputado Wolney, que então começa a sobrar no meio dessa confusão de briga pelo poder.

Anota Álvaro Mariante que, por ocasião desse mandato de Abílio, *“suas relações políticas com o Sr. Dr. João Alves de Castro transformam-se, por motivos privados, em fortes laços de amizade pessoal. Em mil novecentos e oito, porém, interesses políticos divorciam os dois correligionários, cujos laços de amizade pessoal resistem por algum tempo à divergência partidária. O ano seguinte (1909) assinala-se pela revolução triunfante chefiada pelo doutor Leopoldo de Bulhões e com ela se acha Abílio Wolney em plena atividade”*.¹⁵²

Todavia, não imaginava Abílio que Totó Caiado repontasse como chefe-maior após a Revolução, o que se deu com a ruptura da coalizão vitoriosa. Com efeito, *“surgiu Totó Caiado, não propriamente pelo prestígio político, mas pelo golpe de 1909 (contra os correligionários da Revolução)”*¹⁵³ *dado pelo seu cunhado coronel Eugênio Jardim; surgiu pelo grito, pois que era uma personalidade desassombrada, violenta, em contraposição à índole dos adversários, sorrateiros, autênticos, mas suaves nas táticas.*

“E agora vem procurando consolidar este seu mando, limpando as áreas, ora pela influência do poder em suas mãos, ora pela força bruta, em alguns momentos e lugares do extenso território goiano. Na capital concentravam-se, ainda que rarefeitos, os elementos de oposição. No interior do

¹⁵² Do livro do autor, no prelo: *O Duro e a Intervenção Federal – Relatório ao Ministro da Guerra*.

¹⁵³ Parênteses inserido pelo autor.

Estado, qualquer pequeno movimento de reação, Caiado não permitia e punha logo em ação seu sistema opressor.

“A oligarquia não dominava num ordenamento pacífico; Totó se arranjava sempre com os seus desmandos, com abertos crimes cometidos pelos grupelhos, lá nas cidades desamparadas de mínima garantia de vida social, política, jurídica. O atraso, o isolamento, a compulsão da violência, como norma natural nesse tempo no incipiente e insulado território de Goiás, de onde Hugo de Carvalho Ramos retirou suas páginas pungente-mente reflexivas dessa canhestra época.”¹⁵⁴

Foi nesse período que Xavier de Almeida rompeu-se com o grupo dos Bulhões e coligou-se a Gonzaga Jayme, João Alves de Castro e Antonio Ramos Caiado, surgindo uma nova sigla partidária, o Partido Republicano Federal de Goiás e Abílio se viu obrigado a optar se aderiria à nova facção ou se permanecia na que estava, juntamente com antigos amigos que não aderiram. Tinha amizade com pessoas das famílias Bulhões e pessoas ligadas à família Caiado. Casado com uma irmã de Totó Caiado, o Desembargador João Alves de Castro tornara-se padrinho de Alzira Wolney, filha de Abílio. Alzira estivera morando uns tempos em casa de Alves de Castro, em Goiás Velho, por onde também andou Wolneyzinho.

Abílio não adere à nova situação posta. A divisão no Partido e a vigília de bons dias e noites mal dormidas exigiram-lhe a opção pela facção dissidente do Des. Gonzaga Jaime, amigo de sempre, de quem Abílio batizou o filho Luizinho. Deste grupo fazia parte, discretamente, o estimado amigo, Des. Emílio Pova, sempre fiel à toga de magistrado, nunca trocada por mandato eletivo.¹⁵⁵

Agora era ficar com os amigos de antanho e por isso mesmo ser obrigado a declarar oposição à ala de Totó Caiado e de seus cunhados, Cel. Eugênio Rodrigues Jardim e Des. João Alves de Castro. Com efeito, vivia o dilema do homem dependente do sistema injusto de poder: ou arriscava a própria posição ou assumia a responsabilidade de insurgir-se ao sistema.

E vai cumprindo o seu terceiro mandato de Deputado e Presidente da Casa, mas já agora um problema para os líderes emergentes da Revolução de 1909.

¹⁵⁴ Em itálico, transcrição do grande escritor José Godoy Garcia, obra citada.

¹⁵⁵ O Des. Francisco Emílio Pova fez parte da Junta Governista instalada em Goiás com a Revolução Nacional de 1930, quando a oligarquia Caiado foi derrubada. A sua fugaz participação na Junta, como jurista e não como político, foi no curto período de 30.10.30 a 23.11.30.

Fragmento do Relatório (3):

NA PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

“Mais uma vez Deputado Estadual chega a ser líder da Câmara, situação política em que é mantido por seus pares em um período de três anos. E, nesse tempo, a imprensa de sua terra tece-lhe os mais francos elogios (número doze página cinquenta e nove). E é exatamente nessa época que uma divergência entre o doutor Antônio Ramos Caiado e o senador Sérgio Gonzaga Jaime dá origem à luta que se travou pela imprensa entre o primeiro desses chefes políticos e o moço deputado Abílio Wolney. É o marco inicial da inimizade que divorciou profundamente os dois antagonistas. E assim decorrem três anos de combate pela imprensa, nas fileiras da oposição ao governo dominante em seu Estado.”

Comentário e anotações (3):

E foi como presidente da Assembléia em Goiás que Abílio Wolney e o Deputado Totó Caiado travaram séria discussão em plenário, do que trato no livro *O Diário de Abílio Wolney*, do seguinte modo:

“Dia de sessão na Assembléia Legislativa.

Abílio Wolney abriu os trabalhos com a solenidade de praxe, quando viu dois homens adentrarem o pátio da Casa de Leis. Era justamente o Deputado Federal Antônio Ramos Caiado (Totó), uma figura desassombrada, palaciano bem posto, semblante ariano, acompanhado de um mulato forte na retaguarda.

Ao vê-lo, num átimo Abílio trouxe as reminiscências dos recalques de 1900, quando, embora eleito Deputado Federal, fora depurado pela conspiração de forças ligadas a Caiado.

Acusando forte tensão de nervos, Abílio reviu o passado, recordou num instante a mãe no Duro, ela que nunca o quis naqueles confins da senda política.

Contudo não perderia a pose de presidente do Parlamento no Estado, ali a descerrar as suas portas brasonadas à dignidade e ao poder do cargo. Afinal, era o cabeceira da mesa.

Mas antes de dizer palavra, a voz firme de Totó quebrou o breve silêncio apreensivo como a começar um discurso. Erecto, dizia ter ido se avistar com o projeto em tramitação, pertinente à divisão de terras pertencentes à sua família, ou melhor, aos proprietários das terras rurais que realmente tinham valor e que se situavam nas regiões civilizadas de Goiás.

A entonação do verbo causava espécie no Plenário, por aquele modo de se por em frases rajadas.

E de fato, tramitava o Projeto de uma Lei revolucionária para a época, onde eram reconhecidos os direitos de camponeses, com mais de dez anos de posse na terra. Uma espécie de reforma agrária. A matéria feria sobremaneira os latifundiários goianos ou, precisamente, a oligarquia Caiado.

*“Por esse tempo, havia uma trilha batida de desmandos, mas ninguém protestava, não se falava senão à boca pequena. Correligionários honestos, raros, da Oligarquia compactuavam pelo silêncio. Totonho Borges, do sudoeste, deixou a capital e se meteu em sua fazenda; correligionários de Abílio, como Gonzaga Jayme, de Pirenópolis, e Emílio Póvoa, ambos oposicionistas, se contrapunham aos repetidos atos infamantes, mas às caladas dos dias e das noites goianas.”*¹⁵⁶

*“Caiado, pela força política e pelo grito truculento e dominador, trazia a seus pés a cidade de Goiás, não se diga o resto do Estado, onde prepostos reinavam, gente naturalmente desfibrada por afeita ao lado pragmático do enxurro político, ou desavisada, ou por interesses de mando e desmandos.”*¹⁵⁷

Mas Abílio foi firme e, tomando as rédeas na direção dos trabalhos, bradou que os Deputados Federais tinham voz no Congresso Nacional. No parlatório da Assembléia Legislativa, a palavra era concedida pelo presidente tão somente aos Deputados Estaduais com assento no Plenário, e concluiu decisivo e soberbo:

¹⁵⁶ O Desembargador Emílio Francisco Póvoa, que denunciava a interferência no Judiciário e pedira intervenção federal, foi destituído da presidência do Tribunal, sendo substituído pelo desembargador Ayrosa Alves de Castro, primo de João Alves de Castro, cunhado de Totó. A maioria governista era assegurada pelo procurador-geral do Estado.

¹⁵⁷ Conforme José Godoy Garcia, inclusive o texto do parágrafo anterior.

– Deputado Ramos Caiado, nenhuma palavra a mais! Em nome da ordem, retire-se desta Casa!

Totó deu passos para o desagravo, mas refluíu ao gesto de Abílio que levou a mão na gaveta da mesa simulando sacar de uma pistola, embora não a tivesse ali.

Caiado saiu, mas deixou claro:

– Isso não vai ficar assim!

Segundo Godoy Garcia, *“Totó Caiado era em Goiás a lei e a borracha. Uma voz, uma única voz se levantou, de forma aberta contra o impulsivo sátrapa, a do Deputado do norte de Goiás, Abílio Wolney. Foi, nesse dia, um ato heróico. Voz destemida que se levantava, todos reconhecendo a temeridade daquela resistência, no vigor da atitude política que viria colocá-lo no pelourinho, hoje ou amanhã.*

*“Totó dominava também o poder judiciário e o legislativo; deste, arrancava leis a seu favor e chegou a criar uma lei que permitia requerer terras do Estado, sem pagamento.”*¹⁵⁸

Em Goiás Velho, “Abílio Wolney usou da sua tribuna de Deputado e Presidente até quando ela durou para sempre denunciar e protestar”. Sempre que cogitava, concluía estar no meio de um sistema de luta em que a vida se revelava nas bases da fortuna ou da dominação política em que os homens se apoiavam, respirando e transpirando aquele início de século. Não guardava a vocação de perder. Parecia-lhe claro que a realidade do poder temporal se media na aquisição de um lugar nos palacetes aristocráticos.

O Partido Republicano, que andava fraco e fragmentado, robusteceu consideravelmente, preocupando, sobremaneira, os adversários, que viam em Wolney uma constante ameaça à hegemonia do Partido Democrata.

¹⁵⁸ Narra o mesmo Godoy Garcia que, *“entre outras aberrações e desmandos, o caso das terras se tornou deveras marcante: Totó Caiado retirou do patrimônio público a dívida de 60 mil alqueires de terras que constituem as fazendas Tesoura, Aricá e Santo Antônio. A única exigência da famosa lei era que o beneficiário mandasse medir as terras às suas próprias expensas, o que Totó não cumpriu. A administração pós-30 exigiu-lhe tal obrigação, que foi constada, ficando a questão “sub judice”. No governo Coimbra Bueno, quando os Caiados voltaram a ter mando, a contenda formal se resolveu a favor de Caiado; quando da ditadura militar de 64, com um sobrinho de Totó nomeado Governador, os Caiados saíram a campo, armados de metralhadora e expulsaram das terras velhos posseiros.”* (Do livro *Aprendiz, Estudos Críticos*, Ed. Thesaurus, págs. 52 usque 65).

De outro lado, o aparelho do Estado se degenerava em meio à alternância dos interesses pessoais na administração do Estado, mal saído da proclamação da República em 1889. Consolidada a oligarquia do herdado ciclo do feudalismo, vamos ter a cultura do *policialismo, poder discricionário e sobas oficiais, o Estado a serviço dos grupos, o cinismo primário e burocrático, a truculência aberta contra o mais humilde cidadão e contra qualquer voz que reagisse à ordem discricionária e sem justiça.*

Depois da Revolução de 1909, a primeira que pioraram foi a polícia. *Meteram nela soldados remanescentes das colunas que vieram de Mato Grosso, homens que foram aliciados pelos caudilhos de Vacaria, entre a escória desempregada e ociosa da fronteira da Bolívia e do Paraguai. Para o interior, foram mandadas armas obsoletas e desumanas, tais como as Comblains e as Mannlichers, que abriam tremendo rombo no corpo humano, tornando impossível a salvação do ferido.*¹⁵⁹



Fragmento do Relatório (4)

O ASSASSINATO DE VICENTE BELÉM E O INVENTÁRIO

“Chegou, porém, um momento em que a calma do homem ponderado e refletido sentiu-se profundamente abalada. A vinte e nove de janeiro de mil novecentos e dezoito era assassinado o pequeno comerciante Vicente Belém, amigo da família Wolney.”



Comentários e anotações (4):

No seu *Diário*, Abílio Wolney escreve a respeito:

“Dezembro, 29 – Sábado. Vou pernoitar no Açude. Nesse dia, às 4 horas da tarde aproximadamente, assassinaram de emboscada na passagem do riacho Corrente a meu dedicado amigo Vicente Pedro de Belém, que recebera três tiros de Winchester – 1 na região renal direita, outro no peito direito e um outro no punho direito. Devido a velha intriga que o mesmo tinha com seu concunhado

¹⁵⁹ Conforme Godoy Garcia.

Zuca Vianna, a opinião aponta este como autor do assassinio. Enquanto viver não esquecerei o amigo.

“Dezembro, 30 – Domingo. Chegando do Açude às 9 horas, tive notícia do ocorrido acima e imediatamente segui para fazer o enterro do meu saudoso amigo. Acompanharam-me João Teté, Antônio Carpina, Cândido, Alexandrino, João Francisco, Mestre Amâncio e Luiz da Cruz. Depois de estarmos na Pedra Grande, chegou um suplente de Juiz Mal. e escrivão (Nico e Justino) que fizeram o exame cadavérico. Às 5 da tarde teve lugar o enterro junto ao túmulo do meu saudoso amigo Candido Ribeiro. Deixei pessoas de confiança com a viúva D. Rosa, receosa de saque e regressei, chegando aqui às 7 ½ da noite, encontrando meu Pai que me esperava”.

Um compassar e já estamos em nova etapa.

O dia 29 de dezembro de 1917 seria o marco inicial de uma nova fase na história de São José do Duro.

Por volta das 16 horas daquele dia nublado, que precocemente entardecia sem a beleza do crepúsculo vespertino, Vicente Pedro Belém cavalgava retornando do Duro para as suas terras na Fazenda Pedra Grande, que ficava logo depois da travessia do córrego Corrente, há uns 06 quilômetros da Vila.

la atravessar o riacho, cujas margens eram recobertas de um prado sinuoso e irrigado pela brejaria, no coleio de um buritizal. Do outro lado estava o sítio de Ana de Melo¹⁶⁰, por onde a estrada vicinal prosseguia dando tráfego a todos os que por aquelas bandas criava e plantava.

Na passagem do córrego, justo na barra com o brejo que ali desemboca, o burro parecia ter amuado. Será que farejou algo estranho? Talvez, mas ao estancar o passo dilatou as narinas e enfiou a boca n'água, mal sorvendo os primeiros goles.

De repente, detrás de uma touça, formada da ramagem das árvores, aparecem armas – *winchesters* – que deflagram de três a mais tiros cadenciados.

O burro, assustado, deu um solavanco e Vicente Belém, ferido, susteve-se na sela para cair fulminado, poucos metros adiante, próximo a

¹⁶⁰ Ana Messias de Valença, mulher de João de Melo.

um pé de sambaíba¹⁶¹, tisanando a outra margem do regato cristalino com o precioso líquido da vida.

Deixando o corpo do dono agônico, exangue, o animal em arrancada subiu a ribanceira e seguiu espantado, mancando, alvejado que também foi por um dos tiros.

Da tocaia, feita na moita, surgiram dois homens, os quais avançaram na direção de Vicente que, varado de balas e caído, ainda folguejava.

Ao vê-los, Vicente tentou, mas não teve forças para gritar. Os ladrões reviraram-lhe o corpo e saquearam-lhe dos bolsos razoável quantia em dinheiro.

Estava consumada a primeira etapa de um latrocínio abjeto. Prosseguindo na senda criminosa, os ladrões, não satisfeitos, fustigaram seus cavalos em desabalada carreira por um atalho no matagal e, friamente, tomaram a direção da casa da Fazenda de Vicente Belém, para onde foram com o intuito de roubar mais, assim que anoitecesse.

Lá pela estrada vinha o burro de Vicente, num chouto claudicante, pelo mesmo trajeto de sempre. Só iria parar quando chegasse na Pedra Grande, pois era estradeiro, há anos fazia aquele trajeto.

Assim que o burro passou em frente ao sítio Corrente, num aclave aquém do córrego, Ana de Melo saiu na porta e estranhou que o animal¹⁶² estivesse ensangüentado, com os arreios, mas sem o dono.

Ana estava com menino novo, de resguardo, e ficou muito nervosa. Tinha visto pouco antes alguém correndo, distante, no pantanal do brejo.

– Nesse leite tem água!

Não. Nessa terra tem sangue, e sangue de gente. Não ouviram os tiros lá pra baixo?

– Cadê Vicente, siô? Corre e vai avisar a muié dele!

¹⁶¹ Há quem diga que Vicente caiu foi próximo a um pé de “bananeira brava”, nome com o qual o sertanejo designa um certo arbusto, típico da região.

¹⁶² O burro de Vicente era escuro, quase preto, ancas cheias, pelo liso e tinha até nome: “retroge”.

A Fazenda Pedra Grande estava a pouco mais de um quilômetro do Corrente e o burro chegou primeiro que o aviso de Ana de Melo. Da parte superior da sua pata dianteira escorria sangue, descendo pelas pernas.

De ventas abertas, soprando, a alimária alcançou o alpendre à banda da casa da Fazenda Pedra Grande. Parou no mesmo lugar onde o seu dono sempre aportava – rente ao esteio que sustentava um dos lados do telheiro.

Os salteadores já haviam chegado e novamente estavam de atalaia, agora nas proximidades da casa do morto, onde a viúva D. Rosa Belém, alvoroçada, se movimentava, chamava por alguém, gritava, pois não bastasse a cena da chegada do animal sem o marido, notou que havia alguém nas proximidades da casa.

Seria miragem?

Não. Eram mesmo dois vultos na tarde escura e úmida.

– Cavalos!?

Ufa! Que sorte! Vinha chegando um positivo com o aviso do Corrente. É um moço, que dá o recado: Vicente estava morto no córrego. Foi Ana de Melo quem mandou avisar.

E vinha chegando mais gente...

Os assassinos perceberam a impossibilidade de despojar também a casa do finado e retrocederam pelo atalho para os lados da Vila do Duro, passando por fora, buscando a direção da Fazenda Beira d'Água.

Enlouquecida, D. Rosa Belém deixou alguém na casa e saiu em busca do corpo do marido.

Passou direto pelo sítio Corrente e foi descendo para o córrego.

Uma chuva fina e constante voltava a cair...

Atrás vinham os amigos.

– Manda avisar os irmãos de Vicente, pessoal!

Ganharam o córrego Corrente. Lá estava Vicente estirado, na beira, próximo ao arbusto. Torto, molhado, álgido, ensangüentado. Era apenas

um cadáver na margem do riacho soturno, silencioso, lúgubre, no entardecer embaçado.

D. Rosa dobrou-se sobre o marido gritando aflita, soluçando, suplicando-lhe que voltasse. Qual nada! Estava morto mesmo.

– Quem matou? Por quê fizeram isso?

Os matadores foram José Nunes Viana – Zuca Viana – casado com uma irmã da mulher de Vicente, que fazia par com o irmão Antônio Viana, como ficariam sabendo no dia seguinte.

Um irmão e um sobrinho do morto chegaram e juntamente com alguns amigos, ensopados, ajudaram no transporte do corpo de Vicente até a Pedra Grande.

O cadáver seguia numa rede, alceada por uma vara, que vinha ombreada por dois homens. Pelo caminho, gotejava sangue por baixo, como que marcando o trajeto fúnebre.

A noite desceu de todo.

O corpo de Vicente foi posto sobre uma cama, na sala da casa da Fazenda, até que se providenciasse o caixão. Alguém trouxe uma candeia e pôs na mão do morto. Era um breve ritual. Vicente veria a luz do outro lado da vida...

Enquanto velavam o corpo, comentavam:

– Vicente já vinha sendo tocaiado. Não é de ver que no dia anterior ele disse que iria até a Vila resolver uns negócios! Rosa lavou-lhe os pés e quando foi jogar a bacia d'água no terreiro parece ter visto vulto de gente correndo.

– Mas Rosa disse isso?

Tais afirmativas eram colocadas na boca da viúva, que recolhida num dos quartos da casa chorava desesperadamente.

Conjecturas e outros comentários atravessariam a noite triste.

Quanto aos matadores, iam longe. Havia passado pela Fazenda Água Boa, pelo Santo Antônio e se aproximavam da Fazenda Beira d'Água, do Juiz Municipal Manoel de Almeida.

Entretanto, no mesmo trajeto, perto da Beira d'Água, estava a Fazenda Malheiro, de Josino Valente, onde os irmãos Viana chegaram e bateram na porta da casa chamando pelo Juiz Municipal Manoel de Almeida.

Noite nova, mas chuvosa, caliginosa. Josino havia se deitado ainda mais cedo e não quis se levantar, mas sua esposa D. Ana Rodrigues Valente levantou-se, olhou pela frincha, no batente da janela, e viu dois homens com seus cavalos, voltando de imediato para avisar ao marido, que disse não se chamar Manoel e nem ter compromisso com ninguém àquela hora.

E como não fossem atendidos, os assassinos apearam e foram armar suas redes no chiqueiro dos bezerros, por assim dizer invadindo a Fazenda.

Josino era um homem de bem e prole, grande fazendeiro, muito respeitado, e apesar de cunhado do Juiz, dele era adversário político.

A noite daquele sábado virou rápida. Rompeu a aurora plúmbea no Malheiro, tendo, no curral, o empurra das vacas leiteiras; no enxurdeiro, os bezerros apartados açoitavam.

Josino madrugou. Vinha tirar o leite, mas, para sua surpresa, deparou-se com Zuca Viana e o irmão, que impudentes, se adiantaram em justificar o erro ao terem pernoitado onde supunham ser a casa do Juiz. Depois foram direto ao assunto que os poria na berlinda.

Zuca foi quem começou a falar. Disse ter trocado uns tiros com Vicente Belém e que a história que contavam de Vicente ter bulido com sua mulher era inventada. Na verdade, Vicente o havia enganado na transação de um dinheiro. Nos estertores da morte, Cândido Ribeiro de Sousa, sogro de Vicente e de Zuca, deixaria razoável quantia em dinheiro ao morrer. Então, resolveram apropriar-se de antemão. Mas o concunhado Vicente não o devolveu a parte do dinheiro. A bem da verdade, se vingava disso e não daquilo – arrematava em palavras amenas e se justificando.

De fato, os boatos haviam. Se tinham algum fundo de verdade nunca se soube. Pareciam invencionices, patranhas alimentadas nos ódios políticos do sertão, as quais Vicente sempre negou. Não era homem para aquelas coisas.

A rigor, pelos acontecimentos que se seguiram, ficou foi a dúvida se o assassinato não tinha motivação bem diversa. Aquelas histórias malversadas, caluniosas, pelo menos para uma coisa serviram – dar alguma justificativa ao crime injustificável.

Prudente e sério, Josino encerrou a conversa sem mais delongas:

– Como vocês estão vendo, aqui não é casa de Juiz e nem fazenda Beira d'Água.

O domingo havia amanhecido sem Sol.

Os Viana reiteraram as desculpas pelo erro e rumaram para a Beira d'Água, logo adiante, onde chegaram em minutos. Num outeiro, perto de um pé de gameleira¹⁶³ e entre jaqueiras, estava a casa grande, feita de adobes e estacas de aroeira. Era a propriedade do Juiz Manoel de Almeida, que os aguardava ansioso, visto como se atrasaram em muito na chegada. E ali foram recebidos e hospedados...

O tempo se embruscava; o céu pardacento e carregado de nuvens como que se abaixava querendo afogar a terra. Pesado, tristonho, sombrio seria aquele dia, num chafurdar de mágoas no Vilarejo, sobressaltado e estarecido com a notícia.

Todos comentavam a morte de Vicente. Os suspeitos do assassinato eram mesmo aqueles dois, que erraram pelo Malheiro e foram se esconder debaixo do teto do Juiz Municipal.

Aquele assassinato tinha as cores da cobiça, da cupidez sôfrega, da pilhagem banal, do interesse dos “vivos” no espólio deixado em 1913 pelo fazendeiro Cândido Ribeiro de Sousa, visto que Vicente morava bem na casa que foi do sogro, de quem ganhou fortuna ainda em vida, pois dele era muito querido, além dos direitos hereditários que na partilha couberam à esposa e que vinham se multiplicando graças ao esforço de Vicente Belém.

À boca miúda, os viventes de São José do Duro boatejavam: Zuca e o irmão eram apaniguados do Juiz. Deveras, partilhavam a facção do Partido do Governo, ao passo que Belém era gente de Abílio Wolney e seu pai. Aquilo cheirava a coisa bem planejada...

Cadê o Dep. Abílio Wolney?

¹⁶³ A gameleira ainda existe no local. Quanto à casa, só há no local o aterro da sua base quadrangular, e alguns tocos de estacas de aroeira, que permanecem ligados à terra depois de cortados.

Quando Vicente foi assassinado o Cel. Abílio não estava na Vila. Todavia ele chegou na manhã seguinte e rumou logo para a Fazenda Pedra Grande, como consignou em seu Diário:

“Dezembro, 29 – Sábado. Vou pernoitar no Açude. Nesse dia, às 4 horas da tarde aproximadamente, assassinaram de emboscada na passagem do riacho Corrente a meu dedicado amigo Vicente Pedro de Belém, que recebera três tiros de Winchester – 1 na região renal direita, outro no peito direito e um outro no punho direito. Devido a velha intriga que o mesmo tinha com seu concunhado Zuca Vianna, a opinião aponta este como autor do assassinio. Enquanto viver não esquecerei o amigo.

“Dezembro, 30 – Domingo. Chegando do Açude às 9 horas, tive notícia do ocorrido acima e imediatamente segui para fazer o enterro do meu saudoso amigo. Acompanharam-me João Teté, Antônio Carpina, Cândido, Alexandrino, João Francisco, Mestre Amâncio e Luiz da Cruz. Depois de estarmos na Pedra Grande, chegou um suplente de Juiz Mal. e escrivão (Nico e Justino) que fizeram o exame cadavérico. Às 5 da tarde teve lugar o enterro junto ao túmulo do meu saudoso amigo Candido Ribeiro. Deixei pessoas de confiança com a viúva D. Rosa, receosa de saque e regressei, chegando aqui às 7 ½ da noite, encontrando meu Pai que me esperava”.

Na Fazenda Pedra Grande, após o velório na noite molhada e lamurienta, Abílio Wolney e os que o seguiam somaram-se aos irmãos e chegados dos Belém, providenciando o ataúde e uma cova para o morto, que a viúva pediu fosse sepultado em frente à casa sede, há uns 50 metros, num plano sem mato, a céu aberto, ao lado da sepultura do seu pai Cândido Ribeiro¹⁶⁴.

Depois foi providenciado o *carneiro* de Vicente, um jazigo com um cruzeiro alto na frente. E assim, no subir e no declinar do astro-rei, a sombra do madeiro seria um relógio na monotonia de uma saudade sem fim...

¹⁶⁴ Cândido Ribeiro de Sousa era casado com D. Tereza e havia falecido por volta de 1913, na prévia mas antes da instalação da oligarquia no Poder Estadual. Era fazendeiro, com rozoável fortuna para a época. Provavelmente teria sido Agente Fiscal na Fazenda Matão – passagem de tropeiros para a Bahia e Nordeste – que ficava adiante do atual município de Rio da Conceição-TO. Estando assentado na porta da casa do seu Posto em Matão, quando conversava com alguém, de repente caiu da cadeira: Acabava de sofrer um infarto fulminante. Deixou os filhos Ana Ribeiro (casada com Zuca Viana), Maria Madalena Ribeiro (conhecida como Preta e casada com Cirilo), Josepha Ribeiro (casada com José de Marciano) e Rosa Ribeiro de Belém (casada com Vicente Pedro Belém). Tamanho era o prestígio do morto que, naqueles tempos, o Padre que vinha celebrar missa em Missões atendia ao pedido da viúva Tereza e se dirigia até a Fazenda Pedra Grande, onde rezava junto ao jazigo de Cândido Ribeiro, ao lado da qual, em 1919, foi feito o do genro Vicente Pedro Belém.

Não tendo mais Vicente, D. Rosa havia levado para a porta da sua casa a catacumba do esposo, de modo que todas as manhãs o veria ao lado da do pai – dois seres tão amados. Ele estaria ali, mesmo que fosse num sepulcro caiado, como era, altaneiro, doloroso.

Nos dias longos, enxergá-los-ia ao lusco-fusco, no vulto tumular, e lá iria depor uns ramos silvestres, e flores, com a prece da Ave-Maria, de quem sempre fora mui devota.

Aquela cruz alta, de aroeira bem lavrada, era um estandarte ignominioso, como foi o do Cristo; era uma baioneta fincada na terra, ferindo-a para sempre, até quando Deus quisesse... E lá ainda está, para as noites de plenilúnio, frenteando as tumbas luarizadas, outrora alvinitentes, depois dobrando o tempo, impassíveis, na surdina merencória de uma tristeza que duraria até quando D. Rosa também partisse¹⁶⁵.

Vicente era bom; era do bem. Homem simples, correto, dedicado ao amaino da terra, à criação do seu gadinho. Ele, seus irmãos Mamédio, Theodolino e o sobrinho Olympio eram trabalhadores honrados, chegados dos Wolney, por quem eram tidos na consideração de parentes consangüíneos.

E a Justiça da Vila? Nada de prisão, nem de Inquérito para apuração do crime, pois da diligência do suplente de Juiz Municipal na Fazenda Pedra Grande – o Juiz mesmo estava na fazenda – nunca se soube se algum papel houve, tendo tudo sido apenas pró-forma.

Depois que nunca se teve notícias de diligência do Delegado Municipal, fiel cabo eleitoral do Partido Democrata e pronto inquisidor, desde que a vítima não fosse eleitor ou correligionário dos Wolney.

Sem processo nenhum, Zuca Viana com o irmão estavam na Beira d'Água sob a égide de outro escandaloso crime, o de *favorecimento pessoal*, já que homiziados na casa do Juiz, não obstante as reclamações dos parentes do morto no início do mês de janeiro de 1918.

Passada uma semana, os homicidas cruzavam a Fazenda Santo Antônio buscando Palma, hoje Paranã. Zuca levou consigo a esposa e quem mais tinha.

¹⁶⁵ D. Rosa morreria anos depois no sertão, para os lados da divisa com a Bahia, depois de ter vendido a sua parte na Fazenda Pedra Grande. Morreu muito pobre e não se sabe onde ela foi sepultada. Do seu casamento com Vicente Belém não houve filhos.

D. Rosa Belém, viúva do morto, narraria esses fatos depois: *“E como fosse noite chuvosa e escura, os assassinos tomaram a porta do fazendeiro Josino Valente, cunhado do dito Almeida e que reside perto da fazenda deste e aí chamou diversas vezes pelo nome de Manoel d’Almeida e como o dono da casa não aparecesse pernoitou ele em uma casa aberta e só pela manhã do dia seguinte conheceu que estava em casa de Josino, ao qual apresentou contando o seu engano assim como o crime que havia praticado, seguindo imediatamente para a casa do Senr. Almeida, a quem deu conta do que havia feito. Sabe também que o dito Juiz tomou parte na deliberação do assassinato, mandou guiar o assassino por desvios a fim de que os parentes e amigos da vítima o não apanhassem. Que desse crime nunca se fez processo e somente meses depois mandaram intimar a ela informante para dar bens a inventário”*.¹⁶⁶

Diria mais a viúva que, *“com relação ao assassinato de Vicente Belém, pode afirmar terem sido cúmplices neste assassinato o Juiz Municipal e o Coletor Estadual desta Vila; que isso afirma porque sabe que na entre-véspera da morte de Vicente Belém, um dos assassinos do aludido seu marido havia passado a noite em casa do Senhor Sebastião de Britto, Coletor Estadual a que se refere, combinando sobre a morte do mesmo Vicente; que foram assassinos José e Antônio Vianna; que José e o Coletor desejavam roubar seu marido, um no que ele tivesse então e o outro no que ele deixasse para ser inventariado; que ainda corrobora a afirmação que acima fez o fato de haver José Vianna, conhecido por Zuca, ido à noite do dia seguinte ao do assassinato de seu marido à casa de Josino Valente, onde perguntou por Manoel de Almeida, Juiz Municipal, a quem encontrando relatou o seu crime; que esse Juiz em vez de prender o criminoso ainda lhe deu fuga, pois que lhe arranhou um guia para o levar a Santo Antônio, fazenda do Cel. Joaquim da Silva; que o guia cujo nome não sabe, não levou o assassino propriamente até Santo Antônio e sim às extremas desta Vila; que Sebastião de Britto e Manoel de Almeida com seu marido não eram inimigos de se deixarem de saudar, mas que não se gostavam porque seu marido acompanhava outra política; que soube haver João Francisco de Carvalho dito a seu amigo, que não sabe o nome, estar Sebastião de Britto e Zuca combinados para assassinar Vicente Belém; que ainda pode dizer ser verdadeira a imputação da cumplicidade das autoridades aludidas, visto até hoje não se ter feito o processo respectivo; que deu para ser inventariado tudo quanto seu marido havia deixado e que mesmo assim o Coletor e o Juiz, mais especialmente o Coletor, como lhe disse Aristóteles Leal, não se tinham dado por satisfeitos (...)”*

¹⁶⁶ Depoimento de D. Rosa Belém nos Autos do Processo em Juízo, no dia 07.01.1922 (Arquivo Histórico Estadual em Goiânia e fotocópias em poder do autor).

*“Que o assassino Zuca Vianna em tudo foi auxiliado pelo Senr. Manoel d’Almeida, então Juiz Municipal do Termo, que fornecera aos assassinos até os cartuchos, e, depois do assassinato e de ter saqueado os bolsos da vítima, que conduzia algum dinheiro, e tentarem roubar-lhe a casa, retirou-se para a fazenda Beira d’Água onde residia o Juiz Almeida.”*¹⁶⁷

Diante do fatídico, os parentes de Belém buscaram uma posição em Abílio Wolney, que os observou que a situação estava com os adversários, nomeados pelo Governo, que lhe negavam tudo. No entanto, advogaria a causa do inventário do morto, seu grato amigo.

Era obedecerem as leis, *mesmo que injustamente aplicadas, para que os homens injustos não desobedecessem as leis justas*. E vão nessa filosofia, mas o certo é que o Coletor e o Juiz decidiram “empacar” o arrolamento, certos de que Abílio entraria no circuito.

Viremos a página no tempo, enquanto as coisas fermentam...



Fragmento do Relatório (5):

A AUDIÊNCIA NO INVENTÁRIO

“Nesse íterim, avisado do que se passava em casa de seu amigo Almeida, corre a ela o Coletor Sebastião de Brito, também armado e disposto a proceder com violência. Abílio trava-lhe o braço e subjuga-o. À mesma casa chegam também outras pessoas, amigas de Abílio, entre elas seu pai Cavalcante Wolney. Trava-se então forte discussão entre os presentes, arrancam-se revólveres, trocam-se ameaças violentas. E o incidente termina com a vitória de Abílio e seus amigos, mais numerosos e mais enérgicos.”



Comentário e anotações (5):

Como descrevo no livro *A Chacina Oficial*, “começa o ano de 1918, que teria uma trajetória bem diferente na vida de Abílio Wolney,

¹⁶⁷ *Idem.*

E o palco seria mesmo *São José do Duro*, onde, além dos acontecimentos narrados, outras escuras reminiscências permaneciam ao longe no tempo como um lastro, remontando à época do inventário de Manoel Ayres Cavalcante, sogro de Sebastião de Brito e do próprio Abílio, quando este opinava pelo arrolamento de todos os bens do finado, surgindo discórdia por parte de Brito, que achava dispensável meter a rol quinquilharias. Todavia, prevaleceu o parecer de Abílio, consoante com os demais sucessores do morto.

Agora no inventário de Vicente Belém, Sebastião era o Coletor Estadual. Ouvida, a Coletoria opinou pelo arrolamento de todos os bens, sem exceção.

O Juiz determinou que assim o fizesse.

O inventário não galopa com a mesma pressa dos cavalos dos matadores do *de cujus*. O Juiz despacha ordenando que a viúva, por seu patrono, ponha a rol um par de caçambas de potosi, um burro de arreo e outras bagatelas, reputadas sonegadas no parecer do Coletor, para quem os sonegados subtraíam a incidência do imposto em prol da Secretaria de Finanças do Estado.

A viúva Rosa Belém foi avisada para incluir os bens faltosos e ficou sem saber o que fazer diante do despacho do Juiz, pelo que recorreu a Abílio Wolney, pedindo-lhe advogar a causa com o fito de convencer Manoel de Almeida de que a descrição de bens era verdadeira.

Abílio, que estava sendo contrariado também no alistamento eleitoral e em processos de vários correligionários seus, vai convicto de que era também uma injustiça o que faziam com a viúva, mulher pobre, analfabeta, e passando necessidade desde a morte do marido. Queria os autos do inventário com carga para estudar melhor, nos seus termos, mas o Escrivão Aristóteles Leal disse que o Juiz só autorizava com procuração da viúva.

Abílio, como advogado da viúva, tentou resolver o caso do inventário com o diálogo, mas o parente Sebastião entregara-se ao sistema dominante de corpo e alma.

No arrolamento dos míseros bens da viúva mostrava-se agora um exator rigoroso, o que fazia com que o inventário se arrastasse de modo que as autoridades pudessem esvaziar o patrimônio da viúva e angariarem a opinião na *Vila* contra Abílio, fomentando ainda mais o clima de idiossincrasia.

Diante das pressões e reclamações, o Juiz resolve marcar para 16 de maio uma audiência, em meio àquele ambiente *de disse me disse*.

Maria Jovita Leal Wolney, de há muito havia admoestado o

filho para que não intercedesse no inventário de Vicente Belém, sob pena de contrariá-la, pois Abílio mesmo estava vendo a situação.

Mataram Vicente Belém em dezembro, reclamavam a viúva e os irmãos do morto, e já era maio sem a mulher poder vender um bezerro, no aguardo da decisão judicial.

E como era de se esperar, o patrocínio de Abílio Wolney gerou ecos que verberaram na Capital, com prévios comentários de que o advogado incutia na inventariante a idéia de não pagar o imposto *causa mortis*, um crime contra o erário, e que Teodolino e Santos Belém, gente de Abílio e irmãos do morto, prometiam vingança contra o Juiz e o Coletor pela morte de Vicente.

Por seu turno, Abílio Wolney, juntamente com o seu pai, havia realizado um encontro com João Rodrigues de Santana, Benedito Pinto de Cerqueira Póvoa, Domingos Francisco Diniz e João Batista Leal colimando outorgar poderes, agora a Casimiro Costa, para rebater as fofocas políticas perpetradas na Capital Goiás Velho.

No mês de março, Casimiro Costa havia partido levando em companhia o seu genro Coquelin Ayres Leal, a fim de entabular as questões visando acalmar o ambiente no *Duro*. Obtém um início de sucesso e de retorno traria expedientes endereçados pelo Governo às autoridades municipais, embora soubesse de antemão que o Juiz Manoel de Almeida e Sebastião de Brito não cederiam.

E de fato, os familiares de Vicente Belém queriam vingança contra o Coletor e o Juiz, que imputavam como mandantes do assassinato. Vai-se fomentando a intervenção, o desforço pessoal, mas o velho Joaquim Wolney chamou os parentes do morto aconselhando que não retaliassem.

Abílio Wolney matutava, cogitando antes de agir. Peitar o Juiz seria uma solução de força, que supunha necessária, mas o Governo agora o cercava dentro da *Vila* com prepostos nomeados Juiz, Coletor e Delegado.

Não imaginava maiores conseqüências decorrentes de qualquer ação sua, supondo que apenas responderia a um processo criminal por *Desacato*, caso investisse contra Manoel de Almeida. E pelo crime de *Desacato*, a pena poderia ser cumprida em liberdade ou, pela quantidade em tese, ficaria alguns dias preso e depois seria solto, melhor que tolerar aquela situação.

Inebriado na psicologia do ambiente da *Vila*, parecia traído em suas próprias forças, esquecendo-se que, ao ter deixado a Capital, sobre a

sua frente pairavam os mais sinistros vaticínios.

E analisava, nos pródromos de uma luta maior, que representaria para o seu espírito o prólogo dos mais dolorosos e mais tristes sofrimentos... Desde que retornou para São José do Duro, vivia no âmbito daqueles caprichos devido a questões políticas. Benedito Pinto de Cerqueira Póvoa deporá no processo *“que Abílio Wolney, lhe falando um dia a propósito dos embaraços que o Juiz Municipal lhe criava, disse que não desejava vir mais a audiências do mesmo Juiz porque estava vendo o desfecho um dia entre eles, pois, nem firma sua o Juiz deixava reconhecer e que João Rodrigues Sant’Anna, seu cunhado, lhe afirmou ser isso verdade porque assistiu; que Abílio Wolney, lhe escrevendo um bilhete a propósito desses fatos, lhe dissera que sabia que a pena de seu crime era de uns meses, que a testemunha não lembra agora, mas que estaria disposto a cumprir mais do que essa pena contanto que isso revertisse em bem da mocidade...”*¹⁶⁸

A pressão local contra Abílio Wolney havia chegado a tal ponto que a ele era recusado o direito de casar suas filhas. Uma estava casada apenas na igreja, pois o Juiz distrital, a conselho dos chefes políticos locais, recusavam-se a fazer o casamento civil. E o mesmo fato se observava com outra moça da Vila, filha de um seu amigo.

O Coletor Sebastião de Brito e o Escrivão Aristóteles Leal, criavam-lhe embaraços e espalhavam a “boca miúda” pela Vila que positivamente que haviam de perseguir a viúva e arrebataram-lhe os bens por ter sido seu marido amigo da família Wolney.

No Duro, vivia-se agora um crepúsculo, ao qual sucederia profunda noite, dentro na qual seriam desfechados acontecimentos espantosos.

Designada para o dia 16 de maio, a audiência do inventário de Vicente Belém seria mesmo atabalhoada, como nos conta o próprio Abílio Wolney em seu Diário:

‘Maio, 15 – Quarta-feira. Comecei transplantar mudas de café para o novo canteiro e fui ao Duro. Em casa recebi carta do professor João Corrêa me comunicando não haverem o Coletor e o Juiz aceito a descrição de bens feita por Dona Rosa Belém. Chegando no Duro, junto com o Corrêa nos dirigimos a residência de Dona Rosa e de volta passamos em casa do companheiro Campos e do companheiro Domingos. Pernoitei no Duro.

¹⁶⁸ Depoimento constante do processo judicial.

'Maio, 16 – Quinta-feira. Tornei pela manhã a fazenda de Dona Rosa para que a mesma me passasse procuração para tratar do inventário e ali encontrei Theodolino Belém e Olympio Belém. Feita a procuração fiz igualmente o necessário requerimento e voltei acompanhado dos dois Belém.

'Ao entrar na Vila, o Juiz estava nas salas das audiências e como fosse o seu costume negar-me (as coisas mais justas e legais), propositalmente, entrei ligeiramente e segurei-o exigindo saber se despachava ou não o meu requerimento. Desta vez fui atendido, o Coletor, por seu turno, resolveu concordar com a descrição e o inventário ficou feito e julgado às 5 horas da tarde.

'Fiz ver aos senhores Manoel de Almeida e Sebastião de Brito que qualquer mal que promovessem contra nós seriam eles punidos; que respeitávamos o governo, não trocaríamos um só tiro com a força pública, mas eles responderiam por tudo.

'Meus parentes e amigos foram ao meu socorro e não fatos delituosos'.

Vamos ao certame daquele 16 de maio de 1918:

De posse da procuração da viúva, vamos dar com Abílio Wolney na porta da Casa de audiências, tendo os cunhados da viúva, Teodolino e Olímpio Belém, este na porta dos fundos, os quais sofreados pelo Cel. Joaquim Wolney a não lincharem seu Manoelzinho, como era conhecido o Juiz. Ali as três montarias em arreio. Queriam a homologação do inventário diante da situação da viúva, que para completar estava muito doente.

Não era, sem dúvida, pacífica a atitude do advogado. Ia praticar atos de violência contra as autoridades locais e da responsabilidade que lhe adviria desse modo de proceder, não fugiria, nem fugiu, como mais adiante se há de verificar.

Semi-analfabeto e desajeitado, o Juiz Municipal quis dar alguma solenidade e declarou aberta a audiência, concedendo a palavra ao advogado da viúva para falar sobre a impugnação dos sonogados apresentada pelo Coletor.

Com uma entonação, agora moderada e formal, o advogado Abílio começa por ponderar que, sendo a inventariante de maior idade e herdeira universal, passando por necessidade desde o mês de dezembro pretérito, fez a descrição e avaliação dos bens, conforme a lei, em sede de inventário amigável, não havendo falar em sonogados, porquanto não descreveu o burro de montaria do falecido em razão do animal estar inutilizado, visto ter sido baleado no dia em

que assassinaram Vicente.

Quanto aos demais bens exigidos pelo Coletor eram bagatelas que não existiam, mas se preciso os deixassem em rol, pois a viúva estava disposta a pagar o imposto, contanto que o Juiz homologasse o inventário naquele dia.

E que a viúva não compareceu à audiência porque estava gravemente enferma e acamada, o que ele próprio Abílio atestava.

Nesse íterim, o Juiz tomou a palavra de volta como que interceptando a fala do advogado, e arrematou enfático que tudo faria a *muque*, coagido pelos Belém e por ele Abílio, gerando uma alteração de vozes do lado de fora da Casa de Audiências, onde os Belém diziam estar armados, porque também da parte do Juiz e Coletor havia gente armada a punhal e revólver¹⁶⁹, algo que, não fosse a ocasião, revelava-se um costume da época.

O Coletor Sebastião de Brito morava ali ao lado. Ouvindo o Barulho e com o positivo de Voltaire Ayres Cavalcante aproximou-se portando um revólver e um punhal e já afirmando, ter deparado com os Belém armados a rifles na entrada da Casa de Audiência.

Para dar maior tônica, *disse que se não lhe deixassem entrar pela porta, entraria pela janela para socorrer Manoel de Almeida.*

*“Vendo Sebastião pela janela da Casa e ouvindo isso, Abílio disse que precisava dele ali também e veio à porta da rua e deu o braço a Sebastião para entrar.”*¹⁷⁰

Com aquele *barulho*, alguém foi ao Casarão avisar ao Cel. Joaquim Wolney que o seu filho estava em questão com Manoel de Almeida, e então D. Mariazinha reclamou que havia advertido o filho para não se envolver no *Caso Vicente Belém*.

O velho Wolney cruzou rápido o largo da *Vila*, atravessando no meio daquele tanto de gente na porta do Cartório e, empolgando uma pistola *mauzer*, adentrou o recinto da audiência, supondo o filho em apuros.

Entretanto, ao chegar deparou com a filha Anna Custódia Wolney, que para ali também havia ocorrido na companhia da prima Auta, mulher de Brito, a qual aproxima-se do pai pedindo nada fazer, pois todos ali eram pais

¹⁶⁹ Dados constantes do processo Judicial de 1919.

¹⁷⁰ Idem.

de família. Segundo a versão de inimigos políticos dos Wolney, constante de processo judicial, aparentando nervoso, o velho teria bradado com a *parabélum* na mão, dizendo a Manoel de Almeida:

-Outrora fui obrigado a usar esta contra Agenor Cavalcante, *'aquele cachorrinho que você mandou me insultar muito tempo'* (sic), e agora, se preciso, farei uso dela para defender meu filho de qualquer mau que queiram fazer contra ele. E não vacilo *em arrancar os miolos* do Brito, um sobrinho ingrato e traidor, que por aqui chegou apenas com a roupa do corpo, ganhou emprego na Farmácia e moradia, *um freguês* que viveu às nossas custas por anos, tendo roubado a intimidade do lar de Abílio e se feito um inimigo banal!

Diante de todos, o Coletor teria redargüido algo heróico às colocações do velho Wolney:

-*'Pois dispara-me ela, estou disposto a morrer com o Almeida(...). Olha, retire-se, o senhor é um homem velho e eu respeito os seus cabelos brancos'*.

Nesse instante, Abílio Wolney desarmou Sebastião de Brito, tomando-lhe o revólver e o punhal.

Ainda, segundo depoimentos de adversários dos Wolney, Mamédio Santos Belém, outro irmão do morto inventariado, também estava na porta da casa de audiências e dizia: *'quem está aqui é o Mamédio, que não veio fazer sangue e sim despachado de um inventário'*, depois falando à mãe do Escrivão Aristóteles, ali muito aflita, que *'apenas queria fazer a queixada de arara preta (que era Manoel de Almeida) comer cartuchos sem água porque ele havia mandado matar o seu irmão Vicente Belém e agora queria acabar com os bens da viúva do mesmo'*.¹⁷¹

Assentado na cabeceira da mesa, o Juiz Manoel de Almeida bradou e ameaçou tomar providências legais com relação àquilo que já se configurava uma invasão ao prédio do Cartório e um desacato à sua autoridade, daí porque escreveria denunciando ao governo, salvo se lhe cortassem o dedo e ordenou que o Cel. Joaquim Wolney se retirasse para fora do recinto, visto que nada tinha naquela audiência, era um invasor, responderia por isso. Mas só a pedido de Abílio e de Anna Custódia o velho disse *atendido* e saiu acenando com a cabeça.

¹⁷¹ Idem.

Ao sair, chasqueou que Almeida e Brito dessem graças a ele, porquanto foi ele quem desviou os Belém do intento de os matarem.¹⁷² E que apressassem a marcha do inventário, pois a trama estava descoberta e a viúva não seria roubada! De fora, ficou a observar pela janela o que se dava lá dentro.

No auge da confusão, Abílio Wolney dizia que *muitas denúncias seus adversários locais, sem prestígio popular, davam para inutilizá-lo politicamente, aproveitando da situação que lhes era favorável*, e afirmava em alto e bom tom:

-Vocês foram de acordo em matar um grande amigo meu, tanto que Almeida, além de acoitar os assassinos por oito dias, os deu fuga e nunca tratou de *processá-los, querendo agora a todo transe proceder à arrecadação dos bens do casal, sendo que a herdeira inventariante fez uma descrição legal*; e o que podem me acusar de desacato a um Juiz como você, um sujeito sem nenhum preparo, *diante de uma arrecadação ilegal, que representa continuidade de perseguição política?*

-*É bom lembrá-los que os seus nomes deviam figurar entre os cúmplices do assassinato do inventariado, e agora querem servirem-se da autoridade para prejudicarem a viúva a quem vocês roubaram o marido, seus gatunos! E Isso digo por ter provas que ainda posso fazer em Juízo*".

-Assassinos, vocês são assassinos e gatunos! E vivem no capricho de me perseguirem, bem como às pessoas ligadas a mim!

E pontofinalizou:

-Este arrolamento só interessa à própria pessoa da viúva, pois o morto não deixou descendentes nem ascendentes vivos. Sendo ela herdeira universal do marido, permite-lhe a lei descrever os bens do casal, cabendo à Fazenda Pública apenas calcular o imposto que ela quer pagar! E ela paga agora mesmo o que vocês quiserem! Esse não é o problema! O que vocês querem mesmo nós já sabemos, mas isso não vai ficar assim!

O Escrivão Aristóteles José Leal disse ter ouvido Abílio Wolney dizer a Manoel de Almeida: *"eu não te disse miserável que um dia nós havíamos de ajustar as nossas contas!" e perguntou-lhe se fazia naquele dia ou não o inventário de Belém, ao que então Almeida respondeu que faria...*¹⁷³

¹⁷² Ibidem.

¹⁷³ Idem.

Sobre o inventário, lembrou Sebastião de Brito ter apontado, dentre outros como sonegados, *um par de caçambas de potosi, um burro, um tacho de cobre e uma alavanca de ferro*, conforme seu parecer nos autos, datado de 11 de maio de 1918.

Agora opinaria:

*“Em vista da alegação da viúva, sou de parecer que se aceite a presente descrição”.*¹⁷⁴

As horas vão e a audiência não termina, no aguardo de que o Escrivão Aristóteles lavre todos termos nos autos.

O agente de correio Thomé Celestino de Abreu, amigo próximo do Juiz Almeida e do Coletor Sebastião, ao se aproximar gerou suspeita. Um prato cheio para dizerem que Santos Belém, irmão da viúva, mandou ficasse ele de pé do lado de fora, exposto ao sol e debaixo de ordem, até o final da audiência.

Noutra versão, constante de processo, Thomé Celestino teria mesmo era ficado assentado na porta da Casa de Audiências e Autinha, esposa de Brito, a lhe oferecer café e Antônio Martins Resende, também gente de Almeida, teria sido afastado da porta dos fundos, sob a suspeita de estar armado.

No largo da *Vila*, os poucos residentes acorreram logo para ver do que se tratava aquele “*barulho*”, daí a expressão que ficou na história. Para ali foram também o Major Cândido Nepomuceno de Souza, João Correa de Mello, Oscar Wolney, José Anízio Costa, Olympio Belém, Igyno, Firmino, Frutuoso, Domingos Alves, José Roxo, que eram do grupo político de Abílio Wolney. Outros como João Baptista Leal e o Dr. Abílio Faria, o primeiro cunhado e o segundo genro de Abílio Wolney, também compareceram à porta da Casa de Audiências sem armas e deixando claro que se faziam presentes para evitar qualquer desenlace fatal.

Segundo depoimentos de pessoas ligadas ao grupo de Brito e Almeida, estariam armados João Correia de Mello, José Anízio, um camarada de Cândido Nepomuceno de Souza e Domingos Alves dos Santos, surgidos durante o transcurso do dia, somarem-se aos Belém e diziam estar ali para defenderem os Wolney, caso necessário.

Como anotado, às 5 horas terminou a audiência, tendo sido aceita a descrição dos bens com o respectivo recolhimento do imposto *causa*

¹⁷⁴ Ibidem.

mortis e concluído o inventário, hoje equivalente ao rito do arrolamento sumário. Finalizado o certame, Abílio dizia levar os autos com carga porque no seu requerimento constante dos autos, havia pedido a juntada de procuração e vista do processo, o que foi deferido em despacho escrito do Juiz.”



Fragmento do Relatório (6):

A DENÚNCIA À CÚPULA POLÍTICA E AO GOVERNO DO ESTADO

“Às autoridades desacatadas juntam-se pessoas estranhas ao incidente, e, entre elas, como mentor intelectual, surge a figura de José Hermano, indivíduo intrigante e falso e, por isso, mal conceituado na região. A conselho deste o desacato toma a forma de deposição de autoridades. Estas dizem-se depostas e abandonam seus cargos (número vinte e dois, página quarenta e nove). E assim pintado a negras cores o incidente é comunicado aos políticos situacionistas em telegrama urdido com o mais flagrante maquiavelismo. Uma carta de José Hermano a Sebastião de Brito (número vinte e três, páginas sessenta e nove e setenta e um) é o documento mais cabal da perfídia com que agiam os inimigos de Abílio sob a inspiração de Hermano.”



Comentários e anotações (6):

Do nosso livro inédito, *A Chacina Oficial*, transcrevo:

“Caía a tarde. Ao crepúsculo, Manoel de Almeida retornou para sua casa na Fazenda Beira d'Água. O Coletor e o funcionário do Correio Thomé demoraram-se ainda por mais de uma semana na Vila, folgadoamente.

Abílio retornou à Fazenda Buracão, onde de há muito estava morando com o pai. Mais tarde, narraria o fato, dando a sua versão, em carta ao Senador Gonzaga Jayme, publicada a 27.09.1918, no *Rio Jornal*, editado na cidade do Rio de Janeiro, *in verbis*:

“Compareci na audiência de 16 de maio para ver se defendia a viúva de um amigo, Vicente Belém, assassinado traiçoeiramente a mandado

deles, tanto que os assassinos muito co-nhecidos não têm processo. Queriam no inventario deixar a viúva limpa; opus-me e como o Juiz estivesse armado me aproximei dele para poder me defender. Neste entrementes entrou o Coletor armado de revólver e punhal: quando o vi assim, em um lance arranquei o revólver da cinta do Juiz e peguei o braço direito do Coletor o qual, reconhecendo minha superioridade em força, ficou quieto. Passado esse incidente, continuaram o inventário até a conclusão. Não depus ninguém: depois desse incidente tiveram eles aqui 16 dias, retirando-se quando José Hermano arquitetou o plano de pedir força e criar a monstruosidade conhecida. Conceição, 09 de Junho de 1918. Abílio Wolney”.

Em carta ao seu primo Coquelin Ayres Leal, datada no Buracão de 6 de junho de 1918, Abílio Wolney realça a sua versão:

“Estava a enformar rapaduras ontem quando tive a alvissareira notícia da estada de Casimiro na Vila. Com essa notícia, o Jayme, seu portador, entregou-me a tua de 30 de maio que devorei.

“Corri ao Duro cheio de prazer por vê-los restituídos ao seio da família sem desconsiderações.

“Estive com Casimiro, conversamos até as 7 da noite e ele narrou-me tudo o que viu e ouviu. Completei o que ele viu e não compreendeu.

“Homem sincero e não afeito às hipocrisias da época, ele não podia compreender tudo o que viu e ouviu.

“Estou satisfeito; agora ele viu.

“Fazem dez anos que suporto perseguições e insultos para ver se dessa tolerância nos resultaria a compaixão dos perseguidores vendo seus desejos saciados, mas tudo foi debalde: o que fazíamos por tolerância e amor à paz e tranqüilidade geral era tomado por covardia, desfibramento, falta de meios de reação, medo, enfim.

“Quando vi que estávamos às bordas do abismo insondável da descrença de todos e vi que eram preferíveis as conseqüências da reação, reagi.

“Reagi sem empunhar ferro, usei do muque moderado, sem um bofetão sequer, peguei os gajos com a mão e eles viram que não valia a pena

estrebuchar, aquietaram.

“Não pratiquei um ato irrefletido; não tenho dele o menor arrependimento, não acho que fiz de menos nem de mais. Posso ter errado: se erreí, só o tempo o poderá dizer, antes porém desse pronunciamento não me convencerei.

“Não comuniquei minha resolução a ninguém para não ter cúmplices; a empresa estava nas minhas forças.

“Aqueles que levarem a tolerância e amor à vida ao ponto de permitir verem-se despojados dos bens, da honra e até da vida, que reprovem meu procedimento.

“Casas de Candinho¹⁷⁵ foram ao prego, Janjão¹⁷⁶ pagou exportação que não devia, a vida de meu pai foi posta em almoeda, o camarada de Zezinho¹⁷⁷ e Vicente¹⁷⁸ pagaram com a vida sua dedicação a nós. Não satisfeitos de terem roubado a vida de Vicente, queriam limpar a viúva!

“Coquelin, meu querido amigo, se eu consentis-se nem os meus deviam confiar mais em mim, nem crer em mim.

“A nossa tolerância tem sido excessiva, tem autorizado a audácia do inimigo – embarguei.

“Para sustentar os embargos, não desejo incomodar os mais velhos; contido, os mais moços e amigos de porte, sustentaremos.

“Muitos olhos, muitos ouvidos, pouca boca: prudência e resolução pronta. Nem aí nem aqui devemos agüentar mais um insulto.

“Respeitamos muito dentro da lei e dos bons costumes, mas do nosso direito não cederemos uma linha.

“Tu já és pai de família, tens preparo e traquejo da vida, tens ponderação, prudência e coragem, portanto, enquanto andarem pelas regiões da

¹⁷⁵ Cândido Nepomuceno de Sousa era cunhado de Abílio Wolney.

¹⁷⁶ João Batista Leal, também cunhado de Abílio Wolney.

¹⁷⁷ Segundo o Prof. Osvaldo Póvoa, obra citada, era um baiano de nome João, assassinado em Conceição do Norte por Leopoldo Hermano, com um tiro de carabina. Ato contínuo, Leopoldo tentou assassinar Zezinho, desfechando contra ele, que estava na porta de sua casa, também um tiro, tendo errado o alvo.

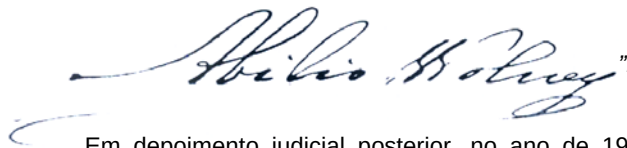
¹⁷⁸ Vicente Pedro Belém, assassinado por adversários políticos do Cel. Abílio, cujo inventário foi o estopim das lutas que se desenrolariam em São José do Duro.

diplomacia, vá com os velhos, mas o dia que precisar reagir, tome a frente e me avise.

"Nada de abismar-se e muito menos de acovardar-se.

"O mundo é dos fortes, dentro da razão.

"Um abraço efusivo do teu amigo sempre.

A handwritten signature in dark ink, reading "Abílio Wolney". The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke extending to the left.

Em depoimento judicial posterior, no ano de 1923, Abílio Wolney diria ainda que *"confirmava tudo quanto havia dito quando foram inquiridas a testemunha Felismina e a informante D. Rosa, cujo resumo é que a discussão havida com o Juiz Manoel José d'Almeida e Coletor Sebastião teve por base o assassinio de seu amigo Vicente Belém por eles mandado executar, tanto que nunca trataram de processo contra os mandatários José Nunes Vianna e Antonio Nunes Vianna. Disse e declarava que ainda pode provar hoje de modo insofismável tudo quanto tem afirmado."*¹⁷⁹

Voltemos.

Acabado o *Barulho*, Brito e José Hermano bolam uma retirada da Vila para criar uma situação mais grave.

Ouvido no Inquérito Policial em 1918, Josino de Abreu Valente disse *"lhe parecer que os fatos ocorridos em maio (daquele ano) já tinham sua procedência de inimizade política"*.¹⁸⁰

Complicavam-se na Capital os contatos pacifica-dores de Casimiro Costa.

O Juiz e o Coletor, ajudados por José Hermano, Escrivão da Coletoria, rompiam noite adentro lavrando a denúncia ao Presidente do Estado e ao Secretário de Finanças, dando cores próprias ao ocorrido, onde terminaram pedindo fossem-lhes asseguradas condições para o desempenho das suas funções.

¹⁷⁹ Interrogatório de Abílio Wolney no processo da Justiça Federal, 1923.

¹⁸⁰ Depoimento de Josino de Abreu Valente no Inquérito Policial em 1918.

Incumbiram José Hermano de ir ao Rio de Janeiro reforçar junto aos representantes federais do Estado os pedidos de garantias ulteriormente feitos em ofício enviado via Barreiras-BA.

Da fazenda Vazante, município do Duro, o Delegado Joaquim Martins também encaminhou denúncia à Capital, conforme haviam orquestrado.

Em 20 de maio de 1918, o Coletor Sebastião de Brito lavrou laboriosa denúncia ao Presidente do Estado, Des. João Alves de Castro, onde conclui dizendo estar *“esperando ser tomada na devida consideração essa afronta que os mais altos poderes do Departamento de Estado sofreram representados na minha humilde pessoa como empregado que se tem esforçado no cumprimento dos deveres que lhes foram confiados, e como um simples soldado que com disciplina e lealdade tem sabido defender a bandeira do glorioso Partido Democrata, apelo para os sentimentos de justiça que sempre presidiram os atos de V.Ex.^a. É escusado ponderar a V.Ex.^a que deve haver a mais rigorosa escolha, da preferência, na escolha das autoridades e até praças que forem determinados para apurarem as responsabilidades dos culpados aqui”*.¹⁸¹

Telegrafaram de Barreiras para Goiás Velho e para o Rio de Janeiro, onde estava o Cel. Eugênio Jardim, Senador Federal e cunhado de Totó Caiado, solicitando a nomeação urgente de um Juiz togado, para apurar um assalto ao Cartório. Avisado de tudo, o Dep. Totó Caiado fez gestões junto ao outro cunhado, Des. João Alves de Castro, Presidente do Estado, para a imediata nomeação da Comissão de Inquérito.¹⁸²

Sebastião de Brito e Manoel de Almeida se recolhem na fazenda Beira d'Água, deste último. Por vários dias mantêm gente armada, criando uma situação como se estivessem na iminência de sofrerem ataques, restando defesa.

¹⁸¹ Cópia da original em poder do autor (Grifado).

¹⁸² Totó ajuda a eleger o cunhado, Des. João Alves de Castro, casado com Theresinha de Ramos Caiado, para novo presidente de Goiás, governando de 1917 a 1921. João Alves de Castro outrora foi amigo de Abílio, mas, primeiramente, acima de tudo e abaixo de Deus, era casado com a irmã de Caiado. Em 1918, Leopoldo de Bulhões perde a senatoria para Hermenegildo Lopes e, com a morte do coronel Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim, em março de 1920, a oposição e o Partido Republicano em Goiás são sepultados com ele. Sai um cunhado de Totó e entra outro cunhado na presidência do Estado. Eugênio Jardim (como dito era casado com Diva Caiado, irmã de Totó e viúva de Ovídio Abrantes, filho de Braz Abrantes) substituirá João Alves de Castro, cujos irmãos Joviano, Agenor e Abílio também são casados com irmãs de Totó e vão estar presentes na representação federal.

Fragmento do Relatório (7):

A COMISSÃO DE INQUÉRITO É NOMEADA E SEGUE PARA O DURO

“A marcha dessa Comitativa para o Duro é mais um atestado das disposições hostis que a dominavam. Faziam-se marchas de guerra em território inimigo. A tropa era fracionada em pelotões que marchavam por lances: o primeiro fazia a vanguarda e só avançava quando o segundo lhe chegava ao alcance; com o terceiro vinha o Juiz Calmon; o quarto fazia a retaguarda. Nos estacionamentos eram tomadas medidas de segurança estabelecendo-se linhas de sentinelas, a duzentos metros de distância (número trinta e sete, página cento e nove).”

Comentários e anotações (7):

Transcrevo de *O Diário de Abílio Wolney*:

“No dia 31 de julho de 1918, o Juiz Celso Calmon Nogueira da Gama galgava o pórtico do palácio do governo na Capital, aparamentado com um paletó estilo casaco inglês. Ao entrar, foi recebido pelo cerimonial do Presidente João Alves de Castro, que em gabinete o aguardava.

Exigindo rigor no cumprimento da lei, o Presidente insinuava ao magistrado acerca do seu futuro no segundo grau do Tribunal de Justiça do Estado, como Desembargador.

Calmon, valorizando-se, ponderava que o Duro seria um grande desafio. Era longe e um território sob o domínio do ex-Deputado Wolney. Diria ainda, depois, que *a sua comissão era de imparcialidade, era de Juiz alheio às paixões locais, era de rigorosa justiça*, arrematando que **“essas palavras**

ouviu sempre do Exmo. Desembargador João Alves de Castro, do Senador Eugenio Jardim e do Deputado Ramos Caiado (sic).¹⁸³

Recebeu das mãos do Presidente as representações de Manoel de Almeida e Sebastião de Brito, bem como o decreto da sua nomeação, além de algumas cartas particulares, sendo uma do coronel Casimiro Costa e partiu.

Sendo o Presidente egresso do Tribunal de Justiça do Estado, onde tinha assento na cadeira de Desembargador – de momento na senda política – surgiu breve discussão com o Juiz comissionado sobre a competência ou não da justiça estadual para julgar o crime de desacato e coação às autoridades de São José, inclusive pela conexão com eventual sonegação de tributos, restando debatida ainda serem ou não afiançáveis os delitos, para o efeito do procedimento almejado.

– Parece tratar-se de crime político, da competência da Justiça Federal – falou preocupado o Presidente.

O Magistrado, todavia, redarguiu serem *“inafiançáveis os delitos pela soma das penalidades a aplicar, sendo o processo e julgamento dos crimes políticos, que interessam aos Estados, da competência da justiça local, porque apesar de revogado o art. 83 da lei 221, de 1908, apenas o fez implicitamente, nada dizendo a respeito, quando o devia fazer como lei interpretativa que é nesse ponto, sendo corrente que desde que não haja a intervenção armada da União, nos casos que interessam aos poderes dos Estados, a competência é da justiça local.”*¹⁸⁴

Por fim, restou confabulado objetivamente que a lei era o Governo!

Celso Calmon era natural do Espírito Santo, onde num período de turbulência foi chefe de polícia. Ainda sem prestígio na carreira em Goiás, alguém lembrou do seu autoritarismo boçal, com o que foi achado a dedo pela oligarquia. Queria mostrar serviço. Viera deportado para Goiás, espirrado da *Revolução de Colatina*, onde tomara armas contra o governo no seu Estado, por ter discordado do tratamento especial que as autoridades da sua terra davam aos

¹⁸³ Palavras textuais constantes de Relatório ao Governo do Estado em 1919, subscrito pelo Juiz Celso Calmon.

¹⁸⁴ Discussão imaginada pelo autor em paráfrase do Relatório Celso Calmon. Em *O Barulho e Os Mártires* vamos ver que a competência seria da Justiça Federal e que a história teria sido outra, caso o processo e julgamento ficasse, como depois ficou, a cargo da União.

mineiros, investindo-os em cargos públicos razoáveis, em detrimento dos filhos da cidade.

Depois o Governo de Goiás realmente o promoveria ao cargo de Desembargador no Tribunal de Justiça goiano, na forma prometida, o que se daria no final dos anos 20¹⁸⁵.

O Magistrado era deveras inusitado. *Como Juiz, como chefe de polícia e mais tarde como desembargador, seus atos eram comentados como partidos de um indivíduo intolerante, arbitrário e às vezes burlesco.*¹⁸⁶ Quem o conheceu, dizia parecer um régulo, a cultuar rigoroso formalismo e solenidade nas audiências, onde se postava entronizado, a consagrar o princípio máximo da autoridade. Era o tipo talhado para trilhar rumos preestabelecidos, para reforçar, a coice e a tiro d'armas, a soberania da "lei", expressa na imbecilidade triunfante de um soba qualquer.

Para a jornada da Comissão, os aprestos necessários. Carregavam dentre outras coisas, barracas, duas canastras com guarnições para cama, três cargueiros que transportavam munições, armas, e gêneros alimentícios.

Naquele 31 de julho de 1918, encerravam-se os trabalhos do período legislativo e a via pública em Goiás Velho assistia a um movimento incomum, vendo-se na frente da Assembléia Legislativa, na Rua da Fundação¹⁸⁷, junto à Igreja da Boa Morte e ao Palácio do Governo, a Força Pública Estadual com sua banda, para a revista e continência de praxe.

Como que destacado, um Pelotão de dez praças e um Oficial de polícia, cuja tropa engrossaria o contingente de 40 homens, que dias antes o Governo havia feito seguir para o Norte, a fim de atender no Duro.

Para Promotor de Justiça o Presidente nomeou o agrônomo e advogado provisionado, Dr. Francisco de Borjas Mandacaru e Araújo, um jovem baiano, amorenado, alto e esbelto, usando um cavanhaque, que quase lhe ocultava na fisionomia séria a natural simplicidade e moderação de que era portador.

¹⁸⁵ Celso Calmon foi a Desembargador, mas ficou pouco tempo no cargo, em favor do qual trocara vidas de inocentes, como a dos *Nove do Tronco* e daqueles que foram massacrados em Lagolândia, município de Pirinópolis, na ação policiaisca de 1925, que comandou contra os seguidores de Santa Dica. Uma das primeiras providências tomadas por Pedro Ludovico em 1930 foi colocá-lo em disponibilidade, livrando-se dele em Goiás. Calmon voltou para sua terra, no Espírito Santo, onde morreu no ostracismo.

¹⁸⁶ Francisco de Brito, *Memórias de Outro Tempo*, pág. 82.

¹⁸⁷ Rua da Abadia?

Para Escrivão foi escolhido Guilherme Ferreira Coelho, Escrivão de Polícia da Secretaria de Segurança Pública.

O comando geral da Força tinha as funções exercidas pelo 1º Tenente Antônio Seixo de Britto. Os diversos destacamentos estavam sob as ordens dos 2.ºs Tenentes Benedito Avelino de Jesus, Catulino Antônio Viegas, Ulysses Jaime, José Joaquim Dantas e José Francisco de Salles, selecionados com um “certo critério” indicado na sede do Batalhão, na Cidade de Goiás.

E logo a Comitiva saía pelos becos e arruados da vetusta Vila Boa, semelhando uma coorte com o centurião na vanguarda, ladeando o Magistrado e sua equipe que vinha mais recuada. Atravessou as ruas da Capital como em passeata solene naquela manhã, ganhando a estrada rumo a São José do Duro, uma travessia calculada para 906 quilômetros.

Ao entardecer, Juiz de Direito e Comissionados foram dar à margem esquerda do Rio Uru, onde pernотaram, conforme narra o então Escrivão da Comissão, Guilherme Ferreira Coelho,¹⁸⁸ vendo “*as grimpas da Serra Dourada, já clareadas pela lua, que parecia brincar no céu por entre nuvens em movimento. Toda a Comitiva se locomovia à procura de Currálinho, hoje Itaberaí, onde chegou, depois de poucas horas de trajeto para em seguida dar em Jaraguá, onde tiveram a noite na Fazenda das Estacas*”.

“À saída da cidade, um panorama agradabilíssimo. Além, muito distante, iluminadas pelos primeiros clarões do dia, as criptas da Serra Negra, nome que lhe é propício por assemelhar ao verde-escuro das densas matas que a cobrem, em parte, com o negrume das noites de tormenta. Aquém, a grande nuvem produzida pela evaporação das águas do Rio das Almas que, como um iceberg monstro, acompanhava a descida das correntes”. E ao cair da noite, foram dar numa bela fazenda, vendo a lua com seus argênteos raios dourando aqueles já solitários ermos e no terreiro da casa alguns cães de caça ladravam com a aproximação e no curral o velho vaqueiro colocava nos apartadores o gado ali recolhido. Um velho sertanejo os veio encontrar e dar-lhes o favor que solicitaram para o descanso.

No outro dia, alcançaram São José do Tocantins¹⁸⁹, local em que, à Comitiva, incorporaria o Promotor Público efetivo da Comarca de Posse e comissionado no Termo de São José do Duro, Dr. Francisco de Borjas

¹⁸⁸ O prof. Jacy Siqueira anotou, atualizou e publicou a 2ª ed. do livro *Expedição Histórica nos Sertões de Goiás*, 1937, de Guilherme Ferreira Coelho.

¹⁸⁹ Hoje Niquelândia-GO.

Mandacarú e Araújo. Aí deram um compasso de onze dias aguardando o membro do Ministério Público, que retornaria de uma viagem.

Chegando o Promotor, a Comitiva, agora acrescida de vinte e tantas praças, ali encontradas, de dois empregados do Promotor e deste, rumara para Cavalcante a cento e oitenta quilômetros em frente.

Era estação das secas e as labaredas devoravam as pastagens.

Pernoitaram em Veredinha, bifurcação das estradas para Muquém e Cavalcante. “Uma noite de intranquilidade a que transcorreu ali; os animais afugentados e em disparada, deixaram o encosto, procurando as imediações das barracas da Comissão no acampamento e alguns cincerros lhes foram arrancados, ouvindo-se pela madrugada o retinir dos mesmos, à grande distância, nas saliências dos terrenos fronteiros. Eram os índios Canoeiros que se haviam aproximado e praticado uma das suas brincadeiras, como se expressam os moradores daqueles sítios”.

Ao amanhecer, o som da corneta anunciou o reinício do caminhada.

“Transpostos os rios Bagagem, Tocantins e a grande Serra de Cavalcante, que ficam de permeio entre essas localidades, com alguns pernoites, noites nos campos, ora à beira de um regato, outras vezes à margem da estrada, penetraram em Cavalcante”.

“Ao destacamento juntaram-se outras praças, encontradas, em descanso, quando convergiam para Arraias, em vista das ulteriores determinações. Reabastecida a Comitiva dos gêneros necessários à alimentação da força, rumaram para a vila Chapéu. A denominação de chapéu procede de haver sido encontrado, no lugar, o chapéu de um homem louco, devorado pelas onças”.

Ali estacionaram três dias, vendo alongar-se, severo e majestoso, o imenso Vale do Paraná. Em frente, na trajetória traçada, estava a cidade de Arraias, onde chegaram e ficaram nove dias.

A escolta policial era composta do grosso da tropa da Capital e dos elementos apanhados nas cidades por onde passava, tanto ou mais violentos que os jagunços das conflagrações.

Em Arraias¹⁹⁰, 40 praças do Batalhão da Polícia aguardavam, formando agora um contingente de mais de 60 policiais.

Ali, um incidente: O alferes Juca Dantas foi excluído da Expedição, sob suspeita de que trazia cartas de apresentação aos Wolney e com eles se correspondia. O juiz Calmon o mandou de volta para demissão da polícia.

Os soldados trajavam fardas negras com listras avermelhadas nas calças e botas pretas. *“Das blusas luziam os botões amarelos, platinas vermelhas e colarinhos de pé, virados no pescoço. O quépi, da mesma cor tocado de vermelho. O cinto preto, com chapa ou fivela, de metal, reluzindo ao sol. Alguns, outros não. Portavam a “comblain” de um tiro só, com sabres na ponta, arma brutal, que deixava um rompo no indivíduo, sem chance de sobreviver. Os sargentos alçavam a “mannlichers”. Os alferes, ou oficiais, empolgavam os mosquetões curtos”*¹⁹¹, tendo suas mulheres na retaguarda para os serviços de comida e roupa.

No embornal, água capitosa.

A Imprensa do Governo batia pesado no ex-Deputado nortense, dando uma interpretação própria aos fatos, visando legitimar uma qualquer atuação porvir da força pública. Em São José do Duro Abílio Wolney sabia da movimentação vendo claros os propósitos da oligarquia e seus partidários, narrados no jornal oficial *O Democrata*, que qualificava como bandidos os homens de valor do norte.

O grande Moisés Santana, amigo e colunista de Abílio Wolney no Jornal *O Estado de Goiás*, era o único a ousar na imprensa novamente denunciando os situacionistas, agora na sua investida para eliminar Abílio.

Marchando vinha a Comissão Celso Calmon. Ao passar por Arraias, ouviu boatos sinistros, havendo os que propalavam ter na Vila do Duro grande número de jagunços originários dos sertões do Estado limítrofe da Bahia, sendo adestrado, diariamente, por gente de Abílio Wolney, o que ainda não era fato, todavia gerando temor e insegurança, como narra o Escrivão da Expedição, Guilherme Ferreira Coelho:

“Motivaram tais notícias a desinteligência entre o Juiz e o Promotor comissionados e isto porque, num chá que foi oferecido em casa de um dos chefes locais haver, quando em palestra, a autoridade se referido, ao

¹⁹⁰ A cidade de Arraias, hoje no Estado do Tocantins.

¹⁹¹ Do livro *Abílio Wolney, Um Coronel da Serra-Geral*, de Nertan Macedo.

comentar as asseverações relativas ao que se passava na vila do Duro, que seguiria tranqüilo, a despeito das ameaças dos jagunços baianos. Zangou-se o Promotor, filho do grande Estado da Bahia, com as expressões "jagunços baianos", usadas pelo Juiz, como se elas suas fossem.(...)

"Em ato contínuo ao incidente, o Juiz, após o retardo de alguns instantes, retirou-se para casa, onde esperou pela volta do Promotor, a quem disse, ao chegar, não motivara seu silêncio, por ocasião da desfeita, um ato de covardia e, sim, uma obediência à sua educação e servindo essas palavras de introdução, em regra, recebeu ele, – Promotor – calado, uma soleníssima descompostura.

"Em vista das notícias alarmantes, que se tomavam por verdadeiras, foi a força ali concentrada dividida em três pelotões e com todas as precauções reencetaram a marcha, acompanhando-os, a alguns quilômetros, diversos cavaleiros que, por seu intérprete, fizeram a despedida.

"Norma outra tomou a viagem. Não mais se ouviram, à noitinha, as maviosas canções com que os deleitava o Dr. Promotor de Justiça, Francisco de Borjas Mandacaru e Araújo. Agora, uma marcha de campanha: reconhecimentos, ligações, sentinelas e tantas outras precauções que semelhantes condições criam".

Fato é que ainda não havia jagunços baianos, mas gente armada da própria localidade, como alguns parentes, vaqueiros e outros empregados das Fazendas.¹⁹²

Num outro incidente, querendo demonstrar a independência do seu *munus*, o Promotor de Justiça, já na fazenda Taipas¹⁹³, imediações do Duro, admoestou um empregado seu por haver prestado um serviço ao Dr. Celso Calmon, sem a sua permissão. Melindrado, grande foi a indignação do Magistrado, que passa a cogitar da substituição do Promotor, assim que chegasse ao Duro.



Fragmento do Relatório (8):

¹⁹² Os jagunços baianos só surgiram em janeiro de 1919, por ocasião dos presos no tronco, do que trato no livro *A Chacina Oficial*, que é uma seqüência desta modesta obra.

¹⁹³ Antiga Fazenda dos Wolney, hoje município de Taipas-TO.

O PROMOTOR MANDACARU É EXONERADO DO CARGO

“Mandacarú submete-se às veleidades e resiste às provocações de Calmon e nesse mesmo dia retira-se da Vila de São José do Duro (número quarenta, páginas cento e vinte e três e vinte e sete).”



Comentários e Anotações (8):

Transcrevo do livro *O Diário de Abílio Wolney*:

“Enfim, chega a Expedição ao Duro no dia 04 de outubro de 1918. Entrava o Juiz, ao que parece metido nos coturnos com a Força. Vinha altivo, ladeado pelo Escrivão, um empregado particular, o guia Braz, o Juiz Municipal Manoel de Almeida e o Coletor Sebastião de Britto – este acompanhado de sua esposa Auta Aires¹⁹⁴, uma filha e uma empregada.

Atrás vinha o contingente policial fardado.

Num primeiro momento, Calmon encenou, para a própria tropa, que os funcionários da Justiça e do Fisco, o Agente do Correio, o Juiz e o Coletor estavam garantidos nos seus cargos.

Com efeito, uma surpresa o desapontava: dava com uma Vila deserta...

“Informado de tudo, Abílio Wolney, seus parentes e alguns amigos, por medida de prudência e talvez mesmo de segurança, pois já se sentiam ameaçados, retiraram-se da vila para a fazenda Buracão, sete quilômetros a leste de São José do Duro”.

Os demais moradores, amedrontados, achavam-se refugiados em outros municípios. Ali por perto, apenas o coronel Aureliano de Azevedo e poucos mais que se achavam próximos.

O Magistrado tratou de aquartelar a força no *Sobrado*, de propriedade de Abílio Wolney, do qual se apossou sem maiores formalidades, mentindo ter alugado de alguém, que não o dono. Acontonava com sua tropa na

¹⁹⁴ Auta Aires e Sebastião de Brito eram – ambos – primos de Abílio Wolney, além de que, como vimos, Auta era irmã de Josepha Aires, a primeira esposa de Abílio Wolney e deste era prima carnal.

residência de Abílio Wolney. *“As roças de pasto a ele pertencentes foram também ocupadas. E tudo isto sem a menor consulta ao proprietário e sem a mínima satisfação anterior ou posterior à invasão da propriedade alheia.*

“Abílio pensou, a princípio, protestar contra esses atos. Silenciou, porém, a conselho de amigos, para continuar na atitude calma e paciente que havia adotado (número trinta e oito, página cinquenta e um).”¹⁹⁵

Tempos depois, Abílio Wolney narraria em documento oficial tais ocorrências, *ipsis litteris*:

“Até 1918, o pessoal de trabalho era numeroso e seus adversários locais começaram a denunciá-los de estarem formando reduto de cangaceiros, e lá veio uma Comissão chefiada pelo bacharel Celso Calmon Nogueira da Gama (nome da dinastia tão grande quanto sua perversidade) e prestigiada por 50 policiais.

Sabedora da aproximação dessa escolta sinistra, toda a família Wolney retirou-se para a fazenda Buracão, alojando-se nos seus vastos aposentos e preparando-se para a defesa se necessária.

A Comissão Celso marchou até chegar sem o menor embaraço, quando podia ter sido dizimada. Mas os Wolneys queriam um juiz que apurasse a verdade e assentaram de não lhe criar o menor entrave.

A Comissão, chegando, manifestou logo seus propósitos de desrespeito e arbitrariedade, ocupando sem entendimento algum com seus proprietários, que estava há 7 quilômetros de distância, todas as suas propriedades desta cidade, então Vila”.¹⁹⁶

Em futuro Relatório, diria o próprio Juiz Celso Calmon: *“nessa casa não só ficou toda a força como também eu e os demais companheiros, exceção apenas do primeiro Promotor nomeado, de quem ligeiramente desejo me ocupar para dizer somente – que me tornei suspeito para servir nessa comissão com esse funcionário por ter o mesmo procurado se*

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Trecho do documento datilografado por Abílio em 1940 e dirigido ao Prefeito Municipal de Dianópolis.

constituir meu inimigo, dificultando por essa forma o começo dos meus trabalhos naquele termo”.¹⁹⁷

No Diário, Abílio Wolney anota:

“Outubro, 5 – Sábado. Benedito Pinto, vindo da sua residência – Prazeres – encontra-se aqui com o Dr. Abílio, Luis Leite e companheiro Casimiro e juntos vão ao Duro visitar o Juiz, do qual trazem boa impressão. Meu Pai também veio até aqui e regressou com os companheiros. Liberatinho veio com o Pai e de volta foi esperá-lo na Água-Boa.

Outubro, 6 – Domingo. Soubemos da chegada do Dr. Mandacaru pela manhã, desavença deste com o Juiz, que mandou tomar-lhe as armas, detê-lo e despacho de um positivo, João Francisco e 2 soldados à paisana para Barreiras a passar telegramas.

Outubro, 7 – Segunda-feira. Vêm do Açude meu Pai, Wolney, Dr. Abílio e compadre Casimiro com Anísia e Coque-lin. Daqui Casimiro e Anísia seguem para a Água Boa, Dr. Abílio, Coquelim e Wolney foram visitar o Mandacaru”.

Aqui acaba o Diário de Abílio Wolney, dando a entender que suas últimas páginas foram arrancadas e destruídas. Se o foi, não se sabe por quem e nem por qual razão.

Mas supõe-se...



Logo na chegada da Expedição, Sebastião de Brito foi para o Casarão da sogra, D. Joaquina Fernandes, o qual era separado por uma viela do Sobrado, ao invés de ir para a casa que tinha ao lado da igreja, do outro lado da grota que dividia a Vila ao meio, onde bem antes esteve uns dias o Juiz Celso Calmon.

Na Fazenda Pedra Grande, os parentes dos Belém esperavam o Promotor Francisco de Borjas Mandacaru e Araújo para colocá-lo a

¹⁹⁷ Relatório de Celso Calmon, constante do livro *Expedição Histórica nos Sertões de Goiás*, de Guilherme Ferreira Coelho, anotado e atualizado em sua 2ª edição pelo escritor e prof. Jacy Siqueira.

par dos fatos a serem investigados. Igual expectativa estava no Buracão, onde Abílio Wolney esperava o Promotor para uma sindicância de tudo o que se fazia na Vila desde antanho, a fim de que a Denúncia não fosse apenas pelo crime de Desacato e Coação contra o Juiz Municipal e o Coletor, mas também pela Prevaricação destes últimos e pelo assassinato de Vicente Belém. Talvez, o Promotor resolvesse instaurar o inquérito nunca feito pelas autoridades.

O problema é que o Promotor de Justiça tinha malquerença com Abílio Wolney, por conta de ataques que sofreu no jornal *O Estado de Goiás*. Justamente por isso foi escolhido para o caso do Duro.

Todavia, o destino dava uma guinada, pelo menos neste particular. Consumada a intriga dentro da Comissão, exsurgia o vulto altruísta de Francisco de Borjas Mandacaru, acima dos ressentimentos e das quizilas políticas. Viera almejando a imparcialidade nas coisas da Justiça, dentro da consideração de que a questão envolvia destinos humanos, liberdade e vida...

Foi assim que na tarde do mesmo dia em que chegou a Comissão, chegou o Promotor de Justiça, embora intimado pelo Juiz, diante das desinteligências do caminho, a não entrar no Duro.

Estava visto. O crime de *desacato* contra o juiz municipal era punido com simples detenção e tendo os indiciados endereço certo, sendo primários – o Cel. Wolney havia sido absolvido anteriormente – responderiam em liberdade, pagariam uma multa substitutiva da pena, se esta houvesse, ou teriam direito ao *sursis*.

Mandacaru sabia disso, pois seria o Promotor responsável pela lavratura da Denúncia Criminal e vai entrar na Vila, custe o que custar.

E entra, no intuito de promover a justiça...

Todavia, o Juiz Celso Calmon manda prendê-lo e desarmá-lo, bem como aos seus acompanhantes, e todos ficam sob guarda do Alferes Ulisses, com sentinelas à vista.

Era o preço da sua insubordinação aos propósitos do Magistrado, que mais tarde determinou o pusessem em liberdade, mas sem armas, mandando o afastassem da Vila, sendo levado para o vizinho arraial de Taipas, até a formalização de sua substituição e segunda ordem.

Nada mais da tropa se referir ao *Doutor* Francisco Mandacaru. Apenas Mandacaru.

Demitido e dizendo-se irresignado com a violação da independência do seu Ministério Público, corajosamente o Promotor de Justiça forjou um ato público de desagravo, bastante sintomático do que seria a Comissão:

Dois dias depois de preso e solto, lá vinha o Promotor de Justiça peitando tudo e entrando de novo no largo da Vila, ladeado por seus empregados, **“cavalcando um burro de oito palmos de altura, cria da Lagoa Dourada, no Estado de Minas, sem chapéu, envolto na bandeira nacional e tendo a Constituição Estadual na mão, em atitude de apresentação”**, conforme palavras do Escrivão Guilherme Ferreira Coelho.¹⁹⁸

Nos faz lembrar estas estrofes do poeta da liberdade, rimando na premonição do que se daria meses depois na velha São José do Duro:

*“E existe um povo que a bandeira empresta
P’ra cobrir tanta infâmia e covardia!
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...*

(...)

*“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...”¹⁹⁹*

A história o diria depois: algo como o completo desrespeito à Lei Federal e à Constituição Estadual. Estava claro que o Promotor se negava aos propósitos do Magistrado, ora Juiz, ora acusador, outrora Delegado de Polícia e já agora Inquisidor.

Seqüestros a preço de vida, que vão culminar no pelourinho do tronco. O sudário negro dos inquisidores vai cobrir o rosto de inocentes na terra de São José.

Aguardemos...

¹⁹⁸ Texto extraído do citado livro *Expedição Histórica nos Sertões de Goiás*, 1937.

¹⁹⁹ Poema “O Navio Negro- Tragédia no Mar” de Castro Alves.

Enquanto isso, os membros da Comissão ridicularizavam o Promotor, espalhando *“sofrer ele das faculdades mentais”*. Espalhavam essa conversa a mando do Juiz, que determinou fosse um positivo a Barreiras a fim de telegrafar para a Capital e ser tele-grafado sobre o nome do substituto.

Agora, quem quisesse falar com o Promotor seria por tempo curto, depois de vencerem guardas à porta de um cômodo de prisão no *Sobrado*, debaixo de ordem.

Na Capital, o Presidente aconselhou-se com o seu “estado-maior”, que o recomendou fosse nomeado e comissionado novo Promotor o Cel. Deocleciano Nunes da Silva, de Natividade, ex-Senador Estadual, representante nortista do Partido do Governo e gente de confiança da oligarquia Caiado.

Calmon tomava as providências para substituir Mandacaru, telegrafando ao Presidente Alves de Castro nesses termos: *“Julgo-me suspeito para funcionar nesta comissão com o promotor designado, pedindo a V. Ex^a. não só grandes desculpas como, também, para optar pela minha permanência ou pela do promotor. Os oficiais e as praças estão cumprindo as ordens com a maior satisfação”*.

Do Governo, a resposta em 12 de outubro: *“Por decreto de ontem foi o Dr. Mandacaru de Araújo exonerado do cargo de promotor de Posse, em comissão nessa Vila. Peço indicar com urgência quem possa substituí-lo, a fim de ser nomeado promotor da Posse e comissionado aí”*.

Os poucos circunstantes do arraial aos poucos se aproximam. Olham com desconfiança o esquadrão de soldados. Não entendiam bem aquilo que se transformou numa praça de guerra e nem aquele ato de desagravo encenado pelo membro do Ministério Público – aquele impoluto Promotor de Justiça.

No Duro, Calmon determina o retorno de Mandacaru sob escolta até Arraias, dali a São José do Tocantins, já exonerado da comarca de Posse.

Era o primeiro mártir, e em vida, na passagem de São José do Duro, sacrificado pelo ideal de ser correto e pagando o preço da perda do cargo no Estado.

O que fazer agora? Como outros, voltar para a vida simples no campo²⁰⁰.

Antes de partir, Mandacaru mandou avisar oficiosamente a Abílio os propósitos da Comissão – prendê-lo e matá-lo juntamente com o pai, lavrando-se Auto de Resistência.

Dias e meses vão e, reorganizada a Comissão com o novo Promotor auxiliar, inaugura-se formalmente o Inquérito para apuração dos crimes praticados por Abílio Wolney, o pai e outros. Presidindo o Inquérito Policial, o Juiz Comissionado, que solenemente dizia obedecer as leis em vigor, impôs segredo de justiça na apuração, como num sistema de inquisição.

Quase 20 testemunhas serão ouvidas a portas fechadas, com a inquirição única do magistrado, cujos depoimentos transcrevo no livro *O Barulho e os Mártires*.



Fragmento do Relatório (9):

O INQUÉRITO POLICIAL É INSTAURADO

“Tais eram, em síntese, as disposições das duas facções opostas: inimigos da família Wolney trabalhavam á sombra, visando-lhe o extermínio; Wolney e seus amigos procuravam dignamente evitar o conflito que lhes parecia iminente. (Vide os documentos setenta e três, setenta e quatro, setenta e cinco, a páginas duzentos e quarenta e nove a duzentos e cinquenta e cinco).”



Comentários e Anotações (9):

Conta-nos Nertan Macedo, em seu livro *Abílio Wolney, Um Coronel da Serra Geral*, que:

²⁰⁰ Meses depois – em março de 1919 – o Promotor de Justiça Mandacaru retornava à desolada Vila do Duro, por ocasião da *Sindicância Federal* levada a efeito pelo Major Álvaro Mariante: *“Aguardavam-nos aí o Dr. Mandacarú Araújo, que veio ao nosso encontro...”*. Vinha dar o seu testemunho sobre a investida da oligarquia goiana.

“O tempo escurecia no Duro...”

“Um dia batia asa após outro e, para surpresa geral, reina pequena trégua no Duro. Alguns soldados, que chegaram ou ficaram doentes no povoado, são tratados pelo único médico da terra, o doutor Abílio Faria, genro do coronel Abílio Wolney. Calmon mostra-se cordato e compreensivo. Acena às famílias temerosas, sim, podem voltar aos lares, podem permanecer nas suas fazendas, tudo sairá bem, nada de violências, nada de arbitrariedades. Os Delegados do Governo do Estado, representados na Comissão e na tropa, cumprirão o seu dever, estritamente dentro da ordem, da lei, da Constituição. Pois sim!

“O magistrado espírito-santense é manhoso, é arteiro. Como quem não quer nada, toma uma decisão importante. Quer ir ao Buracão visitar os coronéis Joaquim e Abílio. Vai. É recebido fidalgamente. Comes e bebes dos mais finos e variados. Até uma boa cerveja esfriada. Muito calmo e seguro de si, o Dr. Calmon diz aos Wolney a que veio. Veio para pacificar, tranquilizar o Duro e as famílias, reintegrar as autoridades coagidas(...). O Juiz degusta um vinho esplêndido, da adega do coronel Joaquim. Almoça principescamente. (...)

“O velho Joaquim, com suas longas barbas brancas, parecidas com a do Pai Eterno, se desarma. Simpatiza com o magistrado. O filho, não. O coronel Abílio tem olho de lince, não está desarmado como o pai. Desconfia do Juiz. Este, aproveita a visita para espionar o que vai pela fazenda. Percebe que há muito jagunço em armas. E armas muitas no local. O Dr. Calmon está de olho. Banca o refinado e o Duro ao mesmo tempo. Dizem que o seu sonho é largar, um dia, a pacata, mísera comarca em que serve, e alçar o vôo à desembargadoria. E aquela é a sua grande oportunidade. Não vai deixá-la passar. Olha. Espiona. Tudo vê, tudo escuta. (...)

“Tudo reduzido em miúdos: a paz voltará a reinar com a devolução do inventário. Mas Abílio desconfia. Não está confiante como o velho coronel, seu pai (...).

“Abílio Wolney tem, no Buracão, bem municiados e com suas carabinas, oitenta jagunços e agregados. As carabinas são esplêndidas, novas e bem azeitadas, observa o Juiz. E o governo só tem sessenta soldados, fatigados da viagem, com armas ruins e pior munição.

“- É o diabo! raciocina o Juiz.

“Regressa ao Duro. E fica no Buracão a promessa do capixaba: o coronel Joaquim e o coronel Abílio serão impronunciados diante da

boa vontade demonstrada. Basta que atendam à intimação judicial, deponham, enfim, defendam-se das acusações que lhes eram feitas por Manoel de Almeida e Sebastião de Brito. A pacificação está a um passo. O ano é de 1918. Outubro vai (...)

Em nosso livro inédito, *A Chacina Oficial*, consta que:

“No dia 27 de novembro de 1918, Celso Calmon instaura o Inquérito Policial para apurar o caso do *Duro*, em seu Gabinete improvisado no *Sobrado* que invadiu com a força que trouxe consigo.

Vai começar a oitiva. Dezenove testemunhas e três informantes estavam previstos para inquirição. O Juiz, que deveria ser eqüidistante, imparcial, produzia uma prova policial, na qual se louvava para julgar. Ele mesmo inquisidor, com o seu Promotor auxiliar na acusação, ele mesmo futuro julgador do caso, dizendo-se apoiado na jurisprudência do antigo Tribunal de Justiça, sob o fundamento de ser a prova por ele colhida de maior valor que as oriundas da Polícia, “*atenta à natureza da autoridade que o preside, com a compreensão das garantias que os magistrados prestam a todos aqueles que comparecem em juízo, onde, livremente, relatam o que sabem e o que lhes é perguntado a respeito de um fato que se tem em vista provar.*

Solene e em segredo de justiça, que decretou no caso, sempre que Calmon iniciava as oitivas das testemunhas e envolvidos, lia os considerandos do decreto 5.797, do presidente do Estado, Des. João Alves de Castro, que era inteiramente baseado nas Denúncias de Manoel de Almeida, Sebastião de Brito e José Martins, o triunvirato de prepostos do Governo com Poder na *Vila*. Suas audiências sigilosas contavam apenas com as presenças dele, do seu escrivão e quem iria depor. A maioria quase absoluta das testemunhas eram inimigos políticos dos Wolney, outros parentes ou pessoas diretamente ligadas a Manoel de Almeida ou Sebastião de Brito.

A testemunha já começa a depor sugestionada a dizer o que o Juiz queria, salvo as de caráter mais determinado, que mesmo a portas fechadas eram firmes diante do inquisidor. Prova disso é que alguns depoimentos que foram reproduzidos posteriormente em juízo, após a anulação total do processo e dos depoimentos colhidos por esse Juiz, aparecem em termos bem diferentes, conforme se verá na conclusão do referido processo adiante.

Testemunhas como Benedito Pinto de Cirqueira Póvoa, que foram leais nos seus depoimentos, terminaram no *tronco* depois da retirada do magistrado, que para traz deixou um inquérito policial que, hoje sabemos, só serviu para o Tribunal da História”.

Fragmento do Relatório (10)

A FUGA DO JUIZ CELSO CALMON

“Fugia, pois, o Juiz Celso Calmon, abandonando na Vila de S. José do Duro a força policial que fora posta à sua disposição. Com ela ficaram o Tenente Antônio Seixo de Brito e os Alferes José Francisco de Sales, Catulino Viegas da Cruz e Ulisses de Almeida. Sob a guarda da mesma força, prisioneiros, ficaram alguns parentes e amigos de Abílio Wolney.”

Comentário e anotações (10):

Também do livro *A Chacina Oficial*, transcrevo:

“Dias e meses vão e reorganizada a Comissão com o novo Promotor auxiliar, também já está concluído acima o Inquérito para apuração dos fatos praticados por Abílio e outros.

Dezembro de 1918 vai. Acontecimentos espantosos seguem-se aqui.

Vendo que não apanha Abílio Wolney na armadilha, o Juiz muda de estratégia. Primeiro, se valeria de um pretexto. O genro de Abílio, Dr. Abílio Faria vinha sempre da Fazenda *Açude* até a *Vila* dar socorro a soldados adoentados de empaludismo, por solicitação do Juiz. Ponderava o magistrado que Faria devia retornar da Fazenda *Açude* para o *Buracão*, mais perto da *Vila*, pois era necessária a assistência semanal. O ambiente era de paz. Estava para aplicar a lei e restaurar a ordem.

Decretar a prisão preventiva dos Wolney num crime em que podiam livrar-se solto, responder em liberdade, não seria, mas o será em último caso, visto que o sumário de culpa podia se alongar muito com a defesa que o provisionado Abílio traria *oportuno tempore*.

A fase de pronúncia estaria sujeita ao duplo grau de jurisdição do Tribunal de Justiça na Capital. Tudo demandaria tempo e aquele não era um processo qualquer, mas p procedimento era uma forma e já agora também um meio legal de se atingir o fim colimado.

Bater de frente num confronto armado ia aguçar Abílio com os seus homens no *Buracão* e os seus contatos paras bandas da Bahia, do Piauí.

Na *Vila* havia mais soldado que gente comum, vivente nas trinta e poucas casas existentes, as melhores tomadas sem critério pelo Batalhão.

O Juiz já falou que a Comissão tinha como propósito somente reintegrar as autoridades e apurar os fatos dentro do devido processo legal. Nada mais. Então que as famílias retornassem às suas casas na *Vila*. Não tivessem medo do Governo, isto é, da Justiça.

Mas o povo não volta. Os Wolney estão ali perto, querem responder ao processo, já constituíram os seus advogados, que também já habilitaram nos autos, mas não retornam do *Buracão*. Outros estão no *Açude*, têm medo daquele aquartelamento. A briga era de Abílio com gente da Capital.

Tempo vai e o Juiz pensa. Sabedor de que os Wolney haviam fortificado a Fazenda com amigos, parentes e agregados de suas próprias fazendas, o Juiz preferiu adotar agora a estratégia tratar o caso com astúcia e diplomacia. Apela para o ardil, pondo em prática outra idéia: Vai visitar um parente dos Wolney que estava acamado na Fazenda *Buracão*. Em petição fundamentada, o Dr. Abílio de Farias disse não ter comparecido à primeira audiência porque tinha sob seus cuidados medidos Edmundo, filho de Anna Custódia Wolney, com febre intermitente de impaludismo e bronquite.

20 de Dezembro. No raiar do dia foi ter o magistrado capixaba no *Buracão*. Na retaguarda, o Tenente Catulino, o cabo Mathias e o civil Alexandre, seu cabra particular, mais o Escrivão *ad hoc* Guilherme Ferreira Coelho. Vão desarmados à fazenda do "inimigo", ficando na *Vila* a força pública de prontidão, informados que estavam de que no *Buracão* Abílio mantinha uma força particular para reação.

Chegam às encostas da morraria que cerca o *Buracão*. Se já era chegado o momento oficial do ataque, naquela simulação de visita cordial, não se sabia, então era melhor se preparar para a reação.

Trincheiras abertas no cume dos morros e agregados, amigos e parentes a postos com os seus rifles luzindo nos canos, apontados para os que passavam.

O Escrivão olhava para o Juiz afirmando *'ter visto, de longe, um velho trajando uma roupa azul, de cabelos e barba grisalhos, abrigado por detrás de um arbusto, que se erguia na cripta da serra, e concluía que naquele*

terreno propício, ocultavam, suas saliências, muitas outras pessoas armadas'.

Chegaram na Fazenda. Segundo o mesmo Escrivão Guilherme Coelho, *'componentes daquela família, ali domiciliada e residente, nos vieram encontrar no terreiro da casa e por eles convidados, deixamos os animais que cavalgávamos, atando-os aos caules das árvores laterais ao prédio e neste penetramos, acompanhado dos mesmos até a sala de visita, onde permanecemos.'*²⁰¹

Ao invés do Juiz cientificar ao indiciado Abílio Wolney o motivo de sua presença, intimando-o da medida, que a rigor deveria ser cumprida por oficial de justiça ou soldado, e, demorando por manter-se autoridade, adianta que ali foi para ver o doente Edmundo, filho de João Batista Leal e conhecer a mui digna família do Cel. Wolney.

O velho e o filho recebem a todos com lhaneza no trato. A altaneira visita foi mediada pelo genro Dr. Abílio Faria.

Mas logo o Juiz comenta de maneira diplomática sobre a questão do inventário. Tenso, em palavras concisas e ao mesmo tempo enérgicas, Abílio dizia temer os propósitos da Comissão, mas que o magistrado se considerasse bem vindo, pois não recalcitrava no cumprimento da lei, conquanto ela se desse de fato.

– Armado estou com meus homens, porque com as armas vieram ao *Duro*, não para processar-me, isto seria simples, visto que o fato imputado, pela pena em abstrato, no máximo geraria uma condenação a ser cumprida em regime de liberdade. É sabido que o desforço empreendi correndo esse risco de caso pensado. Melhor a minha incursão num tipo penal perfeitamente afiançável do que suportar as perseguições, concluía emocionado.

Sóbrio e dissimulado, olhos argutos e indefiníveis, Calmon não havia apresentado qualquer papel a propósito da sua diligência, mas já que adiantada a questão, dizia necessitar dos autos do inventário de Vicente Belém, deixando transparecer nas maneiras polidas um quê de intencional. Dir-se-ia que suas atitudes educadas não eram sinceras, mas oriundas do profundo artificialismo de quem não se deixa conhecer tal qual é.

– Perfeitamente, Excelência!, disse Abílio. Os autos eu retirei com carga, tratando-se de um arrolamento sumário que o Juiz julga no primeiro momento que lhe chega concluso, em sede de jurisdição voluntária,

²⁰¹ Anota Guilherme Ferreira Coelho no livro Expedição Histórica Nos Sertões de Goiás, em 2ª ed. do Prof. Jacy Siqueira.

sendo a viúva a única sucessora, pagos como estavam os impostos. O Juiz Municipal e o Coletor têm criado situações desnecessárias a confundir a justiça, faltando com a verdade. O que fiz está feito e o restante é pilhéria deles.

– O meu escritório de advocacia tem funcionado aqui na casa grande da fazenda, onde eu já vinha em empreendimentos mesmo antes da chegada da Comissão, e já agora com maior razão. Não se faz necessária qualquer busca, nesse particular eu os retirei legalmente e do mesmo modo os devolvarei, dando-me por intimado para tanto!

Nesse íterim – narra o Escrivão – *“vindo de dentro da casa, pela porta que dá para a varanda - sala de jantar - penetra na que achávamos o velho Wolney, interpondo-se entre o filho e a autoridade, usando das seguintes expressões: ‘Dr. Calmon, pela fisionomia vejo tratar-se de um homem de caráter e animado’, descansando sobre uma cadeira, em seguida.”*

Tomando assento na sala, haviam pessoas de destaque e familiares, quando Abílio levantou-se e, a propósito do inventário, dizia que os autos estavam com dona Rosa Belém, viúva do inventariado, de há muito necessitada do resultado daquele processo. Em questão de horas o processo seria entregue.

No quintal, os companheiros, vaqueiros, lavradores e alguns parentes e afins que estavam armados e feito jagunços, esperavam qualquer ordem para agir. Outros renteavam os policiais da Comitiva de Calmon ali mesmo na sala.

Todos de ânimos aparentemente desarmados, o magistrado *‘aconselhou-os a deixarem o terreno das armas e confiarem na ação da Justiça, pois não era seu intuito perseguir quem quer que fosse, adiantando a Abílio que se transportasse para a Vila e procurasse defender-se’*.²⁰²

A Comissão era de paz e ordem e tudo correria dentro do devido processo legal. O advogado provisionado Abílio Wolney sabia disso, como já o disse, sendo conhecedor dos Códigos de Procedimento e Penal. Veria os autos do inventário, analisaria também eventuais abusos de autoridade. Isso ajudaria a própria defesa.

Ouvira dizer que pai e filho contavam com contingente de homens armados para a própria defesa, necessária naqueles rincões limítrofes do nordeste. Servia para cautela da propriedade, do gado, da pilhagem, dos ataques bandoleiros naquelas distâncias sem uma efetiva presença das instituições

²⁰² Guilherme Ferreira Coelho, por Jacy Siqueira, obra citada.

públicas. Todavia já agora era desnecessária, ponderava. A força pública estava presente na *Vila* e ele próprio via uma situação diferente, era Juiz, imparcial. Tomava pé de uma realidade afora dos rumores e embustes políticos. Confiassem na sua autoridade e liberassem o pessoal armado, retornando às suas casas no largo da *Vila*.

É servido um reforçado café da manhã.

Aproximando-se do Escrivão Guilherme Ferreira Coelho, o *‘vulto varonil do velho Wolney colocou as suas calejadas mãos sobre os seus ombros dizendo, mais ou menos, o seguinte: “Moço, você é meu conterrâneo, olhe para nossa causa”*. O escrivão respondeu *que nada lhe poderia fazer por ser apenas um mero escrivão, porém, acatasse as palavras do Juiz, em quem podia confiar’*.

‘O jovem Dr. Abílio de Faria²⁰³, em se levantando, perquire se os presentes aceitavam um copo de cerveja. Disse-lhe o Dr. Calmon, em resposta, que nenhum mal via em sua oferta.’

Foi servida a cerveja. Maneiroso, o Juiz dizia agora conhecer o Cel. Wolney, cuja vida foi dedicada ao trabalho, ao progresso daquele meio longínquo. Conhecia o ex-Deputado e os seus amigos da Capital.

Ao final, pondera o Juiz como que propondo uma composição em que as autoridades locais e do Estado não ficassem desmoralizadas nem os acusados prejudicados, pois o comparecimento deles a juízo daria autoridade à Comissão e eles em troca responderiam em liberdade, como de direito, quiçá absolvidos, conforme as testemunhas depusessem em juízo.

Mais enfático, assegura mesmo que o Cel. Wolney poderá até ser absolvido pelo que já consta do procedimento penal, pois a questão não era bem com ele, buscando no aceno do advogado Luiz Leite Ribeiro, também presente, a confirmação do que foi dito.

Tudo ótimo. O velho convidou o Juiz de Direito para um almoço bem preparado, regado a bebidas trazidas de fora, vinhos do Porto.

—Bela fazenda, dizia a autoridade, estruturada por mãos valiosas e respeitáveis.

O Cel. Wolney estava impressionado com a visita de um Juiz sereno, ponderado e afável. Sentia-se lisonjeado e confiante na palavra

²⁰³ Genro de Abílio Wolney.

veludosa do julgador civilizado e cortês. Abrilantava as pupilas naquela perspectiva incrível, olvidando que estava sendo arrastado ao cepo da morte. A rigor, o Juiz operava verdadeira busca como escreveria mais tarde:

'No dia em que lá fui para dar busca, tinham conforme elles me disseram – 80 homens bem armados e municiados – em condições portanto superiores a mim que tinha 68 soldados mais ou menos e esses mesmos mal armados'.(Correio Official 1919)

'E deixavam a fazenda seguidos de várias pessoas da mesma família, até certa distância, chegando ao Duro, onde ansiosos, os esperavam o Promotor, Cel. Deocleciano e a guarnição".

Gratidão e alívio despertavam nos familiares pela nova situação. Agora se reuniram tomando um rumo diferente. Adiantava-se o velho falando das suas boas impressões com a convicção de que os rumos da Comissão eram outros. Era responderem ao processo dentro da lei. As provas o inocentariam. Imbuía-se na forja da tentação de depor a guarda dos agregados. Os presentes concordaram.

Na tarde do mesmo dia um positivo, a pedido de Abílio, trouxe os autos que estavam com a viúva para documento da sua sucessão deferida, que determinou fossem levados ao Juiz na Vila, lavrando o Escrivão a posteriori o Auto de Busca e Apreensão, datado de 04.12.18, que foi anexado aos autos do processo criminal pelo Juiz.

Absorto na casa do Buracão, agora Abílio Wolney analisa etapa por etapa o ocorrido. Cofiou os bigodes maliciando a dissimulação. Mandacaru lhe pôs à parte do projeto. Aquilo era uma armadilha institucional. Recordou os apupos na oposição, a subida e a queda, a tribuna e o ostracismo. Mexeu com gente grande e podia plasmar no semblante do magistrado o fantasma dos seus desafetos da Capital. Queria que fosse verdade que poderia responder ao processo como a legislação o garantia. No entanto, a briga era de poder. Os favores da lei era para os amigos. Para os inimigos...

Para Casimiro o Presidente do Estado disse que não concorreria para perseguições políticas. Então havia um clima político? Num átimo, Abílio lembrou-se de Xavier de Almeida, de Totó Caiado, de Eugênio Jardim. Não era só processo. Concluiu no íntimo que se tratava de um estratégia do magistrado.

Agora via o pai embriagar-se de admiração e confiança nas palavras do julgador.

Ainda reboavam as reiteradas afirmações do magistrado na saída – seriam intimados a depor, a se explicarem à justiça sobre as acusações feitas por Manoel de Almeida e Sebastião de Brito, tudo dentro do devido processo legal. Furtava-se nessa arrancada a qualquer desconfiança nos planos do medonho fatídico a se enlçar.

E tudo seria harmonia e paz.

Todavia, recapitulando mentalmente, prorrompia Abílio:

– Conheço os subterrâneos da política, meu pai!

Desguarnecer o *Buracão* é um grande risco. Dispensar os seus homens será um suicídio.

Mas a palavra do Juiz estava comprometida, obrigada por promessa. Era palavra dada, redargüia o Velho.

Altivo, bradava o Cel. Wolney, dando uma ordem: que dissolvessem o aglomerado de homens. Voltariam para a *Vila*!

Vendo na passividade do velho uma temeridade, opinava Abílio ao menos que as famílias se retirassem com as outras na Fazenda *Açude*, fronteira com a Bahia. Dali seria fácil fugir em caso de ataque, mas o velho manteve-se.

Vencido nos argumentos, Abílio idealiza uma alternativa secundária. As armas seriam escondidas no entorno da casa sede na Fazenda *Açude* com o que concordou o pai.

Os quartéis na *Vila* denunciavam o projeto. Vivia no seu tempo, vendo agigantarem-se os Poderes contra si, naquele território sempre esquecido, uma hipótese geográfica. De há muito havia compreendido tudo: *Era brigar ou fugir*, mas agora ainda não.

Na *Vila*, Celso Calmon reuniu os oficiais e rememorou as conversações empreendidas. Os oficiais pediram vênias para considerar as variáveis ou o resultado do acordo. O Governo não aceitaria aquilo, ponderavam a uma só voz.

E então, tudo o que ficou combinado no *Buracão* não vale mais nada. Circunspecto, o Juiz anestesiava-se na consciência e já então muda completamente a direção na estratégia. Não vacilava no labor do resgate enleado na estranha fascinação pelo sucesso planejado.

Mas no *Buracão* os Wolney continuavam certos de que responderiam ao processo em seus termos, conforme combinado, aguardando regular citação para se defenderem por escrito.

Desde 17 de dezembro que o Juiz havia mandado citar Abílio, seu pai e outros para a audiência que se realizaria no dia 21, sob pena de revelia. Já conheciam, portanto, o teor da Denúncia do Promotor Deocleciano com a acusação do crime de desacato e coação à autoridade.

No dia da audiência, 21 de dezembro, conforme combinaram quando da sua visita no dia anterior, lá estavam os advogados Luis Leite Ribeiro e José Francisco de Campos para a defesa dos réus.

Aberta a sessão de audiência, o magistrado indefere a defesa escrita de Abílio e do Pai, apresentada por procuração, determinando peremptoriamente que os acusados viessem pessoalmente a juízo. Agora entendiam os advogados: estava desfeito o acordo entabulado na visita ao *Buracão*.

Sistemáticos, os causídicos de Abílio invocam o direito legal do réus exercerem a contumácia, deixando o processo tramitar à revelia, pois no curso dos autos, a qualquer tempo poderiam se habilitar por escrito. A lei previa que para eles seriam nomeados curadores para a defesa e os próprios advogados os seriam. E pensam: nada de trazer Abílio por aqui. A coisa é mesmo diferente!

Os advogados retornam ao *Buracão* no mesmo dia 21 de dezembro de 1918 e contam o ocorrido *“no intuito de evitar novo encontro com emissários do Juiz, Abílio procurou afastar-se com o velho Cavalcante Wolney, projetando uma caçada de antas para o dia 23, véspera da segunda audiência a que estavam intimados a comparecer”*.

Abílio não é bobo, já fareja qualquer coisa, sabia que se pisasse na *Vila* os soldados o prenderiam e depois o matariam, lavrando Auto de Resistência.

Lá atrás o Juiz avança em seu gabinete no *Sobrado*. Naquele 21 de dezembro, assim que os advogados dos Wolney partiram, Calmon chamou o Promotor Deocleciano orientando-o a pedir, naquele mesmo dia, a prisão preventiva dos Wolney e outros (menos de Rosa Ribeiro Belém, apesar de também figurar entre os denunciados).

Em seguida o Juiz decretou a prisão preventiva sob o fundamento de que os mesmos iam fugir, fazendo constar da sua decisão o

seguinte considerando, *ad litteram*: “sendo o processo e julgamento dos crimes políticos, que interessam aos Estados, da competência da justiça local, porque apesar de revogado o art. 83 da lei nº 221, de 20 de novembro de 1894, a lei de 28 de agosto de 1908 que o revogou, apenas o fez implicitamente nada dizendo a respeito quando o devia fazer como lei interpretativa que é nesse ponto, sendo corrente que desde que não haja a intervenção armada da União, nos casos que interessam aos poderes dos Estados a competência é da justiça local.”²⁰⁴

Em segredo, marca logo nova audiência, agora para o dia 23 de dezembro, mandando fossem intimados os réus para o certame e toma outra providência: Resolve decretar a prisão preventiva do filho e do pai. Ninguém sabe dessa ordem, a não ser os oficiais militares.

Na espécie, nenhum crime imputado em tese era inafiançável, daí porque foi produzida pelo Promotor uma denúncia nos termos para o Juiz formalizar sua ordem, fundamentando na conexão de delitos pelo vínculo de meio e fim, apesar de que o Código de Processo Penal dava o direito aos acusados de responderem em liberdade.

Mas o Juiz quer concluir a empreitada que lhe foi encomendada.

A dissipação dos homens de Abílio seria lenta, talvez nem aconteceria, embora soubesse que o velho Wolney a ordenara. As coisas mudavam rapidamente no balanço das horas.

As ordens de prisões preventivas contra Abílio Wolney, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, Santos Belém, Olympio Belém, Oscar Wolney Leal, José Anísio e Hygino de Tal, os quais se achavam, em sua maioria, na fazenda *Buracão* vai ser cumprida, ou melhor, bem executada.

Na noite do dia 22 de dezembro, o Juiz manda chamar o oficial de justiça Justino Pereira Bento e lhe entrega os mandados, sugerindo-lhe requisitasse a força policial para o cumprimento. Este treme de medo e faz como mandou o Juiz, visto estarem ‘os acusados’ com muita gente na Fazenda.

E no conchavo, o Juiz determinou ao Tenente Brito que, com os Alferes Catulino e Salles e algumas praças, acompanhassem o aludido oficial, um coitado semi-analfabeto dali da *Vila*, a fim de lhe garantir na diligência que ia empreender.

²⁰⁴ Trecho do Acórdão do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás que anulou o processo Celso Calmon desde a Denúncia.

Todo o comando maior entendia a ordem subliminar do magistrado. Ao oficial de justiça cabia ler o mandado e a polícia faria o resto. Ou melhor, a polícia faria tudo, e depois o Oficial de Justiça faria a leitura dos mandados.

Numa ação imediata e oficiosa, organizam a expedição policial para a madrugada do dia 22. Assaltariam de repente. Ninguém mais poderia saber da ordem, que também não deveria ser cumprida à luz do dia.

Tinir de ferros, galopes afoitos, legião de fardas negras como a noite, homens portando *comblains*, pistolas, rifles, fuzis à baioneta calada para estripar. Ninguém tinha idéia do estado de selvageria em meio ao tilintar das armas, augurando aqueles presságios para o romper da aurora.

O Tenente Antônio Seixo de Brito capitaneava a tropa até o *Buracão*. Cinturava um punhal, uma adaga, tauxiados de ouro e pequenas jóias engastadas, relíquias dignas de um oficial. Serviria, caso falhasse sua arma de fogo.

O Batalhão sai estrada afora na madrugada. Descem a sobem a morraria, depois a campina brumosa em cortinas de vapor naquele caliginoso tijuco das alucinações. Chegava a hora truanesca da guerra.

22 de dezembro de 1918, um domingo, antevéspera do Natal. Estrelas ainda cintilavam no zimbório num firmamento madrugadeiro. O Tenente Antônio Seixo de Brito e os Alferes Sales e Catulino lideravam uma frente de trinta praças rumo ao *Buracão*.

Chegaram e se posicionaram atrás dos morros que contornam a Fazenda, na espera do momento para atacarem. Outros já penetraram o canavial da Fazenda, à socapa. Está tudo tomado de meganhas. Espreitam na sobram, na escuridão do fim da noite.

O *Buracão* estava desguarnecido e disso já sabiam os espiões do Juiz há dias, pois os amigos, vaqueiros, agregados, todos haviam sido dispensados pelo Cel. Wolney, diante da conversa do Juiz. Sabiam mesmo que o coronel sairia naquela madrugada para um caçada juntamente com o fiel amigo Antônio Caboclo. E esperam de atalaia.

De repente acontece o que mais queriam: duas montarias avultam na escuridão, rompendo o silêncio aos estalos de relhos. Era o velho Joaquim Aires Cavalcante Wolney que deixava a casa da fazenda em companhia do camarada Antônio Caboclo para uma caçada antecipada, fruto da insistência de Abílio para que saísse da casa, na premonição de qualquer coisa. Na casa da fazenda os familiares que dormiam no aguardo da aurora.

Próximo de uma colina, o camarada do velho desceu, abriu e fechou a porteira da Fazenda. E ambos tomam o caminho afora, mas são logo surpreendidos.

Tiros estalam ao prenúncio do arrebol.

A tropa avançava em definitivo como miragem na escuridão. Soldados, aos magotes.

A burra do coronel deu com os pés violentamente, e sob rédeas e esporas foi impelida a saltar de volta a porteira. No salto, o velho caiu. Levantou torto, caxingando, em desabalada carreira e aos gritos:

– Abílio, soldados!

Dentro do quintal da fazenda já estavam emboscados outros soldados no canavial. Logo que os animais dos dois retornaram ao fecho, os soldados fizeram disparos contra ambos, sendo o velho atingido na região do tórax.

Porradas. Coronhadas. Matam primeiro o capataz Antônio Caboclo.

Na casa grande todos acordavam e pensavam: Era a traição do Juiz.

Baleado, o Cel. Wolney correu justamente para o canavial, caindo fácil nas mãos dos outros algozes, ali de emboscada.

De mãos na cabeça e aos rogos de que não o matassem, dizia estar entregue e desarmado.

Um coice de carabina e uma fissura na testa. Perpetravam terrível flagelação, humilhação e indescritíveis tormentos. Os soldados em algazarra pareciam corvos em cima do velho.

Horríveis padecimentos naquele quadro de angústias em meio a gritos, ais, e ao vozerio rebelde e desvairado dos soldados.

– Abílio me socorre!

E Abílio ouvia... Deduziu imediatamente o que havia acontecido e deixou-se ficar, embora num transe endoidecido.

Foi e voltou no corredor da casa. Avançar era um suicídio.

Salvar-se, gritava-lhe a razão!

Mais tarde diria que não tinha pressa nas coisas, nem em socorrer urgências de amigos. E que ecoava-lhe nos escrínios da mente aqueles gritos. Os ouvia para sempre. Afinal, não pudera acudir o próprio pai nos estertores da morte.

Outra pancada com o coice da carabina no rosto do velhote. Rasgavam-lhe o peito ao golpe de sabres e cortavam-lhe nos braços e nas pernas com facões. Uma, duas, quatorze punhaladas gretavam-lhe o corpo de incisões. Gorgolejava coalhos de sangue a tisar-lhe a barba esfarrapa aos sacolejos do cabo Justiniano Ferraz, do Anspeçada Marcelino Néri, da soldadesca bestializada.

No canavial, singultos incessantes abafaram a voz súplice de Joaquim Wolney, vítima da perversidade alimentada nas ilusões dos que abusam das possibilidades do mundo.

Expirava ao rés do solo umedecido pelo orvalho da noite.

E logo arrastavam o corpo para a busca. Era direito dos fardados tresmalhados à distância do emitente da ordem se apossarem do quinhão amedado. Então pilhavam do casaco de couro do Cel. Wolney os patações, 18 mil réis, dinheiro que ia sendo levadas pelo velho na antecedência dos acontecimentos.

No interior da casa da Fazenda Abílio a essa hora removia-se no instinto de sobrevivência. Era impossível furar o bloqueio, porque a residência estava cercada por todos os lados.

Buscou a estiva de farinha de mandioca na dispensa do casarão, feita de madeira nivelada com plaina, sobreposta, calçada em cunhas de madeira. Tomava quase a metade do compartimento, em condição de se armazenar até 400 quartas. Ali na tulha submergiu-se num dos cantos do quadrado no interior da estiva, depois de ter fechado a porta. Os braços e a cabeça de fora com um rifle surdo engatilhado nas mãos, sobre a farinha. Encantoava-se debaixo da cobertura de tábuas pesadas de pau-d'arco, no lado oposto da abertura da primeira tábua.

Das camas saltavam os viventes no meio do horror. A polícia esmurrava e gritava que abrissem a porta em nome da lei. Os soldados

arrombaram a porta e adentraram a casa, quando muitos já haviam fugido desguaritados.

Dão busca na sala, nos quartos, na cozinha, atingem a dispensa. Catulino manda que um suba até atingir a cobertura da estiva. Carecia vasculhar lá dentro.

Quem sobe é o Sargento Bandeira. Remove a primeira tábua. Tudo escuro nos cantos opostos. Mas vê uma sombra, dois olhos bem fixos e então desce dizendo que não havia ninguém lá dentro.

Bandeira era grato a Abílio, que o recebera outrora na *Vila*, fugido, e depois fez o seu encaminhamento para um emprego na Capital, onde ingressou na polícia.

– Como não tem? Obtemperou o Alferes Catulino e redargüiu ordenando: Olha direito!!

De novo, o Sargento agora chuçava a farinha empurrando de cima para baixo a baioneta, desviando-a das pernas de Abílio, ao tempo em que reiterava que ali não havia ninguém mesmo, descendo em seguida.

Alívio. A soldadesca dissipava-se rápida aos magotes embrenhando-se pelos caminhos que fluíam dos quatro cantos da sede da Fazenda. Vão no faro, na batida.

Abílio Wolney ficou para trás. Saía da tulha de farinha e fugia levando um bocado dela e uma rapadura.

No canavial, desflaldavam os pendões ao vento matinal. A paisagem amortalhada da noite agora clareava as árvores acolhedoras que, pela sua paz ao rumorejar do vento leve, faziam do trecho fúnebre um paradoxo incompreensível.

Abílio martelava na cabeça, a todo instante, a lembrança do sacrifício do pai. Constituíam-lhe envenenado acúleo nos refolhos do ser, alimentando a vindita.

A vida era um constante resgate, estupendo, violento, cruel a precipitar-lhe naquele abismo, a sugerir-lhe certos enganos no percurso.

Uma vasta rede de criminalidade, calúnia, maledicência e morte reboavam como opressão das hostes do poder que um dia galgou, do qual agora já era deposto de Deputado a reputado inimigo.

Era o culpado? Buscava por certo na consciência, no meio daquele suplício. Diante dos seus olhos miseráveis, desenhavam-se os cimos daquela serra alcantilada e selvagem. Indagava de quando se fascinou pelo esplendor daqueles rochedos fulvos sem vistoriar a bruma que os contornam nas madrugadas; o pantanal dos brejos que formam os gerais, por onde agora fugia atolando-se na dolorosa queda.

Auscultava o passado na tela da memória. Rubro de cólera esbravejava expressões ingratas, atascado no lodo corruptor da vingança, carregando um inferno dentro de si.

Na fuga, horas depois chegava às margens do cristalino córrego Palmira. Vai atravessá-lo, mas quê?

Um soldado surge à sua frente, na margem do outro lado.

Num átimo, levou a *winchester* à posição de tiro, mas o soldado levantou as mãos em sinal de paz, ao tempo em que o alertou:

– Deputado Wolney, tome outro caminho. Esta região está toda cercada de soldados!

Estupefato, Abílio ainda indagou: Quem é você?

– Eu sou aquele a quem o senhor deu cinco mil réis em Goiás Velho. Não venha nesta direção!

E salvava-se novamente. Atrolado na percussão mental da revanche, ia naquele pesadelo de sofrimento, envolto na miséria de suas fraquezas diante das *expressões políticas, variando nas suas características de liberdade e de força, detentores da autoridade, senhores da fortuna e da inteligência* que ele também perseguiu, *grandezas efêmeras que perduram apenas por um dia fugaz!*...

Estava posta a toga da falha justiça humana, conjugada com parlamentos e decretos conspirando para a lei da força.

Agora buscava num carreiro a Fazenda *Açude*, em cujo derredor estavam guardadas as armas depostas por ordem do pai, quando da visita do Juiz Calmon. Entretanto, para surpresa, não as encontrou mais onde estavam. O velho as havia retirado, pois desconfiava que o filho viesse a usá-las contra um magistrado.

Era fugir e não retornar.

Na voz molodiosa, canora e melancólica, o boiadeiro tocava o gado a certa distância dali. Naturalmente ignorava os poucos estampidos do fragor. Seriam caçadores?

No *Buracão*, o Tenente Brito reúne os soldados e dá instruções – a uma só voz todos diriam que o velho e o capataz resistiram e chamou o coitado do Oficial de Justiça Justino para a leitura dos mandados de prisão defronte aos cadáveres.

Ademais que o corneteiro da tropa tocasse a trombeta do fim vitorioso da diligência.

Ao meio dia ainda não haviam concluído a lavratura do Auto de Resistência.

No *Sobrado*, o Juiz estava aboletado em seu gabinete. Inquietava-se diante do fato de não terem conseguido o objetivo maior, que era matarem Abílio Wolney, quando entra Manoel de Almeida, indagando com motejo e escondendo os seus temores:

– Qual foi a onça que mataram, a velha ou a nova?

A noite daquele dia foi uma vigília para Celso Calmon que, nervoso, armado com dois revólveres e guardado por seus Oficiais de confiança, mal escondia o medo.

Contudo, se a coisa desandou, nada lhe comprometiam as brechas mentais no remorso ou no arrependimento, hipnotizado pela certeza da ascensão na carreira porvir. Afinal, cogitava, os Wolney eram inimigos do Governo. Eram inimigos da ordem e estava posta a versão da resistência. O seu problema agora era conseguir fugir da *Vila*, o que fará daqui a pouco.

O contingente policial retorna ao *Duro* com os dois corpos numa rede só: o velho e o capataz. Adentram a *Vila* ressumbrando a idéia de que os policiais eram donos da vida e da morte, trazendo presos na retarguarda Wolney Filho, irmão de Abílio, o menor Oscar Wolney Leal e Voltaire Ayres Cavalcante, capturados na casa do *Buracão*. E para justificar a ilegalidade destas prisões, o Delegado de Polícia Joaquim Martins, orientado pelo Juiz, afirmou que os presos estavam de arma na mão, em flagrante. Impossível imaginar arma na mão de uma criatura como Wolneyzinho, que adiante será martirizado.

João Rodrigues de Santana e Benedito Pinto de Cirqueira Póvoa foram ao Juiz Calmon pedir o corpo de Joaquim Wolney para enterrar.

Wolneyzinho, que veio do Rio de Janeiro para as férias da

Faculdade de Medicina, agora velava o pai. Arregimentava a família para velarem o corpo, debaixo de ordem dos Comandantes da Polícia. Aqueceu as mãos no calor da vela de cera, querendo assim realinhar as barbas do pai naquela face destranbelhada pelos golpes.

Um sopapo. O praça perguntou se ele não estava era querendo ficar no lugar do morto.

– Deixa, não temos sequer o direito de sentir! - redargüiu humilde e calou-se chorando à luz bruxuleante do velador.²⁰⁵

À tarde, o poente indicava o rumo do cemitério na Vila com o caixão alceado por poucos parentes sob a vigilância de soldados.

No outro dia era natal.

O Juiz estava inocentado perante o amigos da Capital e a opinião pública.

Foi a polícia quem fez, não honrando a farda que usa! A ordem era só de prisão. Senhoreava indebitamente os recursos do estágio humano de poder. Ao invés de autuar os seus policiais, Celso Calmon louvou-se no “*auto de resistência e no ofício do comandante da força, e nas palavra dos Senhores Alferes Catulino e Salles, uma vez que não haviam provas em contrário, ao que por essa forma lhe era afirmado*”, como observou em seu relatório posteriormente ao Governo.²⁰⁶

No processo, as testemunhas já estavam inquiridas. Um único réu interrogado – o menor Oscar Wolney Leal, também o único que tinha defesa escrita e aceita pelo Juiz nos autos, via curador. Resolveu o Juiz, então, com interpretação própria, adiantar o que chamou *despacho de pronúncia* de todos os réus denunciados pelo Promotor, menos Rosa Ribeiro Belém, por não achar provada a sua criminalidade no artigo em que foi denunciada.

A muito custo soltaram Voltaire Cavalcante.

Uma frente de policiais tomavam agora a direção da Fazenda Açude no encalço de Abílio Wolney, que a essa altura havia subido as escarpas da serra, ganhado o território da Bahia. Foi encontrar-se com os amigos poderosos envidando forças para a vindita e o resgate do seu povo.

²⁰⁵ Esta versão ouvi de Francisco da Costa Ribeiro.

²⁰⁶ Relatório do Juiz Celso Calmon ao Governo do Estado.

Alcança comunicação com Abílio Rodrigues de Araújo. O xará, conhecido por Abílio Batata, tinha sob seu comando alguns braçais, homens simples do tempo da exploração da maniçoba, árvoreta da qual se extraiu no passado o látex, para produzir borracha, que era de segunda classe. Uma espécie de mandioca brava. Com a descoberta da produção em grande quantidade de látex nas seringueiras do Pará, a borracha da maniçoba ficou sem valor, mormente pela pouca quantidade que produzia, daí porque Batata passou a empregar a mão-de-obra dos seus homens sem serviço nas refregas do sertão nordestino ou por aí, onde a lei pôs o seu império de sangue.

Contata com Roberto Dorado, arregimentador de cangaceiros no seu posto no Jalapão.²⁰⁷

Era rumar com os bandoleiros para *São José do Duro*, contratado por mil bois e o direito de pilhar os vencidos no combate.

Eles virão para a guerrilha...

No *Duro*, o Juiz dá impulso ao processo contra os Wolney. Um estava morto, extinguiu-se-lhe a punibilidade. Auto de Resistência bem lavrado. O outro, foragido da Justiça, decidia o magistrado, dando formalidade ao processado. Mas não foram sequer intimados para a defesa. Isso já não importa!

No papel era a lei. O ex-deputado era mais que subversivo perante a ordem, representava a possibilidade de assumir a interventoria do Estado com qualquer ordem vinda da Capital da República.

Calmon estava há três meses em *São José do Duro*.

Mas agora, percebendo os rumos que tomaram a sua Comissão, deixou o processo sigiloso pela metade e retirou-se na companhia de um oficial e dez soldados.

E fugia acovardado o poluto magistrado, à socapa e na madrugada, uma semana após ter sido executado o Cel. Wolney.

Palavras escritas do próprio Juiz Celso Calmon:

‘É bom dizer que trazendo eu dinheiro da Coletoria do Duro, que dava apenas para a viagem pelo Peixe, o coronel Deocleciano pôs à minha disposição a quantia de dois contos de réis para me auxiliar na viagem pelo Pará’.

²⁰⁷ Hoje, a bela região do Estado do Tocantins.

E conclui dizendo: o Promotor foi o *'auxiliar exemplaríssimo que eu tive em tudo'*.²⁰⁸

O Escrivão Guilherme Ferreira Coelho, que em seu livro a todo tempo homenageia e justifica as atitudes do Juiz Calmom, seu Chefe, narra que *'fechado o processo, já em fins de dezembro, nada mais tínhamos a fazer, nada mais justificava nossa presença ali, a não ser o preparo da volta, já delongada. Chuvas torrenciais caíam naquela região. Regressar pelo sertão seria tornar a viagem penosíssima. Alcançar a cidade de Barreiras, na Bahia, descermos o Rio Grande e depois subir o São Francisco, até Pirapora, seria jogar muitas vezes a vida, pois, os indiciados, que escaparam à prisão preventiva, procuraram essas regiões, onde contavam com elementos suficientes para nos eliminar, caso tomássemos essa direção'*.

E arremata:

'A primeiro de janeiro de um mil novecentos e dezenove, após todas as providências necessárias, cabíveis e possíveis ao Juiz comissionado, partimos de São José do Duro, como era nosso hábito de viajar, antes de clarear, motivo por que dizem que saímos dali às escondidas e, a prevalecer esta circunstância, às escondidas também, teríamos saído de muitas outras localidades, quando o amanhecer já nos via em marcha. (...) Saibam, quando comissionado um magistrado, para determinado fim, numa circunscrição judiciária, terminada sua missão, resta-lhe, apenas, dar conta de seu desempenho. Foi o que aconteceu'.²⁰⁹

Mas infelizmente não foi isso que aconteceu. Os autos do processo ficaram na fase intermediária de pronúncia e a única sentença que nele houve foi o Acórdão do Tribunal do Estado para anulá-lo desde o início, sendo depois proferida a decisão final na Justiça Federal em Goiás Velho, ordenando o seu arquivamento por prescrição, conforme peças integralmente transcritas no nosso livro *O Barulho e os Mártires*.

Antes de sair, porém, disse o Juiz ter retirado do Tenente Brito o comando da força, *"devido a umas irregularidades praticadas por esse oficial, segundo fui informado e pedi ao Governo a nomeação do Alferes Catulino Antônio Viegas para Delegado, em Comissão, no Duro. Ao Alferes Catulino, confiou o réu Oscar Wolney Leal, o qual ficaria preso em um quarto da casa em que ficava esse oficial, até o seu regresso à capital, onde, seria o aludido preso*

²⁰⁸ Texto extraído do Relatório do Juiz Celso Calmon, antes citado, constante do livro *Expedição Histórica nos Sertões de Goiás*, antes referido.

²⁰⁹ Do livro *Expedição Histórica nos Sertões de Goiás*.

*recolhido à prisão competente, visto não existir no Duro cadeia que oferecesse conforto e segurança.”*²¹⁰

Em Natividade, Calmon bola um novo plano na retirada, confidenciando com o seu Promotor Deocleciano. Seguiria pelo rumo do Pará. Ordena que o Alferes Avelino, o Sargento Alcides e os nove praças do contingente sigam para o rumo do Peixe, onde aguardariam segunda ordem à distância a fim de seguirem para Goiás Velho, sem maiores explicações. Os seus guarda-costas estranharam sobremaneira, pois Calmon alegou compromissos inadiáveis em Goiás Velho e por certo viria atrás.

Todavia, o Juiz e o Escrivão seguiriam por Porto Nacional, *“cidade assentada sobre um trono de granito, banhando os seus pés nas águas do caudaloso rio Tocantins”*. Ali chegaram no dia 16 de janeiro de 1919, dia em que, lá trás, no Duro, se iniciava o combate.

No caminho de Natividade para Porto Nacional, diz o Juiz que teve ocasião de ouvir algumas informações acerca do desaparecimento de um dinheiro que consigo trazia Joaquim Wolney, *“fato esse que, conquanto veladamente, já me tinha chegado ao conhecimento no Duro e sobre o qual havia eu providenciado sem ter até então colhido resultado algum. Diante disso oficiêi ao Tenente Britto”*. Também disse ter oficiado de Porto Nacional em 15 de janeiro de 1919 ao Alferes Catulino, *“ofício este que foi motivado por notícias que igualmente obtive em caminho a respeito de certos abusos que diziam estar cometendo a força que no Duro ficava para que V. Excia. veja que era impossível tomar-se mais providências com relação à boa ordem naquele lugar, do que as que tomei. Sobre esses fatos, que poderei eu dizer? Certamente nada porque ali não me achava e nenhum crédito posso dar às notícias insertas em jornais do Rio, oriundas provavelmente de fontes suspeitas”*.²¹¹

Dali desceram o rio Tocantins até Boa Vista e Pedro Afonso, na confluência do Rio do Sono, na direção de Bela Vista, hoje Tocantinópolis, onde fizeram a passagem para Porto Franco, no Estado do Maranhão, chegando a São Luiz, onde o magistrado teve *notícia* pelo jornal *“Pacotilha”*, sobre o caso do Duro, telegrafando mais uma vez para o Presidente do Estado, Des. João Alves de Castro.

Embarcando em São Luiz, a bordo do paquete *“Brasil”*, passou em sua terra natal Vitória, no Espírito Santo, indo encontrar-se com seu pai. Ainda pelo litoral, chegou ao Rio de Janeiro, para umas férias, mas antes foi encontrar-se com o Des. João Alves de Castro, ali também de férias, quando foi

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Relatório Celso Calmon, idem.

exprobrado, diante das denúncias veiculadas na imprensa, através da qual também tentou se explicar, dizendo que, sobre o assassinato e roubo perpetrado contra o velho Wolney, estava sendo investigado e que, sobre a *Chacina*, a polícia não honrou a farda etc.

Aproveitando o ensejo, Calmon foi também tentar conferenciar com o Presidente da República e o Ministro da Justiça, expondo o seu procedimento e arrematando com o seu ar peculiar:

“Jamais pensei que uma Comissão calcada em fins tão nobres, tão cheia de sentimentos de justiça, de equidade, de respeito à Lei, tivesse tão malfadado epílogo. É verdade que ainda não estão apurados os fatos extra-processo, mas alguma coisa de anormal pareceu ter pairado sobre a vida bonançosa de Goiás, para lhe roubar a tranquilidade que vinha gozando através de sua estabilidade político-administrativa. Goiás já vai descendo as suas proporções, já vai perdendo nos bastidores da calúnia, da infâmia, para não mais se apresentar aos olhos da Nação com o rótulo com que a procurou impressionar. E, como haviam semelhantes fatos de impelir o Estado de Goiás para a rua da amargura, de arrastar o nome de seu gestor Desembargador João Alves de Castro e dos seus dirigentes políticos para os rigores da censura pública, quando esses fatos que se apontam e a imprensa, servindo bem aos seus patrões, pinta com cores de arrepiar todo o mundo, são fatos perfeitamente apuráveis e puníveis dentro das regulares normas de um processo. Um pouquinho mais de paciência e a verdade de tudo há de aparecer à luz meridiana de todas as consciências”.

Enquanto isso, no *Duro*, o Juiz Manoel de Almeida, o Coletor Britto Guimarães, o Escrivão José Hermano, o 1^a Tenente Antônio Seixo de Britto e 2^{as} Tenentes Catulino Viegas e Ulysses de Almeida se reúnem e lançam em telegrama que foram pronunciados pelo Dr. Celso Calmon os responsáveis pelo atentado de 16 de maio de 1918. No ato de serem presos, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney, e o jagunço Antônio Caboclo, resistiram, sendo mortos.

Na *Vila*, ficaram a postos nos quartéis o Tenente Antônio Seixo de Brito, os Alferes Catulino Antônio Viegas, José Francisco de Sales e Ulisses de Almeida, comandantes militares primários, grosseiros, alguns analfabetos e os soldados tão perigosos quanto os jagunços.

O Coletor e o Juiz Municipal, de há muito reintegrados nas palavras de Calmon, guiavam outros dois quartéis e já agora envidavam esforços, com a ajuda do Escrivão da Coletoria José Hermano e seu irmão Leopoldo, mais Serafim de Brito e o Delegado Municipal Joaquim Martins Resende, para reunir jagunços que aceitassem as funções de soldado, pois Abílio escapou, mas voltaria para vingar a morte do pai.

Meses de assalto nos bens, nas propriedades, no gado matado para alimentar a soldadesca e os jagunços agregados a ela.

A ordem era capturar Abílio Wolney vivo ou morto. Como é que ‘os *milicianos*’ retornariam à Capital se até agora nada obtiveram no sucesso da missão maior?

Processo formal não valia mais nada nessa altura dos acontecimentos. ...”

ANEXO

CÓPIA DOS ORIGINAIS DO RELATÓRIO AO MINISTRO DA GUERRA

Ilustríssimo senhor general Ministro da Guerra — Designado por Vossa Excellencia para exercer o cargo de chefe do estado-maior da expedição que marcharia para a cidade de Barrreiras, visando uma possível intervenção no Estado de Goyaz, recebi ao mesmo tempo a incumbencia de proceder á rigorosa e imparcial syndicancia sobre acontecimentos que levavam o Governo daquelle Estado a solicitar a intervenção do Poder Executivo da União. Autorizado por Vossa Excellencia tomava como auxiliar um official do Estado-Maior do Exercito, o primeiro tenente Valentin Benicio da Silva. A cinco de fevereiro recebiamos ás primeiras instruções verbaes e lançavamo-nos em busca dos elementos que o desempenho da dupla missão exigia. Nesta capital falleciam quasi por completo os elementos procurados. Mappas e cartas fornecidos pelo gabinete de Vossa Excellencia e pelo Estado-Maior do Exercito eram as unicas fontes de informações sobre a geographia das regiões que iríamos percorrer; e essas eram quasi mudas, a par dos esclarecimentos que urgia obter. Com respeito a Abilio Wolney, o então indigitado bandoleiro do Norte Goyano, algumas informações que, aliás, não condiziam com a feição que lhe era attribuida em telegrammas do Gbverno de Goyaz, estampados na imprensa carioca. E assim, com esses parcissimos elementos, puzamosenos a caminho, a oito do mesmo mez, para a capital da Bahia, onde transmittiríamos ao excellentíssimo senhor general João Emydio Ramalho, inspector da terceira região, ordens verbaes reservadas que Vossa Excellencia nos confiava e onde esperavamos poder colher mais abundantes dados sobre as regiões que iríamos visitar e sobre as gentes com quem iríamos tratar. A onze do referido mez aportavamos a cidade de São Salvador. Ahi continuamos a faina encetada nesta Capital. Do estado-maior da terceira região e do Instituto Historico e Geographico da Bahia obtinhamos alguns detalhes, raros e por vezes contradictorios, referentes ás regiões oeste bahiano e norte-goyano.

Robusteciam-se, porém, as informações optimistas sobre o pessoal apontado como subversor da ordem nesta região. Pessoas que viajavam pelo S. Francisco e seus afluentes da margem esquerda e que estavam por vezes em contacto intimo com os homens do sertão goyano do norte, apontavam a familia Wolney como a mais laboriosa daquellas paragens e a menos capaz de revolucionar a região. As primeiras noticias sobre os successos lá desenrolados eram confirmadas a negras cores e a opinião unanime fazia pender a balança em favor dos trucidados pela policia goyana. A excursão que iamnos fazer, era, porém, pintada como uma nova Odisséa. Os meios de transporte eram difficillimos, havia desertos a atravessar, perigosissimos desfiladeiros a transpor. Entretanto, a par dessas, colhiamos informações mais auspici-

340

280

Quinta-feira 10

CONGRESSO NACIONAL

Julho de 1910

cias, a que davamos maior credito e que descreviam a tarefa mais pesada da que a, qm em geral se apressava. Havia, porém, um obstáculo inegável e de grande vulto — a enorme cheia do magesmo S. Francisco. O rio ameaçava assustadoramente as cidades ribeirinhas e a Empresa de Viação Fluvial do São Francisco, unico recurso de salvação das povoações ameaçadas, não contava elementos para effectuar o transporte das tropas da terceira região que seriam concentradas em Barreiras e ao mesmo tempo atender as victimas da inundação que vinha varrendo as margens da larga via de comunicação. Essas razões e as já referidas quanto ás auspiciosas notícias que iam colhendo com respeito aos successos de que fora theatro a Villa de São José do Duro, levaram-nos a dirigir a V. Ex. um telegramma assim concebido: «Informações colhidas vinham outras aqui recebidas pessoas fidedignas parece indicarem ser desnecessario enviar columna militar São José Duro. Ditem disposições, pessoal lá reunido, não sendo hostis representantes Governo Federal. Além disso condições viagem em más embarcações, falta recursos para grande tropa e sobre palustre reinante longo São Francisco e affluentes, tornam difficil concentrar forças Barreiras. Tpmo, por isso, liberdade pedir vossa autorização seguir até Barreiras e mesmo até Duro, com tenente Benício e si necessario dali para diante. Penso cumprirei assim vossas instruções verbas sem despesas e com economia tropa. E' essa também opinião senhor general Ramalho, Saudapóez». Dous dias depois viamos atendidas com prizer nossas ponderações, pois V. Ex. resolveu fazer seguir para Barreiras um dos batalhões do decimo primeiro regimento de infantaria e para Joazeiro o quadragessimo primeiro batalhão de caçadores. Ao mesmo tempo recebiamos ordem de acompanhar o batalhão que marcharia para Barreiras e dali em diante cumprir as instruções verbas que receberamos de V. Ex. Com taes disposições a columna não comportava mais um estado maior como o que existia a primeira projectada e o nosso papel ficava limitado á syndicação dos factos occorridos no extremo norte de Goyaz. Não obstante prestamos auxilio aos trabalhos de transporte do batalhão para Joazeiro e dali para Barreiras, ao estacionamento da tropa nessa localidade, ao abastecimento em marcha e no estacionamento, etc. Avolumavam-se, porém, mais e mais as noticias relativas a cheia do São Francisco. Em virtude dellas e por ser facil o transporte do quadragessimo primeiro de caçadores de seu quartel em Aracajá para Joazeiro e difficilissimo o estacionamento nessa ultima cidade que nos diziam ameaçada pela invasão das aguas, enviamos a V. Ex. um despacho telegraphico em data de quinze de fevereiro: «Trigessimo primeiro batalhão prompto marchar esperando apenas vapores occupados soccorrer victimas enchente S. Francisco. Julgo meu dever informar-vos Joazeiro ameaçada inundação, poderá trazer graves inconvenientes quadragessimo primeiro de caçadores essa localidade distante apenas vinte e quatro horas Aracajá. No dia dezoito as sete horas da manhã, marchamos com o trigessimo primeiro batalhão de infantaria em combato da Chemin de Fer de l'Etat Brésilien para a cidade de Joazeiro. Ahi chegamos as vinte horas do dia seguinte. Puzemo-nos logo em campo para a organização do transporte para Barreiras em vapores da Viação Fluvial.

Foi-nos então, apresentado o seguinte telegramma:

«Antonio Evangelista Pereira e Mello, Inspector Viação Maritima e Fluvial — Joazeiro — Official — Rio, dezeto, dez. deznoze — Governo resolveu hontem, por proposta conjuncta dos Ministros da Guerra e da Marinha, que o transporte de forças somente se faça quando não houver naves de guerra em serviço. A fim de evitar a salvação populacão marítima, o governo resolveu, por esse meio, que o serviço de marítario mais urgente do que o outro. Nesse sentido, não deve ser entendida requisição navios recentemente feita. Devido dar publicidade esta deliberação que foi transmittida pelo senhor general Cardoso de Aguiar ao general Ramalho, com o fim de evitar a salvação populacão marítima, ajuizo dessa autoridade se fará transporte gradativo da tropa por navios que necessitam navios por menos urgente para socorro populacão ribeirinha victimada pelas inundações. » (Assignado) Affonso de Mello Franco, Ministro Viação.

Já haviamos nós verificado Não ser excessageradas ás apprehensões relativas á cheia do rio. No porto de Joazeiro as aguas subiam a vinte centimetros em vinte e quatro horas e já fava subir um metro e quarenta centimetros para a cidade ser inundada. Em virtude do telegramma official que nos foi apresentado pelo senhor inspector da Viação Maritima e Fluvial, declaramos-lhe que o transporte do batalhão dependia entao dos recursos que elle pudesse dispensar. Podia ceder os navios que julgasse preaciveis e mesmo angustiar cedez, si assim o entendesse. Em sua companhia ve-

rificamos que os vapores *Matta-Machado*, *Joazeiro*, *Engenheiro Halfeld* e uma chata seriam sufficientes para o transporte do batalhão á cidade de Barreiras.

Julgou elle desnecessarios esses vapores ao socorro das povoações ameaçadas ou já inundadas. Só então resolvemos marchar com o batalhão para aquella cidade do extremo oeste bahiano e que levamos ao conhecimento de vossa excellencia, em telegramma de vinte e um. Nesse dia partimos para Barreiras, onde chegamos com a primeira companhia e o estado-maior do batalhão ás cinco horas e trinta minutos do dia vinte e oito. A duas de março chegavam áquelle porto do Rio Grande as duas outras companhias do batalhão, que eram transportadas no *Joazeiro* e no *Engenheiro Halfeld*, vapores de marcha mais lentos do que o *Matta-Machado*. Estacionado o batalhão á margem esquerda do Rio Grande, em frente á cidade de Barreiras, proseguimos nas syndicações que nos cabia fazer sobre os successos do Duro. E é o que procuraremos descrever com fidelidade e laconismo.

O desdobramento da missão que nos foi confiada e a posterior supressão dos trabalhos do estado maior que nos caberiam, desobrigam-nos e fazer aqui referencia a estes ultimos. Entretanto, coordenaremos com menas urgencia os elementos colhidos para este trabalho e apresentaremos ao do Estado Maior do Exercito dados estatísticos colhidos durante a viagem, informações sobre recursos das povoações atravessadas e meios de transporte, levantamento expedido executado em marcha pelas regiões como enchidas do extremo oeste bahiano e pelo nordeste de Goyaz, etc.

O presente relatório dirá apenas sobre os acontecimentos que levaram a perturbação da ordem ao sertão goyano. Será a synthese do inquerito a que procedemos sob a forma de palestra com os habitantes da região, unico meio de conseguir, captando-lhes a confiança, as informações procuradas. Outra parte de capital importancia, foi a abundante correspondencia epistolar colhida na região. Na pressa da fuga a correspondencia era ahogada discrecionalmente e mais tarde colhida pelos que primeiro regressavam. Dessa correspondencia, de documentos escriptos que nos foram fornecidos, resumo de palestras entrelidas com os habitantes de Goyaz e dos depoimentos verbas que nos foram repellidos por escripto pelo senhor doutor Mandacaré Araújo e coronel Abílio Wolney, de tudo isso juntamos copia ao presente relatório.

E como seria longo e fastidioso fazer desses documentos a postura completa, juntamos um numero a cada tomo da maior realce e a elles iremos fazendo referencias no correr da discrição. Podiamos abandonar taes documentos; preferimos, porém, juntar-os a este relatório, no intuito de provar a authenticidade das fontes em que nos inspiramos e a imparcialidade com que procedemos captando informações entre suspeitos e inespertos na questão alvejada, entre amigos dos que nella foram parte salient. Pensamos, assim procedendo, dar cabal desempenho á missão de confiança, com que vossa excellencia nos honrou. Successos de S. José do Duro, I. A familia Wolney. As origens remotas da questão. Abílio Wolney é filho de Joaquim Ayres Cavalcante Wolney e dona Maria Jovita Leal Wolney. Seu pae, descendente da familia bahiana, tornou-se, por sua vida laboriosa e emprehendedora, o mais opulento lavrador e o maior criador de bois do nordeste goyano. Suas fazendas contam-se em numero de quinze: Succupira, Porto Franco, Zelana, Baracão, Aquide e Duro, no municipio de S. José do Duro; Morro Branco, Colonia, Monte Alegre, Cabeceira Verde, Barreiros dos Timbós, Caybal, Fundão, Jardim e Theretina, no municipio de Santa Maria de Taguatinga. Nellas, a par da agricultura explorada na região, faz-se grande criação de gado bovino, que abastece a propria zona e principalmente o Estado da Bahia. E, avaliado em dezesseis mil o numero de rezes de propriedade de Joaquim Ayres Cavalcante Wolney. Traços da operosidade deste velho sertanejo fazem-se noiar não apenas em suas propriedades como também ao longo dos caminhos que o visitante percorre. Em suas fazendas a industria agricola da região tem já um certo cunho de adiantamento que não se encontra nas outras. Nellas se produz tudo que os habitantes e necessidades do sertão exigem, de sorte que seu proprietario, além de dispensar o consumo dos outros productos da zona, tornou-se-lhes grande fornecedor. Vallados limitando propriedades, grandes e solidos curraes, encanamentos de agua para labores agricolas e domesticos encontram-se exclusivamente em suas fazendas. A maior ponte, que atravessamos e a maior que ha pela região, uma ponte de madeira com quarenta e tres metros de comprimento e cinco de largura, sobre o rio da Ponte, no municipio de Duro, é obra exclusivamente sua e de seu filho Abílio. O mais curto caminho entre essa villa e a cidade de Barreiras no Estado da Bahia, foi por elle aberto. Ao longo della encontram-se vestigios do seu trabalho nos roçados da mata, nas cortas da rocha que impedia o transito. Por elle Cavalcante Wolney, unico exemplo em Goyaz, fazia marchar seus carros de boia

Quinta-feira 10

CONGRESSO NACIONAL

Julho de 1919 731

até a cidade baiana. Uma estrada de acampamento que ligava Duro a Barreiras, cujo intercâmbio com os povos Woinys posto em pratica. Da narrativa de seus hábitos conseguimos concluir que era arrogante e orgulhoso, de uma arrogância o orgulho que lhe vinham da capacidade empreendedora pouco common na região. Uma accusação, aliás grave, que contra elle ouvimos, foi mais tarde por varias testemunhas demonstrada calumniosa. Dizia-se (numero um, pagina quarenta e duas) que Cavalcante Wolney, além de outros assassinados, praticára o de um moço cujo nome não era declinado. Outros depoimentos comprovam ser inexacta a accusação e que o referido moço, sobrinho do accusado, fôra morto quando tentava cohiar a vida de seu tio. Por esse facto Cavalcante Wolney foi impronunciado pela justiça que reconheceu a legitima defesa (numero dois pagina duzentos e um). Ao tempo em que se desenrolaram os acontecimentos que enluraram esse tracio do sertão goyano Abílio Wolney acompanhava seu pae nos trabalhos agricolas e pastoris. Ao genio empreendedor, porém inepto, do velho juntava-se o espirito não menos empreendedor, mas já illuminado por certo cultivo intellectual e pelo conhecimento de meios adiantados, de que era ornado o moço. Antes de se dedicar aos trabalhos do sertão Abílio Wolney militara, na direcção politica e administrativa de seu Estado natal. E dessa época vem o germen dos acontecimentos que levaram o luto a sua familia e ás da seus amigos. Em mil oitocentos noventa e cinco o moço sertanejo que então contava apenas vinte annos de idade, era eleito Deputado estadual e embeinhava-se nas lutas politicas de sua terra e fazia amizade com homens que ainda hoje militam nos partidos que se degradam em Goyaz (numero tres, pagina quarenta e seis). Em mil novecentos e sete, novamente eleito Deputado, suas relações politicas com o Sr. Dr. João Alves de Castro transformam-se, por motivos privados, em fortes laços de amizade pessoal (numero quatro, pagina quarenta e cinco). Em mil novecentos e oito, porém, interesses politicos divorciaram os dous correligionarios, cujos laços de amizade pessoal resistem por algum tempo a divergencia partidária (numero cinco, pagina). O anno seguinte assignala-se pela revolução triumphante chefiada pelo doutor Leopoldo de Bulhões e com ella se achia Abílio Wolney em plena actividade. Novos acontecimentos politicos afastam da situação dominante os doutores Luiz Gonzaga Jayme e Antonio Ramos Calado e o coronel Eugenio R. Jardim. Com elles entra na opposição Abílio Wolney (numero seis, pagina quarenta e cinco). Mais tarde entra na administração publica como auxiliar da Inspectoria Agrícola (numero sete, pagina quarenta e sete) e como politico, tem lugar saliente nas fileiras opposicionistas, onde combate como jornalista, director e depois proprietario do *Estado de Goyaz* (numero oito, pagina quarenta e sete). Mais uma vez Deputado estadual chega a ser *leader* da Camara, situação politica em que é mantido por seus pares em um periodo de tres annos. E, nesse tempo, a imprensa de sua terra lee-lhe os mais francos elogios (numero doze, pagina cincoenta e nove). E é exacto: não nesta época que uma divergencia entre o doutor Antonio Ramos Calado e o Senador Gonzaga Jayme dá origem á luta que se travou pela imprensa entre o primeiro desses chefes politicos e o moço Deputado Abílio Wolney. E' o marco inicial da inimizade que divorciou profundamente os dous antagonistas. E assim decorrem tres annos de combate pela imprensa, nas fileiras da opposição ao governo dominante em seu estado. Desiludido talvez das lutas partidarias volta para o sertão e torna-se lavrador (numero nove, pagina quarenta e sete). Não o abandonam ali os odios politicos nascidos na capital (numero dez, pagina quarenta e sete e numero onze pagina cento e cincoenta). Com elles fazem alliança as mesquinhas da politica do sertão. As autoridades locais, adversarias de Abílio, pois elle acaba de militar na opposição, cream-lhe todos os embaraços. Seus amigos não são alistados como eleitores; firmas de Wolney, de parentes e amigos seus, não são reconhecidas; requerimentos por elles apresentados não conseguem despacho (numero treze, pagina quarenta e sete). E a pressão chega a tal ponto que a Abílio Wolney e a seus amigos é recusado o direito de ligar suas filhas pelos laços do matrimonio. Uma filha de Abílio está ainda hoje casada apenas pela igreja, pois o juiz districtal, a conselho dos chefes politicos locais, recusa-se a effectuar o casamento civil (numero treze A, pagina duzentos e trinta e seis). E é mesmo facto se observa com outra moça da villa, filha de um seu amigo. E nem assim a attitudde hostil de seus inimigos consegue remover-o do proposito de fugir á luta partidária e dedicar-se exclusivamente á lavoura, esperando ser esquecido por seus adversarios (numero quatorze, pagina quarenta e sete). Chegou, porém, um momento em que a calma do homem ponderado e reflectido sentiu-se profundamente abalada. A vinte e nove de janeiro de mil novecentos

e nove de janeiro de mil novecentos e nove, no era assassinado o pequeno commerciante Vicente Bethlen, amigo da familia Wolney. Diz-se que o moço do crime foi o roubo e que um dos assassinos, José Nunes Vianna, dirigiu-se á fazenda do juiz municipal Manoel de Almeida, chefe da facção politica situacionista, expoz-lhe o ocorrido e, em lugar de ser preso por aquella autoridade, recebe della um guia que o conduz para a cidade de Palma (numero quinze, pagina quarenta e nove). E, como era de esperar, os criminosos ficaram impunes (numero dezesseis, pagina quarenta e nove). A viuva dona Rosa Ribeiro Bethlen procede a inventario dos bens deixados por seu marido. Entretanto as autoridades locais, collector Sebastião de Brito e escriptão Aristoteles Leal, cream-lhe embaraços e declaram-lhe positivamente que haviam de persegui-la e arrebatá-lhe os bens por ter sido seu marido amigo da familia Wolney. Urgia, pois, que Abílio tornasse a pello a causa da viuva de seu falecido amigo. E foi o que fez conseguindo uma procuração para proceder a inventario (numero dezesseite, pagina quarenta e nove). Não era mais possivel recorrer aos meios legais, pois as autoridades fugiam ao cumprimento dos mais rudimentares deveres, como ficou já demonstrado. A Abílio Wolney restava um unico e extremo recurso — a violencia. E foi a arma que lançou mão. Estava assim attingido o desideratum dos seus inimigos. O juiz Manoel de Almeida e o collector Sebastião de Brito, especialmente este, não acceitavam a descriptão de bens apresentada pela viuva e por seu procurador Abílio Wolney. A este afigurava-se que o intento das referidas autoridades era despojar sua protegida do pequeno pecúlio que lhe deixára o marido e isto tão somente por ter sido Bethlen seu amigo. Arrastado por essa attitudde de seus inimigos, Abílio Wolney, no dia dezesseis de maio de mil novecentos e dez, munido de procuração que lhe passara a viuva Bethlen e acompanhado de parentes della, apresentou-se na sala de audiencias do juiz Manoel José de Almeida. Não era sem duvida pacifica a sua attitudde. Ia praticar actos de violencia contra as autoridades locais e da responsabilidade que lhe adviria desse modo de proceder não fugiria nem fugiu, como mais adiante se ha de verificar. Os topicos dos documentos designados pelos numeros dezolito, dezennove, vinte e vinte e um, uns favoráveis a Abílio, outros desfavoráveis, e a descriptão que nos foi feita por diversas pessoas, permitem reconstituir com bastante fidelidade o que então se passou. Abílio Wolney, armado e acompanhado de capangas, parentes da viuva Bethlen, comparece á residência do juiz Almeida e intima-o a dar despacho a requerimentos que haviam sido apresentados o a julgar o inventario nas condições por elle desejadas. O juiz, embora estivesse também armado, sente-se sem forças para reagir, e, com o escriptão resolveu acceder ás imposições de Abílio. Nesse interim, avisado do que se passava em casa de seu amigo Almeida, corre a ella o collector Sebastião de Brito, também armado e disposto a proceder com violencia. Abílio trava-lhe o braço e subjugou-o. A mesma casa chegam também outras pessoas, amigos de Abílio, entre ellas seu pae Cavalcante Wolney. Trava-se então forte discussão entre os presenles, arrancam-se revólveres, trocam-se ameaças violentas. E o incidente termina com a victoria de Abílio e seus amigos, mais numerosos e mais energicos. Segue-se então longa série de combates em que se unem os inimigos da familia Wolney. Adversarios da vespera dão-se as mãos na campanha de aniquilamento de Abílio, de seu pae, de seus parentes e amigos. As autoridades descalçadas juntam-se pessoas estranhas ao incidente, e, entre ellas, como mentor intellectual, surge a figura de José Hermano, individuo intrigante e falso e, por isso, mal conceituado na região. A conselho deste o desamento toma a forma de deposição de autoridades. Estas dizem-se depostas e abandonam seus cargos (numero vinte e dous, pagina quarenta e nove). E assim pintado a negras cores o incidente é comunicado aos politicos situacionistas em telegramma urdido com o mais flagrante machiavelismo. Uma carta de José Hermano a Sebastião de Brito (numero vinte e tres, paginas sessenta e nove e setenta e um) é o documento mais cabal da perfidia com que agiam os inimigos de Abílio sob a inspiração de Hermano. Nella se lê o telegramma em que o incidente, adulterado e exagerado, é narrado nos seguintes termos ao Senador Eugenio Jardim: «Duro, dezesseite, cinco, novecentos e dezolito. Coronel Eugenio Jardim, Senador Federal, Rio. Hoje Abílio Wolney gritando ter deixado a enxada pela carabina invadiu esta villa hora audiencia juiz municipal acompanhado turma bandidos nos fez prisioneiros obrigando-os praticar actos illegaes prejudiciaes ao Estado apontando nossas cabeças armas emmalacis roubou autos prometteu nos assassinar caso protestassemos continua augmentando grupo malfeitores anullar qualquer accção justiça. População alarmada».

72 Quinta-feira 10 JORNAL AGRICOLA JUNHO DE 1937

mada pedunas energias providências garantindo autoridades agraciadas e ameadas. F... juiz municipal. F... tabelião ad hoc. F... collector estadual. Preparada assim a farsa não tardam a unir-se aos sertãozinhos inimigos da família Wolney, adversários que Abílio adquirira em sua vida política (Número vinte e quatro, página setenta e três) e o próprio governo do Estado. Um emissário enviado à capital do Estado não logra ser atendido pelo Governo (Número vinte e cinco, página cinquenta e um) e Abílio Wolney, seu pai e outras pessoas envolvidas no incidente ocorrido na sala de audiências do juiz Almeida vão ser processados.

A Comissão Celso Calmon — II — Em julho de mil novecentos e dezeto, o Governo do Estado nomeia em comissão na villa de São José do Duro o juiz da comarca de Pouso Alto doutor Celso Calmon Nogueira da Gama. Para a mesma comissão é nomeado promotor publico e agrimen-sor Mandacaru Araújo. A ella acompanha uma força da policia estadual. A cumplicidade do Governo do Estado nos acontecimentos que se vão desenrolar começa a ser patente na escolha do pessoal que constitue a comissão. Bytendo na escolha do pessoal que constitue a comissão. Bytendo na escolha do pessoal que constitue a comissão. Bytendo na escolha do pessoal que constitue a comissão.

Tais documentos valem pela mais completa psychologia do juiz Calmon. E não só exorbitante e atirabillado o referido juiz: é também ébrio e ébrio contumaz como se vê dos topicos citados. E que este juiz foi especialmente escolhido em Goyaz por inimigos de Abílio demonstra-o a carta do Senador Eugenio Jardim (numero vinte e quatro, página setenta e três), cuja orthographia, como a de todos os documentos de que tiramos cópia, foi respeitada com a máxima fidelidade. O doutor Francisco de Belbrja Mandacaru Araújo foi o escolhido para funcionar como promotor. A attitudão por elle assumida junto ao juiz Calmon tornou-o amigo de Abílio Wolney e a mais poderosa testemunha da fragrada de S. José do Duro. Entretanto, ao ser escolhido para trabalhar no processo, Mandacaru era pessoa suspetissima para o exercicio de uma missão de justiça em que era accusado Abílio, pois tropas de inimizade separavam os dous cidadãos. No tempo em que Abílio Wolney, labutava na imprensa, o doutor Mandacaru foi alvo de campanha que o primeiro lhe moveu. Dahi a desaffeição entre elles existente (numero trinta e tres, página 93). E disse tinham plena sciencia não só o juiz Calmon como o próprio governo do Estado. Era, pois, um inimigo de accusado que vinha servir como promotor no processo que se instaurava.

Uma outra personagem que representava papel saliente na comissão e que depois se tornou celebre nos successos do Duro é o alferes da policia goyana Ulysses de Almeida. Este individuo era fiscal da intendencia na capital do Estado quando foi nomeado alferes de policia, especialmente para vir a S. José do Duro. Ulysses, como declara o Deputado estadual coronel João Baptista de Almeida, chefe politico situacionista em Santa Maria de Tezatinga, é primognito no Estado de Piahy, de onde fugiu para Goyaz; por influencia do Deputado federal Antonio Ramos Caiado (inimigo de Abílio) foi nomeado alferes para vir ao Duro, e, ainda mais, antes de sahir da capital declarou que não regressaria iraria no alforse a cabeça de Abílio Wolney. Dessa declaração teve conhecimento o próprio Governador do Estado doutor João Alves de Castro (numero trinta e quatro, página cento e quarenta e nove; numero trinta e sete A, página cinquenta e um, e numero quarenta e um, página cento e cincoenta e sete). E os acontecimentos vieram posteriormente confirmal-a. Além desse alferes acompanhavam ainda a comissão, com uma força de cincoenta praças, o tenente Antonio Xelzo de Brito e os alferes Benedicto Avelino de Jesus, José Francisco de Saltes, José Dantas e Catulino Viegas. Destes apenas o penultimo não foi ao Duro. E não foi porque houve denuncia de que se official trizia cartas de apresentação aos inimigos (pois inimigos eram denominados os membros da familia Wolney), e com elles se correspondia (numero trinta e seis, página cento e tres).

Conforme ajuda informaçãõ do Deputado João Baptista de Almeida, esse official, ao regressar a Goyaz, foi preso e excluido da Policia (numero trinta e cinco, página cento e cincoenta e dous).

Vimos um officio do secretario do Governo do Estado e um dos officios da Policia; nelle se declarava que a força que era posta á disposiçãõ do juiz Calmon, cumpria todas as ordens que delle recebesse.

Era pois com tales elementos e com disposições de tal jazer que vinha da capital do Estado para o sertão goyano uma comissão incumbida de exercer actos de justiça. E não é tudo. A esses elementos juntavam-se outros não menos ameacadores á causa da familia Wolney. Em caminho en-grossavam o cortejo adversario politicos e inimigos pessoais de Abílio e do seu pai; Sebastião de Brito e Manoel de Almeida, autoridades que se diziam depositas por Abílio, e José Irmãno, como os outros inimigos dos Wolneys e mentor intellectual das intrigas do sertão.

A marcha dessa comitiva para o Duro é mais um allentado das disposições hostis que a dominavam. Faziam-se marchas de guerra em territorio inimigo.

A tropa era fraccionada em pelotões que marchavam por lances: o primeiro fazia a vanguarda e só avançava quando o segundo lhe chegava ao alcance; com o terceiro vinha o juiz Calmon; o quarto fazia a rearguarda. Nos encantonamentos eram tomadas medidas de segurança estabelecendo-se linhas de sentinelas, a duzentos metros da distancia (numero trinta e sete, página cento e nove). Informado de tudo quanto acaba de ser descrito, Abílio Wolney, seus parentes e alguns amigos, por medida de prudencia e talvez mesmo de segurança, pois já se sentiam ameacados, retiraram-se da villa para a fazenda «Buracão», sete kilometros a oeste de São José do Duro. III — O juiz Calmon no Duro — A familia Wolney e seus inimigos — O processo — Os primeiros assassínios — A fuga do juiz — A cinco de outubro de mil novecentos e dezeto entrava no povoado a comitiva do juiz Celso Calmon Nogueira da Gama. A villa de São José não é hoje mais do que uma fazenda da propriedade da familia Wolney.

As casas, em um total de quarenta, pertencem quasi todas aos partidarios dessa familia; muito poucas são de propriedade de seus adversarios. A mesma familia pertencem as melhores roças de pasto (terrenos circunvallos, destinados a pastagem de animaes) proximas á villa. Os odus melhores predios são as residências de Abílio e de seu pai. Logo á chegada o juiz Calmon ao sertão com sua tropa na residência de Abílio Wolney. As roças de pasto a elle pertencentes foram também occupadas. E tudo isto sem a menor consulta ao proprietario e sem a minima satisfação anterior ou posterior á invasão da propriedade alheia. Abílio pensou, a principio, em protestar contra esses actos. Silenciou, porém, e escipio em protestar contra esses actos. Silenciou, porém, e escipio em protestar contra esses actos. Silenciou, porém, e escipio em protestar contra esses actos.

E um artigo inserido no jornal governista O Democrata, de trinta e um de julho de mil novecentos e dezeto. Aos qualificativos que esse artigo empresta ao ex-Deputado goyano, a junta-se a ameaça com a força estadual, e, mais ainda, com a própria força federal (numero trinta e nove, página cento e cincoenta e cinco). No mesmo dia em que entra na villa o juiz Calmon chega também, um pouco mais tarde, o promotor Mandacaru. Novas violências o desviaram do seu curso e elle praticar. Mandacaru desobedeceu a intimação de não ir ao Duro; por esse motivo Calmon manda prendel-o, desarmal-o, assim como aos camaradas que o acompanhavam, deixando-os sob a guarda do alferes Ulysses, com sentinelas á vista (numero trinta e um, página cento e dezanove e cento e vinte e um; numero trinta e dous, página duzentos e trinta e tres; numero quarenta e um, página cento e cincoenta e sete). Mais tarde manda pô-los em liberdade. Tem, porém, a precaução de não lhes restituir as armas. Finalmente a vinte e tres de outubro, chega um telegramma do governo de Goyaz demittindo Mandacaru do cargo que lhe fora confiado. E assim, summariamente despedido da missão de que fora investido, resolve retirar-se da villa. Não o fez, entretanto, sem ter sido alvejado por novas vexames e novas provocações do arbitrário juiz, que parece buscar enojo para dar expansão a seus gestos, vandalismos. Mandacaru submette-se ás velleidades e resista ás provocações de Calmon e nesse mesmo dia retira-se da villa do S. José do Duro (numero quarenta, páginas cento e vinte e tres e cento e vinte e sete). Convém agora, antes de iniciar a descripção do modo de agir do juiz Calmon no decurso do processo a que vai proceder, abrir um parenthesis para bem elucidar as disposições das facções que se vão degradar. A correspondencia epistolar dessa época e mesmo anterior a ella é feita em informações. De uma e de outra facção os documentos são abundantes. Convém referir aos que se revestem de maior importância.

Cartas trocadas entre adversarios de Abílio mostram, em trechos compromettedores (numero quarenta e dous, pá-

quinta-feira 10	JONGRESSO NACIONAL	Julho de 1916 73
-----------------	--------------------	------------------

gina cento e cinquenta e nove; numero quarenta e dois A, pagina cento e sessenta e um) e preocupação de atrabili-o, como aos seus, para o interior da villa, onde ficariam mais ao alcance da policia. Uma outra, de Sebastião do Brito a seu irmão Serafim e a seu cunhado José Hermano, datada do junho de mil novecentos e dezesseis, mostra a evidencia que já nessa época a tragedia estava em plena elaboração e que os adversarios politicos de Abílio na capital, mancomunados com seus inimigos do sertão, empenhavam-se em levar a á scena; é a mais eloquente propheta dos projectos que mais de dous annos depois tiveram effectividade (numero quarenta e tres, pagina cento e sessenta e sete). Outras ainda (numero quarenta e quatro, pagina cento e sessenta e oito, e numero quarenta e cinco, pagina cento e sessenta e nove) declaram positivamente que os Wolneys não pensam em fugir á acção da justiça. Examinando agora a correspondencia trocada entre a familia Wolney e seus amigos (numeros quarenta e seis a cinquenta e quatro, paginas cento setenta e tres a cento e noventa e seis) vê-se claramente a disposição em que estavam de respeitar a acção da justiça, não obstante a atmosphera de revonções e receios que se vinha mais e mais avolumando. É exacto que dessa correspondencia resulta a disposição para o luto, a que não fugiriam si a facção oposta lhes trouxesse o ataque. Era o exercício do direito de legitima defesa que se preparava. Dessa correspondencia apenas uma carta (numero cinquenta e dous, pagina cento e oitenta e nove) de Abílio Wolney ao doutor Francisco Rocha, medico o Deputado estadual bahiano residente em Barreiras, pôde ser compromettedora a seu autor. Refere-se ella á realisação do ideal de annexação do nordeste de Goyaz á Bahia, projecto afagado por Abílio e outros sertanejos que, com elle, nutrem a esperança de que esta (a Bahia) melhores cuidados dispensaria á região do que o Estado de que faz parte intertante. Vimos, porém, que esse projecto, nascido do esquecimento em que vive o norte goyano, não encontra repercussão capaz de lhe dar vida.

Parce também que o Governo de Goyaz e o proprio juiz Calmon não lhe concediam importancia e não procuravam suffocal-o. (Vide numero setenta e seis, pagina duzentos e cinquenta e nove). Tais eram, em synthese, as disposições das duas facções oppositas: inimigos da familia Wolney trabalhavam á sombra, visando-lhe o exterminio; Wolney e seus amigos procuravam dignamente evitar o conflito que lhes parecia imminente. (Vide os documentos setenta e tres, setenta e quatro, setenta e cinco, a paginas duzentos e quarenta e nove a duzentos e cinquenta e cinco). Fechado o parenthesis elucidativo, é tempo de voltar á narrativa interrompida. Installado na villa desde cinco de outubro o juiz Calmon não se apressa em dar inicio ao processo. Diz o doutor Mandacaré que essa demora tinha um duplo fim: primeiro, realizar o trabalho no governo do doutor Rodrigues Alves, que daria apoio ao governo Goyano; segundo, captar a confiança da familia Wolney para melhor executar a missão de exterminio que constituía o ponto capital de seu programma (numero cinquenta e tres, paginas cento e quarenta e tres). E ha indícios frequentes da exactidão desta segunda affirmativa, pois não só inimigos da familia Wolney, como o juiz Calmon, empregavam todos os meios para arrastal-a para dentro da villa. Contradizendo sua attitudie anterior, Calmon empregou todos os recursos para captar-lhe a sympathia, chegando a ponto de lhe levar uma visita amistosá no dia quatro de dezembro.

Durante ella o juiz foi eloquente em seus protestos de imparcialidade e justiça, chegando a conquistar a confiança de alguns membros da familia, dentre elles, o velho sertanejo Joaquim Ayres Cavalcante Wolney. (numero cinquenta e quatro, pagina cinquenta e uma). Não era tão simples o espírito de Abílio e a convivencia que tivera em outros tempos com os homens de outros meios não lhe deixava duvidas sobre a falsa locucidade do juiz (numero cinquenta e cinco, pagina cinquenta e tres). Além disso elle não ignorava que seus inimigos alliciavam gente — jagunços.

De seus proprios empregados alguns já haviam fugido ao sertão e juntavam-se a outros no interior da villa. A propaganda neste sentido era intensa; fazia-se ella em nome do doutor Calmon. Abílio mostrou-lhe que não ignorava esses factos e delles deu-lhe aviso em amistosás cartas de que nos forneceu cópia (numeros cinquenta e nove a sessenta, paginas duzentos e sete a duzentos e onze). Poucos dias passaram árs a visita e todas as suspeitas revelavam-se bem fundadas. A dereseito do mesmo mez de dezembro um official de justiça intimava Abílio e seu pae a comparecerem á audiencia de vinte e um, sob pena de se verem processar á revelia, ali não se apresentassem. A virte mandavam elles, de accordo com o carcereer externado pelo juiz Calmon em sua visita á fazenda «Buracão», como seus representantes,

afim de se habilitarem, os advogados Luis Leite Ribeiro e José Francisco de Campos. Entretanto, o juiz, contrariamente ao que havia declarado, não aceitou os procuradores e exigiu a presença dos Wolneys (numero cinquenta e seis, pagina cinquenta e tres; numero cinquenta e sete, pagina duzentos e um; numero cinquenta e oito, pagina duzentos e cinco). Em presença de taes factos, não restava mais duvida sobre as intenções do juiz. Resolveram, então, Abílio e seu pae, deixar correr o processo á revelia. No intuito de evitar novo encontro com emissarios do juiz, Abílio procurou afastar-se, com o velho Cavalcante Wolney, projectando uma partida de outas para o dia vinte e tres, vespera da segunda audiencia a que estavam intimados a comparecer. As quatro horas da madrugada desse dia, vinte e tres de dezembro, Joaquim Ayres Cavalcante Wolney montava a cavallo na fazenda «Buracão» e dirigia-se á sua propriedade, denominada «Agude». Abílio irá mais tarde ao encontro do pae. Não conseguiu, porém, o velho sertanejo afastar-se do «Buracão». A fazenda estava completamente sitiada. É difficil agora descrever com verdade o que se passou então. As únicas testemunhas de vista que tivemos oportunidade de interrogar são Abílio Wolney e um seu empregado.

Dizem ambos que o velho não resistiu á prisão; procurou fugir, correndo a embrenhar-se em um canavial aos fundos da fazenda. Abílio ainda encontrou soldados que o subjugaram e assassinaram a tiros e punhaladas. No mesmo instante cahia também um seu camarada Antonio Calhoso. O pânico estabelecuse logo. A intimação da policia a familia abriu as portas e deixava varrejar a casa. Por um momento Abílio pensou em resistir. Vendo, porém, a casa invadida, percebeu ser inutil qualquer tentativa de reacção e o espirito de conservação apoucou-lhe o unico caminho a seguir — a fuga. Occultou-se então, dentro de um enorme caixão destinado a guardar farinha (com a capacidade de quinhentas quartas) e ali esperou occasio para abandonar a fazenda. A casa foi rigorosamente varreda; o proprio caixão em que estava Abílio foi revistado. Não foi, porém, ali tão rigorosa a busca e isto permitiu que Abílio Wolney escapasse á sanha dos facinorás. Mal a policia abandonava as casas do «Buracão» e Abílio embrenhava-se na mata em busca da salvação e da vindicta.

De longe viu o desfilar de seus inimigos divididos em dous grupos: um seguia em direcção á fazenda do Agude, naturalmente em busca do fugitivo; outro, tristemente tragico, encaminhava-se para a villa de S. José do Duro conduzindo presos um irmão, um sobrinho, um primo de Abílio e mais oito camaradas e em duas rodas os cadáveres de Antonio Calhoso e Joaquim Alves Cavalcante Wolney, covardemente trucidados pela força publica do Estado de Goyaz a serviço do juiz Celso Calmon Nogueira da Gama (numero sessenta e um, pagina cinquenta e tres; numero sessenta e dous, pagina duzentos e dezesseis; numero sessenta e tres, pagina duzentos e vinte e tres; numero sessenta e quatro, pagina duzentos e vinte e oito; numero sessenta e cinco, pagina duzentos e trinta e um). Parece que os policiaes conduziam os cadáveres com atestado, irrefutável da execução de ordens recebidas. Outra explicação não tem aquella lugubre cortejo. A noite desse primeiro acto da tragedia foi de agitada vigilia para o juiz Calmon. Passou-a elle em claro, nervoso, com dous revólveres á cinta, guardado por sentinellas (numero sessenta e cinco, pagina duzentas e trinta e um). Affirmam pessoas da familia que Wolney, ao ser assassinado, conduzia um cinto com trinta contos de réis. Essa quantia não foi encontrada, nem se sabe no certo quem della se tenha apossado. Conduzidos á villa os cadáveres dos assassinados, só no dia seguinte o juiz Calmon permitiu que se fizesse a inhumação. A noticia do crime praticado pela policia e da fuga de Abílio correu logo pelo sertão goyano. A ella seguiu-se a debandada geral por aquellas longinquoas terras. Uns fugiam á policia temendo novos attentados; outros, inimigos, ou desaffecteds da familia Wolney, corriam também, restando que Abílio até elles levasse sua vingança; outros finalmente, fugiam a Abílio e fugiam á policia. Por sua vez Abílio Wolney, percorria os sertões goyanos e bahianos em busca de elementos para vingar a morte de seu pae. E como é natural naquellas paragens, não lhes foram escassos os elementos procurados. E o juiz Celso Calmon, percebendo que lhe seria difficil fugir á represalia que o ameaçava, tratou de fugir á acção dos inimigos que conquistara. Mas procedeu em silencio, illudindo aos que fizera seus aliados e a propria força que o acompanhava. Si terminou o processo que iniciara não nos foi dada apurar com exactidão, pois tudo se fazia em rigoroso sigillo. Certo é que oito dias depois do assassinato do coronel Wolney, na noite de trinta e um de dezembro para primeiro de janeiro, o juiz Calmon, com surpresa dos que com elle estavam no Duro, retirou-se da villa em companhia do alferes Benedicto Avelino e dez praças da policia goyana. Com elles dirigiu-se á villa de Natividade. Lá, porém, illudido e escolto

7.ª Quinta-feira 10

CONGRESSO NACIONAL

Julho de 1919

que o acompanhava, encaminhando-a para outro ponto, rumo da Capital, dirigiu-se para Porto Nacional, dahi despendo pelo Tocantins. Comigo levou a quantia de seis contos duzentos e sete mil, quinhentos e oitenta e oito réis remanada da collectoria da villa para ser entregue á Secretaria de Finanças do Estado, como attesta um recibo por elle assinado, encontrando por Abílio, e por este entregue á esposa do collector Sebastião de Brito. (Este documento prova que a collectoria não foi roubada pelo pessoal de Abílio, como propalavam, seus inimigos). Fugia, pois, o juiz Ceiso Calmon, abandonando na villa de S. José do Duro a força policial que fora posta á sua disposição. Com ella ficaram o tenente Antonio Seixo da Brito, e os alferes José Francisco de Sales, Catulino Viegas da Cruz e Ulysses de Almeida. Sob a guarda da mesma força, prisioneiros, ficaram alguns parentes e amigos de Abílio Wolney. IV — Preparativos para a lucta. O combate. A matança dos prisioneiros. A fuga dos terminos. A attitude de Abílio Wolney. A fuga do juiz Salmon succedem-se dias de dolorosa expectativa, durante os quaes as duas facções se aprestam para a lucta. Abílio Wolney convocava elementos na Bahia, em Goraz e talvez mesmo em outros estados vizinhos. Diz-se que conseguia municião, quarenta mil cartuchos, e armamento na cidade de Barreiras. Em seu auxilio vinha Abílio Araújo já celebre por suas façanhas nos sertões do interior do Brasil. Consta que desse modo conseguiu arregimentar cerca de duzentos jagunços. O ponto de concentração escolhido foi a fazenda «Buracão» que, como já foi dito, dista apenas seis kilometros do Duro. Por seu lado os inimigos de Abílio engrossavam fileiras. A policia goyana traziam novos elementos o collector Sebastião de Brito, o juiz municipal Manoel de Almeida, o delegado de policia Joaquim Martins de Rezende, o intendente Joaquim Amaro de Souza, Serafim de Brito, José Hermeno e Leopoldo de Brito. Cada um desses politicos tinha consigo um bom numero de jagunços. E assim os dois concentrados dentro da villa força em numero igual á que Abílio Wolney conseguia reunir. Procurando desviar o golpe que os ameaçava intimaram as familias de Abílio e de seus amigos a se recolherem á villa. E abili conservaram-nas sob rigorosa vigilância. Ninguém podia retirar-se do interior da povoação, que estava guardada por soldadas. Os homens eram á principio conservados em liberdade durante o dia, sendo á noite recolhidos á prisão improvisadas. Esses prisioneiros, e principalmente as familias, serviam de refens. A medida que se noticiava a aproximação do inimigo o rigor com os prisioneiros ia sendo augmentado.

Os de maior representação, parentes e amigos da familia Wolney, eram presos ao tronco. Em certo dia enviaram a Abílio dous emissarios — seu genro, doutor Abílio do Faria e o tenente-coronel Francellino. Tinham elles a incumbencia de intimal-o a se apresentar á prisão, sob pena de ver fusillados seus amigos e parentes, que estavam no captivo. Abílio Wolney não deu credito á ameaça: considerou seus inimigos menos bandidos do que mais tarde demonstraram ser. E como tivesse em seu poder prisioneiros tambem José de Almeida Valente, Jorge de Almeida e Juarelino Americo de Azevedo, parentes do chefe politico adversario Manoel de Almeida, resolveu approximar-se da villa e propor permuta de prisioneiros. Os emissarios referidos haviam encontrado Abílio em «Dous Pontes, oito leguas a oeste de Duro; dahi elle marchou para seu ponto de concentração — Buracão. A essa fazenda chegou a 15 de Janeiro. Disponha-se a enviar a proposta de permuta de prisioneiros, quando veio a seu encontro, fugida da villa, sua irmã Custódia, esposa do major João Leal (Janão). Travia ella as mais dolorosas noticias: seus parentes e amigos haviam sido presos ao tronco para serem fusillados e ella ouvia, ao fugir da villa, o gongor das armas dos Tamozeiros. Abílio resolveu, então, levar o ataque á povoação, na esperanza de encontrar ainda com vida os prisioneiros e levar socorros ás familias encarceradas tambem. Pensava ainda em propor negociações a seus adversarios, contando ser attendido depois de haver os sitiado.

Não estava, porém, fechado o cerco e a lucta estava já travada. Eram dez horas da noite de Janeiro. O combate estendeu-se pelos dias doze e doze. A dezesseis os sitiados conseguiram apoderar-se do predio que servia de carcere e de alguns outros. E lá foram encontrados nove cadáveres e um moribundo. Presos ao tronco, em estado de decomposição, achavam-se seis mortos: Wolney Filho, moço de vinte e dois annos, irmão e socio do Abílio; major da Guarda Nacional João Leal, commerciante, genro do Cavalcanti Wolney; João Joca Poros, commerciante, com dozeito annos, neto de uma filha de Abílio; João Rodrigues de Sant'Anna, fazendeiro; Salvador Rodrigues, filho deste, com vinte e dous annos, fazendeiro, e final-

mente Noelias Camello, fazendeiro e oulives. Junto ao tronco, ao lado do seu pai João Rodrigues, jazia o cadáver de Nilo Rodrigues, menino de dezesseis annos. Em um quarto do mesmo predio estava o cadáver do coronel Benedicto Pinto de Corqueira Póvoa, o mais forte commerciante do municipio, o á seu lado o de seu camarada Nazario do Bonfim, rapaz de 19 annos. Em outro predio onde se achava preso, foi encontrado já moribundo, Oscar Leal, moço de 18 annos, filho do major João Leal. Este declarou a Abílio que fora ferido pelo alferes Catulino e que ouvia dous meses official que as mulheres prisioneiras seriam tambem fusilladas. Nesse mesmo dia conseguiram os sitiados apoderar-se de um novo reducto dos sitiados — a casa de Cavalcanti Wolney, onde 72 pessoas, mulheres e crianças, tinham sido encerradas. Em um quarto estavam 40 e tantas pessoas, ali refugiadas contra a sanha dos soldados e do suas mulheres. Uma destas já havia levado contra a vida de D. Maria Jovita, viuva da primeira vittima coronel Cavalcanti Wolney. E si não houvessem trancado a porta desse aposento, provavelmente teriam sido sacrificadas pelo cabi Gerson, cujo banditismo ultrapassou o de seus companheiros. No momento preciso em que Gerson tentava derrubar a porta que protegia a vida das senhoras e crianças, os sitiados atacavam a casa e impediam a perpetrção de mais hediondos crimes. Logo ao começo da lucta os sitiados começaram a fugir aos magotes. Conta-se que Sebastião de Brito e o alferes Ulysses e Brito, acompanhados de povoações honrosas, foram dos primeiros a bater em retirada. Substituído antes da fuga levou sua esposa e sua filha para o mesmo aposento em que se achavam encerradas as outras senhoras. Depois da fuga destes a debandada foi se fazendo aos poucos, em pequenos grupos. E assim Abílio, ás tres horas da madrugada do dia dozeito, ao penetrar no ultimo reducto que fora transformado em reducto dos sitiados, lá não encontrou ninguém. So-lhe-bia fácil, então, correr em perseguição de seus inimigos em retirada. Entretanto, foveo porque a desorganização imediata tambem em suas fileiras. Fosse porque não o dominava o mesmo instinto perverso dos fugitivos ou ainda porque as scenas que presenciara antecederam a lucta, certo é que perseguição immediata não foi executada e seus inimigos conseguiram escapar ileso. Conta-se que durante a lucta houve baixas na tropa sitiante; parece, que entre os sitiados não se contou uma só. É possível que assim tenha sido, pois estes occupavam os predios da villa e só atiravam por sentinellas praticadas nas paredes, ao passo que aquellos ficavam ex-postos á medida que apertavam o cerco. Conta-se ainda que Abílio matou tres individuos depois de occupar a villa: pareceu tratar-se de pessoal seu, fugido do «Buracão» para as fileiras adversarias. É certo, porém, — e isto deve ser salientado por que realça o contraste entre os sentimentos maximos de Abílio e os hediondos instinctos do seus inimigos — que os tres prisioneiros por elle conduzidos não foram fusillados como os indefesos prisioneiros massacrados pela policia goyana. Um dos prisioneiros de Abílio, o juiz districtal de São José do Duro, sob-ino e pupilo do chefe Manoel de Almeida, exactamente aquillo que se recusara a fazer o casamento de sua filha, não só por elle poupado, como obtive, em plena liberdade, o mais benigno tratamento. Encontramos na villa de Natividade, com elle fomos ao Duro e dello obtivemos o mais valioso attestado dos sentimentos elevados que exornou o caracter do sertão goyano alvejado pelos odios politicos de furiosos adversarios (numeros sessenta, sessenta e um e sessenta e dous, paginas duzentos e trinta e cinco e duzentos quarenta e um). Depois de tomada a villa occupou-se Abílio em dar sepultura aos cadáveres. Só mais tarde, já com muita demora, sabia a percorrer a região. Foi até a villa de Conceição acompanhado em suas immedições. Sabendo em seu acampamento que seu primo Zélio praticava depredações em casas pertencentes a inimigos seus, valeu até a villa e proffigiu tal procedimento. Diz-se que a tropa que Abílio Wolney reunira para o assalto á villa de S. José do Duro, especialmente o pessoal do Abílio Araújo, entregou-se ao furto e ao saque de fazendas e ban-ou-las por seus proprietarios, sendo escolhidos para tales praticas as propriedades de seus adversarios. É exacto que isso aconteceu. E não é de admirar, pois á esse o preço com que se paga no sertão a jagunçaria convocada para tales empresas. Entretanto militam em favor de Abílio provas, fornecidas até por seus adversarios, de que elle se oppoz a tales praticas, chorando mesmo a retomar tropas do bois que iam sendo conduzidas, mandando rastrear as suas legítimas propriedades. Eis terminada a longa narrativa dos acontecimentos que enlutaram as fortalezas e marmidas terras do sertão goyano (numero sessenta e um pagina ducentos e tres, e numero sessenta e sete a oitenta e um, e paginas duzentos e sessenta e um a duzentos setenta e sete). Si nesta exposição, em que procuramos por um exercicio a maxima imparcialidade, são encontrados periodos que possam merecer o qualificativo de apaixonados, foram elles dictados pelo mais acurado sentimento de justiça, revoltado passo a passo contra a brutal e hedionda trégua, ornamentada pela mala torpe cobardia e pelo mais repugnante cynismo, cuja reconstituição foi-nos da-o fazer em nossa peregrinação por aquellas regiões quasi desconhecidas do nosso imenso país. V — Excursão pelo nordeste goyano. As localidades visitadas. As disposições de Abílio. Os prigos de intervenção estadual. A confiança nas autoridades federaes. Conclusão. A tres de março de 1919 fomos a cidade de Barreiras em demanda das terras goyanas. Levamos aquas dous sargentos e um cabo da tri-

Quinta-feira 20

CONGRESSO NACIONAL

Julho de 1919 78

gressimo primeiro batalhão e um civil, nosso conselheiro. Conhecemos também o Dr. Francisco Rocha, distinto medico bahiano, chefe politico de Barraes e deputado estadual. Levava oito tres camaras incumbidas de cuidar de cargas de animais. E era esta comitiva de dez homens, todos desarmados, que se aventurava pela sertão g... e, ali, a mais chegada a esta capital diziam convulso e a preza da malve intranquillidade e alimentada pelas borrasas volucarias de Abilio Wolney. E' que, ao chegarmos a cidade de Barraes, viamos confirmadas as informações relativas a attitudde pacifica do supposto fascinosa goyano; e que o bom exito da missão nos fiamos de impetuar seria o resultado da confiança que conquistassimos e, ali, a mais, prprio a companhia do doctor Francisco Rocha servia de apoio a amigos e inimigos da família Wolney. A popularidade de aquelle distincto bahiano e o justo conceito que lhe corra o nome, fazem d'elle o arbitro de questões politicas e privadas, e o dedicado e criterioso amigo dos sertanejos dos Estados limítrophos. E assim penetramos em seto do mesmo mes, transpondo a serra Geral (ahi denominada serra do Taguatinga) na passagem da Yvira, as primeiras terras goyanas. Era o municipio do Santo Maria do Taguatinga a que primeiro visitavamos. Era um funcionario do Estado e pertencia a familia Wolney o primeiro goyano que interrogavamos. Os calumniosos conselhos por elle emitidos (numero pagina) e por outros depoimentos cabalmente destruidos, já foram estudados nos primeiros periodos do relatório. As ultimas horas da tarde desse mesmo dia nos encontramos na villa do Taguatinga. Nesta localidade foi nosso hospedeiro o senhor Miguel do Carmo Lima, adversario da familia Wolney e cunhado do doutor Borges dos Santos, tambem inimigo de Abilio. Miguel do Carmo foi ferido em declaração com o abono de Abilio. Infelizmente residiram nas immediações do Taguatinga tres individuos que d'elle haviam recebido cartas pedindo-lhes dinheiro sob promessa de lhes servir a assistência e declararam não possuir documentos comprobatórios da culpabilidade do accusado. Entretanto, no dia seguinte dizia não haver encontrado os tres individuos, que da véspera prometteram trazer a nossa presença, e declarava não mais possuir os documentos e os allodios (numero pagina) nesta villa, não obstante ser ella habida por muitos adversarios de Wolney, não chegou Abilio, nem consta que pessoal sua tenha ali praticado depredações. E' certo que por occasião dos acontecimentos que convulsionaram o Duro os habitantes do Taguatinga deixaram quasi deserto o povoado; e nelle permaneceram apenas trinta e cinco pessoas e as consideradas mulheres e crianças. Como os proprios habitantes confessaram a deserção foi motivada, pelo recuo de que Abilio até ali chegasse em perseguição de seus adversarios. Contrastando, porém, com esse recuo infundado, vimos na carta em que elle tranquilliza a esposa do seu inimigo doutor Borges dos Santos, dizendo-lhe que fizesse vir o esposo para a villa, pois não pensava em trahizão. De Taguatinga partimos para Conceição do Norte. Não estava esta villa no programma de viagem que havíamos traçado em Barraes. Em Taguatinga dizia-se, porém, que Conceição fora assaltada e grandemente damnificada, aconselhavamos mesmo o referido Miguel do Carmo que lá não fossemos, pois que seríamos talvez atacados. Urgia, pois, visitar essa localidade, sob pena de deixar paralisado em nosso espirito a duvida sobre o que havia na referida povoação. E para ella fizemos rumo pela manhã do dia nove. Tres dias depois chegavamos a villa de Conceição do Norte. Fora ella o maior reduto dos inimigos da familia Wolney. Ahi predominava a familia Brito, a que pertence o collector Sebastião do Brito, fructuoso adversario da villa. Foi a localidade que maiores recursos levou a luta no Duro. Ahi a familia Brito conseguiu alliciar trinta e tantos fuzileiros, Manoel Alves Bandeira, fido o unico adversario da familia Wolney que ahi encontramos. Seu depoimento (numero oitenta e seis, pagina duzentos e quarenta e tres) é mais um attestado em favor da familia victimada pelas autoridades e pela policia goyana. Senhor da villa estava um primo de Abilio Wolney—Zezinho. A este individuo são imputadas as depredações praticadas em propriedades da familia Brito. Diz-se tambem ser elle autor de furtos de gados das fazendas de seus inimigos foragidos. A essa localidade veio Abilio Wolney, depois do haver dominado São José do Duro. Com sua tropa acampos a villa. Sabendo, porém, das depredações a que se entregavam pessoas sob as ordens do seu primo Zezinho, entrou na povoação e contemnuos tais praticas. Nos dias que seguiram a luta no Duro a Villa de Conceição ficou completamente deserta; apenas um mulhór doia ahi permaneceu. A muito pouco montam as depredações que ali observamos: duas pedras com as portas arrombadas, móveis quebrados, correspondência violada, em flagrante desmentido ás informações alarmantes que nos forneciam em Taguatinga, tivemos em Conceição do Norte agasalho franco e trato ameno. A tres dias partimos para Natividade onde chegavamos no dia seguinte. Esta villa é a mais importante localidade que visitamos. Nella ha partilharios e adversarios de Abilio. Evitamos em contacto mais intimo com estes. Por ahi passaram em fuga para Palma, rumo de Goyas, soldados fugidos do Duro. Ahi esteve, tambem fugido, o juiz Calmon. E foram esses elementos que historiamos nos habitantes da Natividade as occorrenças do Duro. Por isso observa-se ahi clara opposição á familia Wolney. Dezas disposições procuramos colher alguns dados e procedimentos, mas só obtivemos declarações imprecisas, vacilantes. Ahi encontramos, em plena liberdade, Zuza Valente, que fora prisioneiro de Abilio, e Aureliano Azevedo, talvez o mais perdido adversario da familia Wolney. Ambos agniram como o cara o Duro. O ultimo, suppo-lo talvez que não e o proprio Abilio Wolney, mas checosse-mos o papel de partido fomentador e editor por elle representado, revelando de um cynismo revolto, abroquelando-nos garantias que a nossa presença e o cavalheirismo de Abilio lhe facultavam, para tentar conquistar as sympathias da familia para com o infortunio fira elle um dos maiores oboeiros. Por essa diapente aham os adversarios de Abilio naquellas invias paragens. Natividade foi a cidade completamente abandonada pelos seus habitantes. Ahi ficaram guardando a villa, tres ou quatro praças mantidas pela Municipalidade. A quinze, deixavamos essa villa e a seguinte, chegavamos a São José do Duro. Acarriavamos-nos ahi o Dr. Manoel Araújo, que veio ao nosso encontro, o coronel Abilio Wolney, sua familia e inumeros amigos seus. Entravamos no theatro das tristes e contedimentos, cujo estudo vinhamos fazendo, fiamos e as nas confirmar de vista o quo abundantes informações já nos ha revelado. Mesmo assim a presença do quadro na la perdoa de impressionante. O convívio com aquella gente boa acabruha a pola pratica de actos vandálicos com que fira ferida; a contemplação de denso de crianças violentamente lançadas á orphandade; os lamentos daquellas mulheres, velhas e moças, que, de pois de assistirem ao assassinio de maridos, pais, irmãos e filhos, de muito perto haviam visto os vinhass dos facioneros prestes a fírilas; a presença daquelle tronco, miserica recordação de processos barbaros que conheciam ram nalgua da historia nacional; a contemplação do sangue de victimas indefesas notando o chlo daquellas habitações pacificas vir a ta ponte transformadas em calaboucos onde campon indolita a a cruel carnificiis—tudo isso recria e apaixoa o mais imparcial observador e o impelle a pedir severa punição dos grandes e pequenos operarios de ignominiosa obra de demolição e de extermínio. Aquella villa, como já foi dito, é uma fazenda da fazenda da familia Wolney e foi ahi que se travou a luta entre as duas facções opostas. Os signos do combate lá estão ainda patentes: janelas e portas atiradas por inumeros projectis, paredes assinaladas por balas e abertas numerosas setteiras, muros e nos arrombados permitto a comunicação de uns a outros predios. Declaram os moradores da villa que policia e jagunços antes de se retirarem das habitações que lhes serviam de refugio praticaram nellas o mais completo saque. E o saque evadendo as fazendas do municipio, quasi tolas desertas, pois seus proprietarios, ou formavam entre os combatentes ou fugiam levando as conseqüencias do conflito. A uma ou outra facção deve-se ser attribuidas as depredações verificadas, pois, se os policiaes sem commando, em pequenos grupos, recorrem a a regulo e assistiam essas que encontraram em canções, tambem Abilio Wolney e seus amigos e inimigos, todos cheios de jagunços, não puderam conter as hordas indisciplinadas que abandonavam em tolas as diroções. A villa de S. José do Duro é hoje o reduto em que Abilio, com vto dos poucos parentes e amigos que lograram escapar á sanha carniceira, volta, acobruhado pelos mais fúteis pastores, a seu trabalho pacifico e honesto. Procuramos sondar-lhe as intenções e sua facção franca e sincera prontamente desvendou seus desígnios. O laborioso sertanejo e os amigos que o cercam e o confiam no actual governo de seu Estado. A aqção de autoridade e força estaduais é uma constante ameaça áquella gente, por elles tão fundo a unhalada. E, disse Abilio Wolney, com a brancura localida a a autoridades de Goyas ou não nos entrem: fira ou brigo. Prediro abandonar tudo quanto posso no meu ser fíndo, a entregar-me á policia do meu Estado e morrer com o no tronco. E demos-lhe razão. Justiça e garantias pois elle e garantias e justiça não lhe podem dar os autores do grande crime e os que por elle são responsaveis. Só o governo Federal inspira-lhe confiança. E esta afirmativa desenvolve a no apenas directiva, mas do proprio Abilio Wolney, como em carta mais de documentos anteriores á nossa peregrinação pelos sertões. Cartas em que elle declara a seus amigos e aguardar confiante a chegada da força federal que seria enviada áquellas paragens (numeros oitenta e dois e oitenta e tré e paginas seguintes e oitenta e duzentos e oitenta e cinco) locumtenens solidamente suas disposições. E, ainda mais, a Barraes enviou ell: uma tropa de quatrocentos bois que seriam uteis á abastecimento do batalhão que lá está, pois sabia elle que nessa localidade po era vi a faltar carne; para auxiliar o transporte do batalhão ao Duro fez seguir para a referida cidade bahiano uma tropa de quatro mil e mais de carga; compromette-se a fornecer recursos, em abajantes o viveres, a pequena tropa do exercito que porvenha seja enviada a S. José do Duro. Que viu de perto as difficuldades que naquella zona cercam as mais rudimentares operações militares, sabe da importancia de que se revestem tais providencias. A villa de dois do marco deixavamos a villa de S. José do Duro. A fira collecta de informações e documentos que havíamos realizado durante terminados nossos trabalhos de syndacancia no territorio goyano. A vinte e cinco chegavamos a cidade de Barraes, nosso ponto de partida, depois de havermos percorrido cento e cincoenta leguas em terras dos sertões da Bahia e do Goyas. Recapitulando agora depois de compulsar os documentos colhidos, longe do theatro dos fúteis acontecimentos que nos foi dado estudar, e pondo em extracção a

347

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I – FONTES DOCUMENTAIS:

- DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL DE 10-06-1919, PÁG. 779 A 786.
- JORNAL *ESTADO DE GOIÁS* DE ABÍLIO WOLNEY, ANO I, N. 7, P. 3, DE 19.02.1911 E EDITORIAL DE 12.06.1913.
- JORNAL *FOLHA DO SUL*, A. 2, N. 68, P. 1, BELA VISTA, EDIÇÕES DE 1906 E 1907.
- JORNAL GOYAS, ANO XXXIV, N. 1565, P. 1, DE 08.02.1919, N. 1566, P. 1, DE 15.02.1919, N. 1567, P. 1, DE 22.02.1919, 1º/03.1919, N. 1569, P. 3, DE 08.03.1919, N. 1570, P. 1 E 2, DE 15.03.1919, N. 1571, P. 1, DE 22.03.1919, N. 1576, P. 1 E 2, DE 26.04.1919, N. 1577, P. 1, DE 03.05.1919, N. 1579, P. 1, DE 17.05.1919, N. 1580, P. 1, DE 24.05.1919, N. 1.581, P. 1, DE 31.05.1919.
- JORNAL DO COMÉRCIO DE 03.02.1919 – DA *LAVOURA E COMÉRCIO*, MESMA DATA.
- JORNAL *O IMPARCIAL*, DE 08. 02. 1919.
- JORNAL *CORREIO DA MANHÃ*, DE 04.02.1919

II – LIVROS CONSULTADOS, REFERIDOS E CITADOS:

BIBLIOGRAFIA

AIRES, Voltaire Wolney. *Abílio Wolney, Suas Glórias, Suas Dores*. 2ª ed. Palmas, TO : Editora Provisão, 1998.

_____. *Sertão Hostil*, Goiânia, GO : SE , 1992.

_____. *As Raízes e Os Principais Eventos que Deram Origem a Dianópolis*, Av. N. Senhora do Ó, 1782 : Dag Gráfica e Editorial Ltda, 1990.

ALENCAR, Iara Araújo. *Hagahús Araújo – Uma Lição de Cidadania*. Brasília, DF : Ideal, 2003.

ARTIAGA, Zoroastro. *Uma Contribuição Para a História de Goiás*. Goiânia, GO : Imprensa Oficial, 1943.

_____. *História de Goiás*. Goiânia, GO: Imprensa Oficial, 1959.

AUDRIN, José Maria. *Entre Sertanejos e Índios do Norte*. Rio de Janeiro : Editora AGIR, 1946.

CAMPOS, Francisco Itami et Teixeira, Arédio. *O Legislativo em Goiás – Perfil Parlamentar I*. Vol. 2. Goiânia, GO : Edição Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, 1983.

COELHO, Guilherme Ferreira. *Expedição Histórica nos Sertões de Goiás*. Goiás Velho, GO : Oficina d'O Popular, 1937.

(Organização, atualização e notas do Prof. Jacy Siqueira: 2ª Edição, Goiânia-GO: Biblioteca Virtual JS Editor, edição em CD, 2001).

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* (Campanha de Canudos). Rio de Janeiro: Livraria Laemmert, 1902.

GALLI, Ubirajara. *A História da Mineração em Goiás – Das Primeiras Lavras aos Dias de Hoje*. Goiânia, GO : Ed. Da UCG, Contato Comunicações, 2005.

GARCIA, José Godoy. *Aprendiz – Estudos Críticos*, Brasília, DF : Thesaurus Editora, 1997.

MACEDO, Nertan. *Abílio Wolney: Um Coronel da Serra Geral*. Goiânia, GO : Legenda, 1975.

MARANHÃO, Othon. *O Setentrião Goiano*. Goiânia, GO : Editora Piratininga, 1978.

NETO, Abílio Wolney Aires. *A Chacina Oficial*. Anápolis, GO: (inédito).

_____. *O Barulho e Os Mártires*. Anápolis, GO: SE, 2003 (inédito).

_____. *O Diário de Abílio Wolney*. Anápolis, GO: Edição do Autor na Biblioteca Virtual AW Editor e em CD e sites da Internet.

NETO, José Vicente de Oliveira (Cazuza). *O Vale de Um Rio Preto de Águas Cristalinas*. Campo Grande, MS: Editora Still, 1999.

PÓVOA, Osvaldo Rodrigues. *Quinta-Feira Sangrenta*. Goiânia, GO: Três Poderes, 1975 (Edição Comemorativa do I Centenário de Emancipação Política de Dianópolis).

_____. *Quinta-Feira Sangrenta*. Goiânia GO : 4ª Edição do Autor

Atualizada, Editora Kelps, 2002.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário Biobibliográfico de Goiás*. Rio de Janeiro : Master, 1999.

_____. *Dicionário Biobibliográfico do Tocantins*. Rio de Janeiro : Master, 2001.

TELES, José Mendonça. *A Vida de Pedro Ludovico – Fundação de Goiânia*. Goiânia GO : 2ª edição corrigida e ampliada, Editora Kelps, 2004.

SÍNTESE BIOGRÁFICA DO AUTOR



ABÍLIO WOLNEY AIRES NETO nasceu em Dianópolis-TO, no dia 07.10.63, filho de Zilmar Póvoa Aires e Irany Wolney Aires. Em sua terra natal cursou o 1º e o 2º Graus no Colégio João Abreu (Primário, Ginásio e Curso Técnico Em Contabilidade). Em 1989 foi para Goiânia-GO cursar a Faculdade de Direito na Universidade Católica de Goiás, depois pós-graduando-se em Processo Civil pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás. Em 1993 ingressou no Ministério Público do Estado de Goiás, tendo sido Promotor de Justiça nas comarcas de Formoso, Mara Rosa, Porangatu e Anápolis-GO até o ano de

1999, quando, já adiantado entre os figurantes da lista dos Promotores de 3ª entrância para Procurador de Justiça, resolveu prestar concurso para ingresso no Poder Judiciário, na Magistratura de carreira, sendo hoje Juiz de Direito titular da 2ª Vara de Família, Sucessões e Cível da comarca de Anápolis-GO, depois de ter judicado em Águas Lindas de Goiás e Petrolina de Goiás, cidades que lhe outorgaram Títulos de Cidadão águas-lindense e petrolinense, respectivamente. Fez parte da sua Carreira Jurídica os precedentes cargos de: 1. Suboficial do 2º Ofício de Notas, por nomeação indicada por seu pai Zilmar Póvoa Aires, titular do Cartório; 2. Escrivão concursado do Cartório de Família, Sucessões e Cível em Dianópolis-TO; 3. Assessor de Juízes no Fórum de Goiânia-GO, via concurso para o cargo básico de Escrevente; 4. Técnico Judiciário e Assistente do Desembargador José Soares de Castro no Tribunal de Justiça em Goiânia-GO. No Magistério Jurídico Superior, foi professor universitário da Faculdade de Direito de Anápolis-FADA, onde lecionou em nove Cadeiras diferentes. Por duas vezes

figurou como Nome de Turma de Formandos, por outras duas como Padrinho, noutra como Patrono, e nos demais semestres como Homenageado Especial, ao longo de oito anos de docência, onde foi também Professor acompanhante em monografias. Foi aprovado para o cargo de Professor Substituto da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás e para o Curso de Mestrado em Direito pela Faculdade de Direito de Anápolis (aguardando convocação). Foi Professor em Curso e é Presidente do Conselho Deliberativo da APAC-Associação de Proteção aos Presos e Condenados, em cuja frente conseguiu a construção do Pavilhão B da Cadeia Pública de Anápolis, em condições mais humanas para a recuperação dos presos. É filiado à *ABRAME* – Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas e é palestrante em diversas Casas Espíritas de Anápolis, cidade que também lhe outorgou Título de Cidadão e uma moção de reconhecimento expresso da Câmara de Vereadores, pelos trabalhos como ex-Promotor de Justiça, bem como a comenda “*Gomes de Souza Ramos*”, con-

cedida pelo Poder Executivo local. Da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás recebeu a moção n. 1.142/00, na proposição de reconhecimento expresse *“pela forma efetiva e eficiente, dedicada e competente, firme e corajosa; pelo esforço e empenho no exercício do seu cargo de Juiz de Direito, inclusive contribuindo significativamente no desenvolvimento de projetos comunitários locais”*. O autor já publicou os livros *O Diário de Abílio Wolney* e *No Tribunal da História*. Tem para impressão e divulgação virtual os livros *A Chacina Oficial* e *O Barulho e os Mártires*. Já publicou, digitalizados e virtualmente, o livro *Memórias de João Rodrigues Leal*. Trabalha no livro *A Cidade de Ana-Anápolis* e tem inéditos os livros *O Grande Alexandre Costa*, *Páginas de Filosofia*, *Lições Espíritas Cristãs* e *Arma-se a Revolução Comunista – Liga Camponesa, 1962*. Atualmente cumpre o biênio como Juiz Diretor do Foro e Juiz Eleitoral da 3ª Zona da comarca de Anápolis. É especializando pela Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas/Escola Superior da Magistratura, a

caminho do Mestrado.